



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

EANES DOS SANTOS CORREIA

**O CORPO-OUTRO: discursos e sentidos de estudantes de graduação
da Universidade Federal de Sergipe**

São Cristóvão/Sergipe

2022

EANES DOS SANTOS CORREIA

**O CORPO-OUTRO: discursos e sentidos de estudantes de graduação da
Universidade Federal de Sergipe**

Texto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Conhecimento e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Veleida Anahí da Silva

São Cristóvão/Sergipe

2022

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C824c	Correia, Eanes dos Santos O corpo-outro : discursos e sentidos de estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe/ Eanes dos Santos Correia ; orientadora Veleida Anahi da Silva. – São Cristóvão, SE, 2022. 220 f. : il. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2022. 1. Educação. 2. Corpo humano na educação. 3. Significação (Psicologia). 4. Imagem corporal. 5. Universidade Federal de Sergipe - Estudantes. I. Silva, Veleida Anahi da, orient. II. Título. CDU 378.091.8:159.937:304.4(813.7)
-------	--

EANES DOS SANTOS CORREIA

**O CORPO-OUTRO: discursos e sentidos de estudantes de graduação da
Universidade Federal de Sergipe**

APROVADO EM: 23/02/2022

Texto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Profa. Dra. Veleida Anahí da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof. Dr. Bernard Charlot
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof. Dr. Paulo Sergio Marchelli
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Profa. Dra. Kátia Regina Lopes Costa Freire
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof. Dra. Patrícia Verônica Nunes Carvalho Sobral de Souza
Universidade Tiradentes - UNIT

São Cristóvão/Sergipe

2022



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
GABINETE DO REITOR**

ANEXO I

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO REMOTA EM BANCA
EXAMINADORA**

Declaro que no dia 23/02/2022, às 14horas, participei, de forma remota, com os demais membros deste ato público, da banca examinadora de defesa da tese de doutorado do discente Eanes Dos Santos Correia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pelo discente, formalizo para fins de registro, minha decisão de que a discente está Aprovada.

Atenciosamente,

Nome completo do(a) examinador(a)
Instituição de vínculo

Bernard Jean Jacques Charlot,
UFS, PPGED



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
GABINETE DO REITOR**

ANEXO I

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO REMOTA EM BANCA
EXAMINADORA**

Declaro que no dia 23/02/2022, às 14 horas, participei, de forma remota, com os demais membros deste ato público, da banca examinadora de defesa da tese de doutorado do discente Eanes Dos Santos Correia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pelo discente, formalizo para fins de registro, minha decisão de que a discente está Aprovada.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Paulo Sérgio Marchelli
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
GABINETE DO REITOR**

ANEXO I

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO REMOTA EM BANCA
EXAMINADORA**

Declaro que no dia 23/02/2022, às 14horas, participei, de forma remota, com os demais membros deste ato público, da banca examinadora de defesa da tese de doutorado do discente Eanes Dos Santos Correia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pelo discente, formalizo para fins de registro, minha decisão de que o discente está aprovado.

Atenciosamente,

Kátia Regina Lopes Costa Freire

Kátia Regina Lopes Costa Freire
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
GABINETE DO REITOR**

ANEXO I

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO REMOTA EM BANCA
EXAMINADORA**

Declaro que no dia 23/02/2022, às 14 horas, participei, de forma remota, com os demais membros deste ato público, da banca examinadora de defesa da tese de doutorado do discente Eanes Dos Santos Correia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pelo discente, formalizo para fins de registro, minha decisão de que a discente está Aprovada.

Atenciosamente,

Patrícia Verônica N. C. S. de Souza

Profa. Dra. Patrícia Verônica Nunes
Carvalho Sobral de Souza

UNIVERSIDADE TIRADENTES

À minha mãe, meu ontem.

A Milly e Memo, meu hoje.

A Will, meu amanhã.

Ao Outro, minha eternidade.

A Veleida, minha gratidão.

Não entendo! Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender demasiadamente tudo nos limita e cria fronteira. Eu sinto que sou muito potente quando não entendo tudo, pois quando penso que entendi, percebo que é somente aquilo ali e pronto, acabado. Não entender, do modo como falo, é uma dádiva, um mistério. Não entender, não como um simples estado de espírito, mais do que isso. Sinto que ser inteligente é não entender, pois me coloca numa posição de desejo de querer entender e sempre desejando não me limita, pois não entendo. Como uma benção estranha, como ter uma loucura sem ser maluco beleza. É um desinteresse manso, com uma doçura de ingenuidade. Só que de vez em quando vem uma inquietação. Eu quero entender um pouco, não demais, mas pelo menos entender que eu não entendo e continuar desejando aquilo que falta (EANES CORREIA, 2019).

Agradecimento

Antes de fazer agradecimentos eu encho meus olhos, não penso que é de lágrimas, mas de memórias de tudo que fiz, vivi, sonhei, desejei, desperdicei, do que produzi, das perdas, dos ganhos, das incertezas, das angústias, dos amores, do amor, da dor, do frio, dos abraços precisos, da ligação esperada, das coisas que foram e voltaram, de tudo que fui, que me fez ser, do que sou, das minhas projeções presentes e futuras. Passa um filme em minha cabeça, cuja película é tão particular, tão minha que nenhum de vocês entenderá sequer uma fração de segundos dele. Todavia, como vocês não podem sentir o que sinto, ver o que vejo, sentir o fluxo da circulação do sangue nas minhas veias e artérias, quando fecho meus olhos e tampo meus ouvidos. Eu posso lhes confirmar que só eu sei como cheguei até aqui. Não obstante, como sujeito histórico e social, eu sou porque os outros me fazem ser, está na minha pele, e tenho pessoas que realmente fizeram parte dessa minha trajetória acadêmica e pessoal. Eu me orgulho de todas elas, pois me afetaram e fazem parte de mim, sou porque elas são, trivial, nesse jogo dialético.

Agradeço ao Outro cujo atributo onisciente e onipresente se faz a cada momento da minha vida.

À minha orientadora Veleida Anahi da Silva, cuja potência lhe habita em uma simplicidade sem tamanho. Ela sempre acreditou em mim e eu posso falar que sou um pouco dela, que me fez ser Mestre e agora Doutor. Professora, qualquer grandeza de palavra não cabe na gratidão que tenho pela senhora. Você me fez sentir grande no seu olhar, daquela que avista além, depois, alguém do que podemos enxergar nas suas orientações para comigo. Sou feliz pela sua existência.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade – EDUCON, representado pela professora Veleida e o professor Bernard Charlot. Vou abrir um parêntese: o professor Bernard é a mente mais brilhante que já conheci. Suas contribuições no EDUCON, nas disciplinas do Doutorado, mensagens de e-mail, nas reuniões marcadas para coorientar e sanar dúvidas sobre a tese foram essenciais na trajetória desta pesquisa.

A Willdson, meu muito mais que amigo, intelectual de grande importância na minha vida pessoal e acadêmica. Pessoa incrível, sensível, crítico ao ler meus textos. Acompanhamo-nos desde parte do meu mestrado em Bauru, no PROCAD, até agora no

doutorado. Sou grato por tudo que fez, faria e faz por mim, Will. Esta tese também é sua. Amo você.

À minha mãe, que me entende sem eu dar nenhuma explicação. Eu sou parte da senhora, então, esta tese também é sua, mesmo sem a senhora ter ido com tanta frequência à escola. A vida tem suas dádivas e me presenteou como minha mãe. Devo declarar que tenho muito orgulho disso. Obrigado por me dar a existência terrena e ter me apoiado sempre com o brilho de orgulho nos olhos.

Aos meus irmãos Douglas, Ricardo, Thaís e por último e não menos importante, Roberto “Bebeto”, pessoa íntegra, meu irmão-amigo que sempre acreditou em mim e na Educação. Sou muito grato por tudo, meu irmão, desde quando me levava para a roça e pagava a “topic” para eu estudar o Ensino Médio em uma escola da cidade vizinha.

Aos meus sobrinhos Brenda, Stefany, Lorrane, Milly e Memo. Milly e Memo são dois grandes personagens da minha história, pois paravam e param sempre para escutar as coisas novas que aprendo, e de certa forma, gosto de falar para que eles também saibam. Eu também aprendi e aprendo muito com eles. Nossas histórias não cabem aqui.

A todos os meus professores e professoras da Educação Básica, Superior e do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Aos meus amigos e amigas do curso de doutorado da UFS: Wall, Helô, Lenilda, Sandra, Anderson, Claudia e Kate. E também da UNESP: Pathy, Gleici, Fernanda Pansera, Sydomar e Tiago.

Aos secretários e amigos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, Regiane e Guilherme por todo apoio.

Aos meus amigos da vida representados por Taynara, Xuxinha, Joângelo, Darkson, Calazans, Hênio, Fátima, Renan, Kátia, Laís, Evani, Nestor, André, Livia e Elaine

Às pessoas que amava, admirava e foram embora, para perto do grande Sol: dona Bezinha, com um saber grandioso e uma generosidade sem tamanho; e tia Sanzé, que me ensinou coisas da e para a vida com simplicidade, a qual trago no meu livro de memórias em preto e branco.

À minha querida Bel. Você sempre acreditou em mim e isso me faz ser e sentir potente. Ouço na minha mente quando você dizia “Quero ver você Doutor!” e aqui eu

estou. Amo-te! À minha querida Gil cuja simplicidade lhe habita. Eu te agradeço por tudo. Amo você.

Ao meu tio Roberto e minha tia Nena por todo seu amor e generosidade que não cabe em um coração. Uma mulher forte e corajosa. A senhora tem uma alegria e um sorriso encantador que nos afeta. Sou feliz por existir na minha vida.

Ao meu tio Almir e tia Gilvânia, duas pessoas que amo muito. Tio Almir é um homem trabalhador, honesto, calmo, íntegro e tia Gilvânia é uma mulher generosa, cheia de bondade e alegria.

A Gilvandete, meu amor por você é imenso e sem explicação. Eu te amo desde sempre. Obrigado por tudo, pelo amor, carinho e cuidado que tem e teve para comigo.

A Seu Cildo que não foi à escola, mas tem um saber potente. Homem com um saber matemático incrível. E à Dona Rivalda, uma mulher grande de coração e acolhedora. Essa tese também é de vocês.

Aos estudantes de graduação que participaram como voluntários desta pesquisa que não poderia ser concretizada sem vocês.

Agradeço às professoras Rita de Cácia (UFS), Fátima Negromonte (UFS), Dinamara Feldens (UFS), Carla Sasset (UCS), Nilda Stecanela (UCS) que participaram da banca de qualificação. Às professora Kátia Regina Costa Lopes Freire (UFRN), Patrícia Verônica Nunes Carvalho Sobral de Souza (UNIT) e aos professores Bernard Charlot (Paris 8/UFS) e Paulo Sergio Marchelli (UFS) na banca de defesa. Suas contribuições foram importantes para o desfecho desta tese de doutorado. Lhes sou muito grato.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa de pesquisa sem a qual não poderia ter feito esta tese.

Agradeço ao universo e a mim mesmo, pois me mobilizei para chegar até aqui.

Eu é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente! (ARTHUR RIMBAUD, 1871)

Se o Outro implica nos discursos, sentidos, significados e imaginários das pessoas, então, o estatuto do corpo é tesouro significante do Outro, o corpo é um Outro, “Corpo-Outro”. (EANES CORREIA, 2021)

Resumo

A universidade é muito mais que as suas paredes, os estudantes não são apenas pessoas que estudam, são histórias, experiências, vidas cruzadas, são sujeitos pensantes, agem, dizem coisas, se relacionam com o outro e o mundo. São corpos que se movimentam, falam sem neutralidade. Esses corpos têm desejo, discurso atribuídos de sentido e interpelados por uma cultura que os constituem dentro e fora das instituições de educação. O objetivo desta tese é analisar os discursos e sentidos produzidos sobre o corpo pelos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe, diante do referencial teórico abordado, tendo o aporte metodológico da Análise de Discurso Francesa sob a ótica de Eni Orlandi. Delineia-se diante da questão central “que discursos e sentidos são produzidos sobre o corpo pelos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe?” Configura-se numa pesquisa qualitativa significativa a qual tem como prioridade analisar a constituição de dados no campo dos sentidos e do discurso. Como aportes teóricos, são utilizadas referências de Jacques Lacan, David Le Breton e Vygotsky, os quais comungam numa trama que tem como objeto comum o corpo e os espectros que ele alcança. Tem como instrumentos de produção de dados questionário, inventário do saber, associação livre de palavras e entrevista semiestruturada. A população de pesquisa é constituída por estudantes dos centros de graduações: Centro de Ciências Agrárias Aplicadas (CCAA); Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS); Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET); Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); e Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) matriculados na Universidade Federal de Sergipe (UFS) no campus de São Cristóvão. Esta pesquisa mostra a implicação do Outro nos discursos dos estudantes da UFS sobre o corpo. Os discursos produzidos foram: Discurso Conceitual, Discurso Pontual, Discurso Funcional, Discurso de Lugar/Situação de Saber e Discurso Intelectual. Desta forma, conclui-se que os discursos e sentidos produzidos ao corpo pelos estudantes são interpelados pela instituição do Outro – da Educação. A pesquisa culminou na elaboração do Matema do Corpo, dado pela expressão Corpo-Outro: discurso + desejo + sentido + Outro. Por fim, é comprovada a tese que o corpo é falado pela voz do Outro pelo qual é reconhecido, o corpo é um Outro, Corpo-Outro.

Palavras-Chave: Corpo. Discurso. Educação. Outro. Sentido.

Abstract

The university is much more than its walls. Students are more than people who study. They are stories, experiences, lives that intersect, subjects who think, act, say things, relate to each other and the world. They are bodies that move, speak without neutrality. These bodies have desire, discourse that gives meaning and are challenged by a culture that constitutes them inside and outside educational institutions. The purpose of this research is to analyze the discourses and meanings that are produced about the body by undergraduate students at the Federal University of Sergipe, Brazil, in accordance to the theoretical reference and having the methodological support of French Discourse Analysis under the perspective of Eni Orlandi. The analysis is based on the following question: “what discourses and meanings are produced about the body by undergraduate students at the Federal University of Sergipe?”. This text is a qualitative research, which aims to analyze the data regarding the senses and discourses. As theoretical contributions, it was used references from Jacques Lacan, David Le Breton and Vygotsky whose researches have in common the body and the spectrums it reaches. The instruments used to collect data production included questionnaire, knowledge inventory, free word association and semi-structured interview. The research population is made up of students from undergraduate centers: Center for Applied Agricultural Sciences (CCAA); Center for Biological and Health Sciences (CCBS); Center for Exact Sciences and Technology (CCET); Center for Applied Social Sciences (CCSA); and Education and Human Sciences Center (CECH) and are current students at the Federal University of Sergipe, on the São Cristóvão campus. This research shows the implication of the Other in the speeches of students at the Federal University of Sergipe regarding the body. The discourses produced were: Conceptual Discourse, Punctual Discourse, Functional Discourse, Discourse on Place/Situation of Knowledge and Intellectual Discourse. In this way, it is concluded that the speeches and meanings produced to the body by the students are questioned by the institution of the Other – of Education. The conclusion culminated in the elaboration of the Mathema of Body, given by the expression Body-Other: speech + desire + sense + Other. Finally, it is concluded that the body is spoken by the voice of the Other by which is recognized, the body is the Other, Body-Other.

Keywords: Body. Speech. Education. Other. Sense.

Resumen

La universidad es mucho más que sus paredes, los estudiantes no son solo personas que estudian, son historias, experiencias, vidas cruzadas, son sujetos que piensan, actúan, dicen cosas, se relacionan entre sí y con el mundo. Son cuerpos que se mueven, hablan sin neutralidad. Estos cuerpos tienen deseo, discurso que es sentido y cuestionado por una cultura que los constituye dentro y fuera de las instituciones educativas. El objetivo de esta tesis es analizar los discursos y significados producidos sobre el cuerpo por estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de Sergipe, en vista del referencial teórico abordado, contando con el aporte metodológico del Análisis del Discurso Francés en la perspectiva de Eni Orlandi. Se perfila frente a la pregunta central “¿qué discursos y significados se producen sobre el cuerpo por parte de los estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de Sergipe?” Se trata de una importante investigación cualitativa que tiene como prioridad analizar la constitución de los datos en el campo de los sentidos y del discurso. Como aportes teóricos se utilizan referencias de Jacques Lacan, David Le Breton y Vygotsky, quienes comparten una trama que tiene como objeto común el cuerpo y los espectros a los que llega. Sus instrumentos de producción de datos son un cuestionario, un inventario de conocimientos, asociación libre de palabras y una entrevista semiestructurada. La población investigadora está conformada por estudiantes de los centros de pregrado: Centro de Ciencias Agrícolas Aplicadas (CCAA); Centro de Ciencias Biológicas y de la Salud (CCBS); Centro de Ciencias Exactas y Tecnología (CCET); Centro de Ciencias Sociales Aplicadas (CCSA); y Centro de Educación y Ciencias Humanas (CECH) matriculado en la Universidad Federal de Sergipe (UFS) en el campus São Cristóvão. Esta investigación muestra la implicación del Otro en los discursos de los estudiantes de la UFS sobre el cuerpo. Los discursos producidos fueron: Discurso Conceptual, Discurso Puntual, Discurso Funcional, Discurso de Lugar/Situación de Saber y Discurso Intelectual. De esta forma, se concluye que los discursos y significados producidos al cuerpo por los estudiantes son interpelados por la institución del Otro – Educación. La investigación culminó con la elaboración del Matema do Corpo, dado por la expresión Cuerpo-Otro: palabra + deseo + sentido + Otro. Finalmente, se prueba la tesis de que el cuerpo es hablado por la voz del Otro por el cual es reconocido, el cuerpo es Otro, Cuerpo-Otro.

Palabras clave: Cuerpo. Habla. Educación. Otro. Sentido.

Lista de Figuras

Figura 01	Corpo nos registros do Imaginário, Simbólico e Real.	75
Figura 02	Alguns Conceitos que permeiam o Corpo na Psicanálise Lacaniana	83
Figura 03	Representação Gráfica de Sentido e Significado do Corpo	92
Figura 04	Mediação de elementos simbólicos sobre o corpo	98
Figura 05	Fluxo do Corpo	103
Figura 06	Partes que compõem a pesquisa teórico-analítica	108
Figura 07	Alguns elementos da Análise de Discurso	120
Figura 08	Nuvem da Associação Livre de Palavras	164
Figura 09	Demonstração Gráfica do Matema do Corpo	186
Figura 10	O Outro como Sistema de Unidades Simbólicas	189
Figura 11	Ampulheta do Sistema de Unidades Simbólicas na Formação do Território do Corpo	190
Figura 12	Conceitos de corpo elaborados pelos estudantes	193
Figura 13	Por que falam de corpo	195
Figura 14	O que falam os estudantes	196
Figura 15	Unidades Simbólicas	198

Lista de Quadros

Quadro 01	ANPED	54
Quadro 02	BDTD	55
Quadro 03	Perfil dos Estudantes Participantes Voluntários	109
Quadro 04	O que é corpo - Discurso Conceitual	125
Quadro 05	O que falam sobre o corpo – Discurso Pontual	130
Quadro 06	Por que e para que falar sobre corpo – Discurso Funcional	139
Quadro 07	Lugares e/ou situações de assuntos sobre corpo – Discurso de Lugar/Situação de Saber	148
Quadro 08	Sobre Ser e Ter Corpo – Discurso Intelectual	159
Quadro 09	Respostas ao inventário do Saber	178

Lista de Siglas

AD – Análise de Discurso

ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAFe – Comunidade Acadêmica Federada

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCAA – Centro de Ciências Agrárias Aplicadas

CCBS – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

CCET – Centro de Ciências Exatas e Tecnologia

CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas

CECH – Centro de Educação e Ciências Humanas

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

EDUCON – Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade

ESCOL - Equipe de Pesquisa Educação, Socialização e Coletividades Locais

HU – Hospital Universitário

GT – Grupo de Trabalho

IES – Instituição de Ensino Superior

IMC - Índice de Massa Corporal

IML – Instituto Médico Legal

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não-Governamental

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNICAMP – Universidade de Campinas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFBS – Universidade Federal da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	Liberar o Questionamento	28
1.2	A metodologia da pesquisa	30
1.2.1	Os participantes	31
1.2.2	As etapas	32
2	O PESQUISADOR - CORPO QUE FALA	34
2.1	Introdução ao corpo	36
2.2	O corpo - história, sentidos e significados	37
2.3	O corpo e sua instituição da Grécia Antiga para a Idade Média	39
2.4	O corpo a partir do advento da Modernidade e da Contemporaneidade	41
2.5	Outros rumos no contemporâneo	42
2.5.1	E agora?	44
2.6	Os significados da cultura no corpo	46
2.7	Discurso, sentidos e significados sobre o corpo	50
2.8	Um breve panorama das pesquisas que têm o corpo como objeto de estudo	52
2.8.1	ANPED	53
2.8.2	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)	54
2.8.3	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	56
3	OS TEÓRICOS E OS CAMPOS DE AFINIDADES COM O CORPO	59
3.1	O Outro de Lacan	59
3.1.1	Os outros de Lacan	62
3.1.2	O objeto <i>a</i>	64
3.1.3	O corpo lacaniano	68
3.1.3.1	O corpo Imaginário, Simbólico e Real	69
3.1.3.2	Corpo no registro do Real	71
3.1.3.3	Corpo no Registro do Imaginário	72
3.1.3.4	Corpo no Registro do Simbólico	74
3.1.4	Psicanálise, Corpo e Desejo	76
3.2	O Corpo na Perspectiva de Le Breton	84
3.2.1	O Corpo nas lógicas sociais e culturais humanas	85
3.3	Educação do Corpo	88
3.4	Sentido e Significado em Vygotsky	91
3.4.1	O corpo e perspectiva Sócio-Histórica de Vygotsky	98

3.5	O corpo em um cruzamento teórico	100
3.5.1	Triangulação do Corpo	103
3.6	A Tese	104
4	POR ONDE DEVO (DES)CAMINHAR? (DES)CAMINHOS METODOLÓGICOS	105
4.1	Procedimentos metodológicos, materiais e métodos	105
4.2	Perguntas que são feitas na Análise de Discurso	107
4.3	Os estudantes voluntários que participaram da pesquisa	109
4.4	Passos da Pesquisa	110
4.4.1	Primeira fase: caracterização dos centros de graduação dos estudantes	111
4.4.2	Segunda fase: pesquisa com os estudantes dos cursos	112
4.5	Questionário	112
4.6	Inventário do Saber	113
4.7	A Entrevista	114
4.8	Associação Livre	116
5	PESQUISA EM CAMPO, MÉTODO, RESULTADOS E ANÁLISES	118
5.1	Análise de Discurso como Instrumento Analítico dos Dados	118
5.1.1	A interpretação	118
5.2	Discurso, Formação Discursiva, Condições de Produção e Efeitos de Sentido	120
5.3	Os estudantes em cena	123
5.3.1	As entrevistas	123
5.3.1.1	O que é corpo? Análise do conceito	124
5.3.1.2	O que falam sobre corpo? Assuntos e temas (extra)ordinários	129
5.3.1.3	Para que e por que falam? Funcionalidades	139
5.3.1.4	Lugares e/ou situações de saber sobre corpo	147
5.3.1.5	Sobre Ter e Ser corpo	158
5.3.2	Associação Livre de Palavras	163
5.3.3	Inventário do Saber	177
5.4	Matema ou Equação do Corpo	184
	CONCLUSÃO	188
	REFERÊNCIAS	200
	APÊNDICES	205
	ANEXOS	219

1 INTRODUÇÃO

Nunca aprendemos sozinhos, aprendemos numa coletividade com o corpo fora e dentro do mundo educacional. A relação de aprender e ensinar é dada sobre o corpo numa cultura coletiva de transmissão de cuidados e de aprendizagens que só pode acontecer em instituições próprias (VELEIDA CHARLOT, 2019).

O corpo é o território da educação, é território do Outro. Compartilhamos saberes na coletividade, assim como também vivenciamos e aprendemos coisas individualmente em meio ao grupo, não deixando de ser sujeitos de relações. Nós, humanos, desde o nascimento estamos em constante interação com outras pessoas e os objetos, afetando-os e sendo afetados. Construimo-nos enquanto sujeitos complexos, faltantes e inacabados. Como resultado de uma cultura, temos a condição de sermos sociais e históricos. Dessa forma, somos corpos que habitam os espaços sociais, relacionamo-nos e interagimos com o outro.

Foi a partir de minhas¹ relações com os outros e o mundo que percebi questões relacionadas ao corpo presentes em diversos ambientes sociais – escola, universidade, casa, igreja, televisão, internet e na rua – e com os estudantes em sala de aula. A percepção de problemáticas sobre meu objeto de pesquisa, enquanto professor e pesquisador, sempre foi constante para mim. É verificável diante de minha experiência profissional que temas referentes ao corpo, muitas vezes, em rodas de conversas, principalmente de estudantes universitários, são de interesse de todos, há certo desejo de falar sobre ele. Dessa forma, interrogações foram sendo cultivadas por mim sobre o porquê desses questionamentos acontecerem de forma tão constante no meio universitário.

Com as minhas inquietações, adentrei na academia e me inseri na lógica simbólica de sua estrutura. Assim, comecei a refletir melhor sobre minha experiência docente com os estudantes da educação básica e superior, além disso, sobre a minha área de formação profissional – A Educação Física e no que se refere à temática do corpo tentando amadurecer minhas ideias. Com isso, pesquisando desde a graduação até o mestrado, percebi que esse campo de estudos vai desde a Antropologia à Sociologia, da Biologia à Filosofia, da Fenomenologia à Psicanálise, dentre outros. Enfim, sua possibilidade de investigação é ampla em diversas áreas, enquanto objeto de pesquisa, por ser um artefato polissêmico.

¹ É importante destacar que terão vários momentos em toda a tese que ora irei escrever em primeira pessoa do singular e ora primeira pessoa do plural. Essas formas de me expressar no singular e no plural são necessárias, pois num momento escrevo a partir de minhas experiências e compreensões de mundo e ora escrevo junto aos referenciais que sustentam esta pesquisa. Diante disso, eu, minha orientadora e os autores dialogamos juntos. O eu e os outros conversamos e nos mesclamos propositalmente.

Na sala de aula da educação básica e da graduação havia constantes discussões, as quais geravam debates fervorosos. Dúvidas de estudantes sobre aspectos recorrentes ao corpo com assuntos das aulas de Educação Física e temas como gênero, trabalho, sexualidade, adolescência, racismo, doenças e sobre políticas públicas voltadas às pessoas menos favorecidas – qualitativamente – da sociedade. Percebia que as discussões eram periódicas, principalmente no curso de graduação, sendo motivo de piadas, risadas e, muitas vezes, de vergonha sobre “um corpo” que parecia comum para todos.

Nas turmas em que dava aulas, sempre tive entre os estudantes, pessoas muito jovens, e esses procuravam ficar mais atualizados sobre assuntos que lhes interessavam, até para ser discutido em sala de aula. Observava nos graduandos a disposição para discussões em aula até mesmo pela maturidade que tinham por estar cursando educação superior. Eles me falavam das suas experiências diárias, das sensações que tinham sentido durante as suas atividades cotidianas. Todo dia tinha uma novidade e uma experiência nova a ser contada e compartilhada, as quais também geravam muitas risadas e descontrações.

Tiveram duas situações com dois estudantes bem interessantes e profundas para mim. Contarei aqui essas duas como exemplo de várias outras as quais pude presenciar e foi assunto de bastante discussão em aulas. Uma delas foi de uma estudante de onze anos da Educação Básica me perguntando “professor, eu sou um corpo?” e a outra com um estudante da graduação que me perguntou “professor, o senhor acha que tenho um corpo (biótipo) de professor de educação física?” Fiquei me perguntando o que levou a pensarem e falarem sobre aquilo de formas diferentes, mas se referindo ao mesmo objeto. E então veio minha primeira questão que talvez pudesse ser minha mola propulsora para um projeto futuro de pesquisa: Por que os estudantes falam muito sobre “um corpo” de diferentes formas e, principalmente, os da graduação?

Devo lembrar que já pesquisei sobre o corpo humano no mestrado com estudantes da educação básica, oitavo ano do ensino fundamental. Foi uma pesquisa feita na área de Ensino de Ciências e Matemática e mais, especificamente, nas aulas de ciências intitulada “Corpo humano e ensino de ciências: o que faz sentido aos alunos do oitavo ano do ensino fundamental”. Nessa investigação, deixei de lado questionamentos os quais aos poucos foi se afluando, amadurecendo a partir de minhas experiências profissionais recentes como professor de graduação.

Diante da minha pesquisa de mestrado, das experiências e relações construídas com os estudantes de graduação, comecei a pensar o corpo numa vertente que me direcionasse a ele, sem reduzi-lo a conceitos unívocos e biológicos. Compreendendo o corpo em outras

perspectivas, como a psicanalítica e do discurso, as quais possuem vieses que se aproximavam e tinham mais afinidades com as minhas inquietações de pesquisador.

Desta forma, enquanto sujeito que pensa e age sobre o mundo, como sujeito epistêmico, de sensibilidade, histórico, idiossincrático, social e singular, tenho capacidade de pensar no Eu, no outro e no mundo. Comecei a perceber o corpo como um atributo de diversas possibilidades, pois há vários canais e formas que se falam sobre ele. As minhas relações com o mundo e os outros se dão a partir dele e até a minha relação comigo mesmo, enquanto entidade subjetiva, cultural, humana e (in)consciente.

Depois de leituras sobre o que me interessou no campo do corpo e suas possibilidades, na tentativa de me posicionar enquanto professor e também como pesquisador, percebi que ele – enquanto tema e objeto de pesquisa, é um campo arriscado, não obstante, fecundo como possibilidade de ser investigado. Arriscado, pela infelicidade de reduzi-lo a questionamentos/assuntos rasos e fechados. Fecundo, pela gama de possibilidades que pode ser investigado dentro de vários vieses e discutido de diferentes formas. Assim, surgiu um segundo questionamento para possível investigação: como pesquisar corpo em educação?

Ingressei no Doutorado em Educação, centrado na linha de pesquisa Educação, Conhecimento e Cultura, a qual me permite pesquisar o corpo em quaisquer de seus espectros: dentro da educação e suas multifacetagens, na cultura e suas possibilidades e no conhecimento educacional enquanto saber.

No curso me debrucei em leituras clássicas à temática sobre corpo em autores como: Merleau-Ponty e David Le Breton. Em Merleau-Ponty, verifiquei o corpo como porta da nossa singularidade no mundo como experiência sensível. Em Le Breton, encontrei um corpo que, além de experiência no e sobre o mundo, é uma entidade cultural e tudo que se manifesta no corpo é dado pela introspecção da cultura nele. Por isso, comecei a percebê-lo como uma construção discursiva, assim, o corpo existe como também existe discurso sobre ele.

Adentrei com mais afinco nas leituras desses autores, logo, de imediato, comecei a verificar novas sensações e algo me faltava, existia uma lacuna nos meus questionamentos, que talvez estivessem recalcadas no meu inconsciente, e me angustiava pela sua falta, pois não conseguia formular uma pergunta objetiva de pesquisa. Com idas e vindas sobre a leitura da temática em Merleau-Ponty e Le Breton, surgiu a ideia pela minha orientadora de ler mais profundamente outros autores de uma seara que abarcasse esse terreno psicanalítico, de discurso e sentido sobre o corpo, o qual me interessava. Sem saber por onde começar as leituras, o professor Bernard Charlot, no Grupo de Estudo do qual faço parte “Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade – EDUCON/UFS/CNPq” coordenado pela

minha orientadora, Veleida Anahí Cápua da Silva Charlot, indicou-me a possibilidade de ler Lacan, mais especificamente sobre o desejo e o Outro, como também leituras sobre Vygotsky para pensar o corpo numa perspectiva histórica e social.

A partir do EDUCON, comecei a ter mais curiosidade sobre Lacan e sua obra “Escritos”, pois a maioria dos projetos de pesquisas de mestrado e doutorado apresentados no grupo trata ou tenta tratar sobre noções da “Relação com o Saber” – noção conhecida mundialmente pelo seu principal fundador e pesquisador, Bernard Charlot, vice-coordenador e membro do grupo de pesquisa. Sendo que um dos conceitos principais da noção da “Relação com o Saber” é o desejo. Uma vez que este e outros conceitos sustentam essa “noção” que é de base lacaniana dentro da dialética do desejo de Hegel.

Desta forma, trabalhar o desejo lacaniano e, junto a este, o corpo, seria uma possibilidade de investigar sobre as minhas inquietações com ineditismo, não reduzindo a investigação com os estudantes apenas à possibilidade do biológico ou cultural, mas também tentando dar margem ao corpo simbólico, significante e que se estrutura numa linguagem, numa abordagem psicanalítica, em que ele desliza num campo no qual não pode ser reduzido a um único conceito, mas como possibilidade de novos horizontes, naquilo que pode ser dito, a partir do discurso e com significados.

Desta forma, comecei a elencar o corpo como possibilidade numa abordagem que posso trazer conceitos como discurso, sentido, significado e com a vantagem de investigar sobre ele mais do que amiúde já sabemos.

A partir deste ponto pude pensa-lo como produção num local e época. Partindo do pressuposto, de que este corpo que conversava com meus estudantes é história, tempo e experiência a partir das percepções sensoriais que subjazem dentro de uma trama social e de discurso no qual ele está inserido. Desta forma, comecei a entender que cada ser humano nasce num lugar e época, e isso influencia na forma como o sentido sobre o corpo é atribuído. Então, ele se constitui pela demanda social, das entidades sociais, as quais possuem diversas formas de desejo e essas se faz constituir no campo do corpo do sujeito, dos estudantes. Então, verifiquei uma concordância de pensamento numa perspectiva histórico e cultural entre Vygotsky, Merleau-Ponty, Le Breton e Lacan, do qual se valem de um caráter social e dialético.

Na perspectiva lacaniana, o Eu, corpo, constitui-se em relação ao Outro e também em linguagem, uma instituição cultural que nos antecede (LACAN, 1989). Em Merleau-Ponty (1999), o corpo não é passivo ao mundo, ele age no e sobre o mundo por seus mecanismos próprios de um ser de inteligência, tendo um conhecimento sensível inscrito no próprio corpo

de um sujeito que está confrontado com o seu ambiente, sendo a forma de se constituir no mundo e a maneira essencial de ser, numa perspectiva pré-discursiva. Para Le Breton (2007; 2011), o corpo é um revelador das relações sociais e também da relação com o mundo e consigo mesmo, ele é uma condição humana, uma entidade cultural.

Esses pensamentos coadunam com Merleau-Ponty, a partir do ponto que tudo que existe no mundo passa pelo corpo e é traduzido por ele próprio, por meio de suas experiências. Em Vygotsky (1998), pensando da perspectiva histórico-cultural, o corpo também é uma construção social, uma vez que cada um nasce num tempo e num lugar, e isso corrobora na forma como o sentido sobre o corpo é atribuído e manifestado pelas pessoas, além disso, das relações e produções sociais de uma determinada época. O corpo, diante da perspectiva de Vygotsky², é um produto social e de interação com o outro. E como produto social significa precisa sobreviver e produzir condições de sobrevivência nas relações de produções e nas relações sociais de uma determinada época e de um determinado lugar.

Foucault, por exemplo, dirá que corpo existe porque o discurso está em movimento. Ele é o efeito do discurso dito num tempo e num espaço de diferentes formas para e por distintos sujeitos. Ou seja, o corpo é um dado histórico e transitório a quem são atribuídos sentidos e significados que se constroem com o tempo. O corpo é discurso e história.

Podemos verificar no desenvolvimento desta problemática que, o corpo possibilita falar por diferentes vozes, sem conceitos unívocos, mas que em algum momento podem ser cerzidas, juntadas, sem arbitrariedade, tendo ciência de que voz (teórico) está falando e de onde (base epistemológica e filosófica) esta voz fala.

Diante da afirmativa que submeti no parágrafo anterior, encorajo-me em dizer que utilizarei nesta tese autores como Lacan (1989), Le Breton (2007; 2011) e Vygotsky (1998). Em destaque, considerando, tencionando e conciliando seus conceitos fundamentais disponíveis sobre a temática do corpo que serão possíveis no limite desta pesquisa, dando a possibilidade de não ter uma visão conceitual reduzida e de esgotamento.

E por se tratar de uma pesquisa que embarca numa perspectiva em que o corpo se constitui por meio da interação, da relação entre os sujeitos – estudantes de graduação – que são sociais, culturais e históricos e que não são pré-discursivos, diferente da perspectiva ontológica da qual Merleau-Ponty comunga. Para este autor, há essência no ser humano antes de toda e qualquer interação. Devido a isso, não coube usá-lo na tese por seu pensamento epistemológico se distanciar dos outros autores que consideram os sujeitos – estudantes -

² Para explicar essa construção social na subseção 3.4, 3.4.1, 3.5, 3.5.1 sobre Vygotsky iremos destacar com mais zelo a constituição do Eu no papel da interação com outro "é através do outro que nos tornamos nós mesmos".

enquanto discursivos, isto é, sujeitos que se constituem na interação social, do coletivo para o individual.

Desta maneira, esta tese se delineia em conceitos fundamentais dos teóricos como: Corpo – entidade cultural produzida pelas relações sociais, como também Real (que sinto), Simbólico (que falo, dou nome) e Imaginário (que vejo); Sentido – atributo único, lógico e particular de uma pessoa dado pelas suas experiências; Significado – impressões, conceitos construídos coletivamente pelas pessoas ao longo do tempo e do espaço social sobre as coisas; Discurso – forma de falar, palavra em movimento que produz sentidos e significados; Desejo – que se configura num objeto faltoso, falta-a-ser, dialético, desejo de um desejo, desnaturalizado, o desejo de uma falta causada pelo objeto *a*; e Outro – tesouro dos significantes, linguagem, cultura, ideologia, sistema simbólico constituído de unidades simbólicas. Em uma trama que não obrigue encerrar ou esgotar esses conceitos, mas que possamos debruçar nas possibilidades de leituras que fazemos deles para adentrar nas suas silhuetas, tendo mais contato com suas superfícies, na tentativa de tencioná-los e/ou abriremos discussões sobre o corpo e seus espectros.

1.1 Liberar o Questionamento

Você tem que liberar o questionamento. Você já sabe o que quer pesquisar. Ele está aí recalcado em algum lugar da sua mente (VELEIDA CHARLOT, 2018).

Para começar concretamente minha pesquisa era necessário que eu tivesse alguns questionamentos pertinentes, tais como: o que quero saber? Por que quero saber tal coisa? O que vou fazer com os resultados encontrados? São perguntas bases para que uma pesquisa possa se desenvolver. E ainda mais: o que quero saber que ainda ninguém sabe e não se tem respostas para tal questionamento, inclusive eu e minha orientadora³. Charlot (2010, p. 155) nos traz a reflexão que a “Pesquisa sem ignorância não é pesquisa, pesquisa sem esforços não existe, pesquisa sem prazer não vale a pena”. Alertando-nos que não se pesquisa o que já sabemos e temos as respostas prontas para o que estamos pesquisando. Não é desta forma que uma pesquisa deve funcionar. Ela funciona pelo questionamento, pela dúvida, por uma pergunta que ainda não se tem uma resposta. É nisso que uma pesquisa científica se atém.

Na problemática e questionamento de uma pesquisa é necessário ter instrumentos que possam produzir dados e dar possíveis respostas para o pesquisador. Dessa forma, partir da

³ Essas questões são feitas no grupo Educon e nas aulas de seminários de pesquisa do doutorado, os quais participamos no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esses questionamentos são bases para uma pesquisa, segundo Bernard Charlot.

problemática dos estudantes da graduação sobre o corpo, pensei em como articular questões com os teóricos citados durante esta trama que tratam do meu objeto de pesquisa com a possibilidade de construir/utilizar instrumentos e método de análise que me permitissem, enquanto pesquisador, trazer reflexões, interpretação ou possíveis respostas para tais indagações

Desse sentido, à procura de possíveis respostas, partimos para a investigação tentando desvelar o novelo desta trama numa pesquisa empírica com estudantes da graduação. E, no momento desta pesquisa, os estudantes com os quais me relaciono são os da graduação da Universidade Federal de Sergipe, pois são acessíveis, diversos e estão disponíveis para quaisquer dúvidas que eu possa esclarecer durante esta investigação. Sendo assim, cheguei à minha questão central de pesquisa: que discursos e sentidos são produzidos sobre o corpo pelos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe? É uma questão de pesquisa pertinente, fundamental, central e que dá a orientação para esta investigação, pois abrange a problemática da tese e possibilita a utilização de instrumentos na produção de dados.

Neste interim, quando um estudante de graduação ou qualquer outra pessoa fala sobre corpo, coloca-se numa posição de pertencimento dele. Assim, com a precisão da questão central, delineamos as seguintes questões norteadoras: quais significados são produzidos sobre o corpo pelos estudantes pesquisados? Quais são os conceitos de corpo produzidos pelos estudantes? De que posição eles estão quando falam sobre corpo? Por que eles falam o que falam?

Verifica-se que temos questões que podemos tratá-las com os estudantes da UFS num campo psicanalítico, discursivo e numa abordagem histórico-cultural. Uma vez que se trata sobre discurso e sentido dos estudantes sobre o corpo, com possíveis significantes que os veiculam e conceitos que circulam sobre suas arestas como o desejo e o Outro lacaniano.

Podemos, a partir deste momento, fazer um delineamento mais preciso sobre esta pesquisa começando sobre os caminhos que ela trilhou (os objetivos), as pessoas que fizeram parte da pesquisa no campo empírico, instrumentos para constituição dos dados e método que foi utilizado para sua análise. Uma vez que se torna necessário esclarecer sobre esses aspectos da investigação para que não se torne opaca e confusa para os leitores e interessados.

Diante das questões fundamentais para esta pesquisa, e como possibilidade de delinear uma trilha que nos viabilize relacionar os fios da teia desta investigação, tem-se o seguinte objetivo geral pelo qual caminhamos: analisar os discursos e sentidos que são produzidos

sobre o corpo pelos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe diante do referencial teórico abordado.

Como objetivos específicos, por meio da Análise de Discurso Francesa, queremos compreender: os significados que são produzidos sobre o corpo pelos estudantes pesquisados; os conceitos de corpo que são produzidos pelos estudantes; de qual posição os estudantes falam quando falam sobre corpo; o porquê eles falam o que falam. A fim de relacionar o objetivo geral e os específicos aos conceitos que norteiam a tese.

1.2 A metodologia da pesquisa

Diante dos diversos métodos utilizados nas pesquisas em educação, a nossa opção metodológica não foi escolhida ao acaso, pois ela está concatenada ao nosso objeto, às técnicas utilizadas, ao problema proposto na investigação e aos objetivos que queremos chegar. Dando voz a Charlot (2002, p. 91) ele vem nos indicar que “o papel da pesquisa é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar inteligibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali”. Então, antes de qualquer coisa, podemos criar instrumentos, métodos que são pertinentes e próprios para nossas pesquisas não deixando de ter seu caráter científico e seu rigor metodológico.

Considerando o que esta pesquisa visa analisar, diante dos sentidos e discursos atribuídos ao corpo pelos estudantes da UFS, optamos pelos procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa. Uma abordagem qualitativa de pesquisa tem elementos necessários dos quais podemos nos utilizar para o desenvolvimento e a operacionalização desta tese. Além disso, esse tipo de pesquisa tem como objetivos descrever e analisar fenômenos sociais. Para Gil (2006, p. 44) “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”.

Este tipo de pesquisa procura relacionar e correlacionar dados ou até mesmo fenômenos sociais sem ter a pretensão de sua manipulação. Aliado a isso, analisa também aspectos os quais se encontram no bojo do comportamento humano, no espectro da educação, da vida social, política e até em vieses econômicos (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). Tendo como fonte direta os discursos dos estudantes para constituição dos dados atendemos uma característica fundamental das pesquisas que se dispõem como qualitativas. Essa característica também se sustenta pela relação entre o pesquisador e sua intensiva afinidade com os estudantes no campo empírico de investigação por tempo prolongado.

Outra característica importante e o motivo pelo qual fora escolhida uma abordagem qualitativa de pesquisa, é o fato de que nesses tipos de investigações, como dito por Gil

(2006), há uma produção de dados descritivos, em outras derivas, das próprias palavras dos estudantes pesquisados, sejam elas faladas ou escritas. Desta forma, há respeito e ética para com os registros anotados pelo pesquisador, além de aumentar a riqueza dos detalhes que foram analisados sem perder suas nuances.

Como esta tese se trata de discursos e sentidos, esses aspectos são fundamentais para uma pesquisa qualitativa. Isto é, o sentido que os estudantes atribuem às coisas, nesta ocasião ao corpo, é essencial no bojo desse tipo de investigação o que nos garante propriedade ao adotá-la.

Para a análise de dados foi utilizado método analítico da Análise de Discurso (AD) sob o viés de Eni Orlandi (2009). Foi a partir da perspectiva do discurso dessa autora que desenvolvemos a nossa análise dos dados que foram produzidos. A autora busca entender como o sujeito, que é um ser social, singular e histórico produz sentidos ao se colocar diante de questões, a partir de suas vivências e de memória das suas experiências. Não há discurso sem sujeito, bem como não existe sujeito sem um discurso carregado historicamente de suas experiências e ideologias (ORLANDI, 2009).

Para a constituição e produção dos dados, optou-se pela modalidade de instrumentos o questionário, inventário do saber, associação livre e entrevista semiestruturada. Todos elaborados a partir da problemática desta investigação, sem, entretanto, tolher a possibilidade dos participantes voluntários, estudantes da UFS, de trazerem dos seus discursos, contribuições para a pesquisa.

Esses instrumentos se mostram práticos nesta pesquisa, porque permite a “escuta” e a “escrita” dos discursos dos estudantes em voga. Por isso, a análise e produção dos dados sob as lentes da Análise do Discurso, justifica-se nesta tese, pelo fato do objeto de interesse desse instrumento ser o discurso que se caracteriza tanto na forma falada quanto na escrita.

O discurso é compreendido, segundo Orlandi (2009, p. 15), como sendo “palavra em movimento, prática de linguagem”. Em outras palavras, o discurso é a língua, enquanto uma manifestação do homem no mundo, enunciando e escrevendo, funcionando para a frutificação de sentidos de um sujeito que sente, reflete, age e se relaciona com o outro e o mundo. Portanto, estamos interessados no discurso e sua forma de produção de sentido no que se refere ao estatuto do corpo.

1.2.1 Os participantes

Os participantes voluntários desta pesquisa são estudantes matriculados regularmente nos cursos de graduações dos Centros Acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe –

Centro de Ciências Agrárias Aplicadas (CCAA); Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS); Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET); Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). Como critério de seleção, os estudantes pesquisados têm idade maior ou igual a 18 anos, estão com mais da metade dos créditos do curso integralizados como um dos atributos de garantia que passaram por disciplinas do currículo do seu curso.

Foram selecionados esses estudantes da Educação Superior, por considerar suas disponibilidades para falar sobre corpo e seus espectros sejam mais pertinentes na tentativa de dar resposta às questões e alcançar aos objetivos desta tese. Como também por ser uma pesquisa significativa no que se refere à sua problemática, à perspectiva utilizada e ao seu referencial teórico abordado numa tentativa de pensar o corpo no campo do discurso, desejo, sentido, significado e do Outro.

A pesquisa significativa, segundo Charlot (2019), tem como prioridade elencar a constituição de dados no campo dos sentidos das pessoas investigadas e não tem como critério muitos estudantes, mas uma diversidade qualitativa desses, sendo possível ter uma amostra pequena da população. Desse modo, ela se afasta da pesquisa representativa que precisa de grande quantidade de pessoas para constituir os dados para análise.

1.2.2 As etapas

A pesquisa em sua etapa empírica tem duas fases: a primeira fase foi constituída na seleção e organização dos centros de ciências da Universidade Federal de Sergipe. De cada centro foram escolhidos entre dois e três cursos de graduação para que se caracterize numa pesquisa de alcance institucional do Campus “José Aloísio de Campos” de São Cristóvão. Um estudante de cada curso foi selecionado como representante da graduação, esses estudantes fazem parte da pesquisa e foram submetidos a um questionário aplicado para caracterização dos seus perfis.

A segunda fase, envolveu a investigação dos estudantes com uma entrevista semiestruturada individual sobre aspectos que envolvem a temática do corpo e aspectos que circundam o tema da pesquisa. As seções de entrevistas duraram entre quarenta a sessenta minutos garantindo organização do tempo e o acompanhamento das explicitações do estudante. Dando continuidade com o Inventário do Saber e respectivamente a Associação Livre de Palavras depois de apresentar vídeos sobre o corpo em diversas situações e lugares. O Questionário, o Inventário do Saber, a Entrevista Semiestruturada e a Associação Livre de Palavras foram feitas em dias diferentes, respectivamente, sendo os dois últimos instrumentos

no mesmo dia, para que não houvesse desconforto e prolongamentos de encontros e não interferisse na espontaneidade do estudante ao ser submetido ao processo da investigação e seu desenvolvimento.

Diante de todas essas etapas, a tese está organizada da seguinte forma: uma seção introdutória, na qual é abordado aspecto geral do tema em voga, assim como questões e breves conceitos principais, como também o problema de pesquisa. Dedicamos a segunda e terceira seção à delimitação de conceitos fundamentais para a análise dos dados. Tais conceitos balizam as reflexões e resultados que são suscitados no decorrer do texto e contemplam o quadro conceitual no qual se inscreve a pesquisa. Dentre estes, destaca-se a relevância das seguintes noções: Corpo, Sentido, Significado, Discurso, Desejo e Outro. Essas noções circunstanciam a pesquisa e lançam luz aos dados gerados, dando subsídios para as reflexões acerca do corpo, bem como seus espectros nos objetos investigados que culminam nos resultados da pesquisa e na sua conclusão. Tendo o adendo do estado da arte; a quarta seção é de caráter metodológico, a qual traz os materiais e métodos utilizados na pesquisa. A quinta seção, culmina nos resultados e análise dos dados produzidos na pesquisa empírica junto ao referencial teórico, ou seja, as respostas ao que lhes perguntei e as minhas respostas ao que quero saber. A seção posterior é a conclusão da pesquisa diante dos questionamentos e objetivos delineados.

Nesta pesquisa, mostramos que os discursos e sentidos atribuídos ao corpo pelos estudantes da Universidade Federal de Sergipe são permeados pela instituição do Outro – a Educação como unidade simbólica de significação. E que se possa compreender esta tese não como uma verdade universal engessada, mas como uma constatação verificada e verificável no campo empírico de uma pesquisa em educação desenvolvida com uma determinada população, de um determinado lugar, de uma região, numa determinada época, com pessoas em diferentes condições, posições e lugares de fala, onde os seus discursos são interpelados pelo Grande Outro que lhe constitui(u) e o faz ser seu maior interessado, sendo denominador comum para todos dentro da seara idiossincrática de cada discente dessa instituição.

Por fim, tem-se a premissa de mostrar a interpelação do Outro nos discursos, sentidos, significados e imaginários dos estudantes da UFS sobre o corpo interpelado pela instituição do Outro – da Educação. Assim, o Outro enquanto estatuto do corpo é tesouro significante. Por fim, em tese, o “corpo é um Outro”, em sua economia, “Corpo-Outro”.

2 O PESQUISADOR – O CORPO QUE FALA

Cada um faz sua história de vida através do corpo (VELEIDA CHARLOT, 2018).

Meu corpo é tão singular que para falar sobre ele devo inventar uma palavra descrevendo o que penso, sinto, como vivo, como sou, gosto, vejo, desejo. E isso, talvez, seja o meu maior desafio, falar sobre uma coisa que é tão singular no meio de tantas outras singularidades. Talvez não seja eu mesmo falando, mas também o Outro fala junto comigo, cujo discurso me interpelou antes do meu nascimento. Por esse motivo não falo somente por mim, mas por várias pessoas, as quais não tiveram a oportunidade de serem ouvidas, de serem (re)conhecidas pelo que dizem ou pelo que escreveram sobre elas mesmas. Esta é uma das intenções desta pesquisa, além de ouvir os teóricos e o pesquisador desta tese que vos escreve, mas também ouvir o outro, o que os estudantes têm a dizer sobre o corpo, o que eles pensam, sentem, sobre os significados atribuídos por meio dos seus discursos, pela palavra em movimento, viva, cheia de significações que consegue afetar o outro, constituindo sentidos sobre eles mesmos e o mundo.

Por isso, quando escrevo neste texto, coloco-me no lugar desses outros, mas talvez esteja me enganando pelo eu que penso, pois sou descentrado de mim mesmo e minha autonomia seja regulada pelo Outro. Quando acho que digo, o Outro também se ajuíza e assim falamos juntos para não ser um monólogo. Não obstante, aqui também se pronuncia um pesquisador apaixonado por sua pesquisa e que a todo o momento faz questionamentos sobre seu corpo e para se tornar mais crítico ainda, questiona pelo corpo dos outros. Talvez essa seja uma justificativa para falar sobre mim e por eles. Isso me encoraja e me dá legalidade de não dizer pouco, mas muito, pois também falo de um corpo coletivo a partir da minha impressão enquanto pessoa e também como pesquisador que submeti a escrever uma tese de doutorado.

O homem só consegue sobreviver e habitar em grupo, na coletividade. Desse modo, somos seres sociais não deixando de ser uma singularidade. Por estar condicionado a ser sociável é que o homem conseguiu existir dentro de uma civilização (OLIVEIRA, 1995) e ter permanência nela. A espécie humana só continua existindo porque se virtualizou, ou seja, a consciência humana é uma virtualidade, o corpo se desdobrou para se tornar o que é hoje e o que será amanhã (CHARLOT, 2018) e, junto a ela, a educação torna possível essa perpetuação de uma geração anterior sobre a atual.

Tenho um corpo físico, presente e conseguiu existir ao longo da história humana de nossa civilização pelo fato de ter desenvolvido a consciência de si, sendo parte da memória de

experiências e valores que nos move para o norte ou sul, que nos orienta diante das circunstâncias do cotidiano e de pensar sobre a morte e sobre a vida. Consciência de viver e de morrer. O virtual nos fez existir como físico e em pensamento – capacidade de pensar, de cognição – entre aquilo que se pode ver e tocar. O virtual humano como aquilo existente em mim e em todos enquanto subjetividade. Refiro-me à consciência⁴ como um fenômeno psíquico de lidar com as informações cientes, racionais, para o lugar onde a atenção está direcionada (LAPLANCHE, 2001).

Logo, somos corpos que nascem geneticamente virtuais (CHARLOT, 2018), hominizados (CHARLOT, 2020), abertos e com disposições humanas para formação a partir da educação. Por isso somos virtualmente humanos⁵, pela predisposição de adaptar-se, de aprender, de ser educado em direção ao universal – sujeito cem por cento humano.

Toda essa nossa predisposição de formação humana depende de nossa relação com o mundo e as coisas existentes nele. Somos seres de relações, somos sociais que se direcionam ao educar para continuar existindo, garantir a existência do humano (OLIVEIRA, 1995). Dessa forma, pelo virtual que somos e com disposições humanas, a educação continua sendo a grande responsável pela existência do homem, do corpo virtual encarnado. O homem só existe enquanto civilização porque a educação também existe por meio deste. Ela nos humaniza e nos torna universal (CHARLOT, 2000; 2018; 2020).

É através desta educação também que o corpo ganha significados. Neste processo de humanização e universalização, o corpo e seus saberes ganham novos sentidos, pois ele é o resultado de todo o conhecimento acumulado pela humanidade durante gerações em suas práticas corporais e culturais humanas, culminando em conhecimentos básicos filosóficos, sociológicos, antropológicos, psicanalíticos, corporal do movimento, conhecimentos históricos e vários outros inerentes à cultura humana, os quais são significantes no espectro da educação. Esse saber corpo só é possível por meio da educação que perpetua esses conhecimentos reproduzindo-os, reconstruindo-os, adaptando-os, reconfigurando-os, criando-os e ressignificando-os para que não entrem no esquecimento.

A educação é a causa do corpo e os saberes não ficar obsoletos. Todos os sujeitos se dispõem de mesmas potencialidades e capacidades cognitivas para aprender. “Sua inserção em um grupo social desenvolve, sozinha, suas disposições num sentido ou outro de acordo

⁴ Na obra de Freud a consciência é designada em palavras diferentes: Bewusstessein, a consciência psicológica; e Gewissen, a consciência moral. A que me interessa é a Bewussetessein.

⁵ Temos uma disposição biológica, genética de uma espécie humana (CHARLOT, 2020).

com a educação que recebe” (LE BRETON, 2007, p. 65). Noutras palavras, o corpo só tem sentido com o atributo do vislumbre cultural do homem. Le Breton (2007) ainda acrescenta:

A única universalidade consiste na faculdade de mergulhar na ordem simbólica da sociedade, ela é esse privilégio de manifestar-se como um ator num mundo de significações e de valores que nenhuma cultura esgota. A condição do homem (e também a extensão física de sua relação com o mundo) está sob a égide do universo de sentidos que adere a ele e mantém o vínculo social (LE BRETON, 2007, p. 65).

Por isso, afirmo que o corpo em todo tempo é uma construção simbólica, não uma realidade concreta em si, pois a ele são conferidos distintos olhares, representações e discursos que passam a lhe constituir sentidos, que podem até ser contraditórios de uma sociedade para outra. Parafraseando Le Breton (2011), o corpo e as noções sobre esse parecem ser tão evidentes, todavia, é a coisa que mais não se apreende, é objeto incompreensível. Ele não foi, nem será um fato indiscutível, mas de certo, ele sempre foi, é e será efeito de uma construção histórica, social e cultural.

2.1 Introdução ao corpo

Temos a intenção de trazer, a partir desta subseção de tese, discussões que trazem problemáticas relacionadas ao corpo. Nela, tentaremos discutir alguns aspectos a fim de explicitar uma visão não apenas biológica, mas numa dimensão histórica, filosófica, cultural e psicanalítica do corpo. Nesse sentido, é imprescindível perceber o homem como indissociável do seu tempo e espaço, em que os discursos, sentidos e significados atribuídos ao corpo se deslocam, mudam, derivam e se transformam a partir do olhar de quem fala, da sua época e área do saber.

Não se tem a intenção de cessar aqui uma discussão sobre este objeto polissêmico e muito menos trazer concepções ditas como verdadeiras ou corretas, mas apenas a possibilidade de discutir na seara acadêmica como o corpo é considerado uma entidade de relação, de desejo, de discurso, de instituição cultural, social, histórica, educacional, psicanalítica e de relação de poder.

Essas diversas concepções sobre o corpo sofreram transformações durante a história principalmente por motivações religiosas, políticas e econômicas das classes que detém o poder dominante desses períodos. Os seus reflexos, desde a Grécia Antiga até a nossa contemporaneidade são responsáveis pela forma como o concebemos e o compreendemos. Passando a ser um discurso interdisciplinar das diversas áreas da ciência levando a compreender os sentidos, os significados e os discursos do corpo em nossa sociedade, sobre o que se diz dele em relação ao olhar do outro e do mundo.

Não se pode falar e pensar em corpo e não o relacionar a um processo histórico, constituído de discursos, contradições, manifestações e de sentido que está sempre em curso, derivando em sua complexa relação com o outro e o mundo, significando em seu percurso histórico o atravessamento do tempo e chegando até nossas ocasiões presentes.

Desta forma, faz-se necessário fazer um apanhado histórico sobre as transições pelas quais o corpo passou através dos anos e que os significados atribuídos a este não são fixos, mas efêmeros e se deslocam no tempo, nos lugares e nas formas que se fala sobre ele.

2.2 O corpo – história, sentidos e significados

O corpo se encontra em um local privilegiado nas ciências humanas, biológicas e sociais. É a partir dele que se dá a relação e conexão dos fenômenos culturais, sociais, políticos, biológicos e históricos da sociedade humana e da sua própria existência no mundo físico e das ideias, do pensamento. Discutir sobre corpo é questionar os sentidos e significados que lhe são atribuídos, desde a antiguidade ocidental até nosso tempo contemporâneo. Pensar a sua noção é também dar margem aos sentidos que são conferidos e não cabem ser somente discutidos e diminuídos às questões biológicas, mas, além disso, pensar na possibilidade de um corpo interpelado numa promoção social, sobre os sentidos e significados sociais e históricos que foi/é aceito ou rejeitado na seara social humana, sofreu e sofre variações históricas durante seu percurso numa sociedade hegemônica, da qual nos tornamos herdeiros privilegiados.

O corpo, antes de tudo, é como um virtual na condição de encarnado, é resultado do pensamento histórico ocidental, uma sobreposição de sentidos e significados que pesam acerca das formas como o vemos, falamos, sentimos, percebemos e sobretudo, como pesquisamos sobre e o concebemos. Temos a falsa impressão que a forma como nos relacionamos e sentimos é única e singular. Escravos das interpelações ideológicas e inocentes sobre nossa autonomia, temos notas que somos isso ou aquilo, mas não temos consciência de sermos registros de códigos e leis de uma cultura que antes mesmo de nascermos já se consolidavam diante da nossa existência, do nosso corpo, dos desejos e acerca as formas de se relacionar com o outro e o mundo.

Por ter uma nuance polissêmica⁶, o corpo é um imperativo de múltiplos olhares nas diversas áreas do campo das ciências. Desde o surgimento do pensamento filosófico e científico, instalou-se como um objeto unicamente humano. Pensar em corpo alude pensar nas

⁶ Que pode ser descrito, falado, discutido e pesquisado a partir de vários olhares de diversas áreas do conhecimento científico acadêmico e também do conhecimento empírico de diversos grupos sociais.

implicações do homem como ser de relações que a todo tempo está confrontado com aquilo que lhe humaniza, socializa, singulariza e o torna universal.

Podemos afirmar, desta forma, que o corpo é sempre provisório, em trânsito, ele é resultado das relações do sujeito em um determinado tempo e espaço, das conexões feitas entre o homem e a sociedade. Então, a ele foram atribuídos valores, sentidos e significados ao longo da história. Suas imagens, representações e discursos são múltiplos que lhe fazem sair da propriedade do biológico, do biomédico ou físico e o confere na esfera do social, do cultural de uma herança unicamente humana. Pensar e discutir corpo é um atributo unicamente humano e, por isso, atravessa valores e significados próprios (LE BRETON, 2007; 2011).

Desse modo, o corpo, aqui em destaque, é aquele que alcança a subjetividade. A forma como uma pessoa vê o seu corpo e do outro é única dentro de um tecido coletivo. Isto é, há um jeito único de sentir e experimentar sensações de um sujeito no qual o social lhe contribuiu, pois há diferentes formas de sentir o mundo, mas que o significado social o permitiu sentir da forma que sente (LE BRETON, 2007; 2011). Ao mesmo tempo em que o corpo é singularidade, ele também é social. Há uma disposição singular de ser social e social de ser singular que cai no bojo do sentido e do significado atribuído ao corpo (CHARLOT, 2000).

Pertencendo ao campo do social e da história, o corpo tem mais afinidade à cultura do que à sua própria biologia. Com atribuições pertencentes à dimensão humana, o biológico torna uma contribuição com pouca significância no que se refere às questões da corporeidade, aos discursos, representações e aos significados constituídos. É por isso o investimento no corpo enquanto social permeada pela instituição do Outro. Há mais do Outro em nossa forma de ser e estar do que a nossa própria consciência nos confere. A posição ocupada pelo corpo pertence mais a ordem da lei, não natural, do que sua própria biologia⁷. Por isso, suas representações, significados e imagens são sempre provisórios, em trânsito, pois ele é regido pelo processo histórico-social estabelecido no mundo humano, embebido no líquido amniótico da cultura.

Para constatação de que os sentidos e significados do corpo é histórico-social, passemos a visitar os pensamentos institucionalizados sobre ele.

⁷ Cabe salientar que não se faz aqui nenhuma negação à biologia do corpo, pois também somos biológicos.

2.3 O corpo e sua instituição da Grécia Antiga para a Idade Média

Como o corpo passou a ser instituído? Voltando para a Grécia Antiga, deparamo-nos com noções de um corpo que está sempre em oposição. A oposição e distinção que foram instituídas entre alma e corpo fazem parte de uma narrativa histórica que teve sua gênese na ciência e filosofia grega e não se corresponde em outras sociedades, como as orientais.

Antes do pensamento filosófico ocidental atual, os pré-socráticos não faziam distinção entre corpo e alma. Para o filósofo Empédocles (490-435 a. C.), por exemplo, os elementos da natureza como água, fogo, terra e ar eram reunidos sem que houvesse oposição entre eles. Neste pensamento do grego antigo, a alma e corpo não se opunham. Os cadáveres eram enterrados por seus familiares como uma forma de fazer regenerar-se no nascimento de um novo corpo. Para eles, o corpo e a alma se harmonizavam numa unidade que não se dividia. Como unidade viva e visível, os gregos cultivavam seus corpos por meio da alimentação e da prática da ginástica tornando também sua alma mais nobre e a perfeição de um corpo forte e saudável (CARDIM, 2009).

Foi a partir da aurora do pensamento platônico que surgiu a oposição corpo e alma. A dicotomia surge no pensamento ocidental a partir de Platão (429-347 a. C.) e Aristóteles (348-322 a. C.). O platonismo leva a superioridade da alma ao corpo, levando a acreditar que o próprio corpo deveria ser subjugado e a alma elevada. Platão já investigava sobre essa questão, pois, para ele, o corpo era a prisão da alma. E enquanto a alma se encontrasse atolada na corrupção, jamais se poderia alcançar a verdade que tanto deseja sobre ele (CARDIM, 2009).

O pensamento dos pré-socráticos traz uma ideia de como a metafísica substituiu o pensamento dominante, pelo menos o oficial de uma Grécia Clássica, como lugar que proliferou o saber da humanidade. Com isso, substituiu um pensamento no qual o corpo tinha outro lugar, onde ele tinha uma ideia de uma materialidade maior que o próprio pensamento. O corpo era a existência da própria pessoa. Com o platonismo, o corpo passa por um momento em que há a quebra desse pensamento clássico para o pensamento metafísico⁸.

A metafísica platônica, como a entendemos, cria o dualismo, ou seja, a Idade Média que só foi possível por causa dessa metafísica platônica e por seguinte na aristotélica. A Patrística, com Santo Agostinho e a Escolástica, com São Tomás de Aquino só foram possíveis a partir de quando o homem começa a pensar que existe o corpo e existe uma alma.

⁸ Esse pensamento não era generalizado na cultura grega, a metafísica, a filosofia, era para poucos. O que de fato muda esse prisma sobre o corpo é o cristianismo, que se baseou na filosofia platônica e depois na aristotélica.

Isso coloca o corpo em oposição a uma outra substância, que é superior a ele, a alma (LE GOFF; TRUONG, 2006).

A Idade Média era uma época de muita resistência à deformidade do corpo, da ideia do riso, da alegria, que para a igreja era necessário o sofrimento, era necessária a não alegria⁹. O medievo é considerado e conhecido como tempos das trevas, mas o que não se diz muito dele é sobre quase um milênio de muita produtividade. Como exemplo, na arte gótica com suas catedrais, a poesia lírica dos trovadores e as obras de filósofos de grande originalidade que demonstram quão errônea é a imagem que foi construída dessa época (LE GOFF; TRUONG, 2006).

Neste momento da história, tem-se a ideia de que o corpo sofredor, mutilado e castigado teria um momento de iluminação. Havia uma ideia na Idade Média ancorada na tese de que o sofrimento levava à redenção da alma e à salvação. Em que o flagelo do corpo produz a reclinção da alma. No entanto, essa ideia de sofrimento não era nova na história em termos de sofrimento. Na lei de Talião, século XI e X a. c., já existia o sofrimento. Nessa época, era somente como castigo, mas sem intenção de salvação da alma. Ou seja, a ideia de sofrimento na Idade Média era diferente, com intuito de elevar a alma e diminuir o corpo (CARDIM, 2009).

Dessa forma, essa ideia que acompanha o pensamento cristão e filosófico da época, produz a culpa do ressentimento, de ser diminuído, a redenção de uma alma que é limpa, bonita e que deve ser aumentada. Uma sacralização da alma e dessacralização do corpo.

Nesse momento, surgiu técnicas de torturas que serviam para fazer as pessoas confessarem. Para a igreja, não importava se o sujeito interrogado tinha feito ou não a heresia, mas que confessasse ser culpado, uma confissão sem autoria. Porque era nessa confissão, das coisas que os hereges não fizeram, que a sociedade medieval se “alimentava” e se mantinha (GÉLIS, 2008).

A intenção de usar o sofrimento como uma possibilidade de domínio da alma é um marco do medievo. A ideia de dominação culpando pela dor, como processo de adestrar e de domar humano. Diante desse contexto, chegamos aos seguintes questionamentos como: qual sentido de fazer o corpo sofrer? O que significa diminuir e castigar o corpo? Há um significado social para a época. Significado este que sai do coletivo e imbrica no corpo de cada sujeito. O pensamento cristão dominante cria e se apodera do significado do sofrimento.

⁹ No romance histórico “O Nome da Rosa” do escritor Umberto Eco e no filme adaptado por Jean Jacques Annaud é possível perceber como a ideia do riso e da alegria era considerada pecado para quem a sustentasse na Idade Média.

O sacrifício do corpo conseguiria o aproximar e agradar ao Deus cristão, ao contrário das religiões politeístas, nas quais o homem pode ser a incorporação dos seus deuses (GÉLIS, 2008).

Diante disso, no cristianismo, há um deslocamento entre o divino e o humano. E toda essa ideia foi fundamentada no pensamento agostiniano, na Patrística, na qual vela-se um Deus que não está no homem. E essa ideia de que Deus não está nas pessoas as deixam fracas e culpadas. Esse longo período da história da sociedade humana trouxe a ideia de um corpo diminuído, policiado e reprimido a todo o momento. Sendo uma criação do cristianismo, a ideia de culpa foi uma invenção do pensamento cristão ocidental constituído na alta idade média. Um pensamento teológico criado na busca da reconciliação entre a fé e a razão a partir da interpelação filosófica platônica para dominação e vigilância do corpo na tentativa de livrá-lo do pecado (GÉLIS, 2008; LE GOFF; TRUONG, 2006).

2.4 O corpo a partir do advento da modernidade e da contemporaneidade

Com o renascimento, o corpo passa a ter uma nova concepção, torna-se objeto da medicina moderna, deixa de ser morada da alma de uma natureza divina e começa a habitar as práticas de anatomia, de teorias científicas e da racionalidade, sendo dissecado e centro de interesse de diversas experiências. Antes constituído como sede da alegoria do divino, ele torna a ser destituído dos sentidos produzidos no medievo, dando espaço a novas significações e interpretações no campo científico. É nesse contexto, então, que a concepção de corpo se destitui do sagrado e passa a habitar o terreno da ciência na medicina, na condição de um corpo e de homem responsável pela produção de conhecimento (CARDIM, 2009).

Nesse espaço de tempo, sentidos e valores sobre o corpo e o mundo são constituídos. A gordura – enquanto corpo e alimento – durante os séculos XVI e XVII era sinônimo de saúde e fartura, biótipo referido ao corpo saudável e belo, ao contrário da magreza que era considerada uma característica moribunda atribuída aos pobres e aos destituídos de beleza (COUTRINE, 2008).

As representações de corpo são concebidas de formas diferentes ao longo dos séculos. Vemos também que no século XVIII, o corpo passa a ser considerado como uma espécie de máquina, tornando a ser conhecimento da ciência a sua complexidade e os seus mecanismos internos ainda desconhecidos. O corpo, além de máquina, passa pelo crivo¹⁰ de ser educado fisicamente, a educação dos corpos, uma vez que na sociedade ocidental as interpretações de

¹⁰ Filtro, olhar, interpelação.

saúde e caráter passam a ser atribuídas pela aparência física de cada sujeito, na formação do cidadão.

Nasce um novo olhar sobre o corpo e a respeito do homem na passagem do século XVIII para o XIX. De um corpo que era cárcere da alma e agora destituído dela, o homem passa a ter uma concepção diferente sobre si, de um corpo em evidência. Tudo começa a ser medido e padronizado, a ser estigmatizado como patológico e saudável a partir de medidas. A antropometria torna-se um instrumento científico que classifica uma ‘verdade métrica’ do corpo para atribuir valores morais, características raciais e diferenças sexuais. As diferenças de raças, sexo e aspectos físicos passaram a ser medidos e estigmatizados pela ciência e, sobretudo, pelas ciências médicas, a fim de creditar o que era normal e patológico, desviante (COUTRINE, 2008).

O Índice de Massa Corporal (IMC), no século XIX, por exemplo, era empregado para estabelecer padrões de normalidade e de saúde entre a sociedade, por meio do discurso da biociência que estabelecia verdades e padronizava corpos ditos dentro da normalidade. O IMC era um guia estatístico para estabelecer o peso e o corpo ideal de cada sujeito dentro da normalidade, sobretudo, o corpo magro. A partir do olhar antropométrico, pode-se normalizar o corpo ideal ou perto desse, o qual determina medidas de caráter opressor e de poder normalizador dos corpos que nascem e dos que são desviantes (MANDRESSI, 2008).

A frenologia, por exemplo, utilizava das formas do crânio de uma pessoa como o indicativo das suas faculdades e das aptidões mentais, os seus laudos por meio das formas anatômicas acusavam as pessoas que concluíam serem perigosas ou não para a sociedade, tendo uma forte influência no campo da psiquiatria como uma pseudociência (MANDRESSI, 2008).

Ainda no século XIX, com a ginástica, os corpos fracos, indisciplinados ou desviantes deveriam ser corrigidos com o advento do higienismo e da eugenia como legitimadores de práticas sociais que levam a classificar aqueles que são normais, saudáveis, bonitos ou moribundos, feios e anormais. Hábitos ditos saudáveis e higiênicos seriam, para a época, úteis na conservação, cura, normalização e educação do corpo (COUTRINE, 2008).

2.5 Outros rumos no contemporâneo

Do corpo coberto, resguardado e sede do pecado na Idade Média, passando pelo corpo assessorio dos séculos XVII e XVIII, chegando ao corpo estético do século XIX e XX, as representações de corpo perfeito começam a ser um horizonte desejado e longe de ser

alcançado. A corrida utópica toma partido da instrumentalização científica como canal para se chegar à perfeição (COUTRINE, 2008).

Os sentidos sobre o corpo tomam outros rumos no campo da ciência e da estética, mas não deixam de depender do seu meio social. O estatuto do corpo é inseparável da ordem social. Hábitos dietéticos, formas “saudáveis” de se alimentar, regimes severos, exercícios físicos, cirurgia estética e uso de medicamentos estão associados ao desejo do corpo perfeito e jovem. Atualmente, mais do que nunca, o corpo é estereotipado, onde a norma social dita caráter por meio da aparência física. Os valores de uma pessoa são inerentes à sua beleza em detrimento ao corpo gordo, preto e de cabelos crespos que são estereótipos considerados negativos e, por isso, devem ser evitados. O corpo físico passa a ser a marca de maior atenção dos sujeitos, o passaporte e carta de apresentação do que se é e do que se tem, e de *status* social (MEDINA, 2000).

Não se trata mais de corpo com saúde, mas de aparência saudável e de naturalidade. O que é mais importante é não escapar da ordem social legitimada pelos discursos científicos patrocinados por empresas que ganham com a estética da população e àqueles corpos que se desviam da ordem, devido a isso, o que lhes restam é a culpa de não serem belos e desejados.

Adentramos no século XXI, com os resquícios do período secular anterior no qual a palavra de ordem é ter saúde, o corpo agora é objeto de interesse do capitalismo, ainda veiculado ao padrão de corpo ideal. Com ideais farmacêuticos e com o discurso pautado no valor científico, as concepções sobre o corpo ainda se encontram nos paradigmas clássicos/modernos que se asseitam na preleção biomédica e científica hegemônica da cultura ocidental na oposição entre o normal e o patológico (COUTRINE, 2008).

Há uma luta simbólica sobre o corpo na sociedade contemporânea vigente. Os sentidos, valores e significados que lhes são atribuídos estão permeados pelo desejo de um corpo que nunca pode ser alcançado, pois, como constructo social, sempre estará em movimento buscando uma concretude, uma estabilização sem sucesso naquilo que nunca se completa, pois sua principal propriedade é a falta.

Percebemos, então, que a questão do corpo atravessa a antiguidade até o nosso tempo. Diga-se de passagem, que a história humana permanece porque o corpo existe, porque se fala sobre ele, o canal pelo qual os sujeitos continuam a ser porque seus corpos existem e resistiram ao tempo, dando sentidos e significados que lhe são próprios e coletivos em um processo dinâmico.

2.5.1 E agora?

Entramos na pandemia e esse intervalo de tempo tem que ser registrado na tese, Eanes. Além dos aplicativos que entraram em evidências na web e nas redes sociais durante esse período (WILLDSON NASCIMENTO; VELEIDA CHARLOT, 2021).

Os significados, sentidos, discursos e modos de produção de corpos são dinâmicos diante do espaço e o tempo que ocorrem. As formas de relações e de comportamentos que transitam nas redes sociais, tais como: Tik-Tok, Instagram, Facebook, Telegram, Whatsapp, cuja maioria das pessoas não as utilizam apenas como meio de comunicação instantânea, mas usam como aplicativos de filtros para melhoramento da sua aparência ou trazer notoriedade, likes e seguidores em massa. Assim também os *realities shows* mostram de forma “nua e crua” pessoas comuns e pessoas públicas como elas são, seus corpos nus, vestidos, harmonizados, maquiados ou não. Uma mistura de corpos em espaços públicos, privados ou isolados em uma casa, fazenda ou praia deserta demonstrando os limites que podem os corpos, confundem, distorcem, disputam, ganham e desejam notoriedade a todo custo se tornam comuns e evidentes.

As formas de relações instantâneas e efêmeras alimentam a cultura do cancelamento em rede social que inclui ou exclui de forma imediata uma pessoa ou um corpo que não lhe agrada ou não serve mais para ser amigo ou amiga, seguidor ou fã clube. A instantaneidade das redes e sua rapidez possibilita às pessoas liquidez em suas relações e nas formas de contemplar seus corpos, mudando da apreciação à mutilação dos mesmos por não se encaixarem ou serem desproporcionais a certos padrões das redes sociais (BAUMAN, 2001).

Ainda com a intenção de situar lugar e época para os leitores, faz-se necessário dizer que antes da conclusão desta pesquisa, adentramos na pandemia que foi oficializada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 17 de março de 2020. E dentro desse cenário, no Brasil, aconteceram alguns eventos “bárbaros” que não merecem passar despercebidos nesta tese e nesta subseção.

O primeiro se refere ao negacionismo diante da ciência e da vacina pelo governo federal brasileiro. Enquanto milhares de brasileiros internados, entubados e morrendo em hospitais superlotados, com falta de leitos e fila de espera infindáveis e angustiantes para cuidadores e os que precisavam da assistência médica adequada. Há, por outro lado, um governo que continua a negar as evidências da pandemia, o vírus Sars-Cov-2 e todos os protocolos emitidos pela OMS e órgãos competentes de saúde.

Diante desses acontecimentos, as formas de se relacionar e ver o corpo mudam (LE BRETON, 2007; 2011) e as formas de se produzir o corpo também (VYGOTSKY, 1989; OLIVEIRA, 1995), um corpo que se afasta, cuida-se e se previne da não infecção por um vírus. Mudando hábitos e formas de viver, ressignificando-os, adaptando-os e se mantendo, preservando-os para não adoecer e morrer. O desejo também se junta com a norma para manter a sua sobrevivência (LACAN, 1998; QUINET, 2012), as formas de se relacionar são mudadas por um denominador comum, não transmitir e nem ser infectado pelo vírus para não ficar doente e/ou morrer. Há outro denominador comum, agora, junto ao Outro, acabar com a pandemia, mas cabe à soma das partes desse Outro para que isso ocorra.

Há um conflito de interesses na dinâmica do desejo e da norma diante desse Outro. Existe um governo que nega o uso dos protocolos sanitários e utiliza de diversos dispositivos para fazer a população se contaminar. População, essa, pobre e pouco assistida de recursos básicos para sobreviver (alimentação, acesso à saúde, educação e ao lazer). Tem um desejo da população brasileira, quiçá, mundial, para que todos possam voltar ao “normal”, seguindo os protocolos (normas) que devem ser mantidos com o objetivo fim de acabar com a circulação do vírus e a possível finalização da pandemia.

Com todos esses processos e acontecimentos locais e mundiais, o corpo continua produzindo sentidos e significados, todos frutos de uma cultura que se implica ao corpo. Dessa forma, ainda é mister adentrarmos neste campo vasto e de discussão fértil.

2.6 Os Significados da Cultura no Corpo

A criança nasce nua nos braços do ser humano. Quem pega essa criança é um ser humano vestido. Esse ser humano vestido é um corpo vestido, uma cultura (VELEIDA CHARLOT, 2018).

Atualmente, na área da educação, fala-se muito sobre corpo (NOBREGA, 2005; SOARES, 2007). Junto a ele, é possível criar adjetivos diversos e discutir sobre uma série de coisas que lhe dizem respeito. O corpo, como sede de onde partem todas as coisas, será nosso objeto do dizer nesta parte do texto. É por meio dele que iremos fazer suscitações dos seus significados impressos diante da cultura. É a partir do corpo que a cultura existe, em outras palavras, a cultura só existe porque o corpo existe, isto é, ambos são indissociáveis. Por isso, torna-se impreterível abrirmos uma discussão e reflexão sobre o tema em voga.

De antemão, procuramos em Geertz (1978) o que poderíamos conceituar como cultura, já que é uma questão central quando se fala sobre corpo. O que faz um sujeito saber que um aperto de mão é um sinal de cumprimento ou de contrato? Que uma balançada da

cabeça de um lado para o outro seja uma negação? Que faz um sinal de dedo polegar levantado para cima ou para baixo representar algo positivo ou negativo? Um ato simbólico tem muito a dizer sobre uma pessoa e o papel de uma cultura na qual ela está inserida. É nesse bojo de rede de significados, que o homem estabeleceu comportamentos e gestos como partículas, sinais de uma cultura.

A cultura é um campo de sistema simbólico de grupos sociais. Além disso, afirma Geertz (1978), ela é formada de estruturas psíquicas, por meio das quais as pessoas ou grupos de pessoas conduzem, reproduzem e fabricam comportamentos, condutas padronizadas e também alcança o universo do discurso humano, suas contradições e conciliações. O conceito de cultura é polissêmico e cabe a nós adotarmos o que está dentro da dimensão do comportamento, dos processos simbólicos e do discurso, campo de discussão do nosso interesse.

Pretendemos de início, colocar algumas questões em pauta: o que é o corpo? E o que se diz sobre ele? E qual a necessidade de falar sobre ele? Quem define atributos e padrões a respeito dele? Inicialmente, podemos afirmar que é uma condição cultural, é um extrato da cultura, é seu resultado. Embora não seja física, a cultura precisa encontrar um lugar para se encarnar e é nele que ela encontra essa possibilidade. Ele é o único local no qual a cultura se encarna, é cultura encarnada, é sua síntese (LE BRETON, 2007). A cultura é pública porque os seus significados o são. Ela é um documento de atuação no corpo e junto a esse se torna pública, histórica e simbólica, parte única do processo de perpetuação do sujeito humano.

Dessa forma, não podemos pensar sobre corpo descartado de sua cultura, ou seja, como um corpo natural. Não existe corpo natural, não podemos imaginar um corpo que não seja produto cultural. Natural é tudo aquilo que não sofre interpelação, talvez o natural é aquilo que ainda não é conhecido, anterior a tudo, pois não sofreu nenhuma intervenção daquilo que lhe é externo, em suma, não existe corpo natural. Assim, toda ou qualquer característica, qualidade, discurso ou palavra associada ao corpo é fruto de uma ação, de um movimento cultural, coletivo e ao mesmo tempo singular que faz sentido para um grande grupo e também para um sentido restrito, particular, para mim, você e para outrem. Falar de corpo é discorrer sobre esse objeto de possibilidade, de potencialidades individual e coletiva. Então, não há nada de natural no corpo, pois ele é a própria síntese da cultura (LE BRETON, 2007; 2011).

O homem em seu estado biológico de desenvolvimento sempre precisou do meio de onde vive para chegar ao seu estado atual, isso só foi possível por meio do processo de apropriação cultural, o homem só existe porque a cultura lhe garantiu sobrevivência. A

assimilação de comportamentos, hábitos e ações contribuíram para a transformação do seu componente biológico. A biologia do homem é indissociável de sua cultura. Esta virtualiza-se na biologia humana e, por isso, a capacidade de produzi-la é unicamente do ser humano. Desse modo, a cultura é inerente à condição humana, pois é responsável pela sobrevivência enquanto espécie, o meio da existência do homem, enquanto humano. Parafraseando Geertz (1978), o homem só é homem porque ele é cultura. E por ser cultura ele é um ser exclusivamente cultural, no campo da antropologia que se estende para as outras áreas do conhecimento, como a educação.

Na academia científica, o corpo ainda é compreendido majoritariamente numa seara biológica, como uma entidade em detrimento à cultural (LE BRETON, 2007). Essa forma de pensar o corpo biológico na academia traz a impressão de que existe um corpo natural ou até mesmo pré-cultural. Ou seja, que ainda esteja imunizado, separado ou protegido da interpelação cultural ou anterior a essa. Concebe-se o corpo e o homem como duas coisas distintas e que não cabem na eminência da cultura. Como se quisesse achar um homem e um corpo pré e pós-cultural, na esperança de dizer que um dia fomos apenas carne e depois, por sermos perecíveis, contaminados pela cultura. Em suma, ser humano é ser cultural, é uma dialética, pois não se pode pensar no homem sem a cultura e um não existe sem o outro, sempre a cultura já existe, assim como o corpo à sua associação. O homem já-é-cultural.

As expressões humanas, o andar, falar, sentar, os cumprimentos e diversos outros movimentos e gestos, são incorporações da cultura, são os conteúdos que se instalam no corpo dos sujeitos interpelados. Somos, antes de tudo, um substrato cultural, somos o resultado de um processo de assimilação, interpelação, apropriação de uma equação cultural, de costumes, valores e normas sociais. Entre um sujeito e outro há um denominador comum, a cultura. E por sermos culturais, temos características e comportamentos que nos acusam ser de um determinado lugar, região e época. As formas de vestir, falar e até o que comemos diz muito sobre quem somos e de onde somos. O Cuscuz com ovo no nordeste brasileiro é uma comida que se encontra em todas as mesas, totalmente diferente de outras regiões do Brasil. Um brasileiro e um francês têm formas diferentes de andar, de sentar à mesa e de sentir dor, de gesticular, são movimentos culturais que lhes são próprios e distintos de outros sujeitos de qualquer outra nacionalidade (MAUSS, 1974).

Então, somos o valor de X de uma equação cultural e o seu resultado é diferente de acordo com suas variáveis. As representações do corpo é o resultado direto de uma cultura da qual ele faz parte, está inserido e que também age sobre ela, sobre sua dinâmica.

Os corpos são diferentes, assim como sua cultura também é. E o fato de serem diferentes não significa que seja melhor ou pior, não há juízo de valor. Há um jeito idiossincrático de ser, mesmo pertencendo à mesma cultura ou à outra diferente. Cada corpo ou sujeito tem um jeito e uma forma de lhe ser singular, com valores próprios, que comungam em direção a um patrimônio universal, humano, no qual se constituem significados. É dessa constituição de significados que discutiremos a partir de agora desse ser humano universal com diferenças e semelhantes físicas e culturais.

As maneiras de se comportar e significar o corpo são próprias de cada sociedade. Marcel Mauss (1974), a partir da caracterização de movimentos e gestos corporais de diferentes sociedades, chegou à conclusão de que cada performance é própria de uma cultura específica, sendo que essas formas de se movimentar são passíveis de serem transmitidas como herança cultural de um povo sobre gerações vindouras as quais lhes atribuirão significados únicos. As técnicas corporais de uma sociedade são passíveis de transmissão, como um hábito tradicional hereditário que passa de pais para filhos, de uma geração para outra. Para Mauss (1974), só é possível falar em técnica corporal, por ela ser uma expressão única da cultura. É por meio das técnicas, das formas e dos dizeres sobre os corpos que os significados são atribuídos, pois há tantas formas de corpo para a quantidade de sociedades que lhe corresponde. As culturas são múltiplas, assim como também são seus significados, discursos, representações e elementos que as constituem e que lhe são específicos.

A multiplicidade e potencialidade do corpo não pode ser reduzida a um objeto puramente biológico, mas considerá-lo numa associação entre o que é orgânico e cultural, num sincretismo entre o biológico, o que lhe é virtual, não natural e o que o torna humano. Considerar a sua naturalidade é negar sua cultura. Um corpo natural é um objeto não atingido pela cultura, é negar a condição humana como anterior a essa, como um pré-requisito da cultura, pois ele é a própria manifestação da cultura encarnada, um já-cultural, que não se dissocia, mas sempre já é.

O que incide o significado sobre o corpo não é a sua dimensão biológica, pois essa generaliza em semelhanças genéricas, universais. A incidência dos sentidos sobre o corpo são as formas que seus movimentos e gestos específicos se realizam e se sobrepõem a toda ou qualquer atividade corporal. Isto é, a forma cultural de ser, a qual define os significados sobre os movimentos, então, não há nada mais cultural no corpo do que seus próprios movimentos, esses não cabem num dado puramente biológico, mas num produto cultural próprio de significados atribuídos em diferentes sociedades que os define.

Os movimentos, os gestos e as posturas corporais falam muito dos valores, princípios e da identidade de uma cultura na qual o corpo está inserido. O movimento é um ato cultural, o corpo é um ato e objeto cultural. Que não o concebamos num reducionismo biológico, mas que o consideremos num campo mais amplo da sociedade humana. Fazer parte dessa cultura humana é se dispor às diferenças, semelhanças, significados que lhe compõem (LE BRETON, 2007).

E por lhe atribuir significados, também são conferidos discursos, os corpos sobre os quais os discursos não lhes escapam. O corpo não fala sobre ele mesmo, mas se fala muito sobre ele, e cada discurso será sempre mais um no bojo de um dizer que se prevalece sobre o outro (DAOLIO, 1995; KOFES, 1989), levando em consideração que, em lugares e épocas diferentes, o discurso muda, transforma-se, assim como seus sentidos e significados.

2.7 Discursos, sentidos e significados sobre corpo

À medida que nos preocupamos com os significados e sentidos atribuídos ao corpo automaticamente nos preocupamos com os discursos sobre ele. Com isso, os discursos dizem muito sobre as concepções que são dadas, às suas representações e justificam determinadas práticas culturais que o envolvem. Nenhum discurso é neutro, ele é certo e tem uma meta, um sentido. Os discursos que nos parecem simples no cotidiano chegam até nós carregados de sentidos que, muitas vezes, não sabemos como se constituíram, mas trazem uma carga de significados sócio-histórico-culturais que se manifestam na língua, no dizer, com sentidos e efeitos de sentidos múltiplos, variados e não são transparentes, mas nos atingem e nos interpelam causando e produzindo efeitos (ORLANDI, 2009).

Os discursos sobre o corpo, por princípio, nunca se fecham. Por ser palavra em movimento, está sempre em percurso e se derivando. Considerando que não se reduz apenas em palavras ou textos, mas em práticas, assim como vimos em discursões anteriores. E é nesse sentido que também o consideramos como uma prática, ou um conjunto dela que vai se constituindo com a história da sociedade, tanto como uma prática discursiva quanto simbólica do corpo e sobre o corpo (ORLANDI, 2009).

Desta forma, o corpo produz sentido para uma pessoa e para uma sociedade, o discurso sobre ele é um espaço significante. E como objeto simbólico, também é objeto de interpretação e uma zona fértil de sentido. O corpo produz sentido e isso significa que os discursos sobre ele podem ser interpretados, assim como os sentidos também. Como uma peça de linguagem, cabe dentro de um processo discursivo que deve ser considerado, ou seja, o discurso está para o corpo, assim como o corpo está para a linguagem e essa para aquilo que

lhe significa no campo do simbólico, a partir de mecanismos discursivos próprios, causando efeitos e sentidos configurados (ORLANDI, 2009).

As concepções sobre corpo se transformam ao longo do tempo, assim como os discursos aferem sentidos diferentes. Seus paradigmas refletem as diversas formas que são concebidas as instâncias de pensar sobre o homem e sua corporeidade, sejam da sociedade ocidental ou oriental se falam coisas e elas transmutam, derivam, (re)significam, perdem-se e dão gênese a novos discursos, dizeres que se decantam no tempo e no espaço com novos vieses e sentidos.

Os discursos são indissociáveis de sua carga histórica, de um campo ideológico do Outro que lhe atribui sentido desprovido de neutralidade. A instituição do Outro pesa sobre o dizer do sujeito que não tem autonomia sobre seu discurso, pois o que esse diz o Outro já o disse (ORLANDI, 2009). Por sermos assujeitados e interpelados pela ideologia, temos a falsa impressão de autenticidade sobre o que dizemos, tendo uma grande facilidade de imitar os outros, os dizeres já ditos e uma substancial dificuldade de termos autoria sobre o que dizemos.

Temos a falsa impressão de ter ciência sobre o que falamos, como se fosse nosso o modo próprio do dizer sobre isso ou aquilo. Há muito mais do Outro em meu corpo do que minha consciência consegue perceber. Construimos uma imagem sobre o corpo, imagem corporal do espectro do outro, imitando-o, perdendo certa originalidade. Que consciência um estudante universitário de medicina, um praticante de Yoga, um atleta, uma pessoa com doença crônica severa e um sujeito com fibromialgia têm dos seus corpos? É necessário que se reflita diante de um contorno cultural estabelecido entre esses sujeitos, suas experiências relacionadas às suas atividades corporais. Os aspectos culturais do uso ou saberes corporais desses sujeitos estão relacionados diretamente à consciência que esses têm de corpo (KOFES, 1989). Consciente ou inconscientemente, temos formado representações e significados culturais carregados de esquemas de configuração e desfiguração de imagem do corpo.

Os discursos formam os corpos, o corpo existe porque o discurso o faz ser, o coloca em evidência, está nas relações sociais. Cabe a nós, pesquisadores, interpretarmos o fluxo desse discurso que é social e implica na tentativa de salvar um corpo naquilo que lhe é inteligível, também no campo do não inteligível, do dito e do não dito, dentro do universo do discurso humano que compreende a cultura de um povo.

A partir deste momento, a primeira voz do autor, que vos escreve, começará a dar espaço para o campo dos teóricos. Dessa forma, adentraremos num campo mais específico desta pesquisa. Faremos, a seguir, um panorama das pesquisas feitas em âmbito de pós-

graduação no Brasil, as quais têm alguma afinidade com esta pesquisa. Em seguida, após esse panorama, discutiremos os teóricos que fundamentam esta investigação – configurando-se como a segunda voz da pesquisa depois do pesquisador – e os conceitos que a norteiam e dão forma ao nosso objeto e suporte fundamental para seu percurso até culminar na parte da pesquisa empírica com os estudantes da UFS.

2.8 Um breve panorama das pesquisas que têm o corpo como objeto de estudo

Nesta subseção, tenho como objetivo apresentar um breve panorama das pesquisas acadêmicas em nível de pós-graduação das universidades brasileiras, cujo objeto de estudo seja a temática corpo, a fim de verificar as propostas dessas investigações para posteriores tomadas de decisões em minha pesquisa. Para tanto, escolhi três bases de dados. A primeira, o sítio da Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) dos anos 2013, 2015 e 2017. Segunda, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com recorte temporal que datam dos anos de 1991 a 2017. E, por último, o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com pesquisas entre 2013 a 2018, pois não tinha como encontrar outras pesquisas na íntegra, nesse sítio, antes da implantação da Plataforma Sucupira.

O *corpus* explorado foram, primeiramente, os trabalhos disponibilizados nos anais da ANPED. Além disso, teses e dissertações concluídas no Sítio da BDTD Nacional e junto a isso também as defendidas e concluídas no âmbito do *Stricto Sensu* no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Para esta última, foi necessário o acesso via Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), ambiente virtual no qual acessei a todas as pesquisas em escala nacional sem restrições, por ser estudante de Doutorado vinculado à universidade pública brasileira

Nessa oportunidade, pretendi conhecer e sistematizar as pesquisas que estão sendo feitas sobre o tema “corpo”, mais, especificamente, no que se referem aos discursos, sentidos e significados dentro e fora do ambiente institucional de educação, seja na escola, bairro, universidade ou comunidades. Com problemáticas relacionadas ou correlacionadas ao corpo e seus espectros, que fazem parte do meu objeto de pesquisa em Educação.

Foi dada a preferência de busca de informações nas plataformas da ANPED, BDTD e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES para a construção deste panorama. Essa escolha tem em vista essas bases de dados, pois reúnem pesquisadores da área, disponibilizando pesquisas que estão sendo feitas e/ou concluídas atualmente no âmbito da pós-graduação brasileira, principalmente, em Educação, área na qual esta tese está inserida.

Diante do exposto, a busca por trabalhos e pesquisas nas bases foi dada a partir da pergunta central de minha pesquisa, a qual pretende investigar sentidos e discursos atribuídos ao corpo pelos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe, tendo como principais conceitos de análise corpo, sentido, discurso, desejo e Outro.

As informações que serão exibidas foram retiradas a partir de uma árdua e exaustiva pesquisa nas bases de dados exploradas (ANPED, BDTD, CAPES). Após isso, expostas, de forma sintética, para melhor compreensão do que foi pesquisado nas principais bases de dados de produção científica do Brasil.

Para estruturar esta subseção do texto, busquei apoio em Bardin (2011), na análise de conteúdo e, mais, especificamente, a análise temática ou categorial, da qual utilizei para registro dos dados elencados. Primeiro, utilizei da leitura flutuante dos trabalhos (título, resumo, palavras-chave e, posteriormente, o texto na íntegra¹²). Dentre essas pesquisas, selecionei as com o tema corpo, sentido, significado ou palavras que se relacionassem ou correlacionassem ao espectro do tema. A partir disso, os dados foram sistematizados e dão nomes às categorias que se destacam no texto e também foram analisados via problemáticas sustentadas, além de verificação dos referenciais e métodos utilizados¹³.

2.8.1 ANPED

Nesta etapa, fiz uma leitura flutuante dos trabalhos relacionados ou correlacionados ao meu objeto de pesquisa e/ou conceitos em foco. Diante do critério proposto, selecionei dezenove trabalhos apresentados nas reuniões de 2013, 2015 e 2017, respectivamente, e em diferentes Grupos de Trabalhos (GT). Isso ocorreu, pois o corpo tem conceitos polissêmicos¹⁴, os quais mudam de perspectiva de acordo com a área e olhar dado a ele e, por isso, consegue abranger diferentes assuntos de interesse. Esses foram sintetizados nas categorias destacadas nesta subseção.

Os trabalhos selecionados e analisados são recortes ou projetos de pesquisa de mestrado e doutorado em andamento ou concluídos oriundos de vários Programas de Pós-graduação em Educação do Brasil. Dentre o *corpus* em pauta, os grupos temáticos mais destacados, ou seja, que se propõem a pesquisar sobre o corpo e seus espectros são: "Gênero,

¹² Apenas os trabalhos da Anped foram lidos na íntegra. Os demais foram lidos os títulos, resumos, palavras-chave e as problemáticas abordadas.

¹³ A análise das problemáticas, referenciais e métodos em detalhes não se encontra neste texto, pois foi usado como estado da arte para futuras publicações, que se encontram na íntegra. Utilizamos deste pequeno panorama para não nos estendemos muito e a leitura não ficar cansativa.

¹⁴ A polissemia a qual me refiro é a capacidade que o corpo tem de adentrar vários assuntos, dentro de diferentes perspectivas, com diferentes referenciais que o explicam de forma distinta e em várias áreas do conhecimento científico e acadêmico.

Sexualidade e Educação”, fazendo parte de 36,84% das pesquisas; “Psicologia da Educação” com 15,78% dos trabalhos selecionados, totalizando mais de cinquenta por cento dos trabalhos; Os outros 47,38% são representados pela somatória dos grupos “Educação e Arte” com 10,52%; “Educação de Pessoas Jovens e Adultos” com 10,52%; “Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos” com 10,52%; “Educação e Relações Étnico-Raciais” com 5,26%; “Filosofia da Educação” com 5,26%; e o grupo “História da Educação” com 5,26% dos trabalhos.

Dessa forma, consegui chegar às categorias que são explicitadas no quadro 01 a seguir. Ei-las:

Quadro 1 – ANPED

Categoria	Frequência nas Pesquisas
Gênero, Sexualidade e Educação	36,84%
Psicologia da Educação	15,78%
Educação e Arte	10,52%
Educação de Pessoas Jovens e Adultos	10,52%
Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos	10,52%
Educação e Relações Étnico-Raciais	5,26%
Filosofia da Educação	5,26%
História da Educação	5,26%
Total	100%

Fonte: elaborada pelo autor a partir dos dados da Anped (2018).

2.8.2 Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Neste segundo momento, fiz um trabalho exploratório no sítio de busca da BDTD¹⁵. Nessa plataforma, utilizou o operador booleano “AND” – corpo AND sentido AND Discurso. Estes trabalhos verificados na base de dados são avaliados por pares, ou seja, bancas nas quais são convidados especialistas na área/tema para aprovação da pesquisa. Dessa forma, consegui localizar 127 pesquisas de teses e dissertações, as quais foram selecionadas por suas palavras-chave, temas e problemáticas que tivessem alguma afinidade com minha investigação. As pesquisas datam de 1991 até o ano de 2017.

As produções são oriundas de programas de pós-graduações *Stricto Sensu* de 25 instituições de ensino superior, públicas e particulares do Brasil. Dentre elas, as que mais se destacam em produção na área do corpo e seus espectros é Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com 22,04 % das pesquisas; a Universidade de Campinas (UNICAMP) com 18,89%; a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Goiás

¹⁵ <http://bdttd.ibict.br>

(PUCGO), Rio de Janeiro (PUCRJ) e Rio Grande do Sul (PUCRS) com 15,74%; a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com 6,29%; a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com 5,51%; e a Universidade de São Paulo (USP) com 5,51% das produções. Essas seis instituições correspondem a 73,98% das produções encontradas. Nas outras 19 Instituições de Ensino Superior estão as demais produções correspondentes ao montante de 26,02%.

As produções sobre a temática do corpo estão concentradas na região sul e sudeste, mais especificamente na UFRGS e UNICAMP. Essas duas instituições agregam mais de 40% da produção de teses e dissertações no que se refere ao tema corpo, gênero e sexualidade (UFRGS); corpo, filosofia, sociologia e educação física (UNICAMP) nesta busca de dados feita em 2018.

Na BDTD, plataforma que vincula todas as Instituições de Ensino Superior (IES) com Pós-Graduação *Stricto Sensu*, após uma exploração exaustiva, consegui alocar o tema corpo das pesquisas em várias categorias nomeei de áreas do saber corpo. Essa escolha confirma a característica polissêmica¹⁶, pois pode ser considerado um saber que abrange várias áreas e assuntos como: corpo na arte; corpo na Educação Física; corpo na ciência e biologia; corpo e a escola; corpo e filosofia; corpo, gênero e sexualidade; corpo e linguagem/linguística; corpo, mídia e subjetivação; corpo e religião; e corpo e sociologia.

Diante do exposto, o corpo e seus saberes alcançam diversas pesquisas de teses e dissertações tanto na área da educação quanto em diversas áreas afins no Brasil. Verifica-se, então, a gama de possibilidades em que o corpo pode ser analisado e explorado nas Ciências Humanas e Sociais. Um objeto de investigação útil e importante que mobiliza pesquisadores em uma exploração de pesquisas inesgotáveis e cada uma delas com um olhar epistemológico diferente, tentando entender as suas diversas facetas e possibilidades diante das questões norteadoras que levam a pesquisar nessa fonte inesgotável chamada corpo.

Desta forma, categorizei as produções e as deixei segmentadas, divididas por saberes em que o corpo consegue alcançar. Ei-las¹⁷:

Quadro 2 – BDTD

Categoria	Quantidade
Corpo na Arte	08
Corpo na Educação Física	10
Corpo no Ensino de Ciências e Biologia	11

¹⁶ Tem a capacidade de transversalizar distintos assuntos/áreas. Tem plasticidade de adentrar diante de temas de diversas esferas, com a peculiaridade de ser conceituado na perspectiva que se aloca.

¹⁷ Serão referenciadas e explicitadas neste texto, por questão estética, em um pequeno quadro das 127 teses e dissertações catalogadas no sítio em voga.

Corpo na Escola	10
Corpo na Filosofia	19
Corpo, gênero e sexualidade	18
Corpo na linguística/Linguagem	09
Corpo na Mídia e subjetividade	12
Corpo na Religião	12
Corpo na Sociologia	16
Total	127

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da BDTD (2018).

2.8.3 Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Neste terceiro momento, busquei, na Base de Dados da Capes teses e dissertações com descritor “Corpo AND Sentido AND Discurso” de 2013 a 2018 na área do conhecimento de Ciências Humanas. Foram verificadas nove pesquisas. Das quais seis são dissertações e três teses. Foi feito um recorte temporal de 2013 até 2018.

As produções foram oriundas de oito instituições de educação superior. Tendo concentrações na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (01), Universidade de São Paulo (01), Universidade do Estado de Mato Grosso (01), Universidade Estadual da Paraíba (01), Universidade Federal da Bahia (02), Universidade Federal de Goiás (01), Universidade Federal de Mato Grosso (01), Universidade do Oeste de Santa Catarina (01), que somam o total de 100% das pesquisas, com os descritores utilizados para filtrar as produções na base de dados da CAPES.

A tese de Viola (2015) sobre “Sentido e ausência de sentido no ensino de Jacques Lacan”, coloca em questão a necessidade de um ensino fazer sentido para que o aprendizado se efetive. A pesquisadora com o aporte teórico em Jacques Lacan utiliza a noção de sentido partindo do estatuto da linguagem e sua lógica significante. Nesta abordagem psicanalítica, a pesquisadora tem como tese abrir o lugar central ocupado pelo sentido nos ensinamentos baseados apenas no princípio de não contradição e, assim, abrir espaço para a articulação entre lógica, cultura e estilo.

Na tese de Rithowem (2017) é realizada uma pesquisa, sob o prisma da psicanálise, de início freudiana e depois lacaniana, a qual desenvolve suas ideias a respeito do corpo, tomando-o em relação aos conceitos fundamentais da psicanálise, mais especificamente com o inconsciente. O pesquisador parte da tese lacaniana que o inconsciente é estruturado como linguagem. A pesquisa faz alusão a três dimensões da realidade psíquica: real, simbólico e imaginário e sustenta a tese de que o corpo é um corpolingagem. A pesquisa é puramente teórica e tem como método utilizado a leitura de texto, ou seja, um retorno ao Seminário X, de

Jacques Lacan, intitulado “Angústia”. A tese traz tensões e desdobramentos sobre corpo, desejo, objeto *a* e o Outro como tesouro do significante, da linguagem.

A tese de Ribeiro (2018) tem como questionamentos e desdobramentos de pesquisa a compreensão da relação entre corpo, gênero e desejo em experiências transmasculinas na constituição de um sentido de si. A pesquisa foi realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e se tece a partir das narrativas dos interlocutores investigados – com doze homens trans e outras transmasculinidades que vivem na cidade de Salvador/BA, todos na faixa de idade entre 18 e 28 anos – e tem por objetivo tanto compreender essas experiências no movimento da vida, levando em consideração os diferentes agenciamentos entre corpo, gênero e desejo – principais conceitos abordados – quanto fornecer, por meio desta compreensão, outras possibilidades interpretativas, para essas experiências, que não aquelas fundadas em um paradigma patológico.

A pesquisa de dissertação de mestrado de Oliveira (2014) apresenta como objeto central a figura da “prostituta”, tendo como conceitos centrais corpo, representação e identidade no universo da prostituição. Enfatiza o corpo da prostituta constituído por um processo de simbolização intercambiado pelo Outro e por desejos. O estudo em voga mostra elementos críticos presentes na obra “A Noiva Escura”, de Laura Restrepo, para pensar a corporeidade como substrato identificatório dessas mulheres prostituídas. É uma pesquisa de cunho bibliográfico, em que a pesquisadora se debruça nas entrelinhas da obra para tratar do simbolismo estigmatizado sobre o corpo das prostitutas.

Em suma, percebe-se que a possibilidade de apresentar o corpo como objeto de estudo é grandiosa, pois, por ter uma característica polissêmica, polifônica e transversal, ele se torna alvo de pesquisa com diferentes lentes em áreas distintas, mas o olhar subjetivo do pesquisador é sempre novo. O objeto corpo tem essa ousadia de ser pesquisado, conhecido, destrinchado, porém muito singular pelo olhar epistemológico de quem o problematiza e do ângulo que se faz questão de analisá-lo. Os olhares são muitos, os sentidos singulares e os significados quase infinitos num campo tão vasto do saber corpo que, ao mesmo tempo em que é arte, também é gênero, sexualidade, linguagem, psicanalítico, histórico, patológico, subjetivo, filosófico, subversivo, trágico, revolucionário, potente, ético, étnico, cultural e humano.

Há um mundo de saberes no campo do corpo e seus espectros que está a ser explorado, analisado e explicitado no contexto do saber científico, assim como foi feito neste panorama em diferentes bases de dados. Dessa forma, trouxe aqui um pequeno ponto de luz do universo do campo do corpo, um devir, que vive em constante transformação, em movimento e nos

leva a refletir e ter ciência sobre como estão sendo feitas as pesquisas na área da educação e também como mola propulsora para outras pesquisas que nos levem a uma relação com nós mesmos, os outros e o mundo. E, a partir deste conhecimento de produção, ter dado continuidade à minha pesquisa, caracterizando-se como inédita no âmbito da educação com conceitos e problemática que a acompanha.

3 OS TEÓRICOS E OS CAMPOS DE AFINIDADES COM O CORPO

Na sua tese fala você, os teóricos e os estudantes de graduação. Vocês que dão voz a ela. E todos são importantes nesse contexto de pesquisa (VELEIDA CHARLOT, 2019).

A partir desta seção, daremos voz aos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Adentraremos em alguns conceitos que dão suporte e embasamento à problemática do corpo na grande área das ciências humanas e, mais especificamente, no campo da educação, nossa área de interesse. Passearemos por um estatuto do corpo que se sustenta na psicanálise Lacaniana, no palco da sociologia de Le Breton, na seara sócio-histórico-cultural de Vygotsky e sua relação com a Educação.

3.1 O Outro de Lacan

O que é que tem um corpo e não existe? Resposta: O Outro, cujo corpo simbólico é constituído de linguagem..." (QUINET, 2004, p. 60).

Lacan reintroduz a psicanálise no debate com a ciência e nos deixa fazer repensar o corpo sem reducionismo biológico, mas, em termos de linguagem, do simbólico, do inconsciente, nos permite não ter um conceito fechado sobre esse. Ele nos permite, em termos psicanalíticos, ver o corpo como possibilidade no funcionamento da linguagem¹⁸ que nos atravessa, pois somos linguagem e isso nos leva não somente a uma, mas várias formas de falar sobre o objeto de pesquisa corpo, que outrora na ciência e, principalmente na psicanálise era visto num campo biológico.

Lacan (1998) vem trazer o apanágio do corpo no campo da linguagem. Ele nos mostra a partir da máxima do poeta francês Arthur Rimbaud *Je est un autre*, que “Eu é um outro”, ou seja, parafraseando para nosso objeto em pauta de que a pessoa que fala sobre o seu corpo não fala sobre ela, por ser descentrada, mas sobre o Outro. Nessa trilha psicanalítica lacaniana, tentaremos passear pelo caminho do Outro como possibilidade.

A noção do grande Outro, para Lacan, começa com uma descoberta da aproximação entre inconsciente e a linguagem¹⁹. Logo em seus primeiros seminários Lacan vai definir o

¹⁸ Sistema ou universo simbólico de significantes.

¹⁹ Para Lacan o inconsciente além de ser estruturado como uma linguagem, ele também é uma forma social – discutido por Lacan no período de 1953 até 1960, ou seja, do seminário I ao VII considerado como o retorno a Freud – então o inconsciente não é um lugar ou depósito, mas um efeito das trocas sociais, trocas simbólicas. Lacan tira essa ideia de Levi Strauss do livro “Estruturas Elementares de Parentesco” do qual ele se apropria e começa a considerar que o inconsciente não é um fato mental individualizado ou obrigado à ideia de representação, mas como um sistema de trocas, como uma função simbólica.

Outro como um lugar. Lugar que não se identifica com este semelhante, ou seja, com este próximo, com o pequeno outro com quem a gente conversa, a pessoa com quem conversamos, pois a pessoa com quem a gente conversa é um duplo dela mesmo, tem uma imagem, um espectro, como a gente, um corpo, semelhante igual a mim (LACAN, 1968-1969, 2008).

Assim, este outro ou pessoa não estaria à altura de representar radicalmente aquilo que é a função do Outro, ou seja, aquilo que não é o mesmo, idêntico. O Outro é um princípio de alteridade radical. Portanto, em uma de suas primeiras definições, Lacan vem estabelecer este grande Outro, o lugar de onde eu recebo a minha própria mensagem de maneira invertida. Desta forma, são três movimentos: o lugar e não essa pessoa, o lugar que está atravessando a forma como a gente localiza as pessoas, os sujeitos nas nossas relações, um lugar simbólico. E este lugar simbólico tem essa função de inverter, de negar, de me fazer escutar a mim mesmo, mais além de mim mesmo da minha condição egoica, mais além da minha condição de eu, mais além da minha posição de sujeito. Então, é o lugar de onde recebo a minha mensagem de forma invertida a partir do Outro e que Lacan identifica como princípio do inconsciente (QUINET, 2012).

O Outro inscreve o corpo na ordem da linguagem, ou seja, no universo simbólico dos significantes²⁰. Tornando o corpo privilegiado, o Outro. O eu, corpo, se constitui em relação com o outro, a partir da negatividade ao objeto *a*. Então o corpo se constitui pela demanda do Outro que possui diversas modalidades de desejo e que se faz constituir no seu campo.

Em alguns seminários, tais como: VI – *Desejo e Sua Interpretação* (1958-1959), X – *Angústia* (1962-1963), XVI – *De um Outro ao outro* (1968-1969) e *Escritos*, Lacan vai confirmar que o inconsciente é o Outro, simbólico, de onde fala e recebo a minha própria mensagem nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes, nas repetições que compõem a vida de uma pessoa, nos sintomas, ou seja, em tudo que indicia o inconsciente ali está o Outro. Por quê? Porque sou eu por um lado, aquilo foi produção minha, fui eu quem sonhei, disse, mas não consigo reconhecer diretamente. Eu me relaciono com aquilo como um enigma, como algo que em mim representa e mais além de mim mesmo.

Assim, as figuras desta alteridade aparecem como representantes da minha história, daquilo que eu esqueci, do que não consigo lembrar, seja personagens ou modo de relação ou até mesmo aquilo que me precedeu, minha mitologia familiar, meu sobrenome, aquilo que me

²⁰ Para Lacan, o significante tem primazia sobre o significado, ou seja, é a concatenação dos significantes que determina os efeitos de significados e também de significação. É a partir disso que Lacan avança sua tese de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Então, no seu viés, aquilo que era uma lógica de signos em Saussure, passa a ser uma lógica de significantes para Lacan. Ainda assim, os significantes podem ser reduzidos a fonemas, que são elementos não dotados de significação, mas se combinam com outros para produção e definição de um significante.

deu um lugar, que me especificou, onde eu estou, quando eu nasci e isso compõe, então, parte deste lugar do Outro. É como se fosse um estrangeiro que habita no corpo, mas não temos consciência dele em nós.

A linguagem, por exemplo, é uma alteridade, não nascemos falando. Quando nascemos somos expostos a esta alteridade que nos determina e convoca a falar uma língua e não outra, então faz parte do campo do Outro, o estrangeiro do nosso corpo.

A morte, por exemplo, no outro sentido universal humano, vai nos submeter como uma espécie de lei, para Lacan, faz a função do Outro, está no lugar do Outro. Isso que é indiscernível, irreduzível. De que nós não podemos ter uma imagem da morte, mas da morte dos outros. A nossa morte é uma coisa impensável, porque é uma alteridade na qual não reduzimos à nossa identidade (MILLER, 1989).

Uma figura do grande Outro que vai aparecer nos seminários de Lacan é o próprio sexo, a diferença sexual. É o Outro sexo, ou seja, aquele que eu posso imaginar que é como eu, mas na verdade ele não é. Ele é irreduzível e faz a função de inconsciente para mim. A psicanálise, então, não cria sentidos, histórias que viriam de outro mundo, mas da própria vida da pessoa. A partir desse lugar do Outro, o sujeito convida aquele ser falante para se tornar mais e mais sujeito para aquilo produzido desde o seu inconsciente que sempre lhe aparece como o Outro presente sempre em seu corpo (MILLER, 1989).

Assim como não somos senhores do nosso corpo, não somos senhores do nosso destino, explicita Lacan (QUINET, 2012). Não temos autonomia sobre nossas decisões no limiar do inconsciente, pois o Outro está nas raízes do meu corpo antes de meu nascimento por intermédio dos meus pais que me desejaram antes de adentrar no mundo existente antes de mim. O Outro me elegeu um nome, uma linhagem familiar, um sobrenome, uma cidadania, uma raça, um sexo, uma posição e uma identidade social, uma medida de cumprimento e peso e um grupo de tipo sanguíneo dentro de um universo estruturado, nomeado e regulamentado por normas humanas.

Sabemos tão pouco de nós mesmos, tanto que o outro o sabe. Assim como não somos senhores do nosso corpo e nem do nosso destino, também não sabemos muito sobre nós mesmos, o outro sabe. Dessa forma, Lacan inverte o eu como sede do saber, imposto por Descartes, “Penso logo existo”. Por conseguinte, Lacan refaz essa assertiva dizendo “penso onde não sou e sou onde não penso”. Com esse desgarramento do pensamento e do ser, logo, somos destituídos do nosso narcisismo egoico (QUINET, 2012).

Portanto, tem como necessário que aquilo que não sei de mim o outro me mostrar. A minha diferença é você, é o outro. A partir dessa consciência precisamos aumentar essa

horizontalidade para saber se eu consigo chegar um pouco mais perto de mim mesmo, pois o eu mesmo me é totalmente desconhecido. Quando mais fundo eu vou, pior conheço, ao ponto em que Lacan vai nos dizer que se formos honestos não podemos chamar de íntimo, mas de “êxtimo”, ou seja, o mais íntimo de mim mesmo é você, o outro, minha “extimidade”, uma alteridade radical (QUINET, 2012). Então, eu preciso do confronto com as pessoas para receber notícias de mim mesmo.

3.1.1 Os outros de Lacan

Nós existimos porque o outro existe. É a partir do outro que me constituo. E isso está evidente pra mim e pra você também (EANES CORREIA; VELEIDA CHARLOT, 2019).

Não existe sujeito sem o outro. Assim como também não existe o Eu sem o Outro. Sendo mais radical, o corpo não existe sem o outro. Eu é um outro, imagem do outro, meu duplo. O outro, o pequeno, é meu semelhante. E por ser igual também é meu rival, o meu par que encontro no Estádio do Espelho, que está no registro do imaginário.

Sobre o Estádio do Espelho, a primeira pessoa a estudá-lo foi o Psicólogo francês Henri Wallon. Na época, em 1931, esse estágio era conhecido como “teste ou prova do espelho”. De forma original, o autor desenvolve esse assunto, sobre a importância do espelho na etapa de formação da consciência do Eu, no livro intitulado *Les Origines du caractère chez l'enfant – As Origens do Caráter em Criança* (WALLON, 1983). Posteriormente, as ideias desta etapa do desenvolvimento da personalidade da criança foram sendo pesquisadas por René Zazzo, Jacques Lacan, Donald Winnicott e Françoise Dolto.

Dessa forma, Lacan se apropria desse conceito, mesmo sem mencionar que sua ideia veio inicialmente de Wallon²¹, e se aprofunda no que veio chamar Estádio ou Estágio do Espelho, demonstrando a formação e a passagem da imagem especular (imaginário) – eu – e para o simbólico – Eu – constituindo na criança sua unidade corporal. Assim, Lacan desenvolve o Estádio do Espelho como função formadora do (eu²²) *moi*, imagem ortopédica do outro, e do (Eu) *je* função do Outro, na experiência psicanalítica.

Para Lacan, esse Estágio é a etapa responsável da função do sujeito, do “eu” para uma criança de 6 a 18 meses. Não obstante essa função só ocorre empiricamente pela presença do

²¹ Lacan não se refere a Henri Wallon quando fala do Estádio do Espelho. É possível ser verificado em *Écrits*, onde ele publicou seu texto de 1949 e também no Index do mesmo. Só é sabido, em uma nota de rodapé que Lacan não entregou seu texto ao Congresso de 1936 onde ele apresentou a sua ideia de estágio do espelho (pois estava com raiva de Ernest Jones, o qual quebrou a sua fala depois de dez minutos apresentação). Dessa forma, ele publicou o seu texto em 1938, no *Tome VIII da Encyclopédie française*, organizada pelo próprio Henri Wallon (CHARLOT, 2020; LACAN, 1998).

²² O “eu” enquanto objeto do “Eu”. No português é mais próximo de “mim” e “me”.

outro. O eu da criança, sujeito social, só se constitui pelo outro. O papel do outro, introduzido por Lacan, nessa etapa é um aspecto de grande importância na experiência arquetípica da criança, porque ela não está sozinha contemplando a imagem em frente ao espelho, pois é necessário da aprovação do olhar do Outro, que lhe designa verbalmente e fisicamente sua imagem. Então, por meio do olhar e a aprovação verbal do cuidador que segura a criança e como imagem ortopédica do outro, a criança começa a entender que o reflexo refletido no espelho, é uma imagem dela mesma (LACAN, 1998).

Para Lacan (1998), o Estádio do Espelho é, *a priori*, uma convenção analítica específica para a psicanálise. A imagem especular (eu ideal), esse outro imaginário, meu semelhante, tem um papel de importância na formação do eu (*moi*). Esse sujeito (*moi*) será lançado ao olhar do Outro (tesouro do significante) cuidador ou seus pais. Então, após sua contemplação no espelho (*moi*) a criança terá a sua aprovação pelo olhar do Outro na constituição do Eu (*je*). Esse processo não ocorre de forma repentina, rápida, mas é contínuo e esclarecedor para a criança na sua formação psíquica em tempos “lógicos”, ou seja, em três tempos: em um primeiro momento ou tempo, a criança consegue perceber apenas o outro no espelho. Depois, em segundo tempo, a criança começa a desconfiar que não se trate de uma imagem do outro, todavia, a imagem que ela supõe ter do outro. E, por último, terceiro momento, ela conclui que a imagem que visualiza é a sua (STERNICK, 2010). Em uma operação dialética entre a criança e o espelho, eu e o outro, Eu e o Outro.

Esse Outro é um fantasma da cabeça, está na dimensão inconsciente do discurso, pertencente da ordem do simbólico, ao filamento da linguagem, no qual o desejo também se encontra articulado. Há também o outro pulsional, que está no território do real, causa do desejo, objeto *a*. Manifestante da angústia, da falta, condensador de gozo, um objeto de pulsão, que está na fantasia e se apresenta nela (MILLER, 1989).

Quem eu sou? E quem eu sou em relação ao outro? Que segurança um sujeito tem de dizer “eu sou eu” e não o outro? O eu, antes de tudo, é um outro que se desfaz dessa totalidade do eu como uma unidade. É a partir do outro que o eu, o sujeito, é feito do seu duplo, o outro. Sou feito desse outro que, ao mesmo tempo, é minha imagem como também é minha semelhança.

Este semelhante que os valores sociais e a cultura me disseram que eu deveria amar acima de tudo, o aborreço, detesto e o desprezo. É minha radicalidade, é meu maior rival e meu amado, a quem “mordo e assopro”, pois é minha maior alteridade a quem me assemelho. É esse Outro que invade o sujeito, invade-me, o outro-ideal que sempre quis ser. Esse Outro compete com meu eu pelo mesmo lugar, numa luta de reconhecimento mútuo e recíproco, um

reconhecimento pelo Outro, uma luta dialética em que um não existe sem o outro. Uma dialética num arraial narcísico na qual um sempre quer ser reconhecido como um eu²³ pelo Outro. Eu e o Outro são indissociáveis, assim como o outro e o eu, na dimensão do imaginário. Este Outro quando não é meu desejo, é meu inferno. Existe um eu ideal que nunca está sozinho, ele existe por causa do Outro, o fantasma da cabeça, o eu paranoico (LACAN, 1998).

Essa alteridade entre eu e o outro é a marca do Estádio do Espelho correspondente ao narcisismo²⁴ da constituição do eu pela imagem espectral do outro no espelho, o qual o amo – o outro – que sou eu mesmo. É esse amor por mim mesmo na imagem do outro que se dá o narcisismo cujo correspondente é o imaginário de Lacan. Registro do (in)consciente lacaniano e no qual faz que o ser humano julgue um eu – sem que saiba disso - numa identificação com o outro, meu rival e meu amante, a quem desprezo e acolho, a quem amo e odeio, formulado no Estádio do Espelho, um outro semelhante do eu.

No espelho o outro é meu reflexo. Amo meu semelhante, o outro, objeto do meu amor narcísico, amor pelo mesmo, o qual Lacan vem chamar de amor *hommossexual* (com dois ‘mm’), um amor do homem (genérico de si) pelo homem mesmo, o outro (QUINET, 2012).

Há o casal do (eu – outro) no Estádio do Espelho, um casal dialético e de alteridade egoica. Que ocupa um lugar no imaginário espectral do duplo do eu que conservo, uma bipolaridade do eu, ver e ser visto, espectador e ator, olhar e ser olhado, sempre juntos, um casal que se forma no espelho. Este outro sempre está no registro do imaginário.

3.1.2 Objeto *a*

O a é a causa, a causa do desejo (LACAN, 1962-1963/2005, p.307).

Essa pecinha faltante, o a, [...] é o fato de ela faltar que produz toda a realidade do mundo [...] é uma falta que o símbolo não supre. Não é uma ausência contra a qual o símbolo possa se precaver (LACAN, 1962-1963/2005, p. 152).

²³ Ego.

²⁴ No mito de Narciso, jovem adolescente, de extrema e delicada beleza, cobiçado por moças e rapazes, não se interessava e não cedia a ninguém. Várias pessoas e ninfas se apaixonavam por ele somente ao vê-lo. Exemplo de beleza na Terra, objeto vivo no mundo sensível das imagens e dos simulacros, ele é a imagem cativante do outro-si-mesmo. Os enamorados por Narciso, vítimas de seu desprezo, expressavam seu ódio: “Que ame por sua vez sem poder possuir o objeto de seu amor.” Um dia, ao sentir sede e debruçar-se sobre a água, Narciso é subjugado por sua própria imagem, que ele toma por outrem. Ele é imediatamente seduzido pela imagem de sua beleza, apaixona-se por um reflexo sem consistência que ele toma por outra pessoa. Ao tentar pegar em seus braços esse ser tão belo e fascinante, a imagem se desfaz, até que ele percebe que esse outro imaginário do espelho é ele mesmo. E morre.

O objeto *a* é o elemento de contribuição de Jacques Lacan à psicanálise. Ele é uma modalidade do Outro, é a causa do desejo e não representa o desejo, mas sua causa. O objeto *a*, causa do desejo humano não é determinado, pode ser isso ou aquilo. Não é porque uma coisa ou um objeto é desejável que desejamos, é, pois, por sermos o próprio desejo que passamos a desejar. Para que se eleja alguma coisa ou objeto de desejo, é necessário que esse esteja no lugar do objeto *a*. As pulsões reduzem o Outro em objeto para se satisfazer. Em uma relação amorosa, por exemplo, “o objeto *a* é o verdadeiro parceiro na sexualidade” (QUINET, 2012, p. 22).

Como se configura o objeto *a*? Ele se constitui em qualquer objeto que provoque o desejo ou cause a angústia, que pode ser configurado na função de objeto *a*. Ele não tem imagem espectral e muito menos cabe na dimensão do significante. Ou seja, no registro do simbólico, não faz parte do mundo sensível, empírico. Sem consistência, sem imagem, sem materialidade. Ele se insere num campo em que o vocabulário, a palavra não alcança, um impossível de se dizer. É um objeto que não se materializa, o qual não começa e nunca termina, não pode ser medido, batizado ou pesado. “Ele não é nem simbólico nem imaginário. É da ordem do real. O objeto *a* afeta o sujeito. E sua única consistência é lógica” (QUINET, 2012, p. 22).

Pode-se verificar numa trama psicanalítica que a pulsão se satisfaz por meio de uma coisa ou objeto sem representação, o qual não pode ser imaginado ou ser representado por um significante, só nos chegam vestígios, fragmentos, restos porque dele temos notas apenas pela angústia. Esse objeto Lacan designa como objeto *a*. Ele é fora de ordem, não obstante pode assumir diferentes feições no corpo: o seio da mãe, as fezes, o falo, como também a voz e o olhar, aponta Quinet (2012). São nessas feições do objeto *a* que a pulsão pode se contentar.

Por que Lacan escreve objeto *a* para tratar da causa do desejo? Primeira letra do alfabeto e correspondente direto do objeto primeiro do desejo. Ele “é um eco do que foi perdido sem nunca ter existido” (QUINET, 2012, p. 23). Assim, nele se tenta encontrar o objeto perdido que um dia nos deu uma possível satisfação sublime, o qual sempre estamos à sua procura e nunca encontramos, pois é atributo volátil e transitório. É a procura daquilo que nunca existiu, mas falta. O psicanalista Jacques Lacan escreve objeto *a* porque esse objeto não possui um significante, um representante que possa tomar seu lugar, porque não é um fato empírico. Por isso, ele se utiliza de representações algébricas como uma maneira de melhor representar as suas considerações, pois para ele evitaria confusão ao usar qualquer outro significante, isso ocorre sobre o objeto *a* e os vários matemas lacanianos, nos quais o próprio

Lacan conduz suas explicações a partir de fórmulas algébricas próprias para explicitações de suas ideias evitando más interpretações ou equívocos suspeitos (QUINET, 2012).

Por isso, utiliza-se de representante algébrico, pois, reiteramos, não existe um significante que banque ou suporte o objeto *a*. Ele não é um conceito unívoco, mas se harmoniza em uma *práxis* analítica como um ensaio da falta, que não se nomeia por meio do desejo. Não obstante, o objeto *a* está atrás do desejo. Ele permanece em relação de causação do desejo, em um núcleo de um vazio (LACAN, 1962-1963, 2005).

Para Lacan (1962-1963, 2005), o objeto *a* possui duas propriedades: uma é causa do desejo, procura pelo objeto que se perdeu, que nunca existiu e nunca se achou; a outra o objeto de-mais-gozar, causa da angústia humana proporcionada pela satisfação efêmera da pulsão.

Desta forma, quando colocamos em pauta os dizeres dos estudantes sobre a questão do corpo, colocamos em pauta a estrutura do inconsciente como o discurso do Outro, um desejo que só pode vir do Outro. Desejo que é sempre desejo de outra coisa, um ali, um corpo que nunca se teve ou se viu, pois, fazendo deriva de Lacan, desejar é sempre desejar com o corpo uma parte também do corpo do Outro. E, isso, a psicanálise Lacaniana nos direciona muito bem sobre o objeto *a* como a causa do desejo e da angústia humana.

É por isso que trouxemos para essa discussão sobre o corpo o objeto *a*, para analisá-lo enquanto conceito que pode nos trazer elementos para pensar a questão do corpo a partir dessa incompletude do homem, da sua dimensão incompleta, da falta que nos comenta a psicanálise lacaniana e também enquanto uma questão epistemológica de pesquisa e evidentemente humana.

Podemos destacar que o objeto *a* que trabalha a psicanálise é diferente do objeto tradicional trabalhado na fenomenologia ou em teorias do conhecimento. Este último tem uma imagem espectral e o *a* sem imagem espectral é anterior a qualquer forma de objetivação, e mais, o termo objeto é de uso metafórico na relação entre sujeito e objeto no léxico lacaniano.

Já quando se fala em sentido em psicanálise lacaniana, é necessário se pensar no desejo, pois a fantasia ($\$ \langle \rangle a$) é uma possível construção que se ergue em torno do sentido até mesmo para aquilo que não tem sentido, ou seja, por mais absurdo que seja um sentido construído por um sujeito que deseja sempre é construído um sentido para ele desejar, pois o objeto da falta só pode ser capturado de forma fictícia pela fantasia. Mesmo que o $\$$ sujeito barrado pelo campo do significante condicionalmente não tenha relação com o desejo sem sentido, decorrente pela falta voraz atribuída ao objeto *a*, sendo não acessível ao sujeito, é possível que ele seja apreendido pela função da fantasia ($\$ \langle \rangle a$) (RYTHOWEM, 2017).

A fantasia que estrutura o desejo compõe a relação entre o \$ sujeito barrado e o objeto *a*. É nessa relação que o objeto *a* se configura como a causa do desejo humano. Para Rythowem (2017)

Não é seu objeto que é visado, pois este pode ser qualquer coisa que o sujeito signifique a partir de sua relação com o Outro. Esse objeto está atrás do desejo. É o motor que coloca a estrutura em funcionamento como uma falta que sempre escapa a qualquer forma de tamponamento pelos processos de simbolização (RYTHOWEM, 2017, p. 96).

Podemos ousar em dizer que é impossível fazer uma discussão sobre o objeto *a* de uma forma que não abordemos suas relações com o corpo enquanto pulsional e sua afinidade de articulação ao desejo do Outro assumindo diferentes formas. O objeto da falta não tem um correspondente significante, porém é nesse registro do simbólico que a psicanálise opera. Mas nem tudo das instâncias da realidade psíquica cabe no Simbólico e se engavetam na estrutura do Real, em que o impossível de se dizer habita em um saber insabido.

Todavia, o corpo está também submetido à estrutura da linguagem, expande-se pelo registro do Simbólico e do Imaginário, porém flerta com o Real, com o impossível de se dizer de forma transparente. Então, se o corpo corresponde a uma estrutura determinada que o confere e o sustenta de forma concomitante pelo Imaginário, pelo Simbólico e pela instância do Real, torna-se impossível trazer a possibilidade de um conceito único para ele. Ponho-me a dizer, diante disso, que Lacan traz o corpo como uma questão em aberto diante da psicanálise não dando possibilidade a um corpo doutrinariamente fechado, mas aberto a discussões.

O corpo dialogado aqui quem nos dá é a linguagem: um corpo que é falado, significantizado, discutido, “dom de linguagem” (LACAN, 1998, p. 302), causado e fundado pela linguagem. Ou seja, um corpo que antecedeu nossa entrada no mundo humano, no Outro, o qual foi desejado pelos nossos pais, com uma data de nascimento, uma medida de massa, um sexo, uma religião, uma classe social, um número de pessoa física para identificação, nos inserindo numa cultura que aqui já estava.

Desta forma, o corpo é uma realidade que tem sua origem no inconsciente humano e pode ser significado na instância do simbólico e imaginário. Todavia, nem tudo sobre ele pode ser dito, está no real, e não cabe à simbolização, a exemplo, o objeto *a*, cuja operação se realiza pela negatividade em relação ao significante, objeto que não se pode estabelecer um saber, mas é causa do desejo e da angústia.

3.1.3 O corpo lacaniano

O nosso corpo é uma linguagem. Isso é tão evidente que falamos sobre ele (VELEIDA CHARLOT, 2019).

O Outro escreve o corpo na ordem da linguagem, no universo simbólico dos significantes, numa dimensão da realidade do inconsciente. Tornando o corpo um privilegiado, o próprio Outro, no terreno da subjetividade, um corpo significantizado, inscrito e atravessado pela linguagem. Trata-se então da fórmula lacaniana segundo a qual designa que o desejo é sempre o desejo do Outro. É um desejo que se dá numa dialética entre Eu e o Outro.

Somos guiados pela fantasia do nosso corpo. Como servos ingênuos das fantasias que nos cercam sobre este, podemos vivenciá-lo em duas instâncias: pensando (ter) ou esquecendo (ser) dele. Quando o identifico ao meu ser, esquecendo-o, menciono que sou meu corpo, quando o percebo, o tenho, afirmando como meu bem mais precioso, pois tenho um corpo. O corpo, desta forma, pertence à instância do ser e do ter. Às vezes somos e às vezes temos (NASIO, 2009).

Escravos dessa nossa fantasia, da qual percebemos nosso corpo, empenho-me a dizer que há duas maneiras de viver o corpo, reitero: esquecendo-o e também pensando nele. Esquecendo-o me submeto a dizer que eu sou meu corpo e, pensando nele, considero-o como meu bem maior, eu tenho um corpo. Estou entre um corpo que sou eu ou que é meu por tê-lo. Há considerações na ordem do ser quando o esqueço, e do ter quando penso nele. Penso na aresta do amá-lo e odiá-lo, do tão familiar e do tão estranho, da lembrança e do julgamento que é/está nosso corpo. Não obstante, posso senti-lo e percebê-lo numa dimensão deformada, nas lentes deformantes do filtro da nossa fantasia que nos faz perceber o corpo real. Um corpo que se sente, mas tem um impossível de se dizer sobre ele, algo que escapa, que falta, pois, este real não tem imagem, não tem palavra, apenas sentimentos.

Como objeto supremo, o corpo é um parceiro excepcional das radicalidades humanas, o mais submisso e tirano das percepções deformadas da fantasia humana. Entre as instâncias do esquecimento e da contemplação, entre nós e o corpo, existe uma lente opaca, desfigurante da nossa fantasia. Nascemos, vivemos e, inevitavelmente, morremos sem percebermos que há uma manta enganadora que está encharcada de memórias e ajuizamentos que pirateia e falsifica nossa percepção de corpo. Um fora de lugar, que dizemos de onde não estamos e onde nos encontramos e não podemos dizer. Esse eu é tão fiel às suas fantasias que ele nunca é, mas imagina que seja, mergulhado na sua falsa imagem.

Como poderíamos discutir o corpo nas dimensões da realidade do inconsciente (Real, Imaginário e Simbólico) em Lacan? Suponho que podemos falar do corpo real, como o sentimos, do imaginário, como o vemos, numa imagem espectral, e do simbólico, como o nomeamos, já que se inscreve na ordem da linguagem. Assim trataremos três formas do estatuto do corpo em Lacan: sentido (Real), espectral (Imaginário) e linguagem (Simbólico).

3.1.3.1 O Corpo Imaginário, Simbólico e Real

Toda e qualquer imagem que se tem do corpo é falsa. Mesmo que a ame ou a odeie, ela sempre terá o descrédito da deformação (NASIO, 2009). Nessa perspectiva, pensar em corpo se faz pelo olhar do Outro, por isso o elevaremos aos registros do campo do imaginário, simbólico e real lacaniano.

O corpo é o objeto supremo pelo qual julgamos, pela imagem que vemos e somos julgados – pelo Outro que julga por nós. Portanto, não há nada tão importante para uma pessoa do que seu corpo, pois é dele que todas as coisas partem: sentimos, vemos, julgamos, falamos, pensamos e também nos iludimos pela fantasia embebida pelos nossos sentimentos (de amor e ódio, angústia e alegria), memória (lembança do presente e do passado) e pelo Outro – o inquilino que carregamos por toda a vida, o cânone julgador de beleza e feiura que sempre está em vigor na sociedade e em cada um de nós (NASIO, 2009).

Entre o ser o corpo (eu) e o ter um corpo (meu), esquecendo-o ou lembrando-se dele podemos discuti-lo, no campo do Imaginário, do Simbólico e do Real. Seja imaginando-o, amando-o, sentindo-o, odiando-o, vivendo-o, esquecendo-o, julgando-o e até mesmo sendo enganados pelas fantasias de suas lentes desfigurantes que falseiam qualquer tipo de sentimento ou percepção que temos sobre ele.

Pensando nisso, afinal de contas, o que é uma imagem? Ela é um duplo de alguma coisa. Ela é o reflexo visível de um objeto, não obstante, não é um objeto, mas parece com o objeto que reflete. Não importa o tempo e o lugar ela será sempre o duplo de alguma coisa (NASIO, 2009).

É necessário lembrarmos que a imagem do corpo ao qual nos interessa, na nossa leitura, tem abordagem psicanalítica e, nesta discussão, não é o corpo dado pela biologia ou pelas ciências médicas que pode ser auscultado e palpado, mas o corpo vivo, que envolve as trocas afetivas, de fantasias e envolto no (in)consciente. O qual amamos e odiamos em átimos de segundos, aquele do qual interpretamos, sentimos, desejamos, odiamos, vivemos e, doravante, fantasiemos.

A imagem seja ela um mero reflexo visível ou uma imagem mental, sempre será um duplo de alguma coisa, pois é uma sensação (mental), reflexo de sua silhueta em uma superfície polida (visual) ou uma emoção que não se sabe, inconsciente (imagem-ação). A imagem também está ligada aos sentidos como o cheiro que lembra alguma coisa, um sabor ativando a imagem gustativa, uma textura pelo tato, um barulho, som ou uma música e a visão de uma imagem qualquer, cor ou lugar que liga a uma sensação, memória e sentimentos. Tudo isso é imagem.

Segundo Nasio (2009), com base em Lacan, existem três tipos de imagens das quais devemos dar mais atenção dentre tantas outras: visual, mental e imagem-ação.

A imagem visual “é o duplo refletido de um ser ou de uma coisa em uma superfície polida” (NASIO, 2009, p. 68), ocorre pelo reflexo do corpo capturado numa fotografia, vídeo ou em um espelho. São silhuetas de uma pessoa ou objeto que se dá pela imagem refletida espectralmente. Essa está muito ligada ao registro do imaginário do corpo, se consideramos o ponto de vista da imagem de um corpo no vislumbre de sua forma, como um reflexo em qualquer superfície polida, pelo que se vê.

A imagem mental se desdobra numa superfície virtual do consciente ou inconsciente (recalcadas), ocorre pelas experiências de uma sensação já sentida pelo seu corpo desde criança até seu atual momento. São imagens impressas afetivamente no nosso (in)consciente e que de uma forma ou de outra se tornou importante para você que lê esta tese, para outrem e inclusive para mim (NASIO, 2009).

A imagem-ação acontece pela emoção de uma ação, um comportamento, gesto ou ainda uma atitude corporal inconsciente. A característica fundamental dessa imagem é ser exclusivamente inconsciente. É tudo aquilo que está recalcado e por rota de fuga ocorre pelo ato. Não pode e nem precisa ser representada em uma imagem espectral ou mental, ela se dá pela própria ação, pelo movimento, uma imagem encarnada nos movimentos do próprio corpo, não-verbal. É um comportamento emocional vivido sem consciência, dado pela cinética, pelo movimento do corpo. Um vício, é um exemplo de imagem-ação. Essa é muito utilizada no trabalho clínico na psicanálise e não é o foco desta tese – aqui serve apenas como demonstração dos vários desdobramentos que as imagens podem ter e não apenas a espectral ou mental (NASIO, 2009).

Reiteramos, quer seja uma imagem visível refletida, uma representação mental, quer seja um comportamento dado pelo ato, não podemos negar que ela sempre será um duplo. Assim, ao falar de uma imagem refletida no espelho ou numa foto, continua sendo um duplo de uma aparência de um corpo. Se for mental, ela será um desdobramento de uma sensação

que é dupla; e se for um ato, um comportamento, uma emoção inconsciente, duplo ainda será (NASIO, 2009).

Sobre essa duplicidade, dialética da imagem, podemos destacar matematicamente que em uma reta há duas extremidades e uma extremidade existe porque a outra também está lá, ou seja, a extremidade “A” depende da extremidade “B”, elas são dependentes, a reta só existe pelas extremidades “A” e “B”. Em suma, a imagem só existe porque ela é o duplo de si mesma, assim como na matemática uma reta só existe porque tem duas extremidades ou dois pontos “A” e “B”, que as conectam, por exemplo.

Para não esquecermos, essas imagens são distorcidas, pois o véu enganador, o Outro, as fazem ser, todas estão em relação com o Grande Outro. Toda ou qualquer imagem nunca é ou será perfeita, mas distorcida ou aproximada do real, pois passa por seu crivo, sempre fantasiada.

Admitindo o corpo da forma como elencamos sobre a imagem visual, mental e imagem-ação, Nasio (2009) nos propõe que o corpo distorcido e fantasiado pode ser qualificado segundo as categorias/registros lacanianos de Real, Simbólico e Imaginário. Ou mais que isso, podemos propor como: corpo Real, corpo Simbólico e corpo Imaginário.

Admitindo o corpo distorcido fantasiado pelo Outro, pode-se dizer que ele assume o registro do Real, quando o sinto; quando o olho no espelho ou o vejo em qualquer outra superfície que me reflete ou captura minha imagem de corpo, assume seu registro Imaginário; e quando me recordo, falo, descrevo e trago em discussão, assumindo o estado de significante ele admite o registro do Simbólico. Esses são os três registros do corpo fantasiado.

3.1.3.2 Corpo no Registro do Real

Aquilo que sinto, principalmente nos momentos de dor, de prazer e sensações físicas corresponde, estritamente, ao Real do corpo. Não corresponde à imagem de meu rosto no espelho com fisionomia de cólera, mas a própria sensação de cólera ao olhar o espelho.

O corpo neste registro é indefinível. Desse modo, podemos aproximar em dizer que o corpo Real é o das sensações físicas, também adentram nos sonhos, é o bramido do nosso corpo que vive, uma virtualidade da qual não temos controle, não se apalpa, mas existe, se sente, mas não se pode ver. O corpo real é o que se tem de mais profundo da fantasia humana. Para Nasio (2009, p. 76) “O corpo real é ao mesmo tempo corpo das sensações, corpo dos desejos e corpo de gozo”. Percebamos que as sensações, o desejo e o gozo são instituições dadas a fim de qualificar o corpo nesse registro. Seja esse corpo das sensações internas ou

externas, o corpo no espectro do desejo, de dar e receber prazer a partir dele, e a instituição gozo como o extremo entre o prazer e o sofrimento submetido ou dado a partir do corpo.

O absoluto desse corpo Real é a razão, por ser tão absoluto em si, ultrapassa qualquer saber dado, qualquer entender, pois é um impossível de se dizer e simbolizar, mas é uma virtualidade animante, cuja cinética move a si mesmo e o faz nascer, crescer, adoecer e se curar. Isto é, a vida se desenvolve em torno do corpo Real. É tudo aquilo que sinto na frente do espelho e ele não pode refletir essa sensação e nem a emoção em intensidade.

Se perguntarmos a imagem de sua dor a uma pessoa doente, ela sempre dará uma sugestão da sensação, apenas uma amostra daquilo que não tem vocabulário que possa descrever e nem imagem que possa representar. Ou então, se perguntarmos a uma mãe que reencontrou com o filho desaparecido, qual o sentimento de encontrá-lo, não caberá palavra ou imagem que descreva ou represente o sentimento, as suas lágrimas com misto de dor, alegria e alívio são suficientes. Desse modo, mesmo que tentemos desenhar seus contornos, silhuetas, nunca será nítida a imagem, mas sugestiva e evanescente na medida em que se pode dizer, seu *status quo* está no campo do indizível, do que se sente e por si só já é.

É dentro desta imagem do corpo Real que a imagem-ação também se desdobra. Porém a imagem-ação, destaca-se como não-voluntária e inconsciente, diferente de uma sensação consciente dada pelo corpo Real. Dessa forma, compreendo que o corpo neste registro se desdobra pelas sensações físicas, não-figurativa, inconsciente e ações motoras diferente da imagem especular, refletida no espelho ou superfície polida, o corpo do imaginário que será abordado a seguir.

3.1.3.3 Corpo no Registro do Imaginário

Impossível o espelho refletir nossas emoções, sensações e memórias, por outro lado, o corpo com o rosto de cólera refletido numa superfície polida é o imaginário. Essa silhueta de uma forma humana, a qual pode ser vista por uma pequena criança em frente ao espelho com o auxílio de um adulto que a segura, que desenvolve a formação da Função do Eu, do eu e do outro a partir do Estádio do Espelho. Este é o *software* conceitual e empírico necessário para a formação da imagem do corpo da criança no registro do imaginário. Na formação do Grande Eu (unidade social), do pequeno eu (unidade afetiva enquanto pessoa humana feita de carne e biologicamente igual aos outros seres humanos) e do pequeno outro (meu semelhante, a quem amo, desprezo e tem as mesmas silhuetas que as minhas, de forma humana).

Decerto, o registro do corpo Imaginário tem sua origem/matriz no Estádio do Espelho²⁵. É nele que está fundamentada a identificação da pequena criança a partir de sua imagem especular para sua identidade, na formação do *je* (Eu) e do *moi* (eu). Para Lacan, o “Eu” não é o “eu”, são duas coisas distintas. Segundo Nasio (2009),

[...] Eu é o pronome pessoal que indica a singularidade de um sujeito entre os humanos; o sujeito se pensa único e afirma isso com toda a naturalidade ao dizer “Eu”. O eu é bem diferente; o eu é sentir-se a si mesmo instalado num corpo, obedecendo a necessidades, atravessado por desejos e produto de uma história. Se o Eu é uma afirmação, a afirmação de ser um, o eu é um sentimento, o sentimento de ser você mesmo. O primeiro é a afirmação simbólica e social de nossa singularidade, enquanto o segundo é a afirmação imaginária e afetiva de nosso ser. Mas quer se trate do Eu ou do eu, como verão, a imagem do espelho é a que permite a um bebê de seis meses reconhecer-se e já descobrir as bases de sua futura identidade afetiva e social (NASIO, 2009, p. 84-85).

Como pode ser verificado, há duas afirmações quando se coloca em pauta no Estádio do Espelho. A primeira, refere-se ao sujeito como unidade simbólica e social (Eu). A segunda, o sujeito como unidade imaginária – espectral – e afetiva de cada pequeno ser humano, o qual se encontra maravilhado e fascinado pelo que vê refletido no espelho (eu), não sendo afirmações imediatas, mas futuras, ainda em formação.

Para essa afirmação e contemplação de si diante do espelho (da imagem global do seu corpo), a pequena criança ainda está arroteada de duas outras unidades: Outro e o outro. O Outro, o adulto, a segura para sua contemplação e por ser um momento tão genuíno e desconcertante para a criança, ela se vira para seu cuidador adulto e espera seu olhar de aprovação, confirmando que aquela imagem vista no espelho é sua. Então o Outro tem o papel de testemunhar a alegria de sua contemplação e confirmação de sua imagem. O outro se compreende na imagem contemplada pela criança e se identifica com seu cuidador, e tem as mesmas silhuetas, é o outro, “a imagem de um semelhante tão humano quanto ele” (NASIO, 2009, p. 89).

Desta forma, com matriz fundadora no Estádio do Espelho, o corpo espectral ou imaginário é o “reflexo de nossa silhueta no espelho, silhueta que pode aparecer num suporte – cinema, fotografia, escultura ou pintura – ou ainda revelar-se no aspecto de nosso semelhante” (NASIO, 2009, p. 81). Isto é, cabe sustentar que nesse registro não se trata de

²⁵ Estádio do Espelho foi proposto inicialmente por Henri Wallon nos anos que antecederam a 2ª Guerra Mundial. Wallon foi o primeiro a introduzir esse conceito na época dado como “a prova do espelho” no livro raro intitulado *Les Origines du caractère chez l'enfant*, demonstrando a passagem especular (imaginário) para o simbólico, constituindo na criança sua unidade corporal. E posteriormente, Lacan se aprofundou no Estádio do Espelho como função formadora do (Eu) *je*. O Estádio do Espelho está detalhado na subseção 3.1.1 “Os outros de Lacan” na página 56 desta tese.

aparência física, estatura, detalhes do corpo ou performances. Trata-se de um corpo apreendido globalmente, com silhueta, compreendido em sua massa, sua forma humana.

Diferente dos outros registros, a mesa do imaginário é o cavalete para todas as construções humanas, como o teclado deste computador que se ajusta para meus dedos tocá-lo e escrever esta tese, tendo como base a ergonomia para a forma humana. Assim, o homem, por meio de seus processos e avanços tecnológicos diante da história, teve como base o nosso imaginário que sempre modela o mundo ao homem em suas proporções e acesso aos objetos construídos funcionalmente para esse corpo visível.

Com isso, pode-se assegurar que há um “poder morfogênico da imagem especular do corpo” (NASIO, 2009, p. 83) que não o coloca no mundo apenas como uma coisa sobre outras coisas, mas como um objeto privilegiado diante das criações humanas e suas tecnologias construídas para esse modelo imaginário de corpo que se destaca de outras formas de outros seres vivos não-humanos. Aquilo que não cabe ao Imaginário, o simbólico tem a dizer.

3.1.3.4 Corpo no Registro do Simbólico

O corpo que sente dor de cabeça, na coluna e está com o rosto inflamado de acne, com características que podem ser ditas e age diretamente de forma significativa no cotidiano é o simbólico ou significante (NASIO, 2009).

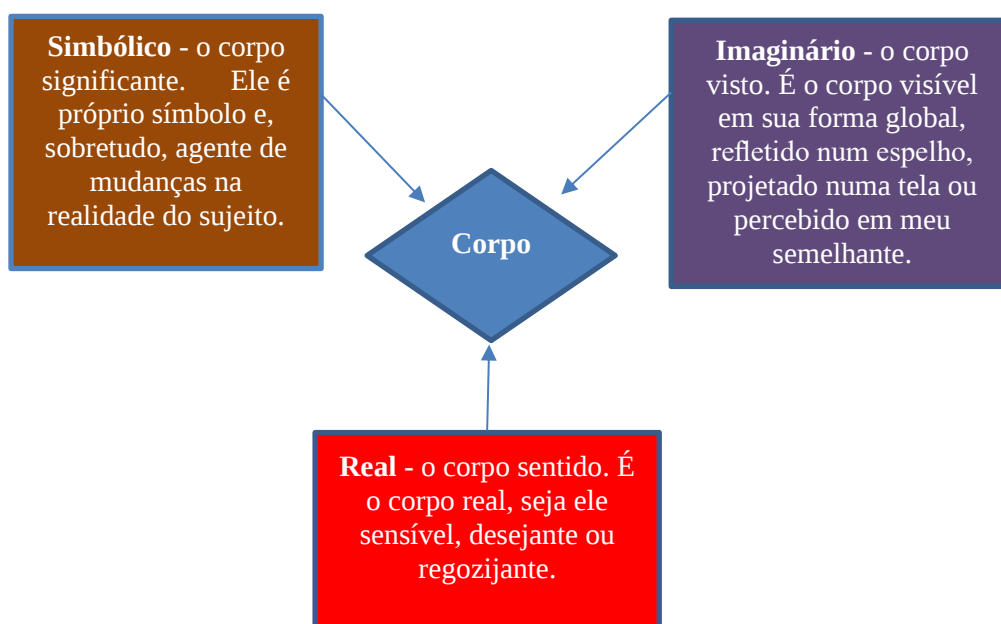
Quando falo, descrevo e trago em discussão o corpo que se faz nomear e significá-lo, ele admite o registro do simbólico. É a partir desse corpo que atribuo metáforas, símbolos e signos, tendo a propriedade de substituir e modificar sua realidade. Para Nasio (2009, p. 92) “quando um símbolo, entidade eminentemente formal e abstrata, produz efeitos concretos na realidade, Lacan o denomina significante. O que é então um significante? É um elemento formal capaz de transformar a realidade”. Dessa forma, dizemos que o corpo pode ser falado, enquanto significante, tanto como simbólico, por sua propriedade de ação e nomeação, o qual por sinal é parcial se comparado ao imaginário, pois está encarnado numa efemeridade do corpo de representações e de significantes que transitam, dependendo do estado afetivo ou qualquer outro que venha a interpelar cada pessoa.

Esse corpo Simbólico não é o mesmo da imagem mental, visto em tópicos anteriores. Esse registro é o que nomeio, dou nome. Não se trata da imagem que vejo ou do que sinto, mas daquilo que encontro significante para designar partes ou o próprio corpo. Por exemplo, uma pessoa se designar com olho preto, castanho ou azul, baixa, alta, magra ou gorda etc. É o

corpo simbolizado, com tal atributo que se torna agente de mudança ou substituição da sua realidade.

Vejamos a figura 1 abaixo como resumo desses registros do corpo que até aqui discutimos.

Figura 1 – Corpo nos Registros do Imaginário, Simbólico e Real



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

A figura 1 traz um resumo das imagens do corpo nos registros lacanianos. Nota-se que o corpo Real, o sentido, trata-se tanto de uma imagem, sensação inconsciente – culminando na imagem-ação – como também pode ser consciente, ou seja, um corpo atravessado de desejo, gozo, sensações do qual ele é duplo. No Imaginário, ele é marcado pela silhueta de forma humana, refletida, projetada ou capturada numa superfície que o torna visível em sua unidade. Já o do Simbólico é uma imagem nominativa, não é motora, mental e muito menos espectral, nem de conjunto no consciente ou inconsciente, mas designa o corpo em uma particularidade, um nome de um determinado corpo físico.

Desta forma, o corpo que digo que é meu, é um duplo de uma imagem. Toda e qualquer imagem é um duplo dela (NASIO, 2009). Então, a minha imagem é aquilo que vejo, um espectro, uma silhueta minha. Uma imagem que vejo e outra que penso na minha cabeça, um esquema mental e um visual. Na psicanálise, a imagem de um objeto é sempre falsa e embebida de uma miscelânea de desejo, ódio e amor. Ele está entre o Imaginário espectral, o Real sentido e o Simbólico que dou nome.

Portanto, o corpo é elevado ao privilégio. A coisa mais importante para nós é o nosso corpo, pois sentimos, o vemos, julgamos e temos uma imagem borrada sobre ele mesclada com os nossos sentimentos, memórias, culminando numa imagem falsa sobre si. Atenta Nasio (2009) ao nos alertar que

[...] nunca percebemos nosso corpo tal como é, mas tal como o imaginamos; o percebemos como *fantasia*, isto é, mergulhado nas brumas de nossos sentimentos, reavivado na memória, submetido ao julgamento do Outro interiorizado e percebido através da imagem familiar que já temos dele (NASIO, 2009, p. 63).

Então, meu corpo é minha porta de entrada para meu inconsciente na dimensão do Real, do Simbólico e do Imaginário, pois tudo que sinto e sou atravessa meu corpo. Portanto, o corpo sempre nos escapa. Há uma imagem borrada, difícil de dizer, pois o Real é indizível gramaticalmente, o Simbólico não é muito claro, traz ruídos e o Imaginário é distorcido, uma sombra de mim, apenas um apêndice de uma coisa muito mais grandiosa que não se encontra numa imagem espectral. Há um fantasma do Outro “na minha cabeça” que não tem forma e nem silhuetas, mas se encontra lá, no impossível de se dizer (LACAN, 1998; NASIO, 2009).

3.1.4 Psicanálise, Corpo e Desejo

Lacan, na sua perspectiva psicanalítica, não nos deixa pensar o corpo reduzido em sua estrutura biológica, mas em termos de linguagem, numa transposição daquilo que se vê (Imaginário), para o que pode ser dito (Simbólico) e sentido ou vivido (Real). Ele traz um processo de passagem do registro do imaginário para um estruturante simbólico e sua vivência no mundo.

Dessa forma, as pessoas supõem que existem, como linguagem. Cada um de nós pode dizer “eu”, e nas conclusões de Lacan cada ser humano pode dizer “eu”, que é um significante, do seu ponto de vista. Eu sei que o outro pode dizer eu, só que eu tenho uma experiência minha. Cada um sabe que o outro existe, não obstante cada um de nós tem uma forma de pertencer ao mundo e supor que o outro também tem.

Nessa dialética, entre eu e o outro, Lacan se aprofunda na trama do desejo. Um desejo desnaturalizado que faz parte do homem e o faz se movimentar na procura de uma coisa faltante.

Se o homem tem “essência”, para Lacan, ela é vazia, constituída pela falta, dada pelo que não temos e o nome disso que não temos e ao mesmo tempo nos governa é o desejo. O desejo humano é indissociável da linguagem, porque ele não é o desejo de objetos, mas o desejo de possuir o desejo do outro, argumenta Lacan (1998). O sujeito pode,

conscientemente, querer possuir o outro, o seu trabalho, sua beleza, sua riqueza ou seus dotes, pela via da identificação, mas inconscientemente ele quer que o outro queira, e queira o que ele quer. Então, o desejo inconsciente humano é o desejo do outro.

Diante disso, o inconsciente humano, para Lacan, é estruturado como uma linguagem. Então, ele percebe que há um impasse sobre que nem tudo do desejo cabe na linguagem e nem toda nossa experiência cabe numa linguagem, há algo que escapa, impossível de se capturar, de se dizer, deslizando da linguagem e não está nela. Então, o desejo não se inscreve por completo na linguagem e Lacan começa a chamar de Real – uma das dimensões da realidade psíquica, do inconsciente – uma noção a qual critica e se opõe ao que está diante dos nossos olhos (MILLER, 1989).

Logo, Lacan questiona de onde tiramos que a realidade é assim tão organizada, arranjada? A realidade tem uma estrutura trágica, mas não a sentimos dessa forma²⁶. Então, produzimos uma realidade organizada e dotada de sentidos. Contra essa assertiva, o autor vem argumentar que seria preciso entender a gênese dessa alienação, ou seja, qual é a lógica que produz um mundo de uma realidade coesa à nossa volta? Assim, ressalta que subtraímos, roubamos algo da realidade e quando tiramos algo dela, trazemos para uma zona não perceptível, destituída de sentido.

Na zona não perceptível, a realidade se torna coesa e homogênea. Isso seria sua hipótese sobre a dimensão do Real, a qual faz com que na experiência cotidiana e nas trocas sociais produzam alguns impasses, o retorno daquilo que a gente tirou da realidade, ou seja, há um retorno do fragmento excluído, produzindo algo que contraria a ideia de que somos senhores autônomos e autores do nosso destino, e constrói a ideia de que há algo que nos impõe uma espécie de falta de sentido, o qual se repete e caracteriza cada uma de nossas vidas e em nosso modo de ser e estar no mundo enquanto corporeidade (MILLER, 1989).

Torna-se importante salientar que Lacan nos adverte sutilmente em Escritos e Seminário VI – *O Desejo e Suas Interpretações* (1958-1959) e Seminário X – *A Angústia* (1962-1963) em não confundir desejos com vontades, metas, objetivos ou planos, essas são coisas que colocamos na vida para esquecer e esquivar-se do nosso desejo²⁷. E esse tipo de atitude descreve entrelinhas o que Freud fala da neurose, é exatamente esse estado de esquecimento e desconhecimento do desejo. Diante disso, Lacan argumenta que esse tipo de

²⁶ Exceto o neurótico que se inscreve em um drama no qual ele vive.

²⁷ Planos, metas e vontades tanto podem ser formas de alienação do sujeito quanto podem ser também manifestações do desejo, e, de fato, não podem ser confundidos com ele.

evento vem junto de certo modo de relação com a linguagem. Esquecer-se do que queremos e se entregar a um modo pré-fabricado de dizer. Porque já há um modelo gramatical de anúncio que se encontra produzido (MILLER, 1989; QUINET, 2012).

Diante disso, como perceber o Real ou como ele pode se manifestar? O traço do Real é a angústia em todas as suas modalidades possíveis (emoção, tensão, estresse), pois a realidade é composta por uma coisa que não é como percebemos. A realidade não é realidade. O que eu vejo não é tudo. E o que eu digo também não é tudo, é parcial, é metade do caminho.

Sobre o Real, Lacan (1993, p. 11) argumenta: “digo sempre a verdade, não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível. Materialmente faltam as palavras. É justamente por este impossível que a verdade provém do Real”. Para Lacan, o Real é sinônimo de impossível. Impossível de ser capturado, compreendido, traduzido, de se dizer. Por isso, algumas atividades humanas que desempenhamos são também impossíveis. Segundo o pensamento lacaniano, viver é lidar constantemente com impossibilidades fundamentais. Então, o Real é impossível de nomear, de representar e de incluir na nossa troca. O autor faz menção a Freud em seus textos, ao dizer que “o Real está na civilização”. Um exemplo disso é o governar, educar e psicanalisar. Governar para todos, segundo ele, é impossível. Educar também é impossível. Então o laço social é impossível, fazer o outro desejar é impossível e psicanalisar é uma profissão impossível. São coisas organizadas que são roubadas do Real, colocadas fora dele, porque o Real é impossível.

O homem não se relaciona a outro como pessoa, “antes se relaciona ao objeto que o outro contém. O objeto *a* [...] um objeto que o outro pode incluir e a partir do qual se estabelece numa relação com o Fantasma” (MILLER, 1989, p. 62), ou seja, desejo de possuir o objeto do outro. Dessa forma, o desejo é sempre o desejo do Outro. É pela intervenção que há na função do pai, da Lei, da Norma, do social e suas entidades e da linguagem que todo e qualquer ser humano, aqui, a criança, terá acesso na dimensão do simbólico, do Outro, sendo afastado do assujeitamento designado pelo imaginário da mãe. Na obra “Escritos”, Lacan traz a figura do Nome-do-Pai, a qual introduzirá a criança na Lei da Ordem Simbólica, da Linguagem, fazendo a criança, enquanto sujeito humano, um sujeito desejante diante desta tríade do inconsciente (LACAN, 1998).

O Nome-do-Pai é, em sua economia, a passagem do homem enquanto estrutura biológica para a sua estruturação cultural. Da humanização no que se refere à apropriação de uma norma, lei (que não é natural) para ocupar um espaço na sociedade, num mundo humano, e se tornar membro dele, “[...] o pai lacaniano é essencialmente um pai simbólico [...] para

Lacan, o ser humano surge a partir da interdição (simbólica, nomeação) do desejo do outro” (BARRETA, 2012, p. 167).

O Nome-do-Pai é uma justificativa de Lacan para mostrar o papel do desejo como uma construção social, não naturalizada, ao invés de biológica. Tratado por Lacan ganha uma tradução social na qual a figura do pai – aqui se compreende como figura metafórica – tem a função de inserir a criança no mundo humano, simbólico, que antes se sentia ligada biologicamente à sua mãe como se fosse uma coisa só – bebê e mãe, um ser uno. Então, a partir da tríade das figuras da mãe, criança e pai, se dá a socialização do sujeito no mundo a partir de suas relações com Outro e o outro.

Desse modo, quando se fala do Nome-do-Pai, neste contexto de pesquisa, devemos considerá-lo como um dispositivo social de ligação do sujeito ao mundo, no qual a sua introdução ocorre por meio de duas figuras sociais: pai e mãe. Estas não são ou exercem especificamente essas funções em sua literalidade, são significantes, pois os mesmos podem ser considerados como outro (mãe) e Outro (pai). A figura da mãe nesse processo pode dar lugar ao seu cuidador ou sua cuidadora que não é necessariamente uma figura feminina. Já a figura do pai pode ser qualquer função social, na qual o cuidador ou cuidadora da criança desvia sua atenção: trabalho, afazeres diários, funções que esse ou essa exerce no cotidiano. Também considerado como desmame, hora em que a criança percebe que ela e seu cuidador (mãe) não são o mesmo corpo ou uno. E o pai (normas, leis, funções, linguagem, cultura) quebra toda essa ligação do mundo biológico bebê e mãe (cuidador/a) tirando a criança do ser puramente biológico e introduzindo-a no mundo social e de relações (MILLER, 1989; LACAN, 1998).

Por isso que o ser humano é social, sua entrada no mundo humano ocorre por relações consigo mesmo, o outro e o mundo, sejam elas afetivas e de desejo. Sobre relações afetivas elas ocorrem, pois antes de toda ou qualquer relação social há uma relação afetiva. As relações de desejo acontecem, porque desejo é relação, desejo para com o outro e com o mundo e tem sua origem na tríade dada pelo “Não-do-Pai ou Nome-do-Pai” explicitado no parágrafo anterior.

É possível interpretar com base em Gérard Miller (1989), na concepção lacaniana, que o desejo é estruturante na construção das relações sociais do ser humano. A relação na tríade lacaniana, Nome-do-pai, mãe e filho, por ser inserida na dimensão do simbólico, ou seja, no campo da linguagem, é possível entendê-la como uma função que opera metaforicamente.

Utilizar a metáfora Nome-do-Pai para idealizar a relação da criança ao desejo, apresenta ao sujeito a dimensão social e histórica, já que opera na resolução da contradição

natureza e cultura, o homem e a formação do desejo que não é natural, mas construído socialmente.

Ora! Então qual a causa do desejo? O desejo lacaniano é intrinsicamente ligado a uma falta, a qual não pode ser preenchida, de certo, por nenhum objeto real. Isso se dá porque, ao tentar significar um desejo, fazemos por uma mediação da demanda, a qual causa ou faz introduzir um tipo de divisão entre a coisa desejada, primeiramente e o que se faz ouvir de tal desejo na demanda. Dessa forma, pode-se perceber que o desejo se configura num objeto faltoso, um “falta-a-ser”. Não obstante, o que faz ou determina o desejo circular ou estar em deslocamento é a própria falta do objeto perdido e que nunca pode ser alcançado, pois não há no real este objeto, seu olhar está no campo do invisível, não tem imagem espectral. Então, o objeto do desejo que é também objeto causa do desejo, por sua falta, é denominado por Lacan como objeto *a* (LACAN, 1998).

Há um enigma no desejo do Outro com seu próprio eu. Este “nirvanismo” do desejo e da falta é uma questão em aberto, e, talvez, não solucionável, pois está num terreno movediço e opaco da linguagem. Não é porque um objeto é desejável que desejamos, é porque somos o próprio desejo encarnado numa eterna procura por aquilo que falta e, ao mesmo tempo, causa desejo. Então, se desejo, o objeto desejado não é determinante, pode ser este ou aquele, mais ainda, é porque não posso parar de desejar e sou o próprio desejo. Sou incompleto, como sujeito antropológico, assim como sou faltante, como sujeito psicanalítico. Há sempre um objeto que falta e minha procura incessante por ele me faz movimentar e continuar vivendo não caindo na obsessão, pois o neurótico posterga o desejo, seu desejo é de morte do desejo (MILLER, 1989).

O que significa isso? Que há um significante da falta de um significante no campo do Outro, ou seja, “não há Outro do Outro” que pode ser escrito pelo matema $S()$. Numa linguagem falta alguma coisa e essa coisa só pode ser um significante que falta ao nível do Outro, do Sujeito Ideal. Lacan descreve

$S()$ quer dizer isto – que em *A*, que não é um ser, mas o lugar da palavra falada, onde descansa o conjunto do sistema de significantes, quer dizer, é uma linguagem, aí falta alguma coisa, alguma coisa que só pode ser um significante. Um significante falta ao nível do Outro. Este é, se posso dizer, o grande segredo da psicanálise – não há Outro do Outro (JORGE, 2010, p. 183).

Podemos verificar que há um enigma ao nível do significante, constatando que há no inconsciente um impossível de se dizer, uma opacidade, um significante falta. E que o significante não é totalmente claro, deixa ruídos. No obsessivo há uma busca, pelo sujeito, do

Outro do Outro, pois não se tem Outro do Outro se configurando no desejo de morte do desejo. Aqui se limita o significante ao nível do simbólico, do inconsciente. Então, não há uma verdade que se diz instaurada em nível de significante, há um deslizamento nesta cadeia que nos aponta para uma infinitização do desejo e também de objeto *a*, causa do desejo (JORGE, 2010).

Se para Lacan o desejo é uma falta, o homem é estruturado por uma falta, uma negatividade dada pelo que não temos. Então, o nome desse vazio que se tem e governa o homem é o desejo. Um desejo que não é de si, mas um desejo do Outro, de possuir o desejo do Outro e não possuir o Outro, isto é, o que quero é o que o outro queira o que quero, pois aquilo que queremos parece sempre nos escapar (LACAN, 1998; MILLER, 1989). Esse objeto *a*, é objeto do desejo, causa do desejo (RITHOWEM, 2017). E há uma relação entre o objeto ou coisa desejada e o sujeito que deseja. Vale ser destacado que o determinante no desejo é exatamente a falta do objeto e não a sua presença, mas a objetificação do desejo do Outro. Destarte, o desejo é o reflexo da incompletude humana, do sujeito inacabado em processo de humanização (CHARLOT, 2018). Desta forma, desejar é desejar com o corpo uma parte do Outro, pela sua incompletude, pela falta.

O desejo não leva o sujeito necessariamente ao gozo, pois o gozo é algo impossível, ou seja, interdito àquele que fala. O gozo só pode ser concebido na escala invertida do desejo, em outras palavras, na medida em que o sujeito entra no desejo, que o seu desejo começa a circular em torno do objeto vai se precipitando o resíduo, um resíduo que de forma invertida dá amostras ou vestígios do que seria o gozo. E ao trazer o corpo nesta abordagem psicanalítica da qual partilhamos, na trama do desejo, é sempre oriundo do grande Outro, que está constantemente insatisfeito, e que talvez objeto nenhum é capaz de satisfazer totalmente esse desejo, sustentado sempre na falta, na negatividade. Não obstante, o sujeito que deseja pode chegar a alguma satisfação consciente ou inconsciente do objeto que desejara.

Desta forma, o desejo humano está diretamente ligado ao sentido, ou seja, o desejo é a mola propulsora do sentido. Onde não há desejo não há sentido (CHARLOT, 2018). Destarte, o desejo é indissociável à linguagem, mas nem tudo do desejo cabe à linguagem, confirmam Lacan (1998) e Miller (1989), pois há algo que sempre escapa, nem toda experiência humana cabe na linguagem, não obstante a linguagem é um ponto de partida, pelo motivo do desejo ser uma falta, se liga ao inconsciente que é estruturado como uma linguagem. Assim, o corpo na psicanálise, por sorte, de certo modo, quem nos dá é a linguagem²⁸: um corpo falado,

²⁸ Devemos salientar que antes da estruturação simbólica, há uma estruturação imaginária do corpo, estruturação primordial, da qual o sujeito nunca abandona, a estruturação especular.

causado pela linguagem, pelo Outro. Um corpo desejado antes do nosso nascimento pelos nossos pais.

Desse modo, com a linguagem, aprendemos a desejar, somos seres desejantes, que deseja ser desejado. Mas o desejo humano sempre se renova como propulsor de sentido. Dessa forma, o homem começa a usar a palavra para modificar o mundo, as coisas e ele mesmo. A partir daí o homem nasce e com ele o desejo (CHARLOT, 2018). O desejo é a representação do ser humano que, por ser constituído de uma ausência, sempre estará em busca de alguma coisa, pois vive numa sensação de falta (MILLER, 1989).

Se o desejo nasce com o homem, somos filhos do desejo. Do desejo de alguém que nos desejou ou não, mas permitiu que nascêssemos, nos odiando ou amando, nos acolhendo ou abandonando (MILLER, 1989). Ao nascermos somos violentados de alguma forma pela cultura (Outro) que nos impõe nomes, gêneros, religião, língua, roupas, cores, tipos de alimentos, grupos sociais, classe econômica, nacionalidade e raça. Tudo isso são imposições sociais sobre o sujeito humano, datado e com validade. Portanto, a linguagem, sistema de signos e significantes, nos possibilita nomearmos a maioria das coisas da nossa experiência de vida.

Partindo do ponto de vista lacaniano, Le Breton (2007, p. 8) também nos leva a pensar que “qualquer que seja o lugar e a época do nascimento e as condições sociais dos pais, a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos e particulares de qualquer sociedade humana”. Quando a cultura atinge o sujeito humano causa essa violência, que nos leva a desejar e esse se desdobra ou até mesmo se multiplica de forma tão grandiosa e violenta pela demanda cultural que nunca nos sentiremos completos e nossos desejos nunca serão satisfeitos. Eis aí a procura pela completude “esse processo nunca está completamente acabado” (LE BRETON, 2007, p. 9).

Por tal demanda e violência cultural, ao desejo humano se faz analogia com o mito grego de Sísifo, o qual foi condenado a empurrar uma pedra até o topo de uma montanha por toda eternidade e, sempre que se chega com a pedra ao topo da montanha ela volta a rolar para sua base numa labuta sem fim. Assim, o desejo humano é a representação do castigo eterno dado a Sísifo. Em outras palavras, o desejo é aquilo que persegue um objeto de desejo e quando esse objeto é atingido, o desejo perde a sua significação, acaba. Como existe uma montanha de desejo, há uma nova corrida/busca de objetos com o objetivo de satisfazer o desejo, mesmo que este objeto não seja prazeroso.

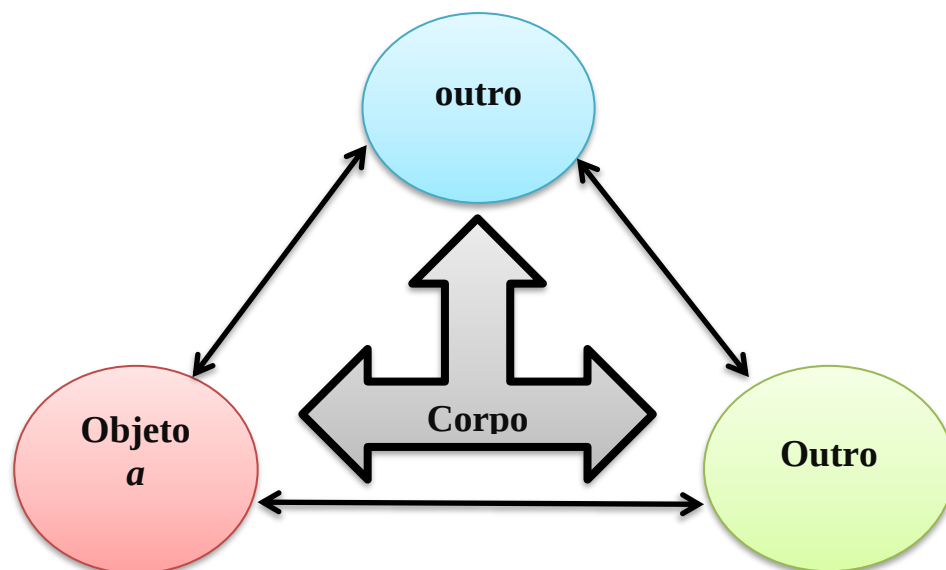
Charlot (2000; 2005) nos revela que para chegar ao objeto de desejo é necessário também que haja esforço que nem sempre é prazeroso. Podemos comparar um atleta que

enfrenta dores e horas de treinos fatigantes para chegar à sua melhor atuação. Ou um estudante que estuda horas a fio para passar na prova de uma disciplina que ele odeia. Assim, nem sempre o desejo está ligado ao prazer, mas ao objeto para tamponar a falta. O desejo, dessa forma, não obedece à mecânica lógica linear do prazer, pois, às vezes, procuramos algo que também nos causa dor.

É o desejo que rege nossa relação com nós mesmos, com o outro e com o mundo. Então, nosso corpo para marcar nossa posição no mundo, passa a estabelecer essas relações e, de forma mais específica, é a base para tudo que construímos e para o sentido. Não dá para o ser humano se livrar do desejo²⁹. Assim, o desejo não perde o sentido quando existe um simbolismo na coisa que se faz.

Abaixo, na figura 2, colocamos em destaque como se organizam alguns dos conceitos básicos quando colocamos em pauta o corpo na psicanálise lacaniana, os quais são discutidos nas subseções que se desenvolvem neste texto de tese.

Figura 2 - Alguns Conceitos que permeiam o Corpo na Psicanálise Lacaniana



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

É a partir dessa discussão do corpo, do desejo e do outro numa relação significativa que daremos abertura numa outra perspectiva que adentra mais no campo do corpo enquanto cultura, enquanto instituição do Outro em David Le Breton.

²⁹ Principalmente o neurótico.

3.2 O Corpo na Perspectiva de Le Breton

A cultura molda nosso corpo, Eanes. Eu tenho isso muito evidente para mim! (VELEIDA CHARLOT, 2019).

Dando espaço à composição de corpo dada por Le Breton (2007) na sua constituição de sociologia, ele o traz para um campo no qual a cultura implica nas formatações da corporeidade, na condição corporal, tendo-o como fenômeno social, como objeto de representações, do imaginário e do campo simbólico. “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2007, p. 07). É diante dessa condição corporal que o homem se constitui no mundo e por meio das suas relações nele. Assim, ele se movimenta e se estende nas searas sociais e culturais em direção à sua tentativa de completude, à universalização.

Apropriar-se do corpo é, antes de qualquer coisa, apropriar-se da substância da vida e das lógicas simbólicas compartilhadas entre os membros da sociedade da qual faz parte. O homem se constitui como ser de relação, por isso ele é um ser social e faz da sua experiência corporal ativa com o outro e o mundo, sua forma de ser coerente com sua cultura e seu espaço. Uma criança, por exemplo, ao nascer, tem predisposições, isto é, uma soma infinita de disposições de reproduzir traços físicos e comportamentos ligados às condições sociais da sociedade, do lugar onde nasceu em um campo simbólico que permite o seu desenvolvimento enquanto pessoa humana. Dessa forma, o corpo existe e se desenvolve de acordo com a totalidade de elementos sociais que o compõem, o torna modulável e incompleto. Molda-se aos modos da simbologia própria do grupo social do qual faz parte o oferece e nunca está completo pelo fato da norma, da lei, da cultura o fazer desejar aquilo que lhe falta.

A ordem social lhe infiltra, o corpo é um efeito de uma construção histórica, social e cultural. Ele é mediador privilegiado, encruzilhada da instância da cultura e excelência do campo simbólico. Ele é ficção culturalmente viva, por isso, o natural lhe foge, escapa e não encontra abrigo. Por fazer parte do terreno significativo, ele se encontra embebido também no líquido amniótico da trama social do sentido (LE BRETON, 2007).

O corpo é o tempo e o lugar onde o mundo se humaniza, singulariza e se socializa. Com todos os atributos, também é uma construção simbólica, um significante permeado de fatos sociais e culturais. É também falado de várias formas e lugares, nos quais há legitimação do discurso médico, sociológico, político, filosófico, antropológico, psicanalítico e diversos outros que o compreende da sua maneira e o torna objeto privilegiado do lugar que suscita.

Com isso, pensando nessa legitimação de discurso, esse texto se atém aos estudantes universitários que atribuem discursos e efeitos de sentidos de seu dizer sobre corpo. Segundo

Berthelot et al (1985), o corpo surge no discurso em linhas de tensão entre vertentes de ciências sociais e ciências humanas, ou seja, ele é próprio dos discursos acadêmicos e seus conceitos não podem passar de um lugar para outro sem os usos teóricos adequados e pertinência epistemológica. Não pode haver uma banalização teórica entre as ciências que o sustentam, pois, o corpo como objeto de diversas abordagens se enriquece dos vários vieses, os quais podem ser pesquisados.

Destaca-se uma característica de pluridisciplinaridade do corpo quanto aos seus estudos, em áreas como: fenomenologia, antropologia, sociologia, história, psicanálise e até mesmo economia. A palavra de ordem é não o banalizar, um risco que ocorre aos pesquisadores nos seus campos de pesquisa.

Desta forma, devemos pensar que o corpo não é um parente pobre da língua, da cultura, mas uma substância semântica, parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido, a qual consiste na relação entre o homem e o meio cultural em que convive e se instala (LE BRETON, 2009). O corpo se sustenta em meio às lógicas sociais e culturais.

3.2.1 O corpo nas lógicas sociais e culturais humanas

A cultura de um corpo que existe num espaço, num tempo, numa sociedade (VELEIDA CHARLOT, 2018).

É de fundamental importância demarcar sobre o processo de construção e das percepções de corpo no mundo ocidental. Contudo, é vital apreender os avanços do conhecimento acerca das dimensões culturais do corpo enquanto espaço de manifestação do ser, da exposição, das singularidades, diferenças e alteridades. É significativo, nesse contexto, o avanço da sociologia e da antropologia para expor as contradições socioculturais manifestas no, pelo e para o corpo.

David Le Breton (2007) expõe de maneira didática que a corporeidade humana foi se manifestando e sendo compreendida como fenômeno social e cultural, como objeto simbólico, de representações e significados. O sociólogo francês destaca que a antropologia dá uma guinada nos estudos sobre o corpo no início do século XX a partir das contribuições de Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss. Mauss fundou o conceito de “técnicas corporais” atestando que a técnica não se traduz na relação do homem com as ferramentas, mas na relação do homem consigo mesmo e suas capacidades de eficácia técnica. Nesse contexto, o homem em si, por meio do corpo, é seu primeiro instrumento. As técnicas são classificadas, por conseguinte, conforme o sexo (construções sociais de diferenças gestuais entre homem e

mulher), a idade (as significâncias gestuais próprias da infância, idade adulta e velhice), o rendimento e as formas de transmissão.

Ao estudar a obra de Mauss e seus relatórios de contatos com comunidades culturais dos mais diversos locais distintos do planeta, Lévi-Strauss (1975) salienta a necessidade de elaborar arquivos internacionais de técnicas corporais. Esse esforço propiciaria um amplo inventário de repertórios físicos dos grupos humanos, desvelando na gestualidade os contatos culturais, as trocas, as junções e ressignificações corporais, inclusive percebendo em que medida, nos processos de colonização, houve supressão, acomodação ou apropriação de gestos e técnicas corporais na vida cotidiana das comunidades.

Para Le Breton (2007, p. 44), “[...] a memória de uma comunidade humana não reside somente nas tradições orais e escritas, ela se constrói também na esfera dos gestos eficazes [...]”. Técnicas de nadar, caçar e pescar; posições sexuais ou de dar à luz; os modos à mesa; o modo de fabricar utensílios; os cuidados com a higiene; as maneiras de andar e dormir (de pé com uma perna ou duas, deitado sobre cavalos ou cama, em rede, sentado, em árvores, no chão); as danças festivas ou rituais são todas técnicas com distintos graus de eficácia e simbolismo, sobretudo, com demarcações claras de singularidades socioculturais próprias.

Na sequência da compreensão dos signos e técnicas corporais e como vão se constituindo na percepção das distintas sociedades, Le Breton (2007) destaca sete elementos que considera fundamentais no seu estudo: a gestualidade; a etiqueta; os sentimentos; os sentidos; as inscrições e marcas corporais; a discriminação; e a deficiência.

No âmbito da gestualidade, a comunicação corporal é tão significativa quanto a comunicação oral. Os gestos de encontro, as formas de olhar, as intensidades dos toques corporais vão demarcando distâncias e proximidades entre os sujeitos e as comunidades. A gestualidade humana nada tem de biológica ou natural, é toda ela preenchida de significados e constructos culturais.

A etiqueta corporal implica em códigos de relações tacitamente aceitos e respeitados pelos sujeitos que se comunicam e se relacionam. Tais normas são códigos implícitos que vão se solidificando e demarcando aproximações e distanciamentos entre os sujeitos. A carga simbólica posta nestas práticas está vinculada a certos mimetismos próprios da educação informal, ou seja, aprende-se por imitação, observação e convivência com os distintos grupos culturais.

Os sentimentos nunca são contidos, são sempre expressos corporalmente. Mesmo calados e tristes, sem verbalizar a tristeza, o corpo fala por sua própria constituição. Ainda

que os sentimentos sejam individuais, há uma imensa carga sociocultural na forma de sentir e expressar as alegrias, raivas, dores, tristezas, decepções e desejos.

Para Le Breton (2007),

Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros. Eles inscrevem-se no rosto, no corpo, nos gestos, nas posturas, etc. O amor, a amizade, o sofrimento, a humilhação, a alegria, a raiva, etc. não são realidades em si, indiferentemente transponíveis de um grupo social a outro. As condições de seu surgimento e a maneira como são simbolizados aos outros implica uma mediação significativa [...] (LE BRETON, 2007, p. 52).

A tradição científica da Biologia mostra que tanto os sentidos como as percepções sensoriais são como apreensões de órgãos específicos do corpo humano. Em contrapartida, é fundamental entender que os sentidos são apreensões sociais e culturais. A forma como se percebem cores, sons, cheiros, gostos e texturas está sintonizada diretamente com a inserção cultural, espaço e a forma de pertencimento social.

As marcas e inscrições corporais estão em voga atualmente, como as tatuagens, *piercings* e *body art*, pois são expressões significativas do coletivo nos corpos individuais. Desde os signos e rituais às inscrições guerreiras indígenas, o corpo é a expressão visual patente do que se quer demonstrar, de qual grupo pertence, de que relação pretende estabelecer com os outros e com a comunidade em que está inserido e com a família.

O corpo é espaço de construção de imaginários, dentre eles a discriminação que toma forma mais evidente no racismo. No entender de Le Breton (2007), o discriminar está ancorado no princípio preguiçoso da classificação que só percebe o aparente, o visual, no qual o corpo é uma coisa preenchida de estigmas. O outro, diferente visualmente de mim, é percebido sob a ótica imaginária do conceito de “raça” como inferior, sem história, sem valorização própria. A dimensão racista é tão profunda que, onde não é perceptível a diferença biológica e visual no corpo, erguem-se formas de demonstrá-la corporalmente, como exemplo as estrelas amarelas nas vestimentas dos judeus na Alemanha nazista para identificá-los como raça inferior e estigmatizá-los.

Por fim, a deficiência física, principalmente, a visível ou expressa corporalmente, é tratada de modo diverso em distintas culturas. Longe de ser um aspecto anatômico e fisiológico, a deficiência revela uma dada forma de percepção do outro como anormal, homem pela metade, não funcional, inferior, sujo e inútil³⁰. A deficiência explicita a dimensão

³⁰ A tópico de informação, Foucault, em seu Livro “Os Anormais”, trata especificamente sobre o homem bestial, do homem anormal, da inscrição da monstruosidade que é colocada no corpo da pessoa com deficiência. Uma

do corpo como sendo homem ou como coisa do homem, afinal o sujeito é deficiente sob determinada ótica ou deficiente para determinadas funções sociais? Nesse sentido, a deficiência é sempre sociocultural, nunca de natureza biológica, pois vivemos em uma sociedade que cria padrões de normalidades, que por vez, impõe barreiras físicas e sociais para as pessoas com deficiência.

O que vale destacar nesses elementos expostos por Le Breton (2007) é que os mesmos têm pouca ou nenhuma relação com a educação formal, na escolarização ou na universidade. Não obstante, a escola e a universidade são unidades simbólicas do Outro que se correlacionam com as significações que se destinam ao corpo. Essas unidades não são passivas ao modo de ver, sentir e falar sobre o corpo e suas práticas, ou seja, não há neutralidade nesta seara social e simbólica em que as circulações de pensamentos e ideias procuram se achar dando significação ao corpo, ao outro e ao mundo.

São também os caracteres culturais que vão sendo incorporados na vida cotidiana, nas práticas e tradições diárias, na exemplificação de pais e familiares. Nesse sentido, a escola, a universidade e a família demarcaram uma formação sobre o corpo. Historicamente, como se educou as pessoas para perceber a si mesmas enquanto sujeitos de cultura e como essa se manifesta no e pelo corpo?

3.3 Educação do Corpo

Teóricos e historiadores da educação, dentre eles Manacorda (1992), Nóbrega (2005) e Soares (2007), afirmam que o movimento humanista, de modo mais significativo, o iluminismo, solidificou uma percepção do homem como construtor de si mesmo. Nessa época, estava em curso um projeto, alçado na política de Estado na Revolução Francesa, de escolarização com amplo alcance social. A ideia central de que uma civilização só se constrói a partir de uma formação humana ilustrada, pautada na ciência, nas artes e no individualismo prático.

Nesse contexto, o corpo começa a se constituir, conforme assegura Nóbrega (2005), em uma educação do corpo. Desde os renascentistas, passando por Rousseau até Pestalozzi, a educação com base na ciência médica de matriz biológica determinará uma educação do corpo que visa civilizar as paixões, disciplinar os desejos e valorizar o corpo por meio de exercícios físicos. A ginástica, a partir do século XIX, foi um dos elementos de

monstruosidade que primeiro se inscreve no corpo e depois que é internalizada passa a ser moral, de uma pessoa que não é homem e nem animal, uma pessoa com deficiência.

pedagogização da sociedade: um novo código de civilidade, uma pedagogia dos gestos e das vontades, uma higienização dos movimentos e dos corpos.

As práticas eugênicas e higiênicas de educação disciplinavam e controlavam os corpos a partir de uma pedagogização que se acreditava científica e que tentava a todo momento disciplinar os corpos dos sujeitos com a imposição de uma norma contra um desejo, contra o corpo das pessoas.

Amparada na ciência médica, a educação do corpo tem seus princípios ergonômicos e disciplinares na disposição dos estudantes e na vigilância dos corpos, na separação entre meninos e meninas. Mas é na Educação Física sua principal contribuição, pois era preciso fortalecer os corpos para o trabalho, para a disciplina e para a maternidade e afazeres corporais, no caso das mulheres. Essa lógica permanece atual, face ao desenvolvimento, no século XX, das pedagogias ativas ou as escolanovistas, como queira considerar. Segundo Nóbrega (2005), no ideário da Escola Nova, a educação do corpo fundamentou-se na instrumentalidade e no aprendizado da civilidade, na educação da sensibilidade, a partir dos jogos, da ginástica e das artes. Tal concepção compreende o corpo como elemento acessório, instrumento de trabalho no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, ou seja, reflete a cisão corpo-mente.

Criticando essa concepção que ainda continua vigente no imaginário dos professores, Candau (2011) e Soares (2007) atestam que, mesmo com os avanços pedagógicos significativos da Escola Nova, suas abordagens centradas no desenvolvimento psicoafetivo dos indivíduos limitam e desconsideram a compreensão das dimensões históricas e socioculturais dos sujeitos, suas comunicações com o meio social em que se inserem, nos quais os mesmos operam suas formações e trocas culturais.

Sob a ótica dos elementos apontados por Le Breton (2007), ao apontar a dinâmica das relações culturais que se comunicam e demarcam a existência corporal dos sujeitos, o autor reflete acerca da trajetória de conformação de um dado projeto pedagógico no mundo ocidental que tende à universalização do conhecimento e à uniformização da formação humana. Nesse esteio, pensando em como é construída a ideia de corpo sob o olhar do estudante de graduação, pergunto-me: como a questão do corpo é discutida por esses estudantes? O que dizem os próprios estudantes sobre o corpo?

É preciso retomar as repercussões concretas nos corpos das manifestações consagradas como biológicas. Le Breton (2007) reflete que condutas práticas comandadas por dados fisiológicos, tais como: dor, fome, sede, são influenciadas ou fortemente orientadas por dados sociais, culturais ou psicológicos. Não há nada no comportamento humano que seja natural,

mas fruto de um constructo sociocultural. De igual modo, as impressões de dor, fome e sede irão sempre variar de acordo com sua dinâmica social específica.

Os cuidados higiênicos determinados por tradição escolarizada nos estudos da Ciência e, especialmente, na Biologia, obedecem ao modelo médico que se aproxima dos modelos da média da população do ocidente, mas que variam de modo significativo, seja nas classes mais pobres (por falta de condição estrutural econômica), seja em outras civilizações com paradigmas culturais distintos. Diante desses aspectos, Le Breton (2007) afirma a necessidade de superar a ideia biologizante que tem amplos espaços e poderes na compreensão, exposição e representação do corpo. É preciso desmistificar a simplificação da Biologia que traz um mundo natural para decalcar sobre as ações humanas.

Diante dessa complexidade, o pesquisador afirma que

[...] a sociobiologia é obrigada a privilegiar argumentos impositivos oriundos do imaginário biológico. Ela afasta a preocupação de observar o homem real que vive em dada sociedade num dado momento; de fato, prefere o estudo dos mecanismos neurológicos dos comportamentos ao estudo das relações do homem com o mundo. Prefere os mecanismos musculares às ações da corporeidade humana. Para evitar encontrar a complexidade da troca das significações sobre a qual se funda a condição social do homem, ela prefere falar de troca de "informações" com a vantagem, bem considerável na sua opinião, de assim dissolver a dimensão simbólica e de poder comparar as trocas de célula para célula com as existentes entre os homens vivos, como se fosse questão de estar tratando da mesma ordem de fatos. Além deste empreendimento de dissolução do sentido e do valor, a sociobiologia, para justificar sua perspectiva, deve também fazer vista grossa às formidáveis variações culturais (ou até mesmo pessoais) que pincelam o espaço social com suas incontáveis particularidades (LE BRETON, 2007, p. 64).

Seja na dimensão da escolarização, seja nos aspectos da evolução da ciência médica e suas representações por imagens do corpo (ultrassom, tomografias, ressonâncias, raios-X, sensores), o homem, enquanto ser biológico, mas que afirma sua humanidade no terreno da cultura, não pode continuar a ser uma extensão impalpável do próprio corpo. A ciência médica e a Biologia buscam a objetividade e suprimir o simbólico, erradicar o imaginário. Sejam os mapas de anatomia, as representações imagéticas do corpo nos livros didáticos, ou o insípido esqueleto na sala de aula não representam a história, os dramas, as dores, risos e tragédias de cada narrativa sociocultural das pessoas (LE BRETON, 2007).

Dessa forma, compreendemos que o corpo é um instrumento humano – o homem em sua manifestação cultural concreta, mas não se pode admitir o corpo como apenas instrumento de práticas educativas. Consoante Nóbrega (2005), a educação precisa ir além da sua instrumentalidade, de sua ilustração na Biologia e nas Artes e para além da sua movimentação mecânica na Educação Física. A educação, o ambiente escolar e acadêmico precisa admitir o

corpo como portador de tensões culturais, étnicas, de gênero, de pertencimentos sociais. Corpo de sujeitos que pensam, agem, sentem, vivem e também morrem.

Pensar essa educação do corpo pressupõe demarcar o conceito de diferença como orientação de análise. Em contraste ao conceito de diversidade, compreendido como uma essência social dada, qual seja, a tolerância da coexistência de distintas formas de existência cultural, aponta-se o valor da diferença, uma política de identidade ou, conforme Silva (2000, p. 42), “[...] um processo social estritamente vinculado à significação”. Com isso posto, cabe compreendermos as concepções, os discursos e sentidos atribuídos ao corpo no ambiente formal universitário, em tempos tão complexos para ser e estar no mundo como o nosso.

Adiante, adentramos neste universo do sentido e significado em Vygotsky e como atribuímos eles ao corpo, diante de uma trama sócio-histórica.

3.4 Sentido e Significado em Vygotsky

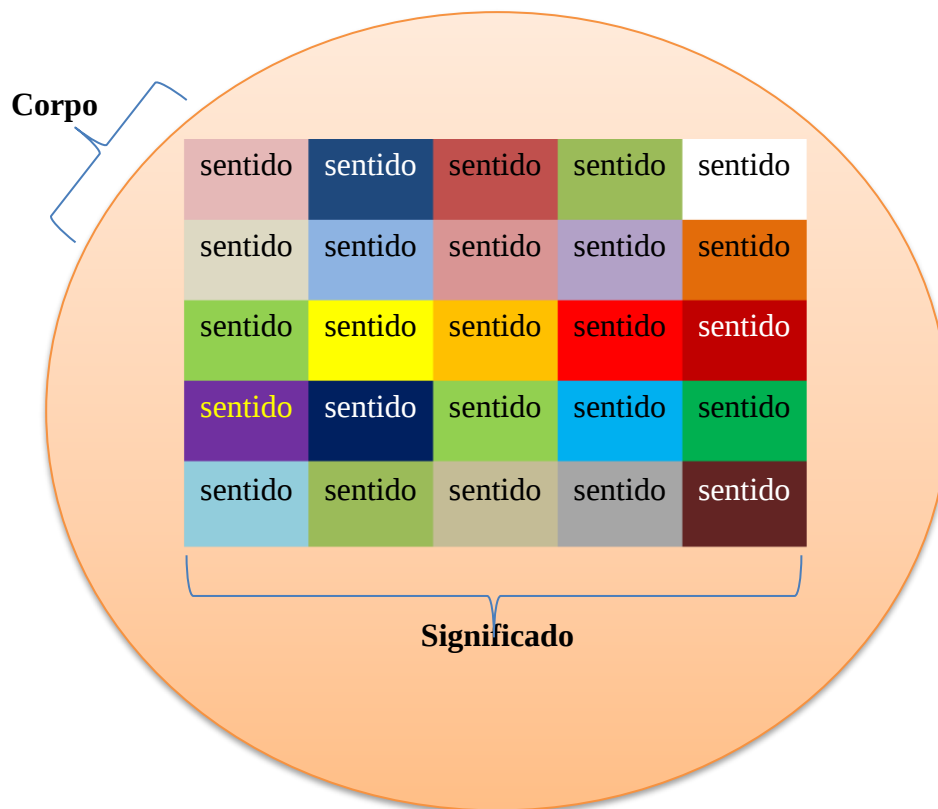
É importante trazer Vygotsky para a tese, porque a partir dele que iremos entender que o corpo se faz através de uma construção social, coletiva e individual. E percebe que o seu pensamento vai de encontro com os outros autores desta pesquisa. É sempre nessa direção (VELEIDA CHARLOT, 2019).

Para Vygotsky (1989), o sentido é pessoal e cai no bojo da subjetividade. O seu conceito de sentido é muito discutido na academia por ser um discurso deixado em aberto na sua obra “Pensamento e Linguagem” e, mais especificamente, no seu último capítulo “Pensamento e Palavra”. Na arquitetura da sua epistemologia, ele traz o sentido numa trama dialética dos espectros sociais entre o sujeito a partir de suas experiências pessoais e a de constituição de história do mundo psíquico, ou seja, entre as dimensões da produção coletiva e individual, aspecto característico da sua abordagem sócio-histórico-cultural, não desprezando a história individual e coletiva dos sujeitos para a construção de sentido.

Vygotsky (1989) vem nos afirmar que para entender o universo da consciência humana não pode ser desconsiderada a relação entre o pensamento e a linguagem no processo de significação – significado e sentido. Cabe de imediato falar sobre significado e sentido, para melhor compreendermos, ou melhor, trazer uma possível compreensão do pensamento vygotskyano sobre esses conceitos. Se pudermos visualizar uma mesa de jogo de xadrez com o tabuleiro e suas peças, pode-se fazer uma analogia em que o tabuleiro tem a mesma função do significado (coletivo) e as peças que deslizam sobre este tabuleiro seja o sentido (individual).

Compreendemos assim que o tabuleiro construído para o jogo de xadrez com seu formato e padrão designado seja o significado, da ordem social, coletiva e histórica, e o sentido às peças que deslizam e não estão inertes sobre este tabuleiro da qual fazem parte, mas estão em movimento, pois não são fixas, deslizam. Assim seria a forma mais simples e pragmática para explicar de imediato o que seriam estes dois conceitos de forma geral, sem cair num erro de jogo de palavras para explicá-las. Na figura 3 foi elaborado um esquema de como se configura o sentido e significado sobre o corpo diante da explicação do tabuleiro de xadrez exemplificado acima.

Figura 3 – Representação Gráfica de Sentido e Significado do Corpo



Fonte: elaborada pelo autor (2019).

Para Vygotsky (1989), o sentido de uma coisa é muito complexo, fluído, sempre em deslocamento e também único para cada consciência que pode ser alterado em situações distintas. Ele está em constante movimento. O autor exemplifica o sentido de uma palavra que tem sentido numa frase, localizada em um determinado parágrafo, dentro de um capítulo e ao mesmo tempo dentro de um livro em uma estante na biblioteca com outras estantes de livros que foi escolhido por uma pessoa e essa escolha tem um sentido para ela. Dessa forma,

mostra-se que o sentido de uma palavra está determinado a uma consciência e a relação que ela expressa numa palavra. Há uma relação entre a palavra e um sistema consciente de pensar. Em suma, o sentido de uma palavra está inserido num sistema de pensar dinâmico. Se ela não se insere num sistema complexo de pensamento dinâmico ela não tem sentido (VYGOTSKY, 1989; OLIVEIRA, 1995).

Na teoria da atividade, Leontiev também traz um conceito sobre o que seria sentido, tendo como princípio básico a relação de um motivo e uma meta. Em suas explicitações, Leontiev traz um conceito a nível prático sobre o sentido partindo da relação entre o que provoca a ação – motivo da atividade – e aquilo que se tem como resultado imediato, fim da ação ou meta. É dessa relação motivo e meta que se dá o sentido pessoal, que para encontrá-lo é necessário descobrir seu motivo correspondente, ao qual a ação se destinou (NASCIMENTO, 2018).

Desse modo, podemos verificar que há sempre um movimento dialético nas pontuações vygotskianas como também nas de Leontiev, típicas do pensamento Sócio-Histórico, relação sujeito e objeto, senhor e escravo, eu e o outro, sentido e significado, motivo e meta, em que uma coisa não existe sem a outra ou são indissociáveis.

Sobre os significados, eles são construídos socialmente e são contextuais, ou seja, em outra língua ou cultura os significados de uma palavra ou uma coisa, o objeto pode não significar nada ou ter significado diferente desse. O ser humano assimila os significados já compartilhados socialmente e, assim, comungam significados aceitos no contexto social em que vive, construído histórico e culturalmente. A linguagem, tanto a falada quanto a escrita, são signos e os signos são algumas coisas que significam outras coisas. As palavras, por exemplo, são signos linguísticos, ou seja, a linguagem é o mais importante sistema de signos, pois a análise dos signos é o único método para se investigar a consciência humana, declara Vygotsky (1989).

Ainda consoante Vygotsky (1989), a linguagem faz parte da constituição do sujeito por uma mediação processada pela utilização de signos que possibilitam, na interação social, a transformação do seu meio e do sujeito humano. Assim, o sujeito humano se constrói num processo dialético e histórico e sua relação com a realidade por meio de mediação, a qual o homem transforma a natureza e ao mesmo tempo é transformado por ela. É a partir da linguagem e sua mediação que o humano se constitui sujeito, atribuindo significados às coisas, aos objetos, aos seres e aos eventos ao seu redor.

É levando em consideração este movimento dialético que trago também o corpo como espinha dorsal deste trabalho, pressupondo uma relação de produção de um lugar e época, nas

quais o corpo tem predisposição a se transformar para se adequar ao seu meio com a possibilidade de suprir a demanda de produção de corpos como forma de sobrevivência de uma lógica simbólica embebida pelo meio social.

Na ótica da perspectiva histórico-cultural, o corpo é uma construção social, uma vez que cada um nasce num lugar e época e isso muito contribui na forma como o sentido sobre o corpo é atribuído pelas pessoas. O corpo, diante deste pensamento de Vygotsky (1989), é um produto social. E como produto social, significa que ele precisa sobreviver no mundo, produzir condições de sobrevivência das relações de produção e das relações sociais de uma determinada época. O corpo, para ele, é um revelador das relações sociais, da relação de produção e também da relação com o mundo e consigo mesmo, a partir do ponto que tudo que existe passa pelo crivo do corpo e é traduzido por ele próprio, por meio de suas experiências.

Como o Outro, enquanto entidade cultural, é percebido nessa perspectiva de Vygotsky? Aqui cabe trazer como o Outro é compreendido na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, para mostrar sua importância no processo de significação. Nesse pensar, a cultura é entendida como o conjunto das produções humanas, produções que, por definição, são portadoras de significação. E o acesso ao universo de significação dos objetos culturais, implica na emergência da condição humana de sociabilidade. Condição humana trazendo em seu bojo uma herança regida por leis históricas. Na concepção de Vygotsky, é a história da produção pelos homens das suas condições sociais de existência. Portanto, aqui saliento que o Outro faz parte de uma história da produção do homem, de uma cultura portadora de objetos significados, transversalizado pelo simbólico e por processos de significação no bojo da linguagem.

Logo, quando pensamos em produção de sentido sobre corpo, deve-se considerar que o sujeito falante está a todo momento sendo interpelado pelas suas condições sociais e históricas de existências, as quais embrincam no seu dizer. A forma, o modo de dizer que uma pessoa fala sobre ela mesma ou outrem, os seus gestos e os cumprimentos, estão, particularmente, carregados de sentidos e significados próprios.

O sentido está também inserido em formas de pensar. Isto é, está relacionado a tudo aquilo que pode entrar em um sistema de pensamento. Para Charlot (2018), possivelmente o sentido seja ou esteja ligado a um conteúdo ou elemento intelectual que se relaciona com um desejo profundo. O sentido está ligado ao desejo, mas o sentido não pode ser confundido com o desejo, pois esses possuem diferentes olhares. Um se relaciona ao processo de pensar, intelectual e o outro está sobreposto numa questão dialética sobre o desejo como falta, nas entrelinhas, o desejo do outro lacaniano, pois o ser humano é falta. O que este procura, é ele

mesmo. E, portanto, o desejo do outro é o desejo para mim. O meu desejo do outro é uma dialética que só existe entre meu desejo e o outro, ou seja, entre eu e o outro.

Desta forma, podemos entender que o sentido nunca está sozinho numa trama, ele se relaciona com outros elementos como o desejo humano, as experiências da pessoa, com os significados que o faz se movimentar sobre ele. Como no tabuleiro de xadrez, ele nunca está sozinho, mas relacionado a outras peças que se movimentam num jogo de significação e que avançam no caminho de um sistema de pensar de um sujeito que é social, histórico e que está inserido numa cultura.

Para Vygotsky (1989, p. 11), “é no significado que o pensamento e o discurso se unem em pensamento verbal. É no significado, portanto, que encontraremos a resposta às nossas perguntas sobre a relação entre o pensamento e o discurso”. Então é aqui que podemos nos sustentar sobre os sentidos e os significados que os estudantes atribuem ao corpo, pois é por via deles que os estudantes têm muito a dizer, uma vez que o discurso é o próprio pensamento e palavra em movimento, verbalizada.

Para Vygotsky, na interpretação de Oliveira (1995, p. 50), acrescenta que o significado da palavra e das coisas propriamente ditas “refere-se ao sistema de relações objetivas que se transformou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam”. Já o seu sentido, “refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo”.

Vygotsky (1989, p. 11-12) ainda continua, “Uma palavra sem significado é um som vazio, já não fazendo parte do discurso humano”. Dessa forma, o significado é o componente indispensável da palavra. Demonstrando a natureza psicológica dos significados ele os liga ao pensamento humano numa relação com o discurso. Então, todo e qualquer discurso humano é atribuído de sentidos e significados que o movimenta demonstrando que esses mudam com o desenvolvimento do ser humano que, logicamente mudam com o tempo, pois essa é sua lei universal por considerar que o homem é um constructo sócio-histórico-cultural.

Vygotsky (1989), em ótica analítica, faz menção às relações entre pensamento e linguagem, da sua própria obra que intitula a essa questão, em que o significado das palavras ocupa um lugar para ele que é central, basal e fundamental para a compreensão dessas relações. O significado é um componente essencial da palavra, e, para o próprio Vygotsky (1989) é, ao mesmo tempo, o ato do pensamento, ou seja, o significado de uma palavra já se

constitui em si uma generalização. Isto é, dentro ou no próprio significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em um pensamento, agora, verbal.

Ao falar a palavra corpo, por exemplo, anuncia-se uma palavra cujo significado já é determinado. Esse possível significado determinado possibilita a comunicação inteligível entre os usuários de uma língua, a portuguesa, definindo certo modo de nos organizarmos e de organizar o mundo real, de uma maneira que essa mesma palavra, corpo, seja aplicada em determinadas situações e não se aplique a outros objetos como lápis, mochila, sandália, pois esses outros têm significados diferentes que foram constituídos socialmente, os quais não poderiam, logicamente, ser aplicados à palavra corpo.

Então, é a partir do significado que se encontra, consoante Vygotsky (1989), as funções básicas da linguagem: a interpelação do social e o pensamento generalizante. São os significados das coisas, das palavras que irão se proporcionar ou facilitar a mediação simbólica entre o sujeito interpelado e o mundo real, configurando-se em uma espécie de “filtro” o qual as pessoas são capazes de compreender o mundo, o outro e agir sobre esses.

Vygotsky (1989) nos revela que,

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. [...] Daí não decorre, entretanto, que o significado pertença formalmente a duas esferas diferentes da vida psíquica [...]. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento (VYGOTSKY, 1989, p. 150-151).

Assim, para nosso entendimento vygotskyano, o significado continua sendo um conceito difícil de ser definido mesmo como um fenômeno da linguagem ou do pensamento. É sugerido que tenhamos mais horizonte de discussão em que pudéssemos verificar com mais atenção no ato de atribuição de sentido, pois o pensamento e a linguagem são, e, sobretudo, estão em uma relação indissociável, em que um não é causa do outro, mas não podem existir sozinho. Isto é, enquanto a linguagem expressa o pensamento, o pensamento é permeado pela linguagem, uma relação dialética fundamental que os constituem.

Poderíamos afirmar que o significado das coisas e das palavras seria um fenômeno da fala? Fazendo uma deriva do pensamento de Vygotsky (1989), os significados das palavras se dão a partir de uma generalização ou de um conceito que se constrói socialmente. E das mesmas formas que essas generalizações e conceitos não podem deixar de estar relacionados aos atos de pensamento, consideremos os significados como fenômenos apriorísticos do pensamento.

Os significados, como discurremos outrora, são construções dadas ao longo da história de diferentes grupos humanos. Eles não se dão naturalmente, são constructos próprios do homem que é um ser social, histórico, cultural e de relações. Nessas relações do sujeito humano com o mundo físico e social, encontram-se os significados os quais se revelam em constante transformação.

Não obstante, os significados não são e não podem ter atributos estáticos, pois na visão de Vygotsky (1989) uma palavra nasce, aqui, daremos ênfase à palavra corpo, para designar um determinado conceito por um grupo social, e esse vai sofrendo transformações, ressignificações, refinamentos e acréscimos ao longo do tempo. Então, é no espaço e no tempo também que os significados e sentidos atribuídos ao corpo pelas pessoas são constituídos de diferentes formas, eles sempre estarão em modificação, movimentando-se com um atributo de não-estático, mas espacial e temporal.

Isso ocorre, sobretudo, nesses sistemas de relações e generalizações que estão contidos nas palavras, como exemplo do corpo, que muda ao longo do desenvolvimento de uma sociedade, através do tempo e com o tempo – como vimos nas concepções e significados do corpo desde a Grécia antiga até o século XXI da nossa sociedade contemporânea ocidental, discutidas nas seções anteriores deste texto.

Desta forma, ao tomarmos posse dos significados das palavras e das coisas, dos objetos, temos um modo particular de levarmos esses significados às nossas experiências que ocorrem por meio de nossa relação, da nossa interação com as outras pessoas e o mundo, refinando esses significados, os quais para nós começam a se tornar próprios, ajustando-os, de tal forma, que os aproximamos ainda mais dos conceitos advindos do grupo cultural o qual fazemos parte. Não obstante, esses significados sempre estão mudando, transformando-se, ressignificando a cada momento e deslizando pelo grande tabuleiro de xadrez, que se ajusta, se conceitua novamente, se aproxima e ganha contornos peculiares, obtendo significado próprio, ou seja, o sentido.

Essas transformações dos significados das coisas, dos objetos e das palavras não ocorrem apenas das experiências vividas por uma pessoa, mas a partir de referências simbólicas ordenadas e consolidadas por um grupo social, pela e na cultura. Desse modo, começamos e podemos distinguir o que é um lápis, um caderno, uma escola e um corpo pelos sistemas simbólicos atribuídos a esses, que se ressignificam, se transformam e ainda continuam sendo estabelecidos e consolidados pela cultura.

A partir disso, Vygotsky (1989) nos leva à distinção de significado e sentido de uma palavra. O significado propriamente dito – o conceito formulado cultural e socialmente entre

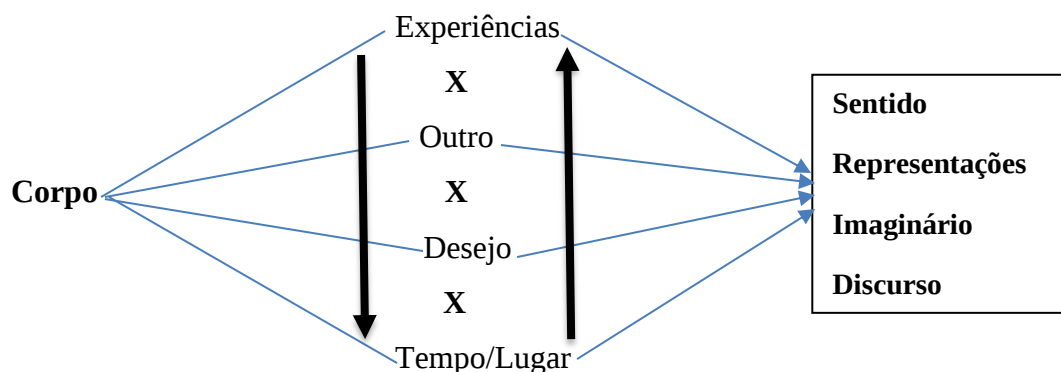
as pessoas de forma comum. Esse se refere às disposições de relações objetivas que foram se formando a partir do processo de desenvolvimento da palavra com um núcleo de compreensão comum compartilhado e utilizado por grupos de pessoas. E o sentido, refere-se ao significado próprio de uma palavra para cada sujeito individualmente, um componente idiossincrático que se compõe por relações próprias ao contexto do uso de uma palavra a partir da vivência afetiva, histórica e singular, particular de cada pessoa.

3.4.1 O corpo e a perspectiva Sócio-Histórica de Vygotsky

O corpo, assim como seu imaginário e representações na perspectiva sócio-histórica vygotskyana, não é fixo, ou seja, não é e nem pode ser considerado um sistema cujas funções sejam fixas ou imutáveis, mas de plasticidade na qual suas noções vão se moldando ao longo da história coletiva e individual das pessoas. Nesse viés, Vygotsky entende que “o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana” (OLIVEIRA, 1995, p. 24). Com isso, mostrando a afinidade do homem – corpo – à cultura, de tal forma, que esse é transformado por ela e o molda nos modos culturalmente construídos pela história humana, ao longo dos anos, através de uma relação mediada por elementos simbólicos entre os sujeitos e o mundo.

Para Vygotsky, a mediação é, genericamente falando, “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. Assim, esses elementos simbólicos podem ser qualquer coisa que se possa interferir nas percepções e experiências das pessoas e aqui destacamos como o elemento Outro, experiências, desejo, tempo/lugar como facetas dessa mediação (OLIVEIRA, 1995, p. 26). Vejamos a figura a seguir.

Figura 4 – Mediação de elementos simbólicos sobre o corpo



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

Na visualização da figura 4, os elementos destacados são parte de uma determinada atuação da cultura, enquanto elemento de mediação entre o corpo e as formas como as pessoas (estudantes da UFS) o representam, atribuem sentidos e falam sobre ele. Dessa forma, deve-se destacar que essas noções estão sempre em movimento, mudam, deslocam-se pela plasticidade atribuída aos sujeitos. O que isso quer dizer? Que as formas que atribuo sentido, represento e falo sobre o corpo, mudam temporal e espacialmente. Eis, então, um atributo consumado, há uma efemeridade do corpo que é plástico. E isso é considerado a partir de uma perspectiva da qual Vygotsky comunga sobre a complexidade superior dos seres humanos enquanto social, histórico e singular. Na capacidade de mecanismos psicológicos sofisticados ocorre a interação e a mediação com o meio físico e social, além disso, modificam e são modificados por eles, utilizando-se de meios próprios para sua perpetuação.

Por considerar o materialismo histórico, do qual Vygotsky via uma fonte importante para defesa do seu pensamento, defendemos aqui que o homem – corpo – se constrói em relação com o mundo, ou seja, os modos de produção de sentidos sobre o corpo se dão nessa relação homem e mundo. E esse processo de produção de discurso, sentidos, representações e imaginários sobre o corpo estará sempre em constante transformação, numa constituição dinâmica e contraditória, devendo aqui ser considerado como um processo – transformando e sendo transformado – sempre em desenvolvimento qualitativo, emergindo novos sentidos, novas representações e novos discursos (OLIVEIRA, 1995).

Nessa perspectiva, um determinado grupo de pessoas, de uma determinada cultura, em uma determinada época, produzem sentidos que se operam de uma forma particular, se comparados com outros grupos distintos, pois eles são construídos socialmente e ordenam seu real. Na perspectiva vygotskiana, quando se fala em construção social, histórica e cultural, refere-se não apenas às relações e mediações, mas ao “grupo cultural como fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, onde todos os elementos são carregados de significado” (OLIVEIRA, 1995, p. 37). Dessa forma, a vida humana está permeada de significados e da relação com o mundo social, por meio de processos que ocorrem em diversos níveis social, cognitivo, histórico, econômico e na significação das coisas e do mundo, no funcionamento da vida e das formas de viver das pessoas.

Dentro desse processo social e histórico do humano, o corpo também se faz, ou seja, o corpo não é uma coisa estática, mas uma arena de negociações em constante movimento de (re)criação, (re)interpretação dos seus conceitos e significados. Ele se dá em uma dinâmica de sínteses, assimilações e transformações postuladas pelas interações de vários planos e unidades simbólicas do Outro, que transforma suas significações socialmente, coletivamente e

na singularidade de cada pessoa. Essas não são passivas nesse processo, pois cada sujeito possui uma ação sobre o mundo. Agindo, (re)significando, transformando as coisas do mundo transforma a si mesmo. Uma transformação em síntese, de fora para dentro “de atividades externas e as funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, intrapsíquicas” (OLIVEIRA, 1995, p. 38). Desse modo, o corpo possui como atributo indelével sua condição histórica e social, coletiva e individual que significa do outro para si.

Na perspectiva teórica de Vygotsky, o ser humano por sua inserção em um ambiente cultural, aqui, a escola, a universidade e o curso de graduação, “é parte essencial da sua constituição enquanto pessoa” (OLIVEIRA, 1995, p. 79) e enquanto sujeito social, histórico e de desejo. A universidade e o seu curso de formação, além da família e outras unidades simbólicas são e fornecem instrumentos para possibilitar a frutificação de sentidos sobre o corpo e outros objetos que se relaciona e na (re)construção de significados.

3.5 O corpo em um cruzamento teórico

Assim a gente pode fazer um cruzamento teórico desses autores, pois eles nos darão algumas direções para o que estamos pesquisando (VELEIDA CHARLOT, 2019).

Nesta subseção, faço um cruzamento entre Vygotsky, Le Breton e Lacan sobre um sistema de relações sociais que o corpo se submete, por fazer parte de um processo legítimo enquanto social, cultural e histórico para sua constituição.

O homem em constante interação com o meio é transformado e constituído por ele ao longo desse processo. Assim, não podemos pensar o corpo como um sistema fechado, mas como uma estrutura moldável do processo de relação do homem com o outro e o mundo. O corpo que antes era biológico passa a ter mais afinidade à cultura e seus significantes do que à sua própria dimensão biológica por sua condição social e histórica (OLIVEIRA, 1995; LE BRETON, 2007) de um ser constituído por relações. Por se orientar ativamente pelo meio, adquire formas e sentidos que lhes são atribuídos por sua condição de incompletude e de desejo.

Essas características definem possibilidades, flexibilidades e variações individuais e coletivas de adaptação, significação e constituições dos corpos diante das relações com o espaço social e o tempo que se fala.

Consoante ao que já foi e será discutido, nas seções e subseções anteriores e subsequentes, Le Breton, Vygotsky, a própria perspectiva lacaniana e a análise de discurso concordam que o homem, assim como o corpo, faz-se enquanto significante nos discursos e é

construído socialmente ao longo da história, como um objeto supremo mediado pelos símbolos de uma ação de relação com o mundo. O corpo nada mais é do que o resultado de uma história de relação do homem ao meio enquanto sujeito social, movido de desejos, moldado pela cultura e tesouro do significante. É aquilo que faz-ser nas relações com e pelo Outro, possibilitado pela plasticidade que ele tem em sua interação ao mundo externo, com outros membros da sua espécie.

E enquanto membro de uma comunidade ou grupo, o homem se dispõe de possibilidades de sentir, ver, representar, imaginar, dependendo da sua inserção e interação com o meio, assim como também de construir significados pessoais das coisas que o entornam e as experiências vividas com pessoas, com objetos e seu corpo. Nesse interim, o Outro mantém em cada sujeito a capacidade de sobreviver e se desenvolver no meio humano em que as pessoas se relacionam e, além disso, sua presença também produz em cada pessoa a falsa consciência do que fala e não fala, entre o fazer e o não fazer tal coisa. Ele conserva e mantém o processo de endoculturação cogitado por Vygotsky, Lacan e Le Breton, o qual é base fundamental para a manutenção do humano enquanto sujeito descentrado, discursivo, de falta, de constituição de significados coletivos e próprios (sentidos), de relação, histórico e de desejo.

Essas características funcionam no humano de forma associativa. Por isso, o homem é um sujeito e não um indivíduo, pois ele é basicamente dividido, de dimensões que faz-ser um pelos outros, um eu formado pelo coletivo, um eu que é um outro, não linear, mas se inscreve em uma relação dialética, de uma relação múltipla que se constitui para um.

É também por meio dos sentidos que o homem interage com o mundo, a partir de um grau de atividade com o ambiente e os sentidos dispõe da audição, da visão, paladar, tato, olfato e da memória. Todas essas experiências são (re)significadas e mediadas pela cultura, cujos sistemas de signos nos alcançam e causam frutificação de sentidos. Em outras palavras, frutificação de significados próprios que assimilamos, mas que de alguma forma não são nossos de origem, mas sempre do outro, pois o Outro já estava lá antes de adentrarmos no mundo e na cultura, já constituído de significados. Desse modo, os órgãos dos sentidos humanos são tão importantes nesse processo de síntese e de significação das coisas, dos objetos e também do corpo como um produtor de significantes da experiência humana por meio dos sentidos.

Vemos, falamos, sentimos cheiros ou odores, degustamos, apalpamos, lembramos e ouvimos pelo Outro. A interpelação do Outro é inevitável e fundante ao universo humano, porque é dele que nos constituímos e nos tornamos humanos, em outras palavras, o Outro me

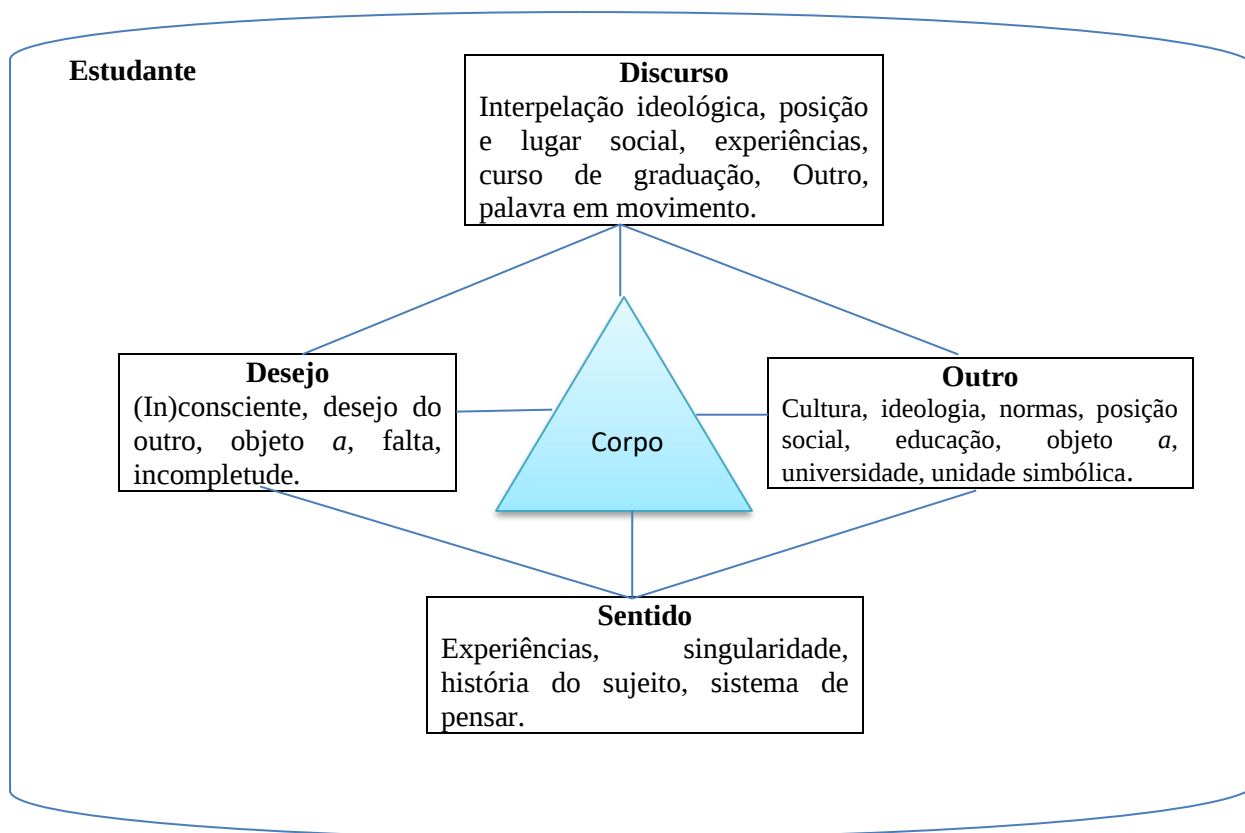
faz, nos faz, sintetiza, enfim, também nos humaniza. É um processo fundamental e essencialmente sócio-histórico. É a partir de tal afirmação que esta pesquisa desenvolve a tese do Outro como fundante para os sentidos, representações e imaginários de um grupo de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, analisado a partir de seus discursos sobre o corpo.

Desta forma, o Outro está nas diversas formas culturais e históricas dos sujeitos de se comportar e se relacionar com o outro e consigo. O homem enquanto ser social tem performances que se investem em um sistema de signos incorporados com o tempo, o espaço, com seus modos de relacionar com o mundo e com ele mesmo. Isso ocorre igual aos aspectos das falas externa e internas de uma criança, que se constitui de fora para dentro na aquisição da linguagem. Assim, também se dá a internalização do Outro.

Esse grande Outro internalizou e se internaliza nos sujeitos a partir das atividades humanas socialmente fundadas e, assim, historicamente foi se desenvolvendo como aspecto característico e único da constituição do homem. Ele é base de todo e qualquer salto qualitativo da animação humana, que já nasce com essa virtualidade e até agora conhecemos apenas parte desse processo tão grandioso da humanização, também chamado de educação – do Outro.

3.5.1 Triangulação do Corpo

A figura 5 abaixo mostra um compilado de todos os conceitos e discussão que foram dados e atribuídos ao corpo até aqui, na tecitura desta tese, em uma imagem que tenta demonstrar o fluxo que há entre as considerações dadas pelos autores abordados e pelo pensamento reflexivo do pesquisador que vos escreve.

Figura 5 – Fluxo do Corpo

Fonte: elaborada pelo autor (2020).

Com isso, entende-se que o corpo engloba todos os conceitos/componentes representados na figura acima (discurso, Outro, sentido, desejo). O Outro existe permeado pelo discurso do estudante interpelado pela sua cultura, sua posição social, o qual acha ser da sua autonomia. A relação permeada pelo estudante, o discurso e o Outro é dada pelo desejo. Entre estudante e o discurso há relação entre o sentido, o Outro e o desejo. Entre o estudante e o Outro há também afinidade entre o discurso, o sentido e o desejo. Entre o discurso e Outro há o sentido e o desejo. O corpo é desejo, é o Outro, é sentido, é discurso, é dispositivo da cultura. Corpo é constituído por um discurso contemplado pelo desejo, pelo Outro e pelo sentido. O corpo é uma sentença de combinações múltiplas, de sentidos diversos, de diferentes discursos, governado pelo desejo implicado na instituição do Outro.

Quando desejo o outro, desejo o seu desejo. Quando falo sobre mim mesmo, falo por meio do desejo. É um desejo dialético dado sempre entre duas coisas dependentes entre si para existir. O corpo existe e há um discurso sobre ele. Tenho um corpo e ele existe através do Outro que fala por mim. Em suma, o corpo é governado pelo desejo, pelo objeto *a* que falta, causa do desejo.

Dessa forma, o sentido do corpo aparece aqui, como uma rede de relação entre o discurso, o desejo e o Outro, cujo funcionamento corresponde ao alinhamento dessas dimensões. Designamos aqui, uma triangulação do corpo (discurso, desejo, Outro) como produtora do sentido sobre o corpo. O sentido do corpo é resultante de movimento de regras específicas apropriadas de uma enunciação ou ato pelo qual o sujeito falante faz o objeto corpo ter sentido, em que essas dimensões associativa e correlativamente se conectam e, assim, aparece como objeto de sentido do sujeito, isto é, do estudante universitário da UFS.

3.6 A tese

Dessa maneira, esta investigação tem como base esse movimento de conceitos, a qual apresenta a premissa de mostrar a implicação do Outro e seus múltiplos efeitos nos discursos de estudantes da UFS sobre o corpo. Os discursos e sentidos atribuídos são infligidos pela instituição do Outro – a Educação. O corpo fala pela voz do Outro pelo qual é reconhecido.

Sustentado em Lacan, o corpo Real é o vivido; o Imaginário é o corpo visto, refletido; e o corpo Simbólico é aquele que pode ser dito. Destarte, o Outro, enquanto sistema simbólico, constituído de unidades simbólicas, implica nos discursos e nos sentidos atribuídos ao corpo, que se torna parceiro privilegiado do Outro.

Diante do que foi discutido até o momento, o corpo é significantizado e o Outro, o tesouro dos significantes, bem como campo da linguagem. Também posso concluir, de forma legítima, que o corpo é o erário do Outro contemplado nos registros do Imaginário, Simbólico, Real e seus significantes que o apoiam. Assim, o Outro implica nos discursos, sentidos, significados e imaginários dos estudantes, então, o estatuto do corpo é tesouro signifiante do Outro, por fim, em tese, o “corpo é um Outro”, em sua economia, “Corpo-Outro”.

4 POR ONDE (DES)CAMINHAR: (DES)CAMINHOS METODOLÓGICOS

Enquanto pesquisador, guiei esta pesquisa diante das minhas problematizações relacionadas ao corpo, aos discursos e sentidos que os estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe atribuem a ele. Então, situar a metodologia é uma condição pedagógica que se faz necessária como uma bússola, nos orientando e apontando o caminho a seguir.

O caminho metodológico não é algo rígido, engessado e com difícil articulação, mas, não devemos fugir de sua cientificidade, a qual se baseia em estruturas teóricas que a fundamentam com seu rigor e ética. Devido a isso, efetivo as seguintes perguntas: como encontrar uma trilha segura? Em quem devo me sustentar? Pensando em segurança, primeiro, recorro a mim mesmo como método, pois sou eu quem estou nesta pesquisa desde seu nascimento à sua maturidade. Por isso, afirmo-me como método primeiro. Em segundo lugar, sustento-me nos autores tendo como referência analítica dos dados Eni Orlandi (2009) para a Análise de Discurso. Para os instrumentos, debruço-me sobre Bernard Charlot (2009) com o Balanço ou Inventário do Saber; Laurence Bardin (2011) para a Associação Livre, uma vez que esse instrumento foi utilizado inicialmente por Freud em audição para com seus pacientes; e o Questionário e a entrevista semiestrutura em Uwe Flick (2009) e outros.

4.1 Procedimentos metodológicos, materiais e métodos

Diante da diversidade de métodos utilizados nas pesquisas em educação, a nossa opção metodológica não foi escolhida ao acaso. Esse cuidado requer que essa escolha esteja concatenada ao nosso objeto, às técnicas utilizadas, ao problema que propomos investigar e aos objetivos que queremos chegar. Diante disso, Charlot (2002, p. 91) nos indica que “o papel da pesquisa é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar inteligibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali”. Então, antes de qualquer coisa, podemos criar instrumentos próprios, métodos pertinentes e próprios para nossas pesquisas não deixando de ter seu caráter científico e nem seu rigor metodológico.

Considerando o que esta pesquisa visa analisar diante dos sentidos e discursos atribuídos ao corpo pelos estudantes da UFS, optou-se pelos procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa. Uma abordagem qualitativa de pesquisa possui elementos necessários para o desenvolvimento e a operacionalização desta tese. Esse tipo de pesquisa tem como objetivos descrever e analisar fenômenos sociais. Segundo Gil (2006, p. 44), “tem como

objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”.

Esse tipo de pesquisa relaciona e correlaciona dados ou até mesmo fenômenos sociais sem ter a pretensão de sua manipulação. Além disso, analisa também aspectos presentes no bojo do comportamento humano e demais que se encontram no espectro da educação e da vida social, política e até em vieses econômicos (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Por isso, ao ter como fonte direta os discursos dos estudantes para constituição dos dados, atenderemos uma característica fundamental das pesquisas que se dispõem como qualitativas. Essa característica também se sustenta pela relação entre o pesquisador e sua intensiva afinidade com os estudantes no campo empírico de investigação por tempo prolongado.

Outra característica importante e motivo pelo qual fora escolhida uma abordagem qualitativa de pesquisa é o fato de que nesses tipos de investigações, como dito por Gil (2006), há uma produção de dados descritivos, em outras derivas, das próprias palavras das pessoas pesquisadas, sejam elas faladas ou escritas. Dessa forma, a partir dessa proximidade com dados e participantes da pesquisa, utilizei, sobretudo, o respeito e a ética para com os registros das palavras faladas e escritas - analisadas por mim, o pesquisador. Essa postura além de possibilitar a riqueza dos detalhes sem perder suas nuances, permite ter um olhar cuidadoso para as atitudes éticas na investigação.

Neste pensar, também comungamos com Lüdke e André (1986, p. 12) a seguinte assertiva sobre este tipo de abordagem de que “[...] o pesquisador deve assim, atentar para o maior número de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para melhor compreensão do problema que está sendo estudado”. Como esta pesquisa trata de discursos e sentidos, esses aspectos são fundamentais para uma pesquisa qualitativa. Isto é, o sentido que as pessoas atribuem às coisas, nesta ocasião ao corpo, é essencial no bojo desse tipo de investigação o que nos garante propriedade ao adotá-la.

Para a análise de dados foram utilizadas noções da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, que teve seu início a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux na França e no Brasil sua continuidade com Eni Orlandi (2009). A partir da perspectiva do discurso dessa autora, desenvolvemos a análise dos dados produzidos. Em sua argumentação, a autora busca entender como o sujeito, que é um ser social, singular e histórico, produz sentidos ao se colocar diante de questões, a partir de vivências e de memória das suas experiências. Com

isso, destaca-se que não há discurso sem sujeito, bem como não existe sujeito sem um discurso carregado historicamente de suas experiências e ideologias (ORLANDI, 2009).

Para a constituição e produção dos dados desta pesquisa, optou-se pela modalidade de questionário, inventário do saber, associação livre e entrevista semiestruturada. Todos elaborados por mim, a partir da problemática desta investigação, sem, entretanto, tolher a possibilidade dos participantes voluntários, estudantes da UFS, trazerem, a partir de seus discursos, contribuições para a pesquisa.

Esses instrumentos se mostraram convenientes e práticos, porque permitiu a “escuta” e a “escrita” dos discursos dos estudantes em voga. Por isso, a análise do questionário, entrevista, inventário do saber e associação livre sobre as lentes da Análise do Discurso, justifica-se nesta pesquisa, pelo fato do objeto de interesse ser o discurso que se caracteriza tanto na forma falada quanto na escrita.

O discurso é compreendido, segundo Orlandi (2009, p. 15), como sendo “palavra em movimento, prática de linguagem”. Em outras palavras, o discurso é a língua, enquanto uma manifestação do homem no mundo, enunciando e escrevendo, funcionando para a frutificação de sentidos de um sujeito que sente, reflete, age e se relaciona com o outro e o mundo. Portanto, estamos interessados no discurso e sua forma de produção de sentido no que se refere ao corpo.

Assim, ao analisarmos o discurso dos estudantes da UFS, estamos diante de alguns elementos importantes, tais como: de que modo o sujeito se relaciona com a situação que o criou? Suas condições de produção, seu interdiscurso, além de nos ajudar a compreender situações internas do sujeito (o que ele diz? Como ele diz?) e uma análise externa (por que ele diz o que diz?), levando em conta também a carga ideológica que carrega cada discurso.

Por isso temos o dispositivo analítico da Análise de Discurso, o qual coloca o discurso humano como seu principal alvo, com o objetivo de analisar o sujeito falando/escrevendo. Orlandi (2009) leva em consideração que a linguagem não é transparente e as palavras que as pessoas falam e escrevem, ou seja, seus discursos, são interpelados pela ideologia, não são da sua própria autoria, permeados por sentidos diversos produzidos no processo de interlocução.

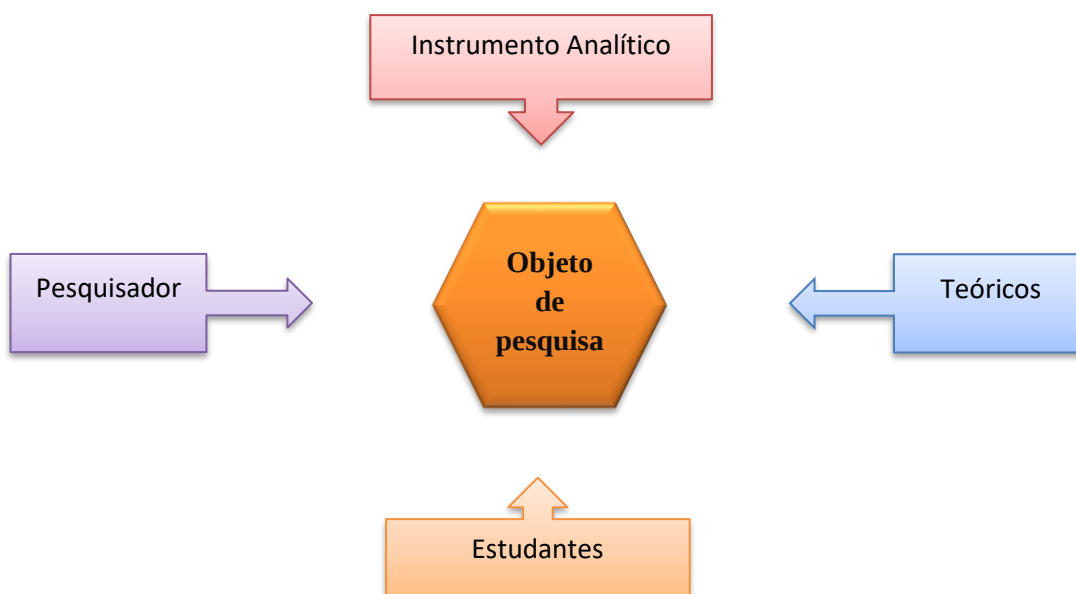
4.2 Perguntas que são feitas na Análise de Discurso

Quem está falando? De onde fala? Em que circunstância? Esses são questionamentos fundamentais adotados na Análise de Discurso Francesa como método de análise em uma pesquisa. Uma vez que é importante diferenciarmos o conceito de lugar e posição dos sujeitos, são distintos, pois precisamos saber de onde está saindo o discurso. Saber quem é o

outro no processo discursivo. Para Orlandi (2009), o conceito de lugar é social, é caracterizado por uma pessoa que tem ou está numa função, na condição de produção de discurso. Já o conceito de posição é o lugar ideológico, está na cabeça do sujeito, na sua formação ideológica.

Em adendo ao conceito de posição e lugar, devo salientar que nesta pesquisa falam três vozes, de acordo com a figura 6 localizada abaixo: a primeira se destaca na voz do pesquisador, que também se põe na posição de um sujeito, o qual pensa e age a partir de um corpo seu, ou seja, não existe neutralidade no texto, porque é uma produção subjetiva do pesquisador que o escreveu; à segunda voz, dou destaque aos teóricos abordados nesta pesquisa, porque sem eles este trabalho não teria fundamentação alguma e muito menos conceitos que são e foram necessários para sua cientificidade e rigor metodológico; e à terceira, e não menos importante, aos estudantes, alvo desta pesquisa sem os quais não poderia estar sendo produzida. Dar voz e vez a eles, torna-se necessário, pois é a partir de seus dizeres que a investigação se desenvolve.

Figura 6 – Partes que compõem a pesquisa teórico-analítica



Fonte: elaborada pelo autor (2020).

Quando pergunto quem está falando nesta pesquisa, devemos dar prioridade aos estudantes, os quais falam de um determinado lugar como estudante universitário de uma determinada graduação (Medicina; Ciências da Religião; Letras; Pedagogia; Serviço Social; Relações Internacionais; Filosofia; Matemática; Engenharia Agrônômica; Zootecnia; Ciências Biológicas; Educação Física; Psicologia; Teatro) e falam de maneiras diferentes, porque também se encontram numa determinada posição social. Uma vez que o discurso aqui tratado

“é espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente” (BRANDÃO, 2004, p. 37).

De onde está falando? Do lugar de universitário da Universidade Federal de Sergipe e que pode se colocar em outras posições como a de uma pessoa com doença autoimune, negra, indígena, trans, de um portador de doença crônica, de um militante de causas LGBTQIA+, da posição de professor, de um artista, cantor, ator.

Em quais circunstâncias? De uma pessoa submetida a uma entrevista no ambiente universitário. E por meio de vestígios que esses deixam no discurso falam muito mais do que as palavras que lhe saem à boca. É ouvir para além do que a pessoa disse – o não dito – mas está lá, latente e pronto para ser revelado. Analisar com AD é estar atento ao ritual das palavras, mesmo o das não ditas.

4.3 Os estudantes voluntários que participaram da pesquisa

Os participantes dessa pesquisa são estudantes matriculados regularmente nos cursos de graduações dos Centros Acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe. Para o critério de seleção, elencamos estudantes de idade maior ou igual a 18 anos. Outro fator é que esses participantes estão com mais da metade dos créditos do curso integralizados como garantia de terem cursado metade de sua graduação.

Nesse sentido, foram selecionados esses estudantes da Educação Superior por considerar que para falar sobre corpo e seus espectros seja mais pertinente na tentativa de dar resposta às questões e alcançar aos objetivos desta pesquisa, os quais seriam mais dificultosos com outros grupos de estudantes. Além disso, por ser uma pesquisa significativa no que se refere à sua problemática, à sua perspectiva utilizada e ao seu referencial teórico abordado numa tentativa de pensar o corpo no campo do discurso, desejo, sentido e significado.

Quadro 3 – Perfil dos Estudantes Participantes Voluntários

Graduação³¹	Centro	Habilitação	Idade/Gênero	Período	Posição Social
Biologia	CCBS	Licenciatura	29/Masculino	8º	Não Mencionado
Educação Física	CCBS	Licenciatura	30/Masculino	8º	Não Mencionado
Psicologia	CECH	Bacharelado	23/Feminino	6º	Militante Feminista / Dola
Letras Inglês	CECH	Licenciatura	23/Masculino	8º	LGBTQIA+, negro e com Vítigo
Ciências da Religião	CECH	Licenciatura	26/Masculino	4º	Militante LGBTQIA+, Soropositivo

³¹ No lugar do nome do estudante será dado o nome de sua graduação a fim de identificá-los do seu lugar de discurso, não interrompendo a inteligibilidade do texto e garantindo o anonimato dos participantes envolvidos.

Pedagogia	CECH	Licenciatura	24/Feminino	8º	Militante Feminista
Serviço Social	CCSA	Bacharelado	25/Masculino	10º	Militante LGBTQIA+
Medicina	CCBS	Bacharelado	26/Feminino	11º	Não Mencionado
Teatro	CECH	Licenciatura	31/Masculino	4º	Não Mencionado
Engenharia Agrônômica	CCAA	Bacharelado	20/Feminino	6º	Militante de causas sociais, humanas, ambiental e direito dos animais.
Zootecnia	CCAA	Bacharelado	35/Masculino	10º	Não Mencionado
Filosofia	CECH	Licenciatura	26/Feminino	6º	Militante Feminista
Relações Internacionais	CCSA	Bacharelado	24/Feminino	8º	Não Mencionado
Física	CCET	Licenciatura	23/Masculino	9º	Militante Pró-Ciência
Matemática	CCET	Licenciatura	24/Masculino	12º	Não Mencionado

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos questionários submetidos aos estudantes (2020).

4.4 Passos da pesquisa

A pesquisa de campo foi desenvolvida em duas fases. A primeira fase constituiu na seleção e a organização dos centros de ciências da Universidade Federal de Sergipe. De cada centro foram escolhidos de dois a três cursos de graduação desses para que se caracterize numa pesquisa de alcance institucional do campus São Cristóvão. Desse modo, foi feita a seleção de estudantes de turmas dos cursos selecionados como representantes dos centros dos quais fazem parte e, além disso, um questionário foi aplicado para caracterização dos seus perfis.

Cabe destacar que nesta fase essa pesquisa foi submetida para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Após essa etapa, obtivemos a aprovação com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética número 10257219.9.0000.5546 e de parecer de aprovação número 3.401.273 que se encontra no anexo III desta tese.

A segunda fase aconteceu a investigação dos estudantes com um Questionário Individual sobre aspectos que envolvem a temática do corpo e seus espectros, os quais circundam o tema da pesquisa em voga. Com isso, dei continuidade dos procedimentos com o Inventário do Saber. Depois da sessão de entrevista, que durou entre quarenta a sessenta minutos, garantindo a organização e o acompanhamento das explicitações do estudante. Dei continuidade à Associação Livre de Palavras após apresentar imagens e vídeos com uma abordagem temática sobre corpo em diversas situações e lugares. O Questionário Individual, o

Inventário do Saber, a Entrevista Semiestruturada e a Associação Livre de Palavras foram feitas em dias diferentes, respectivamente, sendo os dois últimos instrumentos no mesmo dia, para não haver desconforto, prolongamentos de encontros e não viessem interferir na espontaneidade do estudante por ter sido submetido ao processo da investigação.

4.4.1 Primeira fase: caracterização dos centros de graduação dos estudantes

Na fase de seleção dos centros de graduação, primeiramente, foi feita uma pesquisa no sítio³² do portal da Universidade Federal de Sergipe do Campus São Cristóvão que abrange cinco centros: Centro de Ciências Agrárias Aplicadas (CCAA), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH).

A Universidade Federal de Sergipe é a única universidade pública do estado de Sergipe. O *campus* Prof. José Aloísio de Campos de São Cristóvão, na região metropolitana de Aracaju, é um dos cinco *campi* da nossa universidade em Sergipe. Existe um montante de cinquenta e cinco cursos de graduação em licenciatura e bacharelado distribuídos entre os cinco Centros Acadêmicos. Dessa forma, são parte da população e amostra desta pesquisa quinze cursos, tendo em vista que são eleitos entre dois a três³³ cursos por centro. Temos a participação de todos os Centros Acadêmicos com quinze estudantes matriculados regularmente nestes centros e cursos, seja na licenciatura ou bacharelado. Escolhemos a quantidade de quinze estudantes por adequação aos instrumentos utilizados para produção de dados empíricos, garantindo a validade e rigor ao método utilizado em pesquisa significativa. Uma vez que a pesquisa significativa tem como prioridade elencar a constituição de dados no campo dos sentidos das pessoas investigadas e não tem como critério muitas pessoas, mas uma diversidade qualitativa de pessoas, podendo ter uma amostra pequena da população. Ela se afasta da pesquisa representativa, a qual precisa de grande quantidade de pessoas para a constituição de dados para análise (CHARLOT, 2019).

³² Disponível em: http://prograd.ufs.br/uploads/page_attach/path/413/lista_dos_departamentos-nucleos_dos_centros-campi.pdf. Acesso em: 09 de nov. 2018. E também se encontra nos anexos no final desta tese, nos elementos pós-textuais.

³³ Variou pela disponibilidade de estudantes interessados em ser voluntários da pesquisa.

4.4.2 Segunda fase: pesquisa com os estudantes dos cursos³⁴

A investigação foi realizada em três momentos distintos, mas complementares de forma subsequentes. O primeiro encontro foi com os estudantes dos centros e cursos selecionados, convidando-os para esclarecer os objetivos da pesquisa e distribuição dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE, tendo como critério que o participante voluntário tivesse idade maior ou igual a 18 anos e o vínculo de matriculado na UFS. O segundo momento, com os próprios estudantes advindos dos cursos selecionados. Esse momento configurou-se como um processo de reconhecimento do(a)s estudantes com Questionário e Inventário do Saber, para que no segundo momento fosse possível marcar um encontro individual com cada participante, inicialmente para uma conversa informal se configurando numa Entrevista Semiestruturada dentro de um ambiente com uma atmosfera confortável para as explicitações que ocorreram e a Associação Livre de Palavras de forma subsequente com todos os estudantes dos cursos e centros convidados.

4.5 Questionário

Com o propósito de produção de dados e criar um perfil social, econômico, familiar e acadêmico dos estudantes participantes, foi elaborado e utilizado um questionário de perguntas abertas. Nesse modelo, os estudantes têm a liberdade de elaboração das respostas. Nas perguntas fechadas, os estudantes escolhem uma ou mais alternativas numa lista de respostas definidas (GIL, 2008).

Para Gil (2008) o questionário deve traduzir aos objetivos da pesquisa em questões específicas e bem colocadas no roteiro do questionário para proporcionar a produção de dados a fim de descrever características ou perfis dos participantes da pesquisa. O autor também indica alguns cuidados na elaboração e aplicação do questionário, tal como a “constatação de sua eficácia para verificação dos objetivos; determinação da forma e do conteúdo das questões; quantidade e ordenação das questões; construção das alternativas; apresentação do questionário e pré-teste do questionário” (GIL, 2008, p. 121).

A principal vantagem do questionário é garantir o anonimato, um maior número de pessoas – caso seja desejável - economia, menos gastos de recursos humanos e, além desses fatores, aperfeiçoa o tempo dos participantes da pesquisa.

³⁴ O TCLE, Questionário, Inventário do Saber, Associação Livre e o Roteiro de Entrevista estão anexados nos Apêndices desta pesquisa.

No questionário elaborado por mim, formulei vinte e nove perguntas. Estas foram divididas em blocos com o propósito de criar um perfil geral do participante, fomentar dados sobre a família e questões que se referem a assuntos ligados ao corpo. Tudo isso a fim de produzir elementos prévios sobre os estudantes e o que pensam, supunham ou sabiam sobre assuntos em relação ao corpo, objeto central da pesquisa em voga.

4.6 Inventário do Saber

O inventário do saber ou balanço do saber é um instrumento de coleta de dados utilizado nas investigações que tratou inicialmente sobre a temática da Relação com o Saber e sentido. Ele foi elaborado por Bernard Charlot com a participação de Élisabeth Bautier e Jean-Yves Rochex da equipe de pesquisa Educação, Socialização e Coletividades Locais – ESCOL do Departamento das Ciências da Educação, Universidade de Paris-VIII, Saint-Denis.

Segundo Charlot (2009),

Os balanços de saber não nos indicam o que o aluno aprendeu (objetivamente) mas o que ele diz ter aprendido no momento em que lhe colocamos a pergunta, nas condições em que a questão é colocada. Por um lado, isto significa que nós apreendemos não aquilo que o aluno aprendeu (o que seria aliás impossível), mas o que, para ele, apresenta de forma suficiente a importância, o sentido, o valor para que ele o evoque no seu relato; essa triagem feita pelo aluno de forma mais ou menos inconsciente não nos incomoda, pelo contrário, uma vez que a investigação assenta sobre a relação do aluno com o saber (CHARLOT, 2009, p. 19).

Na compreensão de Correia (2017), o Inventário ou Balanço do Saber é um instrumento importante para as pesquisas que envolvem sentido, pois leva os estudantes a refletirem e não darem respostas precipitadas ao que é perguntado. Normalmente quando se pergunta algo diretamente a alguma pessoa ela fica condicionada a responder e às vezes responde sem mesmo refletir, sem ter noção do que respondeu, sendo pouco específico para aquele questionamento.

O Inventário do Saber é a elaboração de um texto a partir das seguintes questões originais: “Desde que nasci, aprendi muitas coisas, em casa, na rua, na escola e em outros lugares... O quê? Com quem? O que é importante para mim nisso tudo? E agora, o que eu espero?” (CHARLOT, 1999, p.7).

Desta forma, foi necessário reformular para meu objeto de pesquisa, adaptando:

Eu nasci, cresci, aprendi coisas na rua, em casa, na escola, na universidade e outros lugares. Diante de tudo isso, acho que o meu corpo...

O Inventário do Saber foi enviado por e-mail aos estudantes participantes com as devidas explicitações: “o Inventário do Saber tem alguns enunciados e você irá terminá-los

com uma frase, dissertação ou opinião sobre o que você acha ou pensa. Caso não consiga responde-lo, faremos em nosso próximo encontro junto à entrevista”. Nele, ficou explicitado que o estudante estava submetido a um processo investigativo e o Inventário do Saber tinha o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a maneira como o estudante se relacionava com assuntos referentes ao corpo. Nele, estava esclarecido que o participante poderia responder de maneira sincera e de forma livre. E que o conteúdo do inventário do saber era sigiloso e nenhum dos participantes teria sua identidade revelada. No qual as informações fornecidas por eles seriam apenas conhecidas pelo pesquisador e utilizadas exclusivamente na pesquisa e para fins de publicação futura³⁵.

4.7 A Entrevista

A entrevista se constitui um instrumento fundamental para a produção de dados numa pesquisa qualitativa. Como dispositivo básico de nossa investigação ela teve como principal característica sua semiestrutura. Essa possibilitou ao pesquisador adentrar no âmbito do discurso do estudante em uma dinâmica interativa entre quem pergunta e quem responde.

Assim, temos entendimento que na entrevista semiestruturada se tem a possibilidade de analisar ou interpretar qualquer tipo de linguagem além da verbal, como gestos, expressões, entonação e até mesmo o silêncio do entrevistado. Igualmente no assevera as pesquisadoras Lüdke e André (1986) em que

[...] o entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vinha obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 36).

Na Entrevista, antecipadamente, teve uma explanação minha para os estudantes sobre aspectos que envolviam a temática do corpo em vários entornos da sociedade, na escola e na família como uma “chegada rápida”³⁶, uma forma de introdução à entrevista.

As entrevistas foram constituídas de um roteiro, estruturadas por perguntas posicionadas em ordem proposital, a fim de produção de dados que depois de analisados, pudessem responder às questões da pesquisa, cooperando para a possibilidade dos/as

³⁵ Em todos os instrumentos e inclusive no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) os estudantes participantes foram sinalizados sobre os fins e o sigilo da pesquisa.

³⁶ Uma forma de aquecimento com a intenção de que os estudantes entrevistados não ficassem inibidos em explicitar suas opiniões sobre tal tema.

entrevistados/as trazerem, por meio de seus discursos, contribuições para essa. Nesse sentido, as perguntas foram estruturadas com temáticas sobre o corpo e assuntos adjacentes.

Para o pensamento de Flick (2009), a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador lidar de forma mais evidente com as conjecturas em relação ao agir, enunciar e a forma de manifestação do/a entrevistado/a durante a construção do diálogo.

Na ótica das pesquisadoras Lüdke e André (1986), elas consideram que,

[...] A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de alcance mais superficial, como o questionário (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

Esse instrumento se mostra adequado e prático neste estudo, porque permitiu a “escuta” dos estudantes. Por isso a análise das entrevistas sobre as lentes da Análise do Discurso se justifica nesta pesquisa, pelo fato do objeto de interesse desse instrumento ser o discurso sobre corpo.

O discurso é compreendido, segundo Orlandi (2009) como palavra em movimento, produzindo sentido entre enunciador e destinatário, de maneira não linear, mas a partir de uma forma que exibe em sua relação, uma marca tangível no simbólico por ambos.

Assim, ao analisarmos o discurso, estamos diante de alguns elementos importantes, tais como: como ele se relaciona com a situação que o criou? Suas condições de produções, seu interdiscurso, além de nos ajudar a compreender situações internas ao sujeito (o que ele diz? Como ele diz?). E uma análise externa (por que ele diz o que ele diz?), levando em conta também a ideologia que carrega cada discurso.

Os encontros com os entrevistados/as foram realizados na própria UFS, no horário em que os estudantes não tinham aulas, pois a entrevista foi agendada previamente. Em um primeiro momento, foram explicitados os objetivos e a temática da pesquisa pelo entrevistador – eu – estava com um roteiro das perguntas em mãos para não haver dispersão do entrevistado, evitando fugir do tema das questões. As entrevistas foram gravadas em áudio. Onde ao mesmo tempo pude coletar impressões, respostas e expressões dos sujeitos da pesquisa, durante e após entrevistas. Além disso, foram feitas anotações em um caderno para não esquecer detalhes de cada entrevista com o estudante, pois minha memória, por ser perecível, poderia esquecer detalhes importantes das entrevistas. Os/as estudantes foram avisados/as que seriam gravados áudios, havendo autorização prévia dos mesmos no TCLE.

Posteriormente, após gravação com os entrevistados, todas as informações de áudio foram transcritas, catalogadas e estruturadas por temas para uma melhor e mais precisa análise dos dados produzidos. Um fator importante a destacar é que não existe um número de sessão padrão para produzir os dados nas Entrevistas, podendo uma ser o suficiente para a constituição de dados (FLICK, 2009). O que ocorreu com os estudantes participantes desta pesquisa.

Exemplo de trechos da entrevista: Fale sobre você... Com suas palavras o que seria o corpo?

4.8 Associação Livre

Em um outro momento da pesquisa, logo após a entrevista, foi desenvolvida uma atividade de associação livre. Com origem na psicanálise, Freud (1856-1939) utilizava a Associação Livre de Palavras com seus pacientes como tratamento denominado de “cura através da palavra”. Essa técnica deixava o paciente falar qualquer coisa que viesse à sua mente, com sentido ou não para ele, isso inclui até aquelas palavras que venham ser constrangedoras, mas podem ser explicitadas sem qualquer pudor, juízo de valor ou critério de seleção.

Desta forma, esse instrumento investigativo foi adaptado para os estudantes submetidos nesta pesquisa. Para tanto, foram selecionadas algumas capturas de figuras que dizem respeito ao corpo de dois vídeos no endereço eletrônico do YouTube³⁷ a partir dessas explicitações de imagens³⁸ capturadas e desses vídeos assistidos os estudantes participantes escreveram palavras que vieram às suas cabeças após serem vistas as imagens em um papel distribuído antecipadamente entre eles para a Associação Livre³⁹. No papel do instrumento tem a seguinte frase: “Escreva cinco palavras que vem na sua mente quando você ouve o termo...”. Somente escreva as palavras a partir do seguinte dispositivo disparador falado por mim: “Corpo”. A partir desse momento, os estudantes redigiram as palavras aleatórias.

A opção pela técnica de associação livre para a produção de dados junto aos estudantes justifica-se pelo entendimento segundo qual, por meio dessa ação, de escrever palavras que vêm em suas mentes espontaneamente, expressariam livremente suas

³⁷ 1º Vídeo “Chuva no Mar”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hliRXFz7C24>. Acesso em: 06 de jun. 2019. 2º Vídeo “A vida em 30 segundos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4My33Y46W2w>. Acesso em: 06 de jun. 2019.

³⁸ Não foi apresentado nenhum tipo de imagem de caráter pornográfico, corpos nus ou que faz alusão a tais, pois o pesquisador tem o compromisso ético alicerçado, inclusive, pelo Comitê de Ética em Pesquisa que aprovou o andamento da pesquisa.

³⁹ Esse instrumento está nos apêndices desta pesquisa.

compreensões sobre o objeto de investigação, exteriorizando o que foi pensado, pois o ato de escrever envolve a imaginação, liberdade e a criatividade. Além de entender que a escrita traz seu próprio discurso e significação, independentemente do discurso oralizado/verbalizado. Nesta perspectiva, faz-se o uso da estrutura teórica dos autores da análise sobre a escrita, apontada como ação discursiva, produzindo efeitos e sentidos, para complementar a fundamentação pela busca dos objetivos levantados.

Laurence Bardin em seu livro sobre “Análise de Conteúdo” indica a associação livre como exemplo de técnica em análise categorial. Com isso, tivemos o objetivo de associar as palavras a partir das imagens apresentadas aos estudantes. Essas palavras explicitadas são consideradas por Bardin (2011) como palavras indutoras e como ponto de partida, neste trabalho, sobre os discursos e sentidos explicitados sobre corpo neste processo investigativo para com os estudantes. Assim, surgiu um montante de palavras significativas que se repetem durante a Associação Livre e induzem o processo de pesquisa.

5 A PESQUISA EM CAMPO, MÉTODO, RESULTADOS E ANÁLISES

Esta pesquisa foi realizada em duas fases: a primeira constituiu-se na seleção dos cursos e centros e, conseqüentemente, a seleção de estudantes representantes desses cursos e centros via convites de e-mail. A segunda etapa, desenvolveu-se na própria investigação com os estudantes da UFS através de Questionário para produção de perfis, a instrumentalização do Inventário do Saber, Entrevista Semiestruturada e Associação Livre de Palavras, respectivamente, a fim de fomentar discussões sobre o corpo e aspectos relacionados a ele. E assim, com a produção dos dados, analisar nos discursos dos estudantes os sentidos e os significados que atribuem ao corpo.

5.1 Análise de Discurso como Instrumento Analítico dos Dados

Demos preferência em adotar alguns elementos da Análise de Discurso a fim de analisar as explicitações dos estudantes sobre corpo diante dos instrumentos utilizados nesta pesquisa. Desse jeito, valemo-nos para análise dos discursos falados e escritos os conceitos de condição de produção, formação discursiva, discurso e efeitos de sentidos.

O método para análise dos dados constituídos fundamenta-se em aportes da Análise de Discurso. A perspectiva analítica em foco se justifica pelo fato de o objeto de interesse de nossa investigação e da AD ser o discurso e o estudante enquanto indivíduo histórico-social-psicanalítico. O discurso enunciado e escrito é compreendido, segundo Orlandi (2009), como sendo mais que simples transmissão de informações e subsídios. Para o autor desta tese, o discurso é palavra em circulação que produz sentido entre enunciador e destinatário, de maneira não linear e não transparente, mas através de uma forma que exhibe em sua relação, uma marca tangível no campo do simbólico por ambos. Reitero, por meio desse instrumento analítico, pode-se registrar o ser social, histórico e psicanalítico por trás da sua fala, gestos, expressões, escrita e até mesmo do não falado, do silêncio (ORLANDI, 2009).

5.1.1 A interpretação

Pelo fato do discurso não ser transparente a AD usa a interpretação como dispositivo de análise. Segundo Orlandi (2007, p. 09), “a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação”. Nesse caso, cabe assegurar que a interpretação é um importante dispositivo de análise do discurso. A interpretação é indissociável ao discurso, ao analista cabe interpretá-lo, pois “mesmo que ele nem perceba que está interpretando – e como está interpretando – é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico” (ORLANDI, 2009, p. 10).

Para isso, não existe uma única forma de interpretação, sendo próprio do analista criar um dispositivo de interpretação, pois,

[...] o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise. O fato de o próprio analista estar envolvido na interpretação torna necessário o dispositivo de interpretação, que produz um deslocamento na relação entre o analista e a interpretação. Isto não significa que o analista fique numa posição não neutra, mas permite relativizar a interpretação. [...] Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade: no trabalho de ideologia (ORLANDI, 2009, p. 60-61).

O pesquisador, para fazer a análise, deve construir um dispositivo próprio de interpretação, de um jeito que consiga colocar em cena o dito em relação ao não dito, relacionar o que ele diz em um lugar e noutro, o que se diz de um jeito e o dito de outra forma, “procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2009, p. 59).

Para a constituição do dispositivo de interpretação ou análise, o analista precisa definir suas questões a partir dos materiais de análise. É diante desse aparelho que o pesquisador interpreta. O dispositivo de interpretação deve ser capaz de entender a relação do sujeito com sua memória discursiva, ou seja, “o sujeito [...] é interpretado pela história [...] nas relações de sentidos que vão se constituindo historicamente e que vão formando redes [...] de interpretação [...] determinada (historicamente) com a exterioridade, pelo interdiscurso” (ORLANDI, 2007, p. 15).

O interdiscurso por sua vez

É todo o conjunto de formulações feitas e esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido [...] é preciso que o que foi dito por um eu sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o anonimato, possa fazer sentido em minhas palavras (ORLANDI, 2009, p. 33-34).

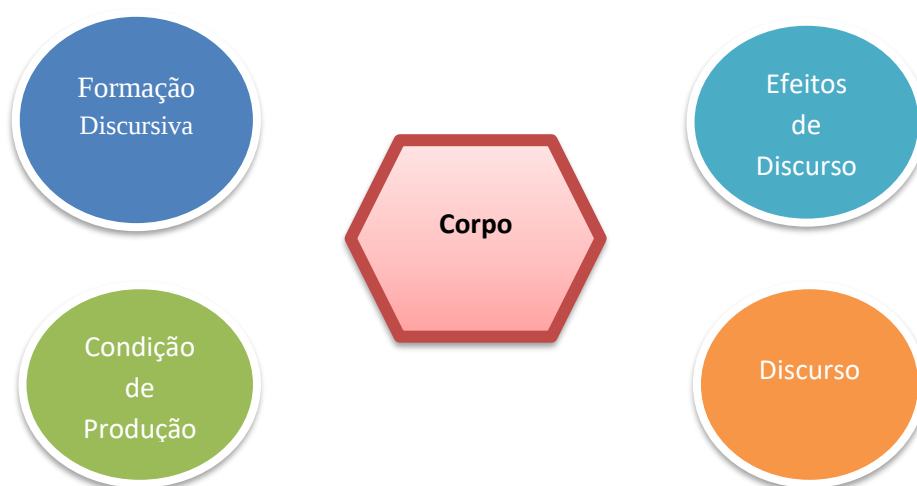
O interdiscurso é a voz sem nome que fala através do sujeito, a alteridade do Outro. Isso significa, justamente, para o interdiscurso, que existe relação do discurso com multiplicidades de discursos, isto é, “ele é um conjunto não discernível, não responsável, não representável de discurso que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Representa assim a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade” (ORLANDI, 2009, p. 80).

Em suma, é uma forma, noção de não-dizer que se deixa escapar do dizer no discurso do sujeito que fala.

5.2 Discurso, Formação Discursiva, Condições de Produção e Efeitos de Sentidos

Nesta subseção, adentraremos em alguns conceitos os quais são parte do dispositivo de análise e interpretação dos discursos dos estudantes participantes desta investigação. Abaixo, encontra-se a figura 7, representando um compilado de alguns elementos que compõem o instrumento analítico desta pesquisa e, posteriormente, seu entendimento conceitual analítico.

Figura 7 - Alguns elementos da Análise de Discurso



Fonte: elaborada pelo autor (2019).

O discurso na AD não se trata apenas de transferência de informação, “é efeito de sentidos entre os locutores” (ORLANDI, 2009, p. 31). É no discurso que se dá o lugar de encontro da língua e da ideologia. “O ponto de articulação dos processos ideológicos é, portanto, o discurso” (BRANDÃO, 2007, p. 11).

Não somos origem e muito menos donos dos nossos discursos, eles não são naturais, pois

Quando nascemos os discursos estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos [...] o esquecimento é estruturante. Ele parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são defeitos, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos (ORLANDI, 2009, p. 35-36).

Desta forma, o discurso é considerado lugar no qual a materialidade ideológica se fixa, materializa. É a existência material das ideologias. “A relação entre ideologia e discurso se dá pela Formação Ideológica e Formação Discursiva” (BRANDÃO, 2007, p. 46).

Para Brandão (2007)

A interpelação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha permissão de que é senhor da sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar é um dos grupos ou classes de uma determinada formação social (BRANDÃO, 2007, p. 46-47).

Fazendo deriva da citação, a ideologia é responsável, ou melhor, é condição impreterível para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. Não há discurso sem sujeito. E não existe sujeito sem ideologia. Portanto, ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2009).

Outro fator a ser destacado é a Formação Discursiva, ela é a noção básica na Análise de Discurso, permitindo a compreensão do processo de produção de sentidos atribuídos pelos estudantes investigados da UFS. A Formação Discursiva na AD é “um lugar central e articulação entre língua e discurso” (BRANDÃO, 2007, p. 48). Portanto, há duas questões importantes quando se trata dessa. Ei-las:

Primeira, quaisquer discursos são constituídos de sentido, pois tudo que um sujeito fala se registra numa formação discursiva. Neste sentido, as palavras de imediato não possuem sentidos nelas próprias, mas sim nas suas formações discursivas que estão inseridas. No nosso caso, o discurso do estudante se remete do lugar de onde ele enuncia, derivando, do lugar de enunciação

Segunda, é através da formação discursiva, ou seja, do lugar de onde os estudantes desta pesquisa enunciam, pode-se entender os sentidos atribuídos ao corpo, pois mesmo que as palavras, os vocábulos sejam iguais, eles têm significados diferentes com distintas formações discursivas e/ou em condições de produção de discursos diferentes.

É nesse processo de formação discursiva, que o estudante é afetado por dois tipos de esquecimento um e dois, criando uma realidade discursiva ilusória:

No esquecimento número um, o estudante se coloca como adâmico, como a origem de tudo o que diz, como se tudo que ele diz fosse de fonte exclusiva sua, sendo o criador absoluto e intransferível do seu discurso. Esse tipo de esquecimento é designado por Orlandi (2009) como esquecimento ideológico, uma vez que o estudante é interpelado pela ideologia, é resultado, produto dela.

No esquecimento número dois, os estudantes privilegiam algumas maneiras de falar e não de outra, acreditando que o seu dito tem apenas um significado exclusivo. O estudante escolhe uma palavra e não outra. É uma seleção linguística entre o que ele diz e o que não diz. Esse esquecimento de número dois tem relação estreita e diz respeito à enunciação, porque quando um estudante fala, esse a faz de uma forma e não de outra, e ao longo desse seu dizer se formam famílias de paráfrases de formas de dizer, as quais indicam que o dizer do estudante sempre podia ser outro, pois se tem várias formas de dizer sobre uma coisa.

Sobre Condições de Produção, entende-se como a relação entre o sujeito falante e as situações que produz esse dizer (ORLANDI, 2009). Ela compreende e delinea, fundamentalmente, os sujeitos (os estudantes), a circunstância e sua memória como parte da produção dos seus discursos. Em um sentido mais específico, estrito para esta investigação, as condições de produção permeiam o contexto direto, imediato e em sentido amplo, incluem-se o contexto histórico-sociológico e ideológico dos estudantes da UFS. Compreendendo que o dizer não é e nem pode ser considerado uma propriedade de seara particular. Entende-se, desta maneira, que as palavras, os discursos não são propriedades particulares dos estudantes que as pronunciam, pois elas significam pela história e pela língua, já existiam antes, durante e após seu nascimento. Compreender, então, o discurso, significa buscar condições de produção dos discursos.

Nas condições de produção, deve-se compreender a conjuntura histórica e social da formulação do discurso, do texto, como também dos seus interlocutores (o sujeito e a quem ele se dirige), dos lugares (posições) em que eles (os interlocutores) se encontram e em que são determinados. Como também as imagens feitas de si próprios e dos outros, bem como do objeto do seu discurso (o corpo no nosso contexto de pesquisa) (BOZZELI, 2005).

Sobre o efeito de sentido, compreende-se que em todos os discursos há efeitos de sentido entre os locutores, isto é, entre “eu” falante e o “outro” que escuta, ambos produzem sentidos distintos e até múltiplos. São nas relações de linguagem entre interlocutores que se dão as relações entre sujeitos e de sentido e consoante essas relações seus efeitos são múltiplos e variados (ORLANDI, 2009).

Esses mecanismos de efeitos de sentidos são dados pelo que a Análise de Discurso designa como “relações de força”, isso significa que os sentidos são constituídos pelos sujeitos a partir do lugar de onde se fala. Dessa forma, adentrando no contexto da pesquisa em voga, se um sujeito fala a partir de um lugar de estudante de Educação Física, as suas palavras significam de modo diferente se falasse do lugar de um professor de matemática. É a partir da

constituição dessas relações de força que também – e não somente por este conceito, mas todos os outros – analisaremos os discursos dos estudantes participantes desta pesquisa.

5.3 Os estudantes em cena

Aí nessa parte você começa a dar voz aos estudantes que são centrais para sua pesquisa. Eles que são os protagonistas (VELEIDA CHARLOT, 2020)

Mobilizado pela minha curiosidade nesta investigação, um dos primeiros movimentos realizados após a aplicação dos instrumentos da minha pesquisa, como a Entrevista Semiestruturada (com perguntas sobre o que os estudantes dizem e pensam sobre corpo), o Inventário do Saber (mais voltado aos conceitos sobre o corpo e autoimagem corporal), Questionário (com perguntas de reconhecimento dos estudantes e sobre o que explicitam de imediato sobre o corpo por meio de suas experiências) Associação Livre de Palavras (a fim de entender os sentidos e imaginários de corpo que vem de imediato à mente), foi interpretar os discursos produzidos sobre corpo, a fim de analisar os sentidos atribuídos pelos estudantes.

Desse modo, minha ideia inicial concentrou no olhar analítico às escritas que tratam da relação dos estudantes com o corpo no Questionário para seus perfis da subseção 4.3 e quadro 3, em seguida nas Entrevistas Semiestruturadas, posteriormente, na Associação Livre de Palavras e, logo após, no Inventário do Saber. Os discursos dos estudantes me possibilitaram, por meio da análise do discurso, compreender o processo de produção de sentidos, enunciando e escrevendo, laborando para a sua frutificação.

Para a AD os discursos são constituídos de sentidos, pois tudo que o sujeito diz ou escreve se insere numa formação discursiva. Com isso, uma palavra escrita ou falada não tem sentido nela mesma, mas, sim, nas formações discursivas na qual está localizada, inserida e sujeitada. Assim, o discurso do estudante se remete do lugar de onde ele enuncia, em outras palavras, lugar de enunciação. Então, é do lugar de onde o estudante enuncia, ou seja, da formação discursiva que serão entendidos os sentidos, pois as palavras podem ser iguais, mas ter significados diferentes, porque suas formações discursivas são distintas ou condição de produção diferente, entenda-se. Na seguinte subseção, estão os resultados e análises do primeiro instrumento de produção de dados, a Entrevista.

5.3.1 As Entrevistas

A partir das entrevistas, um dos instrumentos utilizados para a produção de dados desta pesquisa, foi feito um roteiro para conversar com os estudantes entrevistados sobre

vários assuntos, no que dizem respeito às suas vidas acadêmicas e fora da universidade, sobre os seus cursos de graduação e impressões sobre os seus corpos e os dos outros. As conversas foram leves, sem nenhum tipo de sobrecarga sobre os entrevistados, dentro de uma atmosfera que beirasse a mais confortável possível para que pudéssemos conversar sem intervenções externas.

O roteiro⁴⁰ de entrevista foi elaborado diante das minhas questões de pesquisa, no qual pudesse trilhar na possibilidade de produção de dados que fosse pertinente para posterior elaboração, organização e análise deles.

A partir desse roteiro de entrevista foi colocado em destaque cinco questionamentos que poderiam se desdobrar em assuntos de nosso interesse, dialogando com os objetivos e questões de pesquisa. As entrevistas foram conduzidas a partir das seguintes indagações: o que é corpo? O que falam sobre corpo? Para que e por que falam? Lugares e/ou situações que aprenderam/ouviram sobre corpo? O que seria ter e ser corpo? Essas indagações foram discutidas com contextualizações pelos próprios estudantes entrevistados, pois tiveram a liberdade de falar coisas que vinham às suas cabeças, não obstante, fiquei com o roteiro em mãos com intuito de que a entrevista não fosse conduzida para outra direção, se não a do interesse da pesquisa.

5.3.1.1 O que é corpo? Análise do conceito

A partir deste questionamento, tinha-se o objetivo de saber quais eram os conceitos que os estudantes traziam sobre corpo, como eles o conceituavam, para quais direções epistemológicas esses poderiam direcioná-lo. Dessa forma, ao analisar os dizeres dos estudantes, eu, como analista, me atentei como esses dizeres produzem sentido, então, não tomo como ponto de partida e nem de chegada apenas no que dizem, mas tê-lo como uma peça no processo discursivo na produção de sentidos sobre como fala do corpo. Não é sobre o que o estudante fala que me comprometo, mas sobre o discurso. Tenho como matéria de análise em xeque, aqui, o próprio processo de sentidos e sua constituição a partir dos estudantes em suas posições – estudantes universitários de um determinado curso – considerando, assim, o Outro como parte integrante do sistema de unidades simbólicas que fazem significar os discursos deles.

Após início das entrevistas, os estudantes, por meio da questão aberta conduzida pelo roteiro, começaram a levantar possíveis concepções ou conceitos que tinham sobre a questão

⁴⁰ Em anexo no Apêndice V.

em voga. Sendo assim, as respostas foram variando e também convergindo entre eles, designando como “Discurso Conceitual”.

Quadro 4 – O que é corpo – Discurso Conceitual

Estudante de Graduação	Discurso Conceitual
Letras	<i>Eu acho que corpo, de forma bem simples é... é... digamos a estrutura que a gente é percebido pelas outras pessoas. É basicamente o... enfim, como você é visto socialmente, fisicamente falando, né? É! Se a gente não tivesse corpo ia ser complicado.</i>
Educação Física	<i>Corpo? Corpo é algo é... individual, íntimo, é... onde eu me manifesto, onde todas as regras quem manda sou eu, a regra do corpo quem manda é quem é o dono do corpo.</i>
Engenharia Agrônoma	<i>Corpo pra mim é algo que você pode além de imaginar, poder observar, tocar e sentir o que é o corpo. E esse corpo, ele vai além do que você vê. Vai além do físico, então, o corpo ele pode ser algo muito mais, algo que você pode ajudar outras pessoas com o seu próprio corpo. E depois que você morre seu corpo ainda continua de certa forma vivo. Então você pode doar o seu corpo pra outras pessoas pra que elas também possam viver. Esse seria o corpo!</i>
Filosofia	<i>Então! Eu acho que é duas coisas: a primeira que me vem à mente é que o corpo da gente é nossa morada. Então tem que ser um lugar que a gente se sintam bem, que se acolha, que tenha nosso jeito, nosso estilo, fale sobre a gente. Mas também nosso corpo é a manifestação de várias coisas. Morada e manifestação.</i>
Psicologia	<i>Corpo é um sistema é... corpo é um sistema que tá em funcionamento e precisa de várias outras coisas pra estar funcionando, de outros mini sistemas, subsistemas no caso. É... ele é múltiplo, então, ele pode aparecer de várias formas. Ele pode ter várias formas de expressão e... corpo é uma construção e o que a gente fala sobre o corpo também é uma construção, então, se a gente... depende do que a gente fala, se fala que é... o corpo é uma predisposição aí X ou Y ou toma isso como uma verdade, tudo vai ser construído a partir disso, mas assim, a gente sempre tem que voltar sobre como a gente tá falando do corpo e como a gente constrói essa ideia de corpo, mas ele sempre é uma construção, ele pode aparecer de várias formas, ele não tem... pra ser um corpo ele tem que ser assim. A gente não precisa ficar é... classificando corpos. Morrer de tanto classificar os corpos. Um corpo é um corpo.</i>
Teatro	<i>Corpo é o conjunto físico e psíquico... de nossa consciência... e que se expressa de diferentes formas em diferentes lugares.</i>
Relações Internacionais	<i>Ah! Eu acho corpo é... é um instrumento. É um instrumento de... de você sentir. É isso!</i>
Serviço Social	<i>O meu conceito de corpo... é forma física, palpável, atual, que ocupa espaço e que ocupa responsabilidade, ocupa sentimentos, é... para além disso existe uma... existe toda uma carga cultural através do corpo e que ela deve ser levada em conta o contexto sócio-histórico e... que seus pensamentos e ideias são livres, independentes do que seja. Eu acho que o corpo tem que ter essa liberdade, julgando ou não, as pessoas julgando ou não tem que ter essa liberdade e fim.</i>
Medicina	<i>Pra mim o conceito de corpo abrange tudo... é o conjunto tanto de sensações... é... das minhas sensações tanto físicas como psíquicas, emocionais e é tudo aquilo que eu, é aquilo, o objeto com que eu permito delinear meu futuro.</i>
Pedagogia	<i>Eu sempre quando fala corpo eu lembro de estrutura, sabe, estrutura no sentido de ser uma base, de ser, né, mas não sei... estrutura uma estrutura que dá personificação ao ser. É o ser, sabe, é o ser, porque a gente tem essa mania de separar, né, a mente do... a alma do corpo, mas é tudo, mas pra mim é uma coisa só, sabe? Por que se você se manifesta, né, se você fala é porque a sua voz é sua voz e sua voz é a partir de sua estrutura física. Se sua mente pensa é porque seu cérebro tá comportado dentro de sua cabeça que também é sua estrutura física, então, seu corpo é você aí definir essa personificação do ser, a estrutura, né, é... é... (risos).</i>
Ciências da Religião	<i>O corpo, pra mim, é o sagrado! É o sagrado, porque tem que ser respeitado, cultuado, amado, preservado, muito respeitado. Não pode ser violado em nenhum momento.</i>
Física	<i>Acho que corpo seria é... o que nos delimita, eu acho que é o que os outros conseguem</i>

	<i>ver, não ver no sentido de chegar e dizer características, mas o que você tem a mostrar, pelo menos o lado físico, mas sim o que... é... como é que eu posso explicar isso (ficou pensando) eu tô ligando a parte física ainda, mas tipo, eu acho que é um misto entre descrição física e o jeito como mostrar sabe, tipo, como uma mistura dos dois, é bem difícil (risos). Tipo, é o que se mostra, seu lado físico, sim, físico com o comportamento. É um sistema que tanto comporta a parte física como o que você pode também expressar, acho que... corpo é expressão. Falar, sabe, até eu mesmo percebo quando eu vou é, como tá o sentimento de uma pessoa as vezes através das expressões do corpo principalmente se comportando.</i>
Zootecnia	<i>Eu entendo o corpo... o corpo é minha máquina, né? Que me leva pros lugares, né? E ao mesmo tempo uma máquina complexa e ao mesmo tempo frágil. É por isso que a gente tem que ter os cuidados. Eu tava até comentando agora a alimentação e tal. Não diferente... e falo máquina porque máquina lembra de uma máquina, de um motor, de um carro e tal. Mas é uma máquina orgânica, né, que precisa de cuidados como qualquer outra. Manutenção!</i>
Ciências Biológicas	<i>Uma matéria orgânica que pode ter diferentes formas e que pode ser moldada a partir dos cuidados que a gente tem sobre ele.</i>
Matemática	<i>A única coisa que eu consigo pensar em corpo é só na questão da ciências mesmo, matéria física. Eu não consigo enxergar como desde quando eu tava respondendo eu não consegui ver o corpo de outro sentido que não fosse no sentido biológico. Eu acho que orgânico, porque é partir do orgânico que a gente tem o estético.</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Ao conceituar o que seria o corpo, os estudantes também tentam contextualizar, deixando mais evidente o que, talvez, ficou entrelinhas.

Partindo dos ditos, por serem interpelados ideologicamente e ao mesmo tempo serem sujeitos com história de vidas, os estudantes partem de um lugar que ocupa. O discurso deles, neste interim, torna-se um espaço entre o saber de um curso e do poder em que esses se articulam, pois no momento de produção de discurso, ele fala não apenas de um lugar institucional, mas de uma posição e tem para si como verdadeiro o que diz, pois se vincula a um saber institucionalizado e ao mesmo tempo gerador de poder desse lugar e posição de onde fala e também dos seus imaginários diante das suas experiências pessoais.

Ao dizer que é “uma matéria orgânica que pode ter diferentes formas” (*Estudante de Ciências Biológicas*) ele tem a permissão de se colocar num lugar de saber de estudante de Biologia. O mesmo ocorre diante desse conceito de “máquina orgânica frágil” (*Estudante de Zootecnia*) como pessoa que estuda o corpo de animais, seu funcionamento e forma de produção em massa, a partir de seu curso de Zootecnia. Nessa aproximação, o participante de Matemática o ressalta como “matéria física [...] eu não consegui ver o corpo de outro sentido que não fosse no sentido biológico [...] porque é partir do orgânico que a gente tem o estético” (*Estudante de Matemática*), o qual leva a conceituar o corpo a partir de uma premissa orgânica fazendo deriva ao estético, àquilo que além de ser palpável é apreciado, subjugado ou não.

Ao mesmo tempo, compreender os discursos pela condição histórica do estudante quando explicita “corpo abrange tudo... é o conjunto tanto de sensações... é... das minhas sensações tanto físicas como psíquicas, emocionais e é tudo aquilo que eu, é aquilo, o objeto com que eu permito delinear meu futuro” (*Estudante de Medicina*). A fala da estudante traz uma representação de um corpo que é tempo e espaço, que vai além de um objeto físico de sensações e passa a ser projeções futuras. Entender o estudante enquanto tempo e espaço, história e posição social de onde fala, não é entendê-lo por completo, mas sempre percebê-lo complementado pelo Outro como também pela sua contradição.

Nessa direção temporal e espacial, mas diante de um contexto cultural cujo Outro aí reside, o estudante de Serviço Social traz sua opinião fazendo adendo a um corpo que além de “[...] forma física, palpável, tual, que ocupa espaço e que ocupa responsabilidade, ocupa sentimentos [...] existe toda uma carga cultural através do corpo e que ela deve ser levada em conta o contexto sócio-histórico” (*Estudante de Serviço Social*) o que nos faz compreender que, por ser integrante de um curso de Ciências Sociais Aplicadas, ele parte de uma posição e lugar legítimo do seu discurso, que pode não ser determinante no seu discurso, não obstante, ele está interpelado a todo momento pelas lógicas simbólicas e ideológicas do seu curso, considerando também sua vida de militância pelas causas LGBTQIA+. Entender o corpo, da forma como esse estudante percebe, é considerar além da sua condição primordial orgânico, mas uma relação indissociável com uma carga histórica, social e, sobretudo, cultural, de sentido.

A partir de uma combinação de doação, voluntariado e transcendência, a estudante de Engenharia Agrônômica referencia o corpo como “[...] algo que além de imaginar, observar, tocar e sentir [...] ele vai além do que você vê. Vai além do físico [...] você pode ajudar outras pessoas com o seu próprio corpo. Então você pode doar o seu corpo pra outras pessoas pra que elas também possam viver”. Essa é uma forma altruísta de viver em outrem em vida e após sua morte. Com essa fala, a estudante nos revela uma posição, pois faz parte de uma ONG e, nesse espaço, atua como voluntária. Isso demonstra como o Outro a interpela em todo momento e não apenas seu curso de formação na universidade, a partir de um desejo e um sentido que lhe ocupa.

O estudante de Ciências da Religião o conceitua como “sagrado, porque tem que ser respeitado, cultuado, amado, preservado, muito respeitado. Não pode ser violado em nenhum momento”. Aqui, ele se dispõe do atributo legítimo ao qual seu curso de formação lhe contribui. Ao falar de corpo, coloca em pauta a sacralidade que há nesse, dando adjetivações que melhor compreendem quando ele fala ser sagrado, assim como amado, preservado,

cultuado e respeitado. Isso mostra a imbricação do social, da ideologia, do Outro, do simbólico e daquilo que faz e produz sentido no discurso do estudante a partir do seu curso de formação associado à experiência de vida, enquanto sujeito de desejo, social e histórico.

O corpo também pode ser atribuído à “manifestação de várias coisas” (*Estudante de Filosofia*), “expressão” (*Estudante de Física*) e também “se expressa de diferentes formas em diferentes lugares” (*Estudante de Teatro*) e desse lugar de manifestação “onde eu me manifesto, onde todas as regras quem manda sou eu” (*Estudante de Educação Física*) há uma “estrutura que a gente é percebido pelas outras pessoas” (*Estudante de Letras*) onde te dá a liberdade “de você sentir” (*Estudante de Teatro*). Demonstrando, assim, mesmo com cursos de áreas diferentes de atuação, o corpo se torna interdisciplinar, cujos conceitos e imaginários não têm fronteiras, pois esses estudantes não habitam apenas a universidade. Eles se utilizam também de recursos que lhe dão sentido fora da instituição de formação acadêmica, encontrando sentidos e significados que se constroem nas relações sociais, ou seja, em diferentes unidades simbólicas da sociedade na qual vivem.

A condição de não classificação e nem de predeterminação é genuína com a estudante de Psicologia “depende do que a gente fala, se fala que... o corpo é uma predisposição aí X ou Y ou toma isso como uma verdade, tudo vai ser construído a partir disso, mas [...] A gente não precisa ficar... classificando corpos. Um corpo é um corpo” (*Estudante de Psicologia*). Essa fala coaduna com a estudante de Pedagogia ao dizer sobre como “[...] a gente tem essa mania de separar, né, a mente do... a alma do corpo, mas pra mim é uma coisa só, sabe? Porque se você se manifesta [...] Se sua mente pensa é porque seu cérebro tá comportado dentro de sua cabeça que também é sua estrutura física, então, seu corpo é você” (*Estudante de Pedagogia*). Sua fala, considera o corpo como uno, sem dualidade cartesiana de corpo que vem acompanhando a história humana por séculos. As duas estudantes são militantes de causas feministas, tanto dentro quanto fora da universidade, além de uma posição e lugar de discurso sobre corpo a partir de seu curso de formação, elas também falam de um lugar de resistência, de lutas, onde o Outro, enquanto lugar social, torna-se evidente.

Nos dizeres dos estudantes, existem forças confrontadas com outras forças que querem seu espaço, característico do discurso. Essas forças são as próprias noções já verificadas aqui: desejo, sentido, Outro. E cada uma delas constitui um conjunto complexo de atitudes, imaginários, representações, dizeres que não são próprios (individuais – pois o Outro o sabe) e nem coletivos (universais – pois cada estudante tem uma história e está inserido em um lugar), mas se correlacionam umas às outras. E essas noções se materializam nos dizeres de cada um dos estudantes de cada curso de graduação da UFS, das enunciações sobre o corpo,

sendo governados pelo Outro que se incorpora assumindo distintas vozes sociais nos seus discursos. Dessa forma, esses discursos são considerados como “conceituais”, por tentarem explicar o que seria o corpo de um ponto de vista, de um lugar e uma posição que os estudantes se encontram.

Portanto, os estudantes trazem os conceitos a partir de suas histórias de vida, suas experiências, com significados pessoais de sentido para si. Então, enquanto sujeitos de desejo e histórico, eles falam a partir de um registro simbólico (a partir de significantes), de um corpo que foi e é vivido (registro do Real) o qual se relaciona com outros sujeitos, vivem em um meio social cujos significados também são compartilhados uns com os outros, na universidade, em casa, na família e alhures. O corpo produz sentido para os estudantes e o meio onde ele está, sendo um espaço significante, simbólico, sujeito à interpretação, cujas concepções dos estudantes se transformam ao longo do tempo, assim como também os discursos deles aferem sentidos diferentes entre si, como foi verificado, designado “Discurso Conceitual”.

A partir dessa discussão analítica, adentremos na próxima questão para análise.

5.3.1.2 O que falam sobre corpo? Assuntos e temas (extra)ordinários

Diante do que os estudantes dizem a respeito do corpo durante as entrevistas, interessei-me em nortear perguntas que disponibilizasse verificar quais assuntos são falados por eles a fim de compreendê-los, relacionando-os com os conceitos circundantes desta pesquisa. Se tem por interesse, neste momento, os assuntos que se repetem, aqueles que são comuns entre os estudantes e faz sentido para eles.

Cabe a mim, pesquisador, salientar, que a utilização da Análise de Discurso como método analítico nesta pesquisa, faz-me adentrar nas análises de uma forma não ingênua, mas ciente de que os estudantes, assim como eu, não têm consciência de tudo que se fala. Por isso, a AD se coloca em estado de reflexão, permitindo uma relação menos ingênua e mais íntima com a linguagem e especificamente com os discursos dos estudantes em voga. Por esse motivo, a entrada no simbólico possibilita a produção de sentidos dos discursos sobre o corpo e com ele as possibilidades do grande Outro como tesouro permanente de produção de diversos discursos permeados pelas suas centelhas de unidades caracterizadas nesta tese como posições sociais. É nessa memória institucional social e da memória constituída pelo esquecimento que a AD se atém e torna possível considerar o Outro, o corpo, o sentido, o desejo e o discurso como possibilidade de análise nesta tese.

A seguir está elencado um quadro com a intenção de destacar a integralidade dos discursos dos estudantes diante do que falam sobre corpo, designado como “Discurso Pontual”.

Quadro 5 – O que falam sobre o corpo – Discurso Pontual

Estudante de Graduação	Discurso Pontual
Letras	<i>Eu não sei se eu diria ter mais afinidade ou gostar, mas eu acho que por de... até determinado momento estar na academia, acaba despertando a gente falar um pouco sobre isso, mais das coisas que estão lá na academia. Tipo, falar sobre musculação é uma coisa bem confortável pra mim. Sobre estética, saúde, sobre sexualidade também é uma coisa que... enfim, eu converso bastante com os meus amigos, que eu me sinto confortável falar sobre isso. [...] Sexualidade, normalmente.</i>
Educação Física	<i>Hum! Tatuagem. A gente fala muito sobre tatuagem, sobre a expressão do trabalho no corpo, essa coisa de se sentir melhor com o corpo tatuado, acho que isso, tatuagem, a gente fala muito sobre tatuagem. E tem outro grupo que eu tenho menos contato a gente fala sobre gênero, orientação. Não são grupos de militantes, mas são pessoas feministas, não é grupo da universidade, mas são amigas minhas da universidade que tem contato também com essas outras pessoas que militam, assim, grupo de militantes e aí a gente acaba conversado muito sobre isso quando se encontra, mas tipo, elas não fazem parte de nenhum grupo não específico. [...] DSTs, o poder que a gente tem sobre o nosso corpo, os nossos direitos, esse leque um pouco de possibilidades de gêneros, né? O quanto isso é um pouco complicado pra quem tá de fora entender, porque, de fora eu digo fora da comunidade LGBTQI+ é um pouco mais complicado, mas se você entrar no assunto você consegue entender. Até hoje eu também não entendo muito, mas...</i>
Engenharia Agrônoma	<i>Sobre gênero e sexualidade. Eu gosto muito desse assunto, mas não me sinto confortável em falar sobre, mas um assunto que me deixa muito e posso falar é a neurociência. Entender como funciona o pensamento e que as suas ações está relacionada geneticamente com todo o passado que você tem. E isso a neurociência explica todos os seus impulsos sobre sua genética. Está relacionado desde antes de você nascer, ou seja, todas as ações que você vai ter já tá ligada a todo um passado que é seu. Um passado genético, exatamente! Sim! Você por exemplo, eu vou te fazer uma pergunta “você acha que é mais parecido com sua mãe ou com o seu pai?” (respondi meu pai). Então se você acha que se parece com o seu pai, então, o seu pai, você herdou geneticamente os genes dele e os genes que foi da sua mãe se complementam aos do seu pai. [...] Com as pessoas do meu curso sempre vai em relação a produção de produtos pra sociedade, porque a gente acredita que se produzir suficiente para toda a população só que distribuição é de maneiras diferentes e há muito desperdício. Então é sempre nessa questão ambiental, social as nossas conversas. Porque tem esse desperdício? É muito desperdício. Aqui já dá pra ver que tem muito desperdício e isso vai muito de... e um dos temas é “como é que a gente quer lutar pra reduzir o nível de fome que tem, sendo que o desperdício tá proporcional à fome que existe?”</i>
Filosofia	<i>Cartografias do corpo. Estética, prazer. [...] Coisas de bem-estar, de... alimentação vegetariana, bastante! Hã! Depende! Às vezes elas fazem confissões de coisas que seja do corpo ou não, as vezes eu faço também. [...] Eu acho que talvez no próprio curso de filosofia. Induz a pensar sobre o corpo. Tem um livro que eu li um tempo atrás eu achei legal. Que é de um filósofo francês. É um que a capa é preto e branco. Ah! Meu Deus! Eu tô com uma memória terrível!</i>
Psicologia	<i>Parto! Eu gosto de falar sobre o parto. Sobre gestação, parto, acho que sobre isso. É sobre isso, assim. Acho que interessante e fácil de chegar eu acho que sobre sexualidade. [...] Eles falam muito sobre sexo, sobre sexualidade, assim, gênero, sexualidade, intimidade, entendeu? Eles falam muito. (risos) [...] Eu acho que gênero e sexualidade. Eu acho que tudo que eu aprendi assim, foi culpa da universidade. A universidade é muito libertadora. Eu fui muito conservadora.</i>
Teatro	<i>Eu não tenho um assunto específico não, mas... acho que... assim... em termos gerais</i>

	tanto o corpo físico como o corpo psíquico, quanto eu ou o outro. Acho que... quando se fala do corpo geralmente se... se tem a ideia do corpo físico apenas, então, se fala da ideia da questão estética, né, do corpo bonito, feio, que é um conceito relativo, mas da padronização social, das padronizações do que é que se acha bonito do corpo do outro ou de si mesmo. Normalmente se gira entorno disso, das questões físicas. [...] De repente o que eu me indago, por exemplo com... às vezes quando vejo um parente ou um colega ou algum familiar passando por algum problema, alguma situação específica e... eu percebo que eu fico triste em não poder ajudar a pessoa, porque por mais que eu saiba às vezes que a preocupação não resolve problema algum... cada um tem seu tempo. Cada um tem a necessidade de aprender alguma coisa e por mais que a gente queira ajudar... então, eu percebo que meu corpo às vezes demonstra isso, mudar o aspecto de... de... sentir, de feição mesmo, de expressão mesmo quando eu me deparo com algum problema de algum amigo ou familiar que a gente não pode às vezes fazer muita coisa a não ser torcer pela pessoa e que consiga superar.
Relações Internacionais	Ah! Eu gosto muito desse sentido cultural. Cultura! Porque assim, é que nem você falou, a gente é influenciado. A gente tem noções de corpo, por exemplo, nós brasileiros temos uma noção de corpo que, por exemplo, pessoas... é... por exemplos, os suecos não têm. Nós brasileiros somos um povo de muito contato. É abraço, até mesmo as pessoas que você não tem muita intimidade. Você conhece essa pessoa de vista e você geralmente dá dois beijinhos “uma! uma!” você tá cumprimentando a pessoa, você abraça ela. Não necessariamente você precisa de uma intimidade de muito tempo pra ter um contato físico com essa pessoa. Agora povos assim, sei lá, alemães, pra eles é uma invasão de espaço. E também assim, no sentido cultural e do ponto de vista biológico. Do ponto de vista biológico a discussão sobre o corpo, ela é mais... é... ela sempre tem um sentido só. É sempre o mesmo discurso, no sentido assim, anatômico. Dois braços, duas pernas, é... nosso sistema respiratório, nosso sistema circulatório faz função X e tal. E no lado cultural o conteúdo dos discursos são muito mais diversos. Tipo, gênero. Identidade. [...] E acho que... se destaca?! Em relação ao corpo? Primeiro é... a gente fala muito no sentido assim, de pele, de cor. Sim, racial! [...] É importante. A gente tem, a gente fala muito sobre gênero no sentido assim, político mesmo da coisa. Mas assim, não são todos, é ponto de vista político, de lutas, entendeu? Eu acho que as pessoas deveriam mesmo que não fosse assim, a coisa primordial que desse ênfase, ao menos atitude de formação. As pessoas não saírem falando muita besteira. Porque sendo comum não tem como fugir. Até eu mesmo que sou universitária, você que já tá aí oh no doutorado, você não tem um pingão de senso comum em você. Você ter atitude, informação mesmo.
Serviço Social	Seria o corpo da população LGBTQI, gênero e sexualidade é... raça também, porque envolve e eu não posso separar classe social, são marcadores sociais, né, então, mas gênero e sexualidade principalmente, porque é uma área que ao longo do tempo, dos anos eu me aproximei, que eu mais domino e adoro discutir, debater e principalmente ouvir outras vivências e aprender a me calar também, quando não for meu momento, é... e muitas das vezes não vai ser o meu momento e também reconhecer o meu privilégio de estar aqui numa universidade federal é... que de alguma forma encontra-se como resistência também. Então, um corpo gera resistência, dois, três, milhares aqui dentro geram resistências é... milhares infelizmente não reconhecem essa resistência e aí querem ceder, sabe? Esse conceito de minoria eu dou, eu fui até indicado pra estudar mais, no meu TCC pra estudar e debater sobre ele, porque são minorias sociais de direitos sociais, até aí entendo, mas enquanto minoria de população nunca, quantitativa nunca e qualitativamente pior ainda, porque o... o... você fora da caixinha, você no momento de criticidade, você tem mais chance de abraçar outros conhecimentos do que uma pessoa eu que tá engessada. [...] Sim! Eu penso que a disciplina de, foi a partir de... tem outras disciplinas que agregam e tal, mas a partir da disciplina de ética que o nosso são divididos em duas éticas a do... a primeira a ética ensina o que é a ética e tal que a gente trabalha e a segunda é a ética do serviço social especificamente. Então a gente, eu acho que é justamente essa ética, esse processo de ética e aí é trazer autores também do serviço social, é... me auxiliaram dessa forma de perceber, de ter o cuidado do que falar pra não agredir o corpo do outro. Eu acho que essa disciplina foi assim essencial, um divisor de água entre... as outras disciplinas de teorias mais clássicas e as disciplinas de... que eu pude estudar mais gênero e sexualidade posteriormente.
Medicina	Uma que eu gosto muito, mas não tenho propriedade e gosto que fale é o corpo a parte psicológica, psíquica eu gosto e eu tenho mais propriedade e eu gosto também é a

	biológica, sobre doenças, sobre alterações eu gosto muito. (risos) Eu adoro a parte fisiológica do corpo. [...] Depende! Depende da pessoa que você está, onde você está, por exemplo, num bar eu não vou ficar falando de biologia. (risos). Mas eu gosto de falar sobre relacionamento, sobre saúde mental, sobre emocional, sobre loucuras da vida (risos). Ah! Eu sou muito nostálgica, eu sou muito de falar da infância eu falo muito sobre isso.
Pedagogia	Sadomasoquismo. (risos) eu tenho curiosidade em relação ao gênero, sexualidade também, mas assim, curiosidade é sadomasoquismo. E que eu tenho afinidade de falar... feminismo, sexualidade são coisas que eu sempre costumo ler, costumo, ler, sabe, e eu acho que eu consigo dialogar bem com essas coisas. [...] Eu acho que a questão da sexualidade, a questão também da mulher, né, desse feminismo, né, da questão do corpo da mulher, né, são questões que eu realmente discuto. [...] Por exemplo, essa questão de que a... os nossos cromossomos eles não serem tão bem definidos, da genética não ser tão específica como definir um sexo XX ou XY. É porque Judith Butler, ela pega na genética uns estudos que fala que são muitas, é... combinações até gerar um sexo ou outro. Então, não é uma coisa fechada. Por exemplo, tem mulheres que vai ter produções de hormônios masculinos e homem também, então, essa coisa de um gênero, sexo ser uma coisa muito fechada que a gente entende, assim, não é tão bem assim, sabe? É uma coisa que também é um pouco mais fluída, né, é um... é um... uma junção de vários fatores até resultar num gênero ou em outro. Então, eu fiz uma disciplina de performance de teatro em que a professora ela trouxe essa autora, ela citou essa autora e outros estudos também com base na genética que a Judith pegou pra dizer “o que vocês definem como algo fechado como algo que realmente é... assim... é... como a gente poderia dizer?... bem definido, na verdade são combinações de várias variações até ter um resultado, que é mais... que é mais... diga... é... são várias variações que chegam em um resultado. Mas que esse resultado em si não é uma coisa fechada, bem delimitada”. Porque é um resultado a partir de vários mecanismos, de, entre linhas, de várias combinações. E até nessa própria construção genética isso é perceptível, porque a gente costuma muito usar que o gênero social é construído, mas até nos pormenores da genética também o gênero é construído, né, algo que é resultante, que é uma construção, sim, é tanto que a gente... tem pessoas que são hermafroditas, não vai ser uma possibilidade de você ter essa dualidade, um gênero. A biologia não teria também esses resultados de hermafroditismo, intersexo.
Ciências da Religião	Sexualidade. Porque é algo muito novo, assim... “novo” entre aspas, né? O assunto sobre esse tema é muito recente. Assim na mídia, né, e na... Na opinião pública, tá muito recente. [...] É sempre na universidade que converso. Discutimos o que na universidade? O... as mortes de transgêneros, que são os grupos mais afetados. E se for transgênero e negro... pior ainda. Se for transgênero, negro e umbandista, candomblecista, pior ainda. Se for negro, pobre, transgênero, candomblecista ou umbandista e travesti, pior ainda. E eu sinto muita dor com isso. Quando mata um dos meus, me mata um pouco também, por dentro. Porque a morte... como é que fala? De legítima defesa eu até entendo, porque é você ou a outra pessoa, mas matar alguém só por aquilo que ela é, acho isso terrível. [...] Sexualidade, religião também. Preconceito. Deixar de ser preconceituoso é muita utopia. Eu que conhece faz respeitar mais, mas deixar o preconceito de lado eu acho que é muito utópico. Deve ser discutido sexualidade, religião, classe social, as minorias, na verdade, as maiores porque são menos favorecidas, né?
Física	Eu gosto muito de saúde. Tipo, o que eu sempre fico procurando e tento conversar com pessoas, eu tenho uns amigos de medicina também que quando a gente se vê sempre eles me chamam de chato, porque eles querem conversar sobre outras coisas e eu coisa de saúde (risos). Dieta, questão de alimentação, esportes físicos que eu não me interessava, eu comecei a me interessar, eu acho que, lá em setembro. [...] Alimentação, por ele fazer academia a gente conversa bastante, questão estética, é apesar de eu não gostar de academia eu tenho curiosidade. Ah! Tipo o que é que faz uma pessoa poder ficar uma hora levantando peso? Porque tipo, eu me considero uma pessoa muito preguiçosa, é com relação a isso, sabe, tipo, a fazer esforço físico. Porque geralmente as pessoas fazem academia tipo, tem que mudar tanto, sabe, você vai pra academia você precisa mudar é... seus hábitos alimentares que eu acho que é a pior coisa. Eu, por exemplo, eu considero a minha alimentação saudável, eu mudei bastante, mas às vezes eu quero comer uma pizza, eu quero comer uma coxinha, sabe, tipo, eu evito, mas eu

	<i>não vou perder esses prazeres, tipo, isso é indispensável.</i>
Zootecnia	<i>Rapaz, eu assim, baseado no que eu, no meu conhecimento aqui, né? O que eu como, o que acontece. Eu acho isso bem interessante, a bioquímica, sabe? É, entendeu? Quando eu olho qualquer coisa, um prato de feijão, eu hoje vejo com outros olhos. Eu tô vendo naquele feijão, eu tô vendo ferro, fósforo, entendeu como é? Eu monto meu prato e eu tô vendo que tem proteínas, tem carboidrato e tal. É! Hoje eu enxergo assim. Hoje eu tô olhando assim. Por exemplo, eu não como mais... meu prato nunca vai ter arroz e macarrão, porque são dois carboidratos, não pode, entendeu? Ou um ou outro. Eu vou ser sincero, dá vontade! Mas eu não coloco, entendeu? (risos) eu não coloco os dois. [...] A conversa é mais essa mesmo é... nesse sentido de... de... de machista e tem até colega machista. Tem uns que até diz “eu sou mesmo!” né? (risos) mas, assim, tem essa coisa de até pensar em academia, o corpo malhado e tal, a parte estética, eu vejo muito isso a parte estética. [...] Sabe por quê? Nós da Zootecnia somos considerados sabe o quê? Nutricionistas animal, mas é o mesmo eixo. É o mesmo eixo! Eu acho que deveria ser discutido, assim, “pessoal você tão aprendendo aqui, como funciona a fisiologia do corpo do animal, então, vocês poderiam também leva pro lado de vocês, porque nós somos zootecnistas!” é como eu disse, ói, não só eu, tem outros alunos que fazem isso! Levam o conhecimento pra si, entendeu? “Eu vou comer isso, porque eu sei que isso é bom, não vai trazer muito problema pra mim e tal!”</i>
Ciências Biológicas	<i>Acho que sobre aceitação de corpo. Sobre a aceitação de quem você é. Seria um assunto que me sentiria a vontade de falar. E acho que eu conseguiria falar sobre a perspectiva do corpo dentro da religião cristã. Eu acho que me sentiria à vontade de falar. Pelo que eu vivi, né? dentro da igreja na época. [...] Eu acho que é a forma física! Forma física geralmente é o que mais cai. É o que mais, talvez, no meu círculo de amizade, círculo de conversa. São mais na universidade. É! Mas é! Porque é um local onde eu mais... quando eu estou nas rodas de conversa é o que mais fala. A forma física, biológica. Vou dizer na questão do corpo como ele é, assim, de estrutura física. Da estrutura do corpo, morfologia, isso!</i>
Matemática	<i>Eu acho que é mais no sentido biológico, na questão do cérebro, eu acho o cérebro o órgão mais fascinante do ser humano. Não! Porque teve uma vez que eu tava assistindo, tava com insônia, aí fui, acho que tava passando um documentário sobre o cérebro e eu fiquei encantado como o cérebro é, mostra toda complexidade do ser humano. Isso é muito fascinante, porque os outros órgãos é meio que pré-determinado, assim, as coisas e o cérebro você não tem como meio que... bem assim, acho que começa com muitos neurônios e eu achei que depois que a gente vai envelhecendo ia aumentando, mas não, vai reduzindo, a gente perde alguns. E acho isso daí é fascinante. [...] É... eu tinha a visão de corpo só como essa questão biológica, apesar que ainda eu não consegui perceber de outra forma, quando nessas aulas de mestrado e agora eu tô percebendo que o corpo não é só essa questão biológica, ele é de outras formas, então isso foi importante.</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

O discurso “é um objeto sócio-histórico” (ORLANDI, 2009, p. 16) assim como os estudantes desta pesquisa são sociais, pois, são sujeitos que se relacionam com uma diversidade de saberes e pessoas em diferentes situações e lugares, ocupam um lugar objetivo e subjetivo na sociedade; histórico, porque vivem em um marco temporal, com experiências pessoais e coletivas, com projeções do passado, do presente e para o futuro cuja produção de sentido muda, desloca e ressignifica com o tempo. Pensando os estudantes nesta perspectiva, considera-se que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, como também não há sujeito sem o Outro. E é dessa forma que a análise do discurso sobre o corpo faz sentido num tempo e num espaço explicitado pelos estudantes. Dessa forma, atento sobre “o que o estudante está falando significa?”, e de que forma o Outro se materializa no seu

discurso. É a partir disso, que faço a relação Outro-sentido-desejo-discurso, do discurso dos estudantes, analiso a relação íntima entre essas noções indispensáveis desta pesquisa.

Gênero, sexualidade e estética do corpo são assuntos repetidos com maior frequência durante as entrevistas com os estudantes dos diversos cursos de graduação da UFS. Não obstante, verificamos que a universidade não é o único local onde esses assuntos são discutidos, vivenciados e contextualizados. As formas de falar sobre tais assuntos se deslocam, mudam de sentido e de lugar.

O *Estudante de Letras* discorre sobre assuntos ligados à estética e saúde. Não obstante, eles estão relacionados ao espaço da academia de musculação, desse modo a perspectiva estética do corpo é central. O registro do imaginário e simbólico do corpo ganha destaque neste momento. O estudante fala sobre um tipo de corpo que beira o que se pode nomear e ser visto como seu reflexo. De um corpo que pode ser vivido, sentido e julgado. Não obstante, ele não fala sobre seus aspectos, mas lembremo-nos que a imagem é sempre o duplo de alguma coisa, é permeada de fantasias, desejos e sentidos singulares, de sensações (imagem mental) e vidências (visualização de suas silhuetas em uma superfície polida, neste caso, o espelho da academia).

Comungando com os aspectos estéticos de corpo, os estudantes de *Educação Física*, *Filosofia*, *Teatro* e *Física* falam a partir de distintas situações corroborando com diferentes produções de sentido.

Um corpo performático se constitui em uma imagem-ação “A gente fala muito sobre tatuagem, sobre a expressão do trabalho no corpo, essa coisa de se sentir melhor com o corpo tatuado, acho que isso, tatuagem, a gente fala muito sobre tatuagem” (*Estudante de Educação Física*). Assim, a *body-art* é que interessa tanto para ele quanto para seus amigos, principalmente fora da universidade. O corpo como estatuto da linguagem, também se manifesta na arte inscrita em seu corpo, uma forma de estar bem consigo mesmo, trazendo em sua pele formas de significar sua história (LE BRETON, 2007), “expressão do trabalho no corpo”.

Já a *Estudante de Filosofia* menciona a palavra “estética”, não identificando necessariamente o local onde conversa sobre esse tipo de assunto, mas em encontro com amigas. O *Estudante de Teatro* “se fala da ideia da questão estética, né, do corpo bonito, feio, que é um conceito relativo, mas da padronização social, das padronizações do que é que se acha bonito do corpo do outro ou de si mesmo”. De forma mais ampla, como também o *Estudante de Física* “a gente conversa bastante, questão estética, é apesar de eu não gostar de academia eu tenho curiosidade”, referindo-se às conversas ocorridas nas caminhadas, na pista

de atletismo da universidade com seu amigo. Percebe-se que são discursos nos quais há um denominador comum, o corpo, ou seja, o que falam todo momento é o próprio estatuto do corpo em sua capilarização, dentro de uma seara de padronização, cujo social se torna relevante. Pode-se perguntar sobre o porquê do sintagma estético se instalar nas falas desses estudantes. O Outro se faz presente e onisciente nesses discursos, os faz desejar, falar sobre um corpo que, de certa forma, é desejado e certamente é fantasiado pelos estudantes em análise. Levando a perceber que o universo de sentido produzido pelos seus discursos se adere ao vínculo social de sujeitos embebidos de lógicas históricas e culturais do meio em que vivem.

Cabe salientar, neste interim, o que Orlandi (2009, p. 15) fala do trabalho simbólico da produção humana sobre um determinado assunto que se desenvolvem em alguns meios e os tornam ordinários nos diversos discursos, ou seja, “o discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e transformação do homem e a realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção humana”, neste caso, seria as formas cuja estética habita nos discursos dos estudantes.

Gênero e Sexualidade também se tornam ordinários nos diversos momentos da entrevista para com os estudantes. A *Estudante de Psicologia* “Eu acho que gênero e sexualidade. Eu acho que tudo que eu aprendi assim, foi culpa da universidade. A universidade é muito libertadora. Eu fui muito conservadora” demonstra que a universidade lhe abriu possibilidades ao tema, desconstruindo, fazendo ter outros olhares sobre o corpo, o mundo e a si mesmo. Já a *Estudante de Relações Internacionais* “A gente fala muito sobre gênero no sentido assim, político mesmo da coisa. Mas assim, não são todos, é ponto de vista político, de lutas, entendeu? Eu acho que as pessoas deveriam [...] dar ênfase, ao menos atitude de formação para não saírem falando muita besteira”, demonstra a necessidade de mais formação ao que se refere gênero e sexualidade para que os conceitos sejam conhecidos, e façam parte da formação das pessoas, evitando senso comum e a desinformação, com posteriores efeitos positivos na sociedade como dispositivo político de lutas sociais, em ações coletivas e individuais.

O *Estudante de Serviço Social* demonstra propriedade ao tema “o corpo da população LGBTQI, gênero e sexualidade [...] principalmente, porque é uma área que [...] eu me aproximei, que eu mais domino e adoro discutir, debater e principalmente [...] no meu TCC [...] que eu pude estudar mais gênero e sexualidade”, o qual se tornou pesquisador da área no seu curso, tendo a universidade como principal vetor responsável na sua mobilização para militância, luta e resistência da população LGBTQIA+. A *Estudante de Pedagogia* fala sobre

seu despertar diante do “feminismo, sexualidade são coisas que eu sempre costumo ler, costumo, ler, sabe, e eu acho que eu consigo dialogar bem com essas coisas. [...] a questão da sexualidade [...] da questão do corpo da mulher, né, são questões que eu realmente discuto” além de outras causas sociais, performáticas do corpo e curiosidades sobre sadomasoquismo, o corpo da mulher e sua posição de resistência diante da estrutura social vigente, trazendo um sentido de luta, contradição e empoderamento do corpo feminino.

O *Estudante de Ciências da Religião* também fala de gênero e “Sexualidade [...] É sempre na universidade que converso [...] as mortes de transgêneros [...] Se for negro, pobre, transgênero, candomblecista ou umbandista e travesti, pior ainda. E eu sinto muita dor com isso. Quando mata um dos meus, me mata um pouco também, por dentro”. Nesse sentido, ele se reconhece a partir da alteridade do outro, seu duplo, o gay, o transgênero, pelo qual também se identifica como “meus” falando sobre a violência, preconceito, religião, classe social, e defesa das minorias – qualitativas – assistidas, demarcando em suas explicitações, assim como os outros estudantes, afinidades com esses assuntos.

Alguns estudantes demonstram não falar com frequência sobre o assunto: “Sexualidade, normalmente” (*Estudante de Letras*) e pouco tímidos ou desconfortáveis “Sobre gênero e sexualidade. Eu gosto muito desse assunto, mas não me sinto confortável em falar sobre” (*Estudante de Engenharia Agrônoma*), também por não entender direito do que se trata “Até hoje eu também não entendo muito, mas...” (*Estudante de Educação Física*), os quais revelam as diversas formas e situações que o tema vem sendo abordado tanto dentro quanto fora dos muros da Universidade Federal de Sergipe.

Posso destacar nessa análise que o Outro interpela os estudantes na sua instância de posição social, seja ela objetiva ou subjetiva. Essa interpelação faz que cada um desses estudantes (sem que eles ou qualquer outra pessoa tenham consciência disso ache ou tenha a impressão de que são autônomos e sejam senhores das suas próprias vontades, atitudes, representações, dos seus imaginários e discursos sobre corpo) sejam levados a falar da posição de um grupo ou de um curso de formação acadêmica, isto é, do próprio curso ao qual está matriculado e também pelo seu contexto histórico e social pelo qual o Outro permeia e se constitui. Dessa forma, o Outro se alinha num determinado momento histórico se aparelhando com relações de sentido, desejo e se organizam em determinado discurso, essas relações e correlações de noção se constituem no que os estudantes falam sobre corpo nas entrevistas, um cruzamento entre o Outro, o desejo, o sentido e sua condição histórica e social.

É neste aspecto de condição histórica, social e de sentido que se deve atenção, pois todos os estudantes falam a mesma língua portuguesa, não obstante, dizem – sexualidade,

gênero e estética – de formas diferentes. Desse modo, mesmo dizendo palavras iguais, elas têm significados distintos para cada um, pois as remetem de sentidos derivados de suas formações discursivas, ou seja, do interdiscurso, da sua história de vida, experiências, Orlandi (2009, p. 80) assinala que “representam nos discursos as formações ideológicas”.

Outros assuntos também são destacados pelos discursos em análise. Em destaque: a fisiologia do corpo, doenças e o psíquico (*Estudante de Medicina e Teatro*); bioquímica e nutrição (*Estudante de Zootecnia*); estrutura biológica (*Estudante de Ciências Biológicas e Matemática*); cultura e costumes (*Estudante de Relações Internacionais*); saúde (*Estudante de Letras e Física*); genética (*Estudante de Engenharia Agrônoma e de Pedagogia*); além de raça (*Estudante de Serviço Social*); feminismo (*Estudante de Pedagogia*); corpo, religião e aceitação (*Estudante de Ciências Biológicas e Ciências da Religião*); como também prazer e sexo (*Estudante de Filosofia e Psicologia*).

O discurso dos estudantes não se concretiza no conteúdo que falam, mas nas formas ditas, nos gestos, nas expressões, nas palavras intercaladas, no espaço de silêncio do pensar e falar uma coisa A e não B ou C, ou seja, o espaço em que saber e poder se articulam em um dizer. E o estudante no momento da entrevista, fala de algum lugar, seja ele objetivo (social) ou subjetivo (da sua cabeça), a partir de um direito de saber e poder reconhecido institucionalmente, no caso, seu curso de graduação da UFS. Seus discursos passam a ser adequados, pois, estão diretamente vinculados, de certa forma, ao saber diante de suas experiências de vida e o institucional, os quais também estão vinculados à relação de poder.

Desta forma, quando o *Estudante de Serviço Social* fala de raça como marcador social, ele se coloca na posição de estudante que sabe e domina sobre o assunto vinculado ao saber do seu curso de formação e das suas pesquisas na área. A bioquímica e nutrição são saberes que o *Estudante de Zootecnia* tenta fazer analogia ao corpo humano ao que ele sabe para com os animais no curso de sua formação, mostrando que essa unidade simbólica do Outro – universidade – os interpela e é fundante em suas explicitações nas entrevistas.

Destaco em nível interdiscursivo, por considerar esses estudantes como sujeitos históricos e sociais, colocar em questão as falas produzidas a partir de um determinado espaço e tempo, na concepção de um sujeito que é interpelado pelo Outro. Então, suas falas, representações e imaginários configuram no recorte de um sujeito histórico em um determinado espaço social, seja ele em grupos de amigos, estudo e pesquisa, na rua, trabalho, casa ou com a família. Dessa forma, seus discursos são projetados ao discurso do Outro, como unidade de tempo e espaço, como lugar de onde se originam todos os discursos. Então, esse

Outro significante projeta a fala do estudante a nível interdiscursivo por fazer parte de sua história, do espaço onde age, vê, planeja, ouve, diz, estuda e convive.

Assim, questiona-se a autonomia e a centralidade do discurso dos estudantes enquanto adâmico, central, origem, não obstante, sua tonalidade vem do Outro que sempre “já-está-lá” – o qual, na Análise de Discurso, caracteriza-se como sujeito interpelado pela Ideologia – aqui, o Outro, suas unidades simbólicas, isto é, a voz da qual fala o estudante se materializa na voz do Outro, se considerarmos sua interpelação, sua condição histórico e social.

Destarte, a noção de subjetividade e centralidade não está mais no sujeito estudante, mas num estudante-Outro, ou seja, incorpora-se o Outro como constitutivo do discurso dele. Então, direcionamo-nos, aqui, em uma concepção de discurso que não se assenta em uma homogeneidade, na onipotência de um sujeito uno, mas de um sujeito, estudante, dividido em um espaço discursivo com o Outro, numa heterogeneidade marcada por uma materialidade discursiva caracterizada pelo eu (estudante/sujeito) e pelo Outro, das mais implícitas às explícitas, das simples às complexas, do dito ao não dito, onde as relações de poder dadas pela ideologia, pelo curso de graduação, liga-se às relações de desejo dadas pelo inconsciente. Em suma, o estudante se desfaz do eu (uno), do sujeito absoluto e não fala por si, fala pelo Outro.

Nessa heterogeneidade, constituída na descentralização do discurso desses estudantes, podemos considerar os estudantes como sujeitos divididos ou clivados (resultado de uma estrutura complexa, não podendo ser reduzido apenas a uma dualidade eu e outro); ele é descentrado, pois pela implicação do Outro lacaniano ele perde sua centralidade, o fantasma do outro, uma ilusão no centro do sujeito; os discursos dos estudantes são efeitos de uma linguagem, porque o inconsciente lacaniano é constituído como uma linguagem, compreendendo que esse inconsciente é o discurso do Outro, um efeito da linguagem desse que constitui o imaginário, as representações e os próprios discursos dos estudantes sobre coisas referidas ao corpo. Em suma, em todo discurso há a presença/interpelação do Outro e o descentramento desse sujeito (estudante), com uma condição de incompletude dada pelo desejo, da ilusão de fonte adâmica em direção à fonte de sentido e significação de um sujeito histórico, social e (in)consciente e de relação.

Os discursos dos estudantes, neste momento, são caracterizados como “discurso pontual”, porque se tratam de coisas específicas, das suas explicitações, sejam eles comuns – com os sujeitos desta pesquisa – ou específicos de cada estudante, mas pontuais no momento da entrevista. A partir do desfecho da nossa discussão analítica diante dos dados produzidos sobre os diversos assuntos suscitados em torno do corpo, juntamente com os conceitos circundantes nesta tese, adentremos na próxima questão de análise.

5.3.1.3 Para que e por que falam? Funcionalidades

A partir das explicitações dos estudantes nas entrevistas, adentrei na problemática do corpo, “no para que e por que falam”, com uma tonalidade de função no discurso dos estudantes, com uma intenção, um lugar direcionado de atribuição, tendo um sentido (por que) e uma funcionalidade (para que) direcionados, o qual nomeei como “Discurso Funcional”.

É necessária a atenção nos discursos imbricados dos estudantes, isto é, como estão relacionados uns aos outros, pois não há discursos que não estejam relacionados entre si. Dessa forma, um sentido aponta para outros sentidos, em rede, podendo resultar em dizeres presentes e futuros. Por essa causa, não existe um começo ou fim de um discurso do estudante, ele sempre está em movimento, em relação a outros discursos e com outros sentidos, correlacionados (ORLANDI, 2009). Como aparece nas explicitações dos estudantes nesta seção de análise por meio de seus discursos.

Considerar os estudantes como sujeitos históricos, idiossincráticos, de desejo, memória e que agem e refletem sobre o mundo, leva-nos a compreender como os sentidos são direcionados tanto para o emissor (estudante) quanto para o seu receptor (pesquisador) no momento da entrevista. Dessa forma, colocar em cena os estudantes enquanto protagonistas dos seus discursos é o indicativo capaz de compreender as condições históricas, pessoais e sociais da produção de discurso com sentidos para seus falantes, buscando certa homogeneidade entre eles.

Quadro 6 – Por que e para que falar sobre corpo – Discurso Funcional

Estudante de Graduação	Discurso Funcional
Letras	<i>Acho que para perceber diversidade. Acho que quanto mais você interage, mais você conhece e você percebe as diferenças e que, enfim, não existe uma coisa... ah! Isso é bonito, tipo isso não! Existe uma diversidade. [...] Acho que primeiro porque todo mundo tem corpo. Acho que todo mundo deveria se preocupar com o corpo. É a casca, é... enfim, o corpo sustenta a nossa essência. E acho que todo mundo deveria... eu sei que é difícil, mas todo mundo deveria ter uma preocupação com a saúde. E eu acho que é importante pra perceber e quebrar alguns padrões. Porque eu acho que é uma coisa que incomoda bastante. Me incomoda muito, por exemplo, o padrão estético eurocêntrico, enfim, essa coisa toda e eu acho importante que, enfim, quanto mais a gente amplia conhecimento em relação às coisas mais a gente criar as próprias ideias a respeito das coisas e não seguir o que dizem, não acreditar no que revistas dizem. Eu acho que é perceber a multiplicidade de... né?</i>
Educação Física	<i>Me ajudou a me encontrar. [...] Porque você vai se sentir mais feliz, mais confortável, vai saber mais sobre você, né, é... não sei! Aquela coisa de se encontrar mesmo. Que a gente hoje sabe que existe possibilidades de você descobrir quem você é, seu corpo, né? Essa multiplicidade que existe no corpo, gêneros.</i>
Engenharia	<i>Aprender sobre o corpo me ajudou a ajudar a minha irmã a lidar com situação que foi</i>

Agrônômica	<i>complicada na vida dela. Aprender sobre o corpo foi passar informações que são necessárias pra ela pra que ela venha lidar melhor com a situação em que ela tá tendo. [...]Eu diria que se a pessoa quer viver bem, aprender sobre o corpo é fundamental, porque a partir do momento em que você acorda o corpo já vai expressar como é que você está se sentindo naquele momento. Se você não dormiu bem o corpo já vai dizer se você não dormiu bem. Então, é fundamental aprender sobre o corpo porque a partir do momento, até com algo que você come, se você está com fome o corpo vai dizer. Se você comeu algo que não te fez bem o corpo vai dizer. Então, é fundamental (risos) o corpo vai dizer. Então, por isso é fundamental aprender sobre o corpo.</i>
Filosofia	<i>A me emancipar! [...] Pra que elas vejam o corpo de outra forma. Pra que as pessoas parem de culpar o corpo, crucificar o corpo. Vai depender de cada pessoa. Da visão de vida que cada pessoa tem, porque eu acho que isso de parar de julgar o corpo alheio é quando você entende que cada um tem a sua trajetória e que o corpo da pessoa é a trajetória dela e aquilo precisa ser respeitado. Aí já é uma visão de vida do que simplesmente, né, cuidar do corpo. Enfim, eu acho que tem várias coisas envolvidas. Eu acho que o respeito ao outro. Porque eu acho que quando você respeita o outro, você para de julgar, né? Que é o corpo da pessoa.</i>
Psicologia	<i>A me amar mais! A me amar mais e a ser mais paciente e a ser mais aberta com o corpo do outro também. [...] Porque é importante você saber como... como... lidar com o seu corpo, saber ouvir pra saber o que ele precisa e poder dar o que ele precisa, pra saber quando tá precisando um pouco mais de atenção, quando ele tá precisando de descanso, quando você pode aproveitar o momento que ele tá ali pra fazer coisas. Eu acho que a gente tem muito contato com o corpo, mas a gente pensa pouco sobre ele, então a gente deve desconstruir tabus sobre o corpo, assim. Do que é nojento, do que não é nojento, do que é feio, do que é... enfim, te deixar íntimo com o corpo, o corpo humano.</i>
Teatro	<i>A me sentir bem comigo mesmo e com o mundo a minha volta. Aprendi a entender o outro a partir das experiências que já tive, no caso. [...] Porque se a gente consegue entender o nosso corpo, a gente consegue entender o outro também e conviver de uma forma mais harmônica. Eu acho que a importância reside nisso. De se entender e entender o outro.</i>
Relações Internacionais	<i>A ter noção de mim e dos outros. [...] Eu acho que aprender sobre o corpo é um exercício de autoconhecimento, porque se você aprende como funciona o seu corpo, no sentido assim, de que é uma máquina, apesar desse senso puramente acadêmico de ser, é uma máquina. É um processo. Eu acho que é uma oportunidade de você aprender sobre si mesmo. De autoconhecimento.</i>
Serviço Social	<i>A refletir sobre situações, locais, pessoas, significados, hum... a necessidade de autoconhecimento, isso eu vou tocar sempre a necessidade de autoconhecimento, fato. E me ajudou a entender e estar em processo de entendimento de quem sou eu. [...] Pra mim é importante aprender sobre corpo para é... eu aprender quem sou eu e aprender a respeitar o próximo, as outras pessoas, aprender a respeitar outros corpos, aprender que não, essa coisa de que o corpo é... na pré-história era um, na idade moderna era outro e na contemporaneidade ainda vem sendo, mas eu vejo outros corpos ocupando os espaços e isso me deixa muito feliz também e também a repressão do lado de lá, né, a repressão que tem dentro dos nossos corpos nos faz, mais ainda hoje gritantemente a necessidade de, de saber respeitar o outro e... e mais uma vez eu acho que a gente só aprende isso com o autoconhecimento, autoestima, eu acho que autoestima também é um outro ponto crucial, porque sem autoestima você fica preso agarrado, necessitado de estar em outros corpos para o seu viver, para o seu sobreviver. Eu diria que é isso que eu gosto de dizer “sobrevivência é diferente de vivência”, viver é uma coisa e sobreviver é outra. Você sobreviver é estando, sendo até um parasita corporal, espiritual, psicológico de outro corpo é você se perder de si, é você deixar que outro assuma até as suas decisões, então, a partir do momento que você se conhece, você começa a ter a autoestima, produzir a autoestima, você começa a se olhar enquanto um ser necessário pra esse mundo e sendo necessário de dizer que você não está aqui à toa, não tá aqui à toa. Então, você só mais uma marionete do capitalismo e é isso que eu falei a minha, do meu defeito de, de às vezes passa pelo espelho de manhã e tipo, só passar e sair e só de noite eu... meu corpo tá dominado por um alguém ou por vários alguém que eu não vejo, a gente não vê fisicamente, mas que a gente tá amarrado de alguma forma. Então, quando você se conhece, você começa a cortar essa linha.</i>

	Quando você se conhece, você se reconhece do local onde você está e começar a ter sua relação com o outro e aí você passa e você passa a sua autoestima pro outro também é uma forma de empatia e quando você, quando sua bateria tá mais baixa o outro vem e recarrega você. Isso também é uma troca de relação mutua, mas não é parasitária, eu acho que a partir disso você consegue ter essa empatia com outro. E afetar o outro, mas claro também reconheço o valor da leitura. A leitura seja gibis, quadrinhos, de romances, de paradidático, de leituras acadêmicas, que não sejam engessados que nenhuma dessas áreas sejam engessadas também. É... eu acho que leitura também é um... é um... ponto que você possa se conhecer em outros corpos sem estar percebendo que você está imerso numa história e você conhecendo sobre uma pesquisa, pesquisando sobre outros corpos, outras histórias e aí quando você sai, vocês as vezes se percebe numa situação que você, no que você leu, no que você estudou, no que você pesquisou e você para assim e reflete e diz “então, qual decisão eu vou tomar a partir de agora?” ter o respeito com o outro, porque se eu respeitar, se eu não julguei aquela pessoa ali, porque eu tô julgando essa aqui que tá na minha frente pessoalmente?
Medicina	Acho que... conhecer como funciona a máquina, né?! A máquina humana me ajudou a compreender... sinceramente me ajudou a compreender o quanto a gente é frágil. A fragilidade humana, as coisas são tão pequenas, tão minúsculas como funciona, que o mínimo, vamos dizer, canal da membrana celular alterado modifica tuuuuudo uma... uma estrutura que funcionava tão bem. Coisas minúsculas, mínimas que se você não cuidar ou até mesmo que você cuide, mas as coisas acontecem, muda tudo na sua vida. Muda tudo! Você está bem aqui agora, mas tudo pode mudar num piscar de olhos. Então, eu vejo que a vida é tão frágil, sabe? E ao mesmo tempo tão forte, também muda. Então me fez perceber como a gente é frágil mesmo e demais mesmo. No filme coringa mesmo, um ambiente e até mesmo a ausência de um medicamento que tava garantindo um funcionamento adequado, minimamente pouco adequado, mas pelo menos tinha uma garantia de alguns efeitos na coordenação dos pensamentos, dos atos, comportamento e depois que aquilo deixou de funcionar descompensou, toda a maquinaria. Então, a gente é muito frágil. Demais, demais, demais! Então, assim, as nossas frustrações, é tudo, desejos inalcançáveis, os traumas psicológicos, emocionais, tudo isso muda a gente num instante assim “oh”. Muito rápido, muito frágil, muito pequeno diante de tudo, do mundo, entendeu? [...]. Eu acho que o corpo, ele representa... corpo no geral, né, em todos os aspectos vai representar quem você é, por exemplo, se você não consegue manter seu corpo de forma adequada, não só fisicamente, né, mas mentalmente, espiritualmente. Você é... você de certa forma organiza, você é um organizado, você se autoconhecer, perceber seu corpo e pra que ele serve, eu acho que ele mantém uma ordem, tanto ordem de indivíduo, como a ordem do sentido do indivíduo do social então eu acho que se você se enxergar desse jeito contribui a isso, a ser quem você é, sua representação desse meio na sociedade, no mundo.
Pedagogia	A aprender coisas sobre mim. Se eu sou um corpo?! (risos) [...] Pra viver melhor! Melhora a qualidade de vida da pessoa, sim, melhora. Pelo menos, para mim, melhora.
Ciências da Religião	A viver melhor! A me encontrar. Entender o outro, com certeza, eu sou o outro. Para nos entender. Entender o outro. Nossas limitações. O outro, você! Você! Você! Você! Você! O outro. Limitações no geral: Raça, gênero, religião, tudo. Entender o outro e respeitar o outro. As escolhas do outro.
Física	Não aprendi nada. Não aprender, me ajudou, cara, na verdade tipo, foi aquela coisa, já não gosto pelo fato de eu nunca, é ter relacionado com esse tema eu acho que foi uma coisa tipo, pra mim mesmo que não gosto simplesmente, isso só parece que ajudou essa ideia de eu não gostar, questão de é... me ignorar. Só contribuiu praticamente (contribuiu em não gostar do corpo dele) [...] A forma de você conhecer seu corpo, de você é, não virar um (nome do estudante) futuramente. Você poder não só conhecer, mas ‘ah! Você não gosta’, mas você pode mudar a maioria das coisas, entendeu. Acho que se eu tivesse contato com isso antes e acho que poderia ter um outro tipo de pensamento e até um outro tipo de conduta mesmo, mas eu já estou, eu acho que essa personalidade já, aliás, eu já tenho o pensamento formado sobre isso de não gostar, então...
Zootecnia	A cuidar dele melhor. Com certeza cuidar dele melhor! Dá atenção a ele, né? De fato, que não tinha. [...] Esse mesmo conceito que eu tenho. O corpo é sua ferramenta. O corpo é a sua máquina. Então, eu jogaria até uma pergunta por cima ‘Você vai querer

	<i>que alguém lhe conduza, porque você não consegue?”, né? E não sei se vai sair da linha, mas tem uma coisa que meu pai fala ‘que o nosso corpo envelhece, mas o espírito não!’ é por isso que quando a gente tá numa cama você se irrita, você fica... o espírito é a mesma coisa, né? O espírito não envelhece, quando você tá com um peso no corpo.</i>
Ciências Biológicas	<i>A me conhecer melhor. A aceitar as diferentes formas. Aceitar o meu corpo como ele é. E aceitar o corpo do outro, respeitar o corpo do outro. (risos) [...] Pra que a gente possa saber estabelecer limites sobre aquilo que a gente pode e aquilo que a gente não pode fazer. E também pra que a gente possa é... ter essa noção do respeito próprio, do respeito para o outro.</i>
Matemática	<i>Talvez se eu tivesse aprendido alguma coisa sobre, provavelmente eu teria feito escolhas diferentes. Na forma de comportamento mesmo. [...]. Eu acho que pra pessoa ter uma ideia melhor de si próprio, da sua identidade, porque eu acho que não aprender sobre corpo, eu acho que a gente fica meio que às cegas. A primeira vez que eu ouvi falar sobre corpo foi aqui na universidade. É... teve, eu tô pegando políticas e gestão I e a professora tava com... eu fui assistir uma disciplina do mestrado... aí eles tavam com... falando sobre corpo e alguma coisa e eu assisti é... algumas palestras, palestra não, era aula mesmo, aulas de mestrando relacionando a isso. A primeira vez que eu vi foi essa. Eu diria assim, a primeira aula nem tanto porque a primeira aula tinha muito embasamento teórico, tava muito pesado e eu não aprendi muita coisa, mas a segunda aula eu acho que eu ainda consegui entender alguma coisa sobre corpo e a outra que eu vi falar sobre corpo, com algo do tema foi na sua pesquisa. Até então eu não sabia que a gente poderia envolver o corpo, ter como corpo como mais ou menos uma ciência como algum campo de estudo. E eu acho que seria importante. Nunca tinha ouvido falar e acho que uma das aulas mostrou, eu acho que foi... uma charge, foi uma charge e as vezes é... se retratava algo sobre racismo e tem gente que é negro, mas não consegue aceitar a sua própria cor, então, e acho que esse discernimento de corpo, não só como algo biológico, mas trazendo outras questões e isso ajudaria melhor as pessoas no aspecto da identidade a desenvolver a sociedade de um jeito melhor.</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Diante das falas, mesmo que pareçam pessoais e íntimas em seus discursos, os estudantes falam de suas impressões, suas experiências, trazem à memória o que lembram e falam sobre aquilo que acreditam ser unicamente deles. Dessa forma, diante das noções dos discursos, devemos ter ciência que eles não se originam nos estudantes. Antes de nascermos o mundo já existia e nele os discursos, diante disso, com isso, o esquecimento involuntário faz pensarmos sobre a originalidade das coisas que falamos, mas não são. Assim, há uma forma singular em que a história, o Outro e a ideologia nos afetam, afetam os estudantes e se realizam em nós através do que falamos, pensamos e agimos na frutificação de sentidos. Esses componentes (Outro, ideologia e história) são estruturantes na produção de sentidos. Frente a isso, as palavras se repetem, movimentam-se, variam, constituem sentidos e têm significados diversos para os estudantes desta pesquisa.

As formas de interpretar os discursos dos estudantes são múltiplas e indissociáveis ao próprio discurso. Colocar em cena o dito em relação ao não dito. Diante disso, é necessário ter a definição da questão em análise e, aqui, desdobra-se sobre as funcionalidades, da meta, da função de falar sobre corpo.

O corpo tem uma função social. A partir dessa assertiva se desenvolvem os diálogos com os estudantes. Como tal, é necessário falar, discutir, vivenciar e aprender o corpo como

um dispositivo que também é político, pois envolve normas de relação, poder, militância, resistência, empatia a partir da alteridade do corpo do outro que também é seu “Entender o outro, com certeza, eu sou o outro. Para nos entender. Entender o outro” (*Estudante de Ciências da Religião*). O outro, meu semelhante, é minha alteridade radical. De tal modo, nesse reconhecimento do corpo o estudante começa a se entender, conhecer-se, respeitar-se, perceber a diversidade e a diferença das pessoas, emancipar-se e a respeitar cada corpo como uma trajetória, amar-se mais, cuidar-se e viver melhor, ter qualidade de vida e também entender a fragilidade humana. O estudante fala enquanto um corpo de relação entre ele, o outro e o mundo. Nesse espaço, o corpo se compõe dessa condição e, nela, o estudante tem relação com ele e o outro.

Vejamos o *Estudante de Letras* cujo conhecimento acerca do corpo o levou “[...] a perceber a diversidade. Acho que quanto mais você interage, mais você conhece e você percebe as diferenças e que, enfim, não existe uma coisa... ah! Isso é bonito, tipo isso não! Existe uma diversidade [...]. Eu acho que é perceber a multiplicidade... né?!”. Em sua fala, faz alusão à diversidade, à diferença e à multiplicidade das pessoas, faz crítica ao corpo estereotipado, principalmente, quando se refere aos padrões estéticos eurocêntricos. O corpo, como se percebe na explicitação do estudante, é próprio dispositivo de crítica contra uma normatividade ou padrão estabelecido, fazendo-se como um corpo múltiplo, diverso, diferente.

Os estudantes também falam sobre cuidados de si, bem-estar, autoconhecimento e aceitação: “Me ajudou a me encontrar. Porque você vai se sentir mais feliz, mais confortável, vai saber mais sobre você. Aquela coisa de se encontrar mesmo [...] de você descobrir quem você é, seu corpo, né?!” (*Estudante de Educação Física*); “Eu diria que se a pessoa quer viver bem, aprender sobre o corpo é fundamental” (*Estudante de Engenharia Agrônoma*); “A me amar mais!” (*Estudante de Psicologia*); “A me sentir bem comigo mesmo e com o mundo a minha volta” (*Estudante de Teatro*); “A ter noção de mim e dos outros [...] é um exercício de autoconhecimento” (*Estudante de Relações Internacionais*); “[...] a necessidade de autoconhecimento, isso eu vou tocar sempre a necessidade de autoconhecimento, fato.” (*Estudante de Serviço Social*); “A aprender coisas sobre mim. Se eu sou um corpo?!” (*Estudante de Pedagogia*); “A me encontrar” (*Estudante de Ciências da Religião*); “A cuidar dele melhor. Com certeza cuidar dele melhor! Dá atenção a ele, né?!” (*Estudante de Zootecnia*); “A me conhecer melhor. A aceitar as diferentes formas. Aceitar o meu corpo como ele é” (*Estudante de Ciências Biológicas*).

Os estudantes falam de assuntos que se coadunam e se encontram, com distintas formas de dizer sobre as mesmas coisas e, nessas formas de falar, eles são interpelados pelo Outro, levam nos dizeres suas memórias alcançadas no momento de falar. Os estudantes têm consciência de si na perspectiva que seus imaginários alcançam com implicação nas formatações da corporeidade, como fenômeno social, como objeto de representações, do imaginário e do campo simbólico. Nesse jogo de palavras, eles dizem as mesmas coisas, demonstrando como são interpelados pela ideologia. Com isso, trazem consigo uma visão de mundo, a maneira como eles representam o corpo a partir de uma ordem social que é coletiva e também suas, individuais. Em outras palavras, a ideologia é construída por uma realidade vivenciada pelos próprios estudantes, localizados em um tempo histórico.

Frente a isso, o Outro, com a Análise de Discurso nesta tese, tem forte afinidade ao que chamamos de interdiscurso, à sua memória, assim, o tratamos como a alteridade por excelência. Como também uma afinidade e relação com a ideologia, porém são noções distintas. O que se concebe na psicanálise como o Outro, concebe-se na AD como noções de Ideologia e interdiscurso.

Por isso, devemos considerar os estudantes desta pesquisa como sujeitos sociais e todas as suas ações e discursos são permeados pelo Outro como também pelo desejo e pelo sentido. Por mais que tentemos suprimir qualquer uma dessas noções, não podemos fazer, pois, as nossas ações sejam elas (in)conscientes são dependentes e substanciadas por elas. Somos dependentes do Outro por sermos seres históricos, sociais e de falta. O Outro é o “navio” significante do continente do corpo; o desejo e o sentido são as bússolas que guiam os estudantes para as direções daquilo que é capaz enquanto sujeito discursivo e de interação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Os sentidos pelos quais os discursos desses estudantes atravessam são múltiplos “pra que as pessoas parem de culpar o corpo, crucificar o corpo [...] porque eu acho que isso de parar de julgar o corpo alheio é quando você entende que cada um tem a sua trajetória e que o corpo da pessoa é a trajetória dela e aquilo precisa ser respeitado” (*Estudante de Psicologia*). Isso nos leva a pensar na idiosincrasia de cada estudante, cada pessoa enquanto uno e coletivo, unidade dialética do eu e do outro que se forma nessa perspectiva sócio-histórica e psicanalítica. A mesma estudante fala sobre emancipação “a me emancipar!”, mostrando sua autonomia a partir de sua ciência do corpo, respeitando, cuidando e se desvinculando de juízo de valor sobre o seu e, principalmente, de outrem, por considerá-los trajetórias.

Entender e significar o outro, enquanto alteridade, também é atributo constante nos discursos “a me amar mais e a ser mais paciente e a ser mais aberta com o corpo do outro

também” (*Estudante de Psicologia*); “aprendi a entender o outro [...] se a gente consegue entender o nosso corpo, a gente consegue entender o outro também e conviver de uma forma mais harmônica. Eu acho que a importância reside nisso. De se entender e entender o outro” (*Estudante de Teatro*); “a ter noção de mim e dos outros” (*Estudante de Relações Internacionais*); “aprender quem sou eu e aprender a respeitar o próximo, as outras pessoas, aprender a respeitar outros corpos, aprender que, essa coisa de que o corpo é... na pré-história era um, na idade moderna era outro e na contemporaneidade ainda vem sendo [...] a repressão que tem dentro dos nossos corpos nos faz, mais ainda hoje gritantemente a necessidade de, de saber respeitar o outro” (*Estudante de Serviço Social*); “aceitar o corpo do outro, respeitar o corpo do outro. Pra que a gente possa saber estabelecer limites sobre aquilo que a gente pode e aquilo que a gente não pode fazer. E também pra que a gente possa é... ter essa noção do respeito próprio, do respeito para o outro” (*Estudante de Ciências Biológicas*).

O outro é o discurso repetido nas falas dos estudantes acima. Conviver, compreender, viver em harmonia, ser paciente, ter noção, respeitar, estabelecer limites, aceitar, aprender e entender que o corpo tem uma perspectiva histórica, local e temporal são aspectos transversalizados nas explicitações dos estudantes, que nos leva a entender como esses estudantes têm uma posição social das quais eles falam. Isso se revela, principalmente no discurso do *Estudante de Serviço Social*, pois se coloca na posição de estudante, pesquisador e militante das causas LGBTQIA+, a partir de seu curso e da universidade, unidades simbólicas significantes no seu discurso e dos outros estudantes.

Outro aspecto que se destaca é o de “viver melhor!” (*Estudante de Ciências da Religião*) e de qualidade de vida “pra viver melhor! Melhorar a qualidade de vida da pessoa, sim, melhora. Pelo menos, para mim, melhora” (*Estudante de Pedagogia*). Falar ou aprender sobre corpo, segundo esses estudantes, é ter uma vida melhor, talvez mais cientes de que viver é a melhor forma de cuidar e entender suas limitações e possibilidades em diversos aspectos da vida social.

Entender a fragilidade do homem enquanto instância biológica também se destaca no discurso da *Estudante de Medicina* “conhecer como funciona a máquina humana me ajudou a compreender... sinceramente me ajudou a compreender o quanto a gente é frágil. A fragilidade humana, as coisas são tão pequenas, tão minúsculas como funciona, que o mínimo, vamos dizer, um canal da membrana celular alterado modifica tuuuuudo [...]. Então me fez perceber como a gente é frágil demais mesmo”. A estudante se coloca na posição do seu curso de formação que significa seu discurso numa perspectiva biomédica do corpo, justificando no seu dizer a fragilidade que o corpo humano tem para manter sua homeostase.

E as consequências de não falar ou discutir sobre corpo na escola, na universidade ou outro lugar social se destacam no *Estudante de Física* “não aprendi nada, cara, na verdade [...] já não gosto (do corpo dele) pelo fato de eu nunca, é ter relacionado com esse tema eu acho que foi uma coisa tipo, pra mim mesmo que não gosto simplesmente, isso só parece que ajudou essa ideia de eu não gostar, questão de é... me ignorar [...] Acho que se eu tivesse contato com isso (assuntos/discussões sobre corpo) antes [...] poderia ter um outro tipo de pensamento e até um outro tipo de conduta mesmo (sobre o corpo dele), mas eu já tenho o pensamento formado sobre isso de não gostar [...]”; e o *Estudante de Matemática* “talvez se eu tivesse aprendido alguma coisa sobre, provavelmente eu teria feito escolhas diferentes. Na forma de comportamento mesmo. [...] eu acho que pra pessoa ter uma ideia melhor de si próprio, da sua identidade, porque eu acho que não aprender sobre corpo, eu acho que a gente fica meio que às cegas. A primeira vez que eu ouvi falar sobre corpo foi aqui na universidade”.

Aqui, damos atenção às condições de produção de sentidos dos discentes dos cursos de exatas e as suas formações. Nesses cursos da universidade e em disciplinas escolares, o corpo é um objeto, uma massa, apenas usada em experimentos de fórmulas triviais, com uma concepção de corpo distinta de outras explicitações dos estudantes de outros cursos. Como se o corpo do qual falamos estivesse longe de sua realidade, desconhecido. As explicitações acima demonstram sobre a fragilidade que atualmente eles trazem em não terem aproximação sobre assuntos adjacentes ao corpo, antes e durante a entrevista, na escola, em casa e agora no seu curso de graduação. Eles se colocam numa posição do que ocorre ao não ouvir, discutir e não aprender coisas sobre o corpo, que se talvez tivessem acesso pudessem afetar suas formas de aceitação e reconhecimento de si como também seus comportamentos e suas relações cotidianas com os outros e com eles mesmos.

O discurso dos estudantes é contemplado pelo inconsciente, uma forma social. Ele se desenvolve por meio de um sistema de trocas, de relações de significantes numa função simbólica de sentidos, cujas lógicas se encontram nos momentos antes, durante e após as entrevistas, pois faz parte dessa forma e lugar social (inconsciente) tanto na universidade quanto fora dela.

Podemos destacar aqui, a atuação do Outro, desejo, tempo/lugar nos discursos dos estudantes sobre corpo. Esse processo de produção de discurso, sentidos, representações e imaginários sobre o corpo se mostra numa constituição dinâmica e contraditória, devendo ser considerado como um processo – transformando e sendo transformado – sempre em desenvolvimento qualitativo, emergindo novos sentidos, novas representações e novos

discursos. Por isso, torna-se uma fonte importante defender a construção do corpo em relação com o mundo, ou seja, os modos de produção de sentidos sobre o corpo ocorrem nessa relação homem e mundo. Dessa forma, a universidade, curso de formação, além da família e outras unidades simbólicas são e fornecem instrumentos que possibilitam frutificação de sentidos sobre o corpo e outros objetos com os quais os estudantes se relacionam como também na (re)construção de significados sobre ele.

Diante da problemática e discussão deste bloco analítico, designado como “Discurso Funcional”, adentramos ao próximo.

5.3.1.4 Lugares e/ou situações de saber sobre corpo

Diante do enredo das entrevistas, delinee a possibilidade que a AD poderia proporcionar discussão sobre o inter e intradiscurso com a problemática do corpo, “em situações e lugares que discutem ou aprendem”, tendo a possibilidade de identificar, analisar e compreender os discursos dos estudantes junto aos conceitos abordados nesta tese.

Nessa condição de produção, considero o estudante e sua situação no contexto imediato e também do seu contexto mais amplo: histórico, social e ideológico. Do imediato, considero pelo momento no aqui e agora, momento da entrevista. Nesse contexto, levo em consideração as estruturas que delineiam e derivam os efeitos de sentidos para aquele acontecimento a partir da memória do estudante. Essa é tratada como interdiscurso, memória e interdiscurso, “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar [...] o já-dito” (ORLANDI, 2009, p. 31) e o estudante ressignifica, repete, reproduz sem ter consciência de tal situação que outro já falou, ouviu, estudou, aprendeu e esqueceu, já-dito por outros e agora por ele.

São todos os já-ditos por alguém em outro lugar, situações e momentos distantes ou próximos, têm efeito sobre o que os estudantes dizem nos momentos que falam, com sentido para eles. Palavras não apenas particulares suas, mas que “significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2009, p. 32), ditas em outro lugar – uma memória não consciente. Os estudantes têm controle sobre o que diz, mas não têm controle sobre o modo como os sentidos se constituem nesses dizeres. O que não devemos negar é o fato de ter um já-dito anterior, uma voz – do Outro – sem nome no dizer que não é de sua autoria. Não obstante, há relação entre o já-dito e o que o estudante diz no momento, uma formulação do já-dito em suas palavras – intradiscurso, entre o sentido e a formulação do discurso no momento dado (ORLANDI, 2009).

Por esse motivo, o quadro abaixo destaca com integralidade os discursos dos estudantes diante dos lugares e situações que falam sobre corpo, com objetivo analítico não apenas atribuído aos sentidos, mas em uma dimensão mais ampla, social e epistêmica, por considera-los sujeitos ideológicos, de desejos, históricos, de saberes e de relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, além disso, refletem e têm ação sobre determinadas situações e lugares na sociedade. Dessa forma, os designamos como “Discurso de Lugar/Situação de Saber”.

Quadro 7 – Lugares e/ou situações de assuntos sobre corpo – Discurso de Lugar/Situação de Saber

Estudante de Graduação	Discurso de Lugar/Situação de Saber
Letras	<i>Acho que nos encontros. Nos relacionamentos, nas relações, nas interações, digamos assim. Interações sociais. Afetivos, sexuais também. [...] na academia. Acho que sim!</i>
Educação Física	<i>Acho que na universidade, talvez. Porque eu acho que ainda eu não vi muito, o básico. É o que eu tava falando pra você, tipo, no meu curso eu tô especificando essa coisa de corpo no curso. Eu comecei o curso de educação física e ele fala muito sobre corpo. Eu não cursei muito ainda, tô ainda me arrastando e no outro curso que eu fazia na universidade que era zootecnia, a gente falava mais sobre corpo, né, mas da anatomia animal, então... (risos). E local... no banheiro (risos), talvez banheiro, no banheiro da minha casa sim, talvez é o local onde a gente, você visualiza seu corpo nu, né, que a gente vê vestido. E aí tem aquele momento que você para e você se olha. Na escola, na escola também, tipo, eu é... alguns professores meus já falou que a gente precisava, não lembro especificamente se foi na escola ou no grupo de roda de amigos que eu tive a ideia de que a gente precisava se conhecer, se tocar, se olhar no espelho pra saber, pra descobrir coisas do nosso corpo. [...] na universidade com certeza! Fora eu não tenho muito não. Talvez eu converse. Não vou falar pra você que tipo, esse grupo que eu converso sobre tatuagem não é o grupo que eu falo sobre orientação, gênero, esse tipo de coisa. Não falo assim até porque hoje esse tipo de assunto tá muuuuito em evidência, né?! As pessoas tão querendo entender melhor sobre apesar de ser um pouco complexo, mas eu acho que qualquer grupo de amizade a gente toca mais nesse assunto, um sempre mais que o outro. Talvez a finalidade desse grupo que eu falei sobre tatuagem quando a gente se encontra não é pra debater tanto isso porque quando a gente se encontra é mais pra beber, se divertir, talvez, parar pra pensar muito sobre isso não seja muito adequado pro local. Se bem que eu acho que não tem nenhum local pra isso, mas a gente não pensa muito sobre isso não. E os outros, as outras pessoas quando eu vou a intenção é basicamente pra isso, pra refletir sobre algumas coisas, com intenção.</i>
Engenharia Agrônoma	<i>Eu acredito que foi em casa e com o convívio social com as pessoas. Dentro da universidade quanto fora que aí me motivou a buscar sobre as coisas relacionadas ao corpo. Eu acredito que sim, a universidade. [...] foi por curiosidade em casa, na internet.</i>
Filosofia	<i>Internet! (sorriu) Sim! Eu acho que me ajudou sim. Acho que sim! Principalmente páginas feministas, eu acho. Mas não sei nomes específicos. [...] As leituras feministas principalmente. [...] Com as minhas amigas. Não foi em casa e nem aqui (UFS). Com as amigas. Em vários lugares. Em casa, na casa deles, na rua, praia, café, não sei!</i>
Psicologia	<i>Coisas muito básicas sobre o corpo eu aprendi na escola. Coisas mais... assim, eu acho que conteúdos em rodas de conversa sobre, sobre corpo e o feminismo, né? Eu acho que que já fui em algumas aqui da UFS que sempre acontece e às vezes em algum evento, assim, esporádico não aconteceu mais. É mais na internet mesmo, mais coisas que eu consumo na internet e acabo conversando com minhas amigas, assim. E tem um livro também que eu acho que foi muito impactante que é “as mulheres que correm com os lobos” que é de psicanálise Junguiana e é muito interessante. [...] eu acho que foi em casa e com os amigos, nas rodas de conversa com os amigos me</i>

	<i>ajudou a elaborar as coisas que eu vejo em vários lugares, assim, tipo, vários estímulos e a roda de conversa com os meus amigos ajudou a juntar tudo, processar e produzir algo daqui, assim.</i>
Teatro	<i>Então, eu acho que realmente na... nas instituições de ensino mesmo! Colégio, faculdade e nas instituições religiosas também que seria o centro espírita, o... Rosa Cruz. E eu acho que a mais importante que me fez despertar para as questões físicas foi a universidade, no curso de teatro e... em locais espirituais o Rosa Cruz. [...] então! Na faculdade, por exemplo, se trabalha no curso de teatro a questão física, então, o que é que esse corpo ele mesmo, talvez não tão em forma, o que é que ele pode fazer, quais suas potencialidades dele, do que ele apresenta? O que é que ele pode desenvolver e... em ambientes religiosos o que volte mais pra as questões espirituais esse corpo psíquico que é que ele precisa aprender pra poder evoluir, pra poder transformar a si e o ambiente ao redor.</i>
Relações Internacionais	<i>Eu acho que em casa. Eu acho que a maior parte do conhecimento que eu adquiri sobre o meu corpo, sobre noção de mim mesma foi em casa! Com minha mãe, minha mãe! Muito, porque eu tenho... eu tenho irmãos mais velhos, então eu sempre desde pequeninha eu vejo a diferença, né? Aí eu perguntava e ela dizia do jeito dela, mas ela dizia. O que conheço de corpo devo a ela. [...] em casa! É porque assim, a universidade é tudo assim, é um monte de caixinha. Porque, por exemplo, assim, o curso de relações internacionais é um curso muito voltado em... entre si mesmo. Então, as atividades é sempre, sempre a mesma coisa da mesma área. Aí você acaba que... eu não sei, por exemplo, o que o povo da agronomia está estudando. Tipo assim, o que eles fazem? É tudo muito fechadinho! Sobre noção de corpo, por exemplo, se eu não for uma aluna, por exemplo, de medicina, de biológicas, eu acho assim, eu não tenho o conhecimento científico no sentido que essas pessoas têm, mas assim, no meu curso o máximo que a gente falou sobre o outro foi diferenças e não foi no sentido corporal, mas no sentido cultural numa disciplina de Simulação Negocial. Numa disciplina de Simulação Negocial que a gente simulou, por exemplo, eu era uma... eu fazia o papel de uma dinamarquesa e tava tentando negociar com uma pessoa da Coreia do Sul. E as pessoas das Coreia do Sul elas são altamente apegadas à família, gostam de falar da família. E as pessoas da Dinamarca eram altamente pessoas fechadas, frias, que não queriam saber dos aspectos familiares, não é uma sociedade de contato como a gente é. Sim! Então, acho que foi o máximo, assim, de corpo no sentido de... foi isso no sentido cultural.</i>
Serviço Social	<i>Eu diria que a universidade, ajudou. Assim, a universidade em si, porque o meu curso especificamente não! Mas a minha necessidade de fazer outras relações interdisciplinares com pessoas das engenharias, as áreas da saúde das áreas de outras áreas, claro eu também de serviço social, as áreas de educação e as áreas das artes, nossa, eu acho que a universidade é um ponto chave e crucial. Pra mim foi e ainda é. [...]. Eu tô procurando outros locais, mas foi na universidade. Porque enquanto, escola e eu estudei, sempre tive a oportunidade de estudar em escola particular, que seja muito dito e especificado, a gente aprende a ser mais um dentro de uma farda, mais um dentro de uma classificação de Exame Nacional do Ensino Médio, mais um corpo, mais uma mente, na verdade, apenas tiram as nossas mentes e nos classificam enquanto pontuação, mas não enquanto pessoas, enquanto corpos além disso. Enquanto pessoas que querem e desejam ter o acesso e nem todo mundo que deseja tem o acesso. [...] Eu diria que o lugar, sim, isso tava até em um dos questionários, né? E aí eu lembro que eu respondi sobre exatamente o campo, a área do conhecimento do teatro me fez assim, tipo, ter um autoconhecimento e... e deixar mais livre. A música junto ao teatro, a dança. A dança que eu inventei na minha cabeça que eu gostei é o meu ritmo e que funciona, não faço dança não sei dançar os ritmos especificamente é... mas o meu, a minha dança, eu me conheço, então, o teatro principalmente foi, foi justamente a partir desse momento aí, de dois mil e dezesseis pra cá também, né?! E aí um amigo especificamente, que é do teatro, um dos meus melhores amigos hoje é... foi ele quem me... eu, eu o conheci e foi ele quem foi me puxando e eu fui indo, eu disse 'eu queria conhecer isso aí' já tinha uma curiosidade e algumas vezes eu já tinha trabalhado em escola, mas eu tinha trabalhado também o corpo do palhaço no hospital, então, essa experiência com o hospital me fez, foi um divisor de água também. Eu acabei não comentando lá, mas foi um divisor de água também entre sair da escola, no período entre escola e entrar na universidade é... esse</i>

	corpo do palhaço de se jogar, de improvisar e ter que saber lidar com situações de forma bem mais responsável, porque um palhaço de hospital não é um palhaço de circo, não é aquela comédia cômica por ser cômico, tipo, ela é responsável e trabalhar com crianças, pronto, aí é que aumentou o nível. E aí depois nesse meio também fiz curso de... de brinquedista. Então, trabalhar com brinquedoteca, já tivesse essa experiência e aí o teatro, tipo, depois de dois mil e dezesseis reuniu isso tudo, sabe?
Medicina	Eu senti, assim, não foi uma percepção do meu corpo, mas a fragilidade, sabe, do corpo quando fazia uma pesquisa no IML, assim, foi logo quando eu fui fazer o curso. Eu fiz então uma pesquisa e a gente tinha que... eu via como era que fazia a necrópsia, acompanhava e coletava os dados que eu tava coletando na minha pesquisa e assim, eu percebo o quanto que a gente é frágil e quanto esse corpo não é nada. Nada! Não é nada! (Falou com ênfase) se a gente não tiver nossa essência, nossa alma, quem a gente é, a gente não é nada. É... essa motivação, a vida, né, não é o corpo, não é isso aqui que a gente toca, palpável, é algo interior, é algo é... imaterial, né?! Eu acho que a vida é algo imaterial. Intocável! (risos) Por até então eu era da igreja e meu corpo não era meu, o meu corpo era de Deus. Eu sempre ouvi isso. Tanto que eu só fui perder a virgindade anos luz, porque eu não podia, porque meu corpo era templo do espírito santo, então, eu tenho que manter meu corpo a par dos prazeres, das paixões carnavais, mundanas de tudo aquilo que a se afasta de Deus e ele deveria ser preservado. É... uma carne de primeira linha, primeira, sei lá, uma Friboi. É isso! Mas o fato de você ser sempre exposto a essas ideias. Esses ideais. Quando, não sei se pro homem que nasceu assim no mesmo ambiente, né, mas eu mesmo depois que eu perdi a virgindade, eu ainda senti que meu corpo na era meu e senti o pecado e o fato de ter consumado, eu me senti suja, me senti suja e não era pra sentir isso, entendeu? Eu só fui me desconstruir depois (falou com ênfase) de muitos anos, mas eu ainda sentia que aquilo, eu não devia tá fazendo aquilo. Eu achava que meu corpo não era meu, achava mesmo. [...] Eu acho que no centro espírita. Me ajudou bastante, assim, conhecer algumas coisas de corpo. Não assim, não tanto no sentido corporal, biológico. É mais no sentido psíquico mesmo, sentido de alma, do que a gente é, entendeu? Da existência da alma pós-morte, pra mim acho que mudou muito minha forma de pensar, sabe? E a universidade também, assim, as minhas relações externas, universidade, a minha prática médica falando. É porque assim como eu vivo muito a UFS no sentido UFS, ambiente, não só da minha área que eu tô falando, mas de tudo que eu, de amigos de outras áreas, de humanas, me ajudou a entender o corpo como... que ele é meu, não é de numa religião é só meu, não é de ninguém, eu posso tomar minhas decisões, usar a roupa que eu quiser, pintar o cabelo, deixar crescer ou deixar curtinho, não importa o corpo é meu. E no sentido biológico, o curso, né, me fez compreender muito bem como a gente funciona, a fragilidade, né? E o centro espírita me ajudou a compreender o corpo no sentido de consciência, alma espírito e o corpo matéria. [...] A universidade mesmo, porque a universidade não foi o espaço físico que me fez entender só a parte biológica, mas o conjunto, tudo, se for juntar tudo acho que foi ela.
Pedagogia	Nossa! Pode ser vários lugares? Primeiro a universidade, porque foi a partir que... desse ambiente que eu comecei a ter contato com outras coisas, né?! E... por exemplo, aqui na universidade eu conheci tanto esse espetáculo que me levou a essa oficina, como eu também já peguei disciplinas de teatro pra trabalhar essa questão do corpo melhor, como também eu tô fazendo agora a capoeira aqui na universidade, sabe? Foram várias coisas assim. Então, eu conheci o pole dance depois que eu vim pra Aracaju que também é outra coisa que me mobiliza, mobiliza meu corpo, né?! De outras maneiras, então, é... o pole dance, a universidade, as pessoas que eu conheci também porque eu estou nesse ambiente (risos). [...] Universidade, casa e rua. Talvez primeiro seja casa, rua, universidade. Não! Na verdade... primeiro a casa, eu não sei até onde a rua e universidade... tanto a rua como a universidade. Até porque eu acho que as relações que tenho com a rua refletiram também com a relação que eu tenho com a universidade, porque estar na universidade me fez ocupar outros espaços na rua, por exemplo, frequentar teatros, frequentar certos tipos de shows, sabe, frequentar raps. São ambientes que eu acho que a universidade fez a ponte, sabe? É... abriu essas janelas. [...] A universidade e a rua. [...] As minhas experiências com o teatro a partir da UFS, né? Porque, assim, também teve experiências fora,

	experiências dentro, mas acho que tudo começou aqui, né? Eu tive... é... eu assisti um espetáculo que era “Os Cavaleiros da Triste Figura” e era um espetáculo, né, que trabalhava uma saga de Dom Quixote, era uma coisa muito emocionante, era também militante, sabe? Dessa história de você ter esperança, de não desistir dos seus sonhos, de vencer a censura, a loucura, sabe? Era... movimentava muitas dimensões, assim, que eu me apaixonei pelo espetáculo. Aí eu comecei a seguir o... o... a... o grupo nas redes sociais, né, que é do teatro Boca de Cena e eu vi que ia ofertar uma oficina de iniciação ao teatro de rua pelo SESC aí eu me inscrevi nessa oficina, aí eu comecei a fazer uns exercícios lá, sabe, trabalhar o corpo, relaxar e teve uma oficina que a gente era pra soltar o... chutar o balde, né? Pra você libertar suas emoções e tal, você começava uns exercícios que ficava cada vez mais intenso, mais intenso, mais intenso, mais intenso e eu sempre me reprimindo, me reprimindo, me reprimindo (risos alegres). Não! Assim, eu ia, mas tipo, eu não deixava a coisa fluir de verdade, né?! Eu batia o controle, porque eu acho que eu tenho esse... essa... coisa de querer ter, manter o controle sobre tudo. Só que teve um momento que ele chegou “se solte”, né?! O pessoal que tava dando os estímulos “se solte! Se solte!” Aí teve um momento que ele... me jogou tanto na parede que eu comecei a gritar (risos) uns gritos (risos). Foi uma coisa... foi um momento bem marcante, assim... dizer “poxa! Vamos botar esses... essa coisa animalesca que tem dentro da gente pra fora”, né?! Porque a gente tem esse controle, essa consciência, né?! Mas a gente também são coisas que são muito... brutas às vezes, né?! Que só vem e vai.
Ciências da Religião	Então... foi no momento do HIV mesmo! Que tudo caiu! Tudo veio à tona, mas não foi um cair pra uma coisa negativa, foi um cair porque tinha que acontecer, eu tinha que ter essa doença. E tenho que sustentá-la! Assim, eu li um livro de... eu esqueci o nome dele agora, “vidas passadas” o nome desse livro e assim eu peguei isso como uma verdade para mim. Que ele falava que as doenças e as mortes não é uma coisa, não são posições divinas, são coisas pré... escolhidos por nós antes de nos encarnarmos, pré-estabelecidas por nós antes de nos encarnarmos. Isso é a história do livre arbítrio. E eu... peguei isso pra mim. Eu acho que eu escolhi ter uma doença crônica pra aprender com ela, entendeu? Pra ser um ser humano melhor. Evoluir, com certeza! O que sou já era antes. Uns pioram e eu acho que eu melhorei! [...] No HU! Pessoa... (pausa longa) os médicos, né?! Em geral e eu mesmo também. Eu busquei muito informação... na internet, sobre como conviver com minha condição, como conviver com isso. Como superar isso. Como falar melhor. Eu busquei tudo no YouTube, eu consegui encontrar essas coisas no YouTube. E hoje eu tô bem melhor, não estou melhor cem por cento, mas estou bem melhor. (por que HU? Perguntei) por que foi lá que fiquei durante um mês. Lá os médicos são maravilhosos, muito humanos, médicos... médicos e alunos também de medicina, são muito humanos. São muito... nossa, tratam muito, muito bem. Eu fui muito acolhido. Sou muito grato. [...] No HU! Já falei. No HU mesmo. (insisto na pergunta) Bom! Como eu sou o outro, com eu também. No HU também. Eu também sou o corpo do outro, de quem for meu parceiro, de quem... enfim... de quem tá com a mesma doença que eu tenho. E que ainda não estiver... sei lá, curada mentalmente. Sim! Na religião (ele se referiu ao curso) é muito forte. O Candomblé, por exemplo, ele marca o corpo das pessoas que são batizadas com... com traços, né?! Cruzes e tal. E quando a pessoa vê isso no corpo da outra pessoa, como se fosse uma “tatuagem” entre aspas, olha com um olhar de... ela é uma endemoniada, é do demônio. Não sabendo que o demônio foi o próprio cristão quem inventou. [...] na UFS. Sim! Também no meu curso.
Física	Não! Nunca conversei, na verdade você é a primeira pessoa que converso a respeito de corpo. Nada! Por eu não gostar do meu corpo eu sempre ignorei. Eu acho que, tipo, é a forma que eu encontrei de dizer “não existo” isso aqui é só... é só passageiro, sabe, tipo. [...] em nenhum lugar. [...] eu recebi um convite de outro amigo de física pra poder caminhar. Aí depois da caminhada a gente sempre falava a respeito disso, de corpo. Isso foi por volta de quê? De setembro? Eu acho que já tem uns meses eu tô caminhando. Foi! Foi lá pra setembro.
Zootecnia	Foi na universidade! E diretamente o curso, né? Porque a gente tá vendo a fisiologia de como funciona as absorções, né?! Toda quebra, digestão, tudo isso a gente vê. [...] Rapaz! Pessoa não, mas eu até respondi lá que o... a hora também que eu percebi bastante, que eu entendi melhor foi aqui quando eu fiz o Cross. Por dois períodos eu fiz aqui, foi uma época muito boa, ‘véi’. Eu fiquei, assim, aquela sensação de leveza e

	ao mesmo tempo força, sabe? Mas infelizmente eu tive que parar. Eu não tive tempo. É uma desgrama, 'véi'. Mas eu já tô maquinando aqui, quando eu for acabar isso aqui. Foi muito bom. Aí o que eu fazia? Eu já pedalava, né? Aí o dia que não tinha Cross eu... no dia que tinha Cross eu vinha de ônibus, porque acabava tarde e sair daqui a noite é complicado, tem ladrão de bicicleta e eu não arriscava não! Aí eu vinha de ônibus, mas eu não parei de pedalar não na época do Cross. Eu tô falando aqui eu tô me sentindo, sentindo falta, porque eu não tô sentindo aquela leveza que eu sentia naquele tempo. E assim, eu não sou fã de academia. Eu acho muito parado. Eu gosto de Cross, porque Cross é a atividade. Eu acho muito parado aquele negócio de academia. Trec! Trec! Levantando e baixando. O Cross eu acho muito bom! [...] eu aprendi primeiro. Primeiro eu aprendi aquela coisa que eu lhe contei da falta de ar. Mas eu penso que ali foi uma coisa mais mecânica, mas aprender realmente foi aqui no Cross, foi! No meu curso foi uma questão mais fisiológica (risos). Foi mais fisiológica, porque assim, a gente aprende sobre gado, sobre carneiro, sobre cavalo, tal. Mas as máquinas são semelhantes, entendeu? É claro que se eu, é diferente, um frango, um suíno, entendeu? É quase igual a gente. É quase igual. A anatomia muda, mas é quase igual, entendeu? A exigência nutricional é diferente, mas é bem semelhante. Eu, baseado no meu conhecimento dentro do meu curso eu levo até na minha alimentação. A questão de comer isso e aquilo.
Ciências Biológicas	Foi aqui na universidade mesmo. Principalmente na universidade. Na escola a gente não chegou a ter. A gente só aprendia da escola perspectiva científica do corpo. A fisiologia, a morfologia, mas mais sobre conhecer o corpo, o corpo como forma. [...] Eu acho que principalmente aqui na universidade. Teve a disciplina. Tem uma disciplina que a gente vai estudar, mas eu ainda não peguei, mas tem uma que eu estudei que foi "Perspectivas Culturais" com professora Valdione lá da biologia. E aí ela trata muito sobre esses assuntos, sobre a questão do corpo, sobre se entender. Ela trata sobre a questão de gênero. Então, isso me chamou muito atenção até pra me entender como pessoa. Me entender como ser humano. E entender o corpo do outro também, porque eu acho que antigamente eu tinha muitos tabus que eu trazia... tanto biologicamente quanto comportamento, mais comportamento do outro primeiramente. Como eu tive uma vida mais na igreja, na adolescência. Então tinha uma visão muito fechada naquilo que tava dentro da questão da igreja, da religião. Então, pra mim era mais complicado ter uma visão de aceitar como o outro lidava com o corpo e a partir daqui, da biologia eu consigo hoje em dia ver que o outro tem direito sobre o corpo dele, como eu tenho direito sobre o meu corpo de fazer aquilo que eu quero independentemente. Mais que isso, aprender que dentro da visão religiosa, né?! Que cada um tem um direito de ter a sua religião e de ver o seu corpo dentro da sua perspectiva religiosa ou sem religião. Porque pode ser um ateu, ele pode ter uma perspectiva do corpo dele. Então, isso pra mim foi um abrir muito importante de mente. [...] De forma mais incisiva foi aqui na universidade. Na igreja era sempre aquela questão do que pode e do que não pode. Então, assim, o que você pode fazer com o seu corpo dentro desse ambiente cristão? Na universidade você aprende que você tem essa liberdade de exercer. De você ser o que você é. Essa potência que é o corpo.
Matemática	Eu acho que... minha mãe, sim! Minha mãe mesmo no sentido físico e uma parte emocional é... na questão intelectual eu diria uma das professoras que eu tive, porque eu achei que eu tava perdido no curso... da área da educação também, Ivanete Batista. Foi ela, porque eu tava perdido e eu achei que eu não era capaz das coisas e... ela... eu peguei uma disciplina com ela e a partir dessa disciplina foi quando eu comecei a alavancar o curso na universidade, porque eu vi que eu tinha uma capacidade de me formar, eu tinha capacidade de ser um bom professor. Até mesmo quando eu não via, porque ela tem um método avaliativo que a gente pega, a avaliação final é um portfólio, a gente leva todos o... as atividades que a gente fez e tem... faz uma autoavaliação, tem que fazer uma autoavaliação e defender, dizer, por exemplo, quanto eu mereceria e justificar e... quando ela chegou eu botei lá. Ela reúne, não coloca todo mundo, é individual, ela chama aluno por aluno, ela separa a turma e diz "olhe de fulano a fulano venha até tal horário. E de fulano até sicrano venha até tal horário" e um aluno só entra na sala depois que o outro sai. Aí quando eu cheguei lá e fui apresentar ela perguntou "qual seria a... que nota eu me daria" é e eu disse que "me daria cinco" pelo que eu fiz e ela perguntou "o porquê de eu

	<i>atribuir essa nota tão baixa?” Aí eu expliquei e ela foi falando coisas que realmente não fazia sentido eu querer me dá cinco e foi aí que eu vi que realmente eu tinha um potencial que eu não enxergava. Minha nota foi, eu acho que, se eu não me engano foi ou foi a maior ou foi... mediana, por que eu lembro que eu tirei oito, nove e nove e pouco. Então eu não lembro se foi nove ou nove e... quase dez. Foi bem assim, eu fiquei acima da média. Foram essas duas pessoas. [...] (perguntei se aprendeu alguma coisa sobre corpo) Eu não aprendi! [...] (Insisti se tinha outro lugar que teve mais contato com esse assunto) Foi a universidade.</i>
--	--

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Os discursos dos estudantes nas entrevistas são considerados legítimos nesta tese, pois são sujeitos sociais e históricos, com experiências passadas, presentes e com projeções futuras. Assim como também o Outro, enquanto significante está conjugado com a história desses em análise, na produção de sentidos sobre corpo. Na constituição do simbólico em relação com a sua história de vida, nas interações e experiências corporais dos estudantes possibilitadas pelo Outro – sistema de unidades simbólicas sociais – em diversas situações pessoais ou coletivas.

As unidades simbólicas correspondem aos locais ou situações sociais que contemplam o sistema simbólico do Grande Outro. Essas unidades são também locais ou situações de saber, de relação de saber individuais ou coletivas. Elas fazem parte de um grande bloco de relações de significantes cuja função contribui no processo de significação dos estudantes, neste caso, sobre os sentidos e imaginários do corpo. Com função epistêmica de saber além de outras atribuições sociais, essas unidades são diversas, mostrando o imbricamento do Outro onipresente em todas as searas da sociedade, quiçá, da Educação.

A partir dessa produção de sentidos que ateremos com a Análise de Discurso. Na relação dos estudantes com sentidos e efeitos de sentidos múltiplos e variados sobre corpo. Salientando que não há sentido verdadeiro, e nem cabe sua procura nesta tese, sobre uma verdade oculta por trás de um discurso, mas na frutificação de sentidos com os quais eu, analista pesquisador, seja capaz de compreendê-los unicamente pelo método.

O corpo enquanto objeto polissêmico, segundo Análise de Discurso, tesouro do significante, para Lacan, produto social, em Vygotsky, e local, onde a cultura se concretiza, de acordo com Le Breton, é o centro das discussões propostas para com os estudantes nas entrevistas. Portanto, a Educação, com seu papel social, na figura do Outro, interpela esses discursos nas formas de dizer, contar o que sabem e suas designações nos grupos sociais em que vivem e se relacionam, quiçá, na universidade, em outras instituições sociais e com os amigos.

Dessas unidades, a universidade se destaca nas explicitações dos estudantes em análise a partir de diferentes formas. Desde a instituição de ensino superior em termos gerais – curso

de extensão, atividades, projetos, espaços e disciplina cursada –, o curso de graduação especificamente elencado e amigos no/do ambiente institucional.

O *Estudante de Serviço Social* traz em seu discurso a contribuição que a universidade trouxe à sua forma de pensar sobre corpo “eu diria que a universidade, ajudou. Assim, a universidade em si, porque o meu curso especificamente não! [...] Eu tô procurando outros locais, mas foi na universidade”, como também em outras extensões de experiências em grupo de teatro e como palhaço voluntário em um hospital. Além do teatro e da dança contribuírem na forma de se perceber e se conhecer melhor. Outro fator a ser destacado, é o comentário com certa negatividade sobre a escola diante da temática corpo, levando em consideração que a escola classifica os corpos assim como classificou a ele. Não obstante, a universidade, a dança, o teatro e ser palhaço no hospital foram fundamentais para sua forma de ser e estar no mundo enquanto sujeito de relação.

O hospital se torna um local importante também para o *Estudante de Ciências da Religião* (na figura das pessoas que trabalham na instituição) a partir do acontecimento de ser acometido com HIV “então... foi no momento do HIV mesmo! Que tudo caiu! Tudo veio à tona, mas não foi um cair pra uma coisa negativa, foi um cair porque tinha que acontecer, eu tinha que ter essa doença. E tenho que sustentá-la!”. Vendo em sua condição de uma doença crônica a possibilidade de uma evolução espiritual e pessoal de se cuidar e viver de forma mais saudável e harmoniosa consigo mesmo e as outras pessoas, com o mundo. Confirma o estudante “no HU! Pessoa... (pausa longa) os médicos, né?! Em geral e eu mesmo também”. O HU é a sigla do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe, espaço onde foi acolhido por médicos, estudantes residentes e funcionários em geral, adjetivando-os como humanos. Em sua fala também destaca que o curso de graduação e a internet ajudaram nesse seu melhor envolvimento com o corpo e o vírus.

Existem diversas situações e lugares que os estudantes aprendem coisas, conversam, sentem e vivem a ideia de corpo “universidade, casa e rua. Talvez primeiro seja casa, rua, universidade. Não! Na verdade... primeiro a casa, eu não sei até onde a rua e universidade... tanto a rua como a universidade” (*Estudante de Pedagogia*). Além de extensões, cursos e pessoas da universidade “[...] o pole dance, a universidade, as pessoas que eu conheci também porque eu estou nesse ambiente”, que a fez mobilizar seu corpo como também a capoeira. O discurso dessa estudante mostra a existência de várias formas de relação com o corpo em diversos ambientes ou situação de saber, destacando casa, rua e universidade por ordem de importância, respectivamente.

Segundo Le Breton (2007) as pessoas têm muito mais relação com o corpo fora do ambiente formal de educação do que dentro. Todavia, a rua, a casa – na figura da família e a universidade são unidades simbólicas que se relacionam com as significações destinadas ao corpo. Essas unidades não são passivas ao modo de ver, sentir e falar sobre o corpo e suas práticas. Por isso, torna-se necessária a compreensão das dimensões históricas e socioculturais dos estudantes, suas comunicações com o meio social em que se inserem, nos quais eles operam suas formações e relações culturais – em casa, na rua, na universidade e alhures.

Ratifico que o método analítico utilizado nesta pesquisa não tem como preocupação de análise o conteúdo, mas a forma, pois há formas de dizer isso e aquilo verificado por vários componentes permeados na Análise de Discurso, mostrando que o discurso tem mais afinidade com a forma do que o conteúdo propriamente dito. Diante disso, trabalho com “uma materialidade simbólica e significativa” até mesmo porque a linguagem não é transparente e os sentidos não se constituem em conteúdos, mas nas formas de dizer (ORLANDI, 2009, p. 18).

As formas de dizer dos estudantes são várias, pois eles são sujeitos de relações que se constituíram e se constituem na sua singularidade e na coletividade dos ambientes onde viveram, vivem e se relacionam de formas distintas. O *Estudante de Teatro* “[...] nas instituições de ensino mesmo! Colégio, faculdade e nas instituições religiosas também que seria o centro espírita, o... Rosa Cruz. E eu acho que a mais importante que me fez despertar para as questões físicas foi a universidade, no curso de teatro e... em locais espirituais, o Rosa Cruz”. Ele traz o que consideramos no discurso como uma prática ou conjunto de práticas que vão se constituindo na sua história, tanto como uma prática discursiva como uma prática simbólica do corpo e sobre o corpo (ORLANDI, 2009) no ambiente religioso e da universidade especificamente do seu curso de graduação, o qual tem as questões de corpo como o centro de sua prática e teoria.

Os ambientes de questões que alcançam o corpo são múltiplos, e os meios pelos quais ele transita também são, seja internet – em sítios específicos –, grupos de amigos, livros e encontros em lugares diversos que não a universidade “Internet! Sim! [...] principalmente páginas feministas, eu acho. [...] as leituras feministas principalmente. [...] com as minhas amigas. Não foi em casa e nem aqui (UFS). Com as amigas. Em vários lugares [...] na casa deles, na rua, praia, café, não sei!” (*Estudante de Filosofia*). O sentido é algo que é produzido pela estudante no momento que fala e o discurso como efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas – estudante e pesquisador. Dessa forma, a estudante em voga demonstra que a universidade não é um local de questões imbricadas ao corpo. Os

ambientes e situações temáticas de saberes dão materialidade, espessuras às ideias e discussão de conteúdos do corpo são outros, como já citados, e fazem sentido para ela nesses e com determinadas pessoas.

A *Estudante de Medicina* destaca em suas falas locais que contribuíram nas suas questões sobre o corpo e de sua compreensão. Primeiro, ela se direciona a pesquisa do seu curso, a qual fazia no Instituto Médico Legal “[...] não foi uma percepção do meu corpo, mas a fragilidade [...] quando fazia uma pesquisa no IML [...] eu via como era que fazia a necrópsia [...] eu percebo o quanto que a gente é frágil e quanto esse corpo não é nada. Nada! Não é nada!”, percebendo sobre a fragilidade existente no corpo biomédico, a estudante passa a confirmar também para uma transcendência do corpo, classificando-o como algo imaterial, não tocável, mostrando um deslocamento de sentidos sobre o corpo além de seu curso de graduação.

Em outra seara de suas questões para com o corpo, sobre a igreja protestante que frequentava até adentrar na universidade “por até então eu era da igreja e meu corpo não era meu, o meu corpo era de Deus. Eu sempre ouvi isso [...] meu corpo era templo do espírito santo, então, eu tenho que manter meu corpo a par dos prazeres, das paixões carnaís, mundanas [...] ele deveria ser preservado”. A *Estudante de Medicina* traz em seu discurso um sentido de negatividade. Logo após ela alega outra perspectiva sobre essa visão da religião, mas agora no Centro Espírita, onde carrega um sentido de encontro com seu corpo de forma positiva. “Eu só fui me desconstruir depois de muito anos, mas eu ainda sentia que aquilo [...] eu achava que meu corpo não era meu, achava mesmo. [...] eu acho que no centro espírita. Me ajudou bastante, assim, conhecer algumas coisas de corpo [...] mais no sentido psíquico mesmo, sentido de alma [...] pra mim acho que mudou muito minha forma de pensar”. Nesse trecho, ela cita essa última instituição como local de conhecimento de si, do desejo de seu corpo, que outrora era de Deus e agora é dela, onde há um deslocamento de sentido de posse do corpo – do ser e não ter – pois era de Deus – para o ser e ter – que agora é seu. E por último cita o ambiente acadêmico – pessoas, curso, amigos, professores, disciplinas – como lugar de saber sobre o corpo biomédico “a minha prática médica falando”.

Os encontros casuais e a frequência na academia de musculação são aspectos destacados na entrevista com o *Estudante de Letras* “acho que nos encontros. Nos relacionamentos, nas relações, nas interações, digamos assim. Interações sociais. Afetivos, sexuais também. [...] Na academia”. As relações de afetos, sexuais e interações sociais são mais que simples encontros, também são locais ou situações epistêmicas, de saberes sobre o corpo como também estéticas do corpo cultivado na academia. A frutificação de sentidos

locais ou situações trazidas em sua memória importantes para questões do corpo foram distintas e longe do ambiente formal de educação em voga, a universidade. Mostrando que o curso ou universidade nada contribuiu nas suas experiências no que se referem às questões de corporeidade, não obstante, elas ganham sentidos em outros lugares, situações sociais e afetivas.

Os estudantes, assim como todos os seres humanos são habitados pela linguagem e como sujeitos de linguagem, o Outro os habita. Dessa forma, as instâncias das quais os estudantes falam são partes constituintes desse tesouro significativo que se relaciona com outros significantes na produção de sentidos. O corpo faz e produz sentido nesses espaços e também nos discursos desses espaços por meio dos estudantes.

O espaço particular, como as casas dos estudantes, também é outra unidade simbólica geradora de discursos e saberes sobre corpo “no banheiro, talvez banheiro, no banheiro da minha casa sim, talvez é o local onde a gente, você visualiza seu corpo nu, né, que a gente vê vestido. E aí tem aquele momento que você para e você se olha” (*Estudante de Educação Física*), como também lugar de relação social e compartilhamento “eu acredito que foi em casa e com o convívio social com as pessoas” (*Estudante de Engenharia Agrônoma*), e também com algum familiar próximo, de confiança e afinidade “eu acho que em casa. Eu acho que a maior parte do conhecimento que eu adquiri sobre o meu corpo, sobre noção de mim mesma foi em casa! Com minha mãe” (*Estudante de Relações Internacionais*); “eu acho que... minha mãe, sim! Minha mãe mesmo no sentido físico e uma parte emocional” (*Estudante de Matemática*) esse estudante também coloca em questão uma professora específica do seu curso de graduação que proporcionou uma maior percepção de si, de confiança e responsabilidade de um sujeito que cuida de si, além de um sujeito de desejo. Os locais epistêmicos e de relações são os mesmos, não obstante, muito singulares para cada estudante em cena.

Passando entre os espaços coletivo e individual, público e privado, a internet é um lugar de interação, aprendizagem, lazer, buscas de respostas de curiosidades, indagações e discussões sobre corpo, conforme o que os estudantes explicitam nas entrevistas: “foi por curiosidade em casa, na internet” (*Estudante de Engenharia Agrônoma*), onde a sua privacidade garante seu anonimato; “Internet! Sim! [...] Principalmente páginas feministas” (*Estudante de Filosofia*) que a faz pesquisar, entender, aprender e discutir sobre temas que a interessa; “é mais na internet mesmo, mais coisas que eu consumo na internet e acabo conversando com minhas amigas” (*Estudante de Psicologia*) a qual transita entre o individual e coletivo, compartilhando saberes e discutindo com amigas da universidade; como também

para entender sua doença crônica “eu busquei muito informação... na internet, sobre como conviver com minha condição, como conviver com isso. Como superar isso. Como falar melhor. Eu busquei tudo no YouTube, eu consegui encontrar essas coisas no YouTube” (*Estudante de Ciências da Religião*). As formas de buscas na internet são múltiplas entre os estudantes, os desejos e os sentidos que dão a esses espaços também os são diante de suas demandas.

Há também outra unidade simbólica, espaço, que se tornou significativa nos discursos dos estudantes enquanto espaço empírico, epistêmico e de discussão sobre questões de corpo, a universidade. Dentre os quinze estudantes entrevistados doze entendiam que a universidade foi um dos ambientes que lhes proporcionou ter contato sobre os diversos espectros que o corpo pode alcançar: curso de graduação, amigos, professor, curso de extensão, atividades, disciplinas, pesquisa, intervenções, dentre outras.

Desta forma, a universidade se constitui como espaço de ideias e de compartilhamentos de saberes, vivências e aprendizagens individuais e coletivas em meio ao grupo de pares e à comunidade acadêmica. Os estudantes são mais do que pessoas transitando pelos corredores, são histórias, experiências, vidas as quais se cruzam em diversos espaços da universidade, são sujeitos que pensam, agem, dizem coisas, se relacionam com o outro e o mundo. São corpos em movimento, falam sem neutralidade, implicados pela ideologia e pelo Outro. Esses estudantes têm desejos, discursos atribuídos de sentidos e são interpelados por uma linguagem que os constitui dentro e fora dessa instituição de educação enquanto unidade simbólica do Outro.

Passemos para a próxima problemática de análise a qual conceituamos de “Discurso Intelectual”.

5.3.1.5 Sobre Ser e Ter corpo

Neste interim, analítico, destaca-se a forma como o estatuto do corpo varia entre o “ser” e “ter” para os estudantes em tese. Essas duas instâncias de vivenciá-lo e/ou conceituá-lo são distintas. E muitas vezes considerados os mesmos conceitos ou impressões ditas por eles. Pensando no corpo (ter) ou esquecendo-o na sua vida cotidiana (ser), os estudantes explicitam formas divergentes e convergentes ao explicitá-lo.

Ao questionar sobre o corpo enquanto “ser” e “ter”, os modos de dizer são demonstrados também nas expressões dos seus rostos, nos gestos, nas formas de levar suas mãos à face, à cabeça, entrelaçar os dedos das mãos e pausas para pensar sobre a questão.

Olhares vagos para cima, para baixo, olhar nos olhos do entrevistador e até mesmo ao fechar os olhos.

Os sorrisos discretos e inesperados dos estudantes durante as entrevistas com o ar de surpresa, com nuances de nervosismo, vergonha e também de certezas do que falam, demonstram a vontade de querer responder à altura do questionamento ou não e ao mesmo tempo, o receio de se equivocar. Os conceitos e explicitações deles não são vagos, são todos constituídos de sentidos que também se frutificam para eles no momento do dizer, naquele instante, no “Discurso Intelectual”, pelo trabalho dos estudantes ao adentrar em uma atividade, em um esforço intelectual no momento da entrevista.

Vejamos as seguintes considerações dos estudantes no quadro abaixo.

Quadro 8 – Sobre Ser e Ter Corpo – Discurso Intelectual

Estudante de Graduação	Discurso Intelectual
Letras	<i>Eu acho que ser corpo... acho que tem uma coisa de matéria, de... coisa tátil, isso! E ao mesmo tempo de... Eu acho que ter corpo é uma ideia mais ideia. Acho que tem a ver com independência, com conhecimento. Tipo, eu sou corpo e eu... ou é o inverso? Eu sou o filósofo aqui! (risos).</i>
Educação Física	<i>Ter um corpo e ser um corpo? Ai não! Não sei, Eanes! Porque quando você se refere a ele, isso, eu... vejo o... não vejo o meu corpo e vejo o corpo de outra pessoa, entendeu? Sei lá, não sei, eu não consigo imaginar ter um corpo e ser um corpo. Falar sobre o corpo é complicado, mas é isso, talvez eu não entenda muito bem por isso, porque tipo, quando eu penso o corpo, o meu corpo. Ainda não aconteceu uma situação pra eu pensar dessa forma. Mas é basicamente isso, você pode usar os dois pra a mesma finalidade, talvez, ser e ter. Vai ser a mesma coisa independente da situação.</i>
Engenharia Agrônoma	<i>Não! Pra mim, ter um corpo todo mundo pode nascer tendo um corpo. Agora ser um corpo envolve muito mais do que você pensa, porque ser é construído e ter você já nasce tendo. Aí você ser você vai construindo aos poucos, sendo corpo.</i>
Filosofia	<i>São coisas diferentes, eu acho! Porque eu acho que quando vou falar ‘eu sou um corpo’ parece que de alguma forma você tá preso àquilo, amalgamado àquilo, que você é basicamente aquilo, aquilo te reduz. Quando você fala ‘eu tenho um corpo’ é menos simbiótico, mas ao mesmo tempo parece que você... ter um corpo é uma esfera da sua vida, como você tem várias outras coisas.</i>
Psicologia	<i>Não é a mesma coisa! Eu acho que todo mundo pode ter um corpo, só que tem um corpo, mas pode ser uma relação distante, pode ser uma relação muito... é eu tenho corpo! Eu posso dizer que tenho corpo, que todo mundo tem corpo, tem que cuidar do corpo, mas quando você sente que você é um corpo, ser um corpo acho que remete uma relação mais, mais íntima, mais refletida sobre o que é seu corpo. Você não enxerga uma coisa, tipo, como uma dualidade, assim, ou seja, aqui tá tudo ligado. Que você precisa cuidar de tudo que aquilo tudo é você.</i>
Teatro	<i>Ser e ter corpo são coisas diferentes. Ter passa uma ideia de posse, de possessividade, de controle. O ser corpo você... sente, você vive aquilo, então não é... o ser corpo é um corpo sentido e o ter corpo é um corpo aprisionado de certa forma na possessão. Mas é consciente até certo ponto, porque ter um corpo talvez não se visualize as possibilidades que aquele corpo teria. Então ser corpo seria, eu acho que é... é... uma energia maior.</i>
Relações Internacionais	<i>Ser e ter. Eu acho que ser e ter é diferente. Eu acho assim, mas também estou vendo no ponto de vista de outras, outras linhas de ser e estar. Eu acho que o ter é mais assim no sentido temporal e ele é externo. Porque o ser ele não precisa de algo externo pra ele ser, já é por si só. Agora o ter não. O ter eu acho que ele é, é temporal,</i>

	<i>porque tipo assim, hoje eu tenho cabelo grande, mas amanhã meu cabelo não é grande. Mas eu tenho cabelo, ele existe, tá aqui meu cabelo! Amanhã eu tenho ele grande. Hoje talvez ele tá médio.</i>
Serviço Social	<i>Hum! Ter um corpo, ter um corpo, penso eu que seja uma coisa mais física e que a gente tem que ter o cuidado de entender que temos que ter os nossos corpos, mas que não dá de ter o corpo do outro enquanto posse. E que ok! Cada corpo é o seu, cada corpo é o seu, faz suas escolhas, é... e se o outro corpo quiser algo que possa pessoalmente te contrariar e te causar algo de errado, tudo bem! Ok! É o corpo do outro, mas aí é da sua escolha querer estar nesta relação com o outro corpo ou não. Você é livre pra isso, assim como você deixou a pessoa livre você também é livre pra fazer as suas escolhas. Ser o corpo, penso eu, tem a ver muito mais com o meu interior, de você ser a morada de si e ter que ter o cuidado com essa morada que a gente fala muito de posse, de casa, de ambientes refrigerados, de ambientes calorentos, mas nunca reconhece nosso corpo como nossa morada, né, e saber quando seu corpo sente calor, quando seu corpo sente frio, quando seu corpo sente medo, quando seu corpo tá feliz, as vezes a gente inclusive passa por momentos de felicidade e conta como os meros momentos de alegria, quando na verdade são momentos felizes, ninguém é feliz cem por cento.</i>
Medicina	<i>Totalmente diferente, porque assim, ter corpo... ter corpo é... é você representar seu físico, se representar fisicamente. E ser corpo é você ter autopercepção de que você tem um corpo e de quem você é como essência, então é muito mais profundo do ser e ter nem todo mundo que tem um corpo se reconhece nesse corpo (risos).</i>
Pedagogia	<i>Ser corpo é como se você, assim, tivesse uma consciência, né?! E um domínio sobre você, sabe, sua essência é o seu corpo e você tá em conjunto com aquilo, né?! Você tá em harmonia, você tem consciência que isso de que seu corpo é seu de que você é esse corpo, então, é... é algo de estar junto, de ser, de né?! E quando você diz ter um corpo, né?! A questão do ter como de alguma forma você tivesse que subjuga-lo, as suas vontades, a sua mente, sabe, como se você estabelecesse entre uma hierarquia entre a sua própria consciência e o seu corpo. Então, é... é meio mostrar uma relação mais... é... as vezes nem tão pacífica, né?! Enquanto você diz eu sou o meu corpo, então, traz uma ideia de harmonia, de você estar, assim, de... de empoderamento de ser você quem é e ter propriedade em ser aquilo que se é, né? Enquanto você dizer tenho um corpo é como se você não fosse você, como se estivesse acima de você mesmo, da sua própria estrutura. Diga! Eu estou além disso!</i>
Ciências da Religião	<i>Ter... é dominar o que você tem. E ser... você apenas é. Por exemplo, você é um homem, cis, gay, mas se você fosse uma travesti, por exemplo, e não tivesse de se montar, de se... colocar prótese, colocar peruca, colocar salto, você não, você... você seria um corpo, não teria um corpo, porque você se empodera quando tem um corpo.</i>
Física	<i>Ser um corpo é o que eu sou agora, sabe, tipo, é o que eu tenho. E ter um corpo eu acho que é uma questão de escolha, deu chegar e dizer 'é isso que eu idealizo pra o meu corpo'. Ter um corpo é mais consciente e ser um corpo é o que já é. Ser um corpo é o que tenho, é o físico, já... você não escolhe. A segunda opção geralmente é mais o que posso idealizar, sabe, eu escolher o que vai me agradar é isso aí.</i>
Zootecnia	<i>Ser corpo e ter corpo! Eu acho que é diferente! Penso que é diferente. Porque ter corpo eu já tenho. Né?! Eu já tenho corpo. Eu tenho, eu nasci com ele. Ser! Aí eu acho que já depende de você. Ser no sentido de ser o corpo, ser o corpo que você já tem, entendeu? Nesse sentido. Ter você já nasce com ele 'eu tenho, esse é meu corpo!' E ser é uma escolha. Isso que eu tô falando, considerando o lado emocional, que quero que seja assim e tal e pronto. Mas outra coisa, assim, no grosso modo, né? Querer ser é nesse sentido que eu falei. Você já nasce com ele, ter. O ser já é uma coisa que você pode fazer, mais consciente, o que vou fazer com meu corpo.</i>
Ciências Biológicas	<i>Acho que ser corpo... eu vou primeiro porque eu não acho iguais. Eu acho que ser corpo mexe com a questão do que você é... atingir suas potencialidades como corpo, o ser. E o ter é você fazer o uso dele, mas sempre da forma com a qual alguém te disse que você tem que fazer. Então, eu vejo dessa forma!</i>
Matemática	<i>Ser um corpo eu acho que é só a questão biológica mesmo. Você tem um corpo, ele ocupa um espaço, ele ajuda você a fazer as atividades, as suas ações, mas você ser o corpo é você ter ideia da complexidade do corpo e usá-lo em toda sua totalidade. Ter é só a questão biológica e ser é você vivenciar o corpo em sua totalidade.</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

É necessário, neste espaço, evidenciar sobre o mecanismo de antecipação que houve neste momento da entrevista sobre a problemática em análise, sobretudo, na AD. No mecanismo de antecipação os estudantes se colocam no lugar do outro – o pesquisador, a imagem que têm do e no outro, seu interlocutor, tentando causar efeito no seu ouvinte. Quando um estudante sabe que quem está lhe fazendo uma pergunta sabe das respostas ou dos conceitos que cercam ao questionamento, ele se coloca numa posição de tentar responder o próximo possível do que seu interlocutor espera. Ao mesmo tempo também me coloco em uma posição de previsão das respostas das indagações feitas, antevendo, possivelmente, a relação com seu curso, posição ou lugar social (ORLANDI, 2009).

Nesse espaço, os imaginários dos estudantes são produzidos diante de suas experiências singulares, coletivas, sociais e ao mesmo tempo relacionados ao seu curso de formação na graduação. Ao pensar sobre esse “ser” e “ter” como um objeto ou conceito a se definir, eles procuram associar às suas memórias recentes e de longo prazo, formulações que deem sentido ao que dizem. É neste espaço, que o Outro se coloca no lugar de crivo ponderador do dizer e não dizer, pois só uma parte do significante pode ser explicitada em forma dizível.

O esquecimento número um e dois também são pontos fundamentais a serem destacados. No número um os estudantes têm a impressão de que aquilo que acabaram de falar ninguém falou “ter... é dominar o que você tem. E ser... você apenas é” (*Estudante de Ciências da Religião*); “ser um corpo é o que eu sou agora [...] Ter um corpo é mais consciente e ser um corpo é o que já é. Ser um corpo é o que tenho [...]” (*Estudante de Física*); “ter passa uma ideia de posse, de possessividade, de controle. O ser corpo você... sente, você vive aquilo [...] o ser corpo é um corpo sentido e o ter corpo é um corpo aprisionado de certa forma na posse” (*Estudante de Teatro*).

Os estudantes, diante da perspectiva lacaniana, a partir da fantasia humana, pode vivenciar o corpo na instância do pensar e esquecer, do ter e ser. Quando esquecem, são; quando o percebem, tem. O corpo, neste viés, pertence à instância do ser e do ter. Às vezes eles são e às vezes têm corpo (NASIO, 2009).

Já no esquecimento número dois, o jeito de se expressar e o conceito/conteúdo falado pode ser dito de várias formas. Desse modo, tentam explicitar em momentos diferentes, ou até mesmo retomar o que já havia falado em outras palavras. “Ter um corpo, ter um corpo, penso eu que seja uma coisa mais física e que a gente tem que ter o cuidado de entender que temos que ter os nossos corpos, mas que não dá de ter o corpo do outro enquanto posse” e continua “ser o corpo, penso eu, tem a ver muito mais com o meu interior, de você ser a morada de si e

ter que ter o cuidado com essa morada que a gente fala muito de posse, de casa, de ambiente refrigerados, de ambientes calorentos, mas nunca reconhece nosso corpo como nossa morada, né?! E saber quando seu corpo sente calor, quando seu corpo sente frio, quando seu corpo sente medo, quando seu corpo tá feliz” (*Estudante de Serviço Social*), demonstrando essas instâncias do esquecimento e da contemplação da percepção de corpo.

Ainda sobre as diferentes formas de falar “são coisas diferentes, eu acho! Porque eu acho que quando vou falar “eu sou um corpo” parece que de alguma forma você tá preso àquilo, amalgamado àquilo, que você é basicamente aquilo, aquilo te reduz. Quando você fala “eu tenho um corpo” é menos simbiótico, mas ao mesmo tempo parece que você... ter um corpo é uma esfera da sua vida, como você tem várias outras coisas” (*Estudante de Filosofia*); “Eu acho que o ter é mais assim no sentido temporal e ele é externo. Porque o ser ele não precisa de algo externo pra ele ser, já é por si só. Agora o ter não. O ter eu acho que ele é, é temporal, porque tipo assim, hoje eu tenho cabelo grande, mas amanhã meu cabelo não é grande” (*Estudante de Relações Internacionais*). Cada um estudante com uma forma de dizer sobre uma mesma coisa com diferentes formas de falar que estão muito ligadas às suas áreas de formação da graduação e/ou sua experiência de vida.

Ser e ter corpo, também foram considerados os mesmos conceitos pelo *Estudante de Educação Física* “Mas é basicamente isso, você pode usar os dois pra a mesma finalidade, talvez, ser e ter. Vai ser a mesma coisa independente da situação”, pois eles são imbricados. Os conceitos dos estudantes são até mesmo controversos, diante das teorias abordadas pelos teóricos, não obstante, seus discursos são legítimos diante de suas posições e lugar de onde falam, não tendo intenção de juízo de valor de acerto ou erro dos conceitos “eu acho que ser corpo... acho que tem uma coisa de matéria, de... coisa tátil, isso! [...] Eu acho que ter corpo é uma ideia mais ideia. Acho que tem a ver com independência, com conhecimento. Tipo, eu sou corpo e eu... ou é o inverso” (*Estudante de Letras*); “ser um corpo eu acho que é só a questão biológica mesmo [...] Ter é só a questão biológica e ser é você vivenciar o corpo em sua totalidade” (*Estudante de Matemática*); “ser corpo e ter corpo! Eu acho que é diferente! Penso que é diferente. Porque ter corpo eu já tenho. Né?! Eu já tenho corpo. Eu tenho, eu nasci com ele. Ser! Aí eu acho que já depende de você. Ser no sentido de ser o corpo, ser o corpo que você já tem, entendeu? Nesse sentido. Ter você já nasce com ele “eu tenho, esse é meu corpo!” e ser é uma escolha” (*Estudante de Zootecnia*).

Diante do exposto, as considerações desses estudantes coadunam ou divergem com o que é discutido por Nasio (2012), a partir de suas impressões lacanianas, manifestando o corpo na esfera do “ser” enquanto vivido e “ter” enquanto corpo pensado, refletido. Um ato

ou efeito do corpo sentido, vivido *versus* um corpo apreciado e reflexivo, discutido. Neste ínterim, o objeto de reflexão entre os estudantes adentra em um desfecho comum, como denominador referencial para todos. Sem ele, corpo, não pode dizer se tem ou se é, no seu atributo de um estatuto próprio de conceitos.

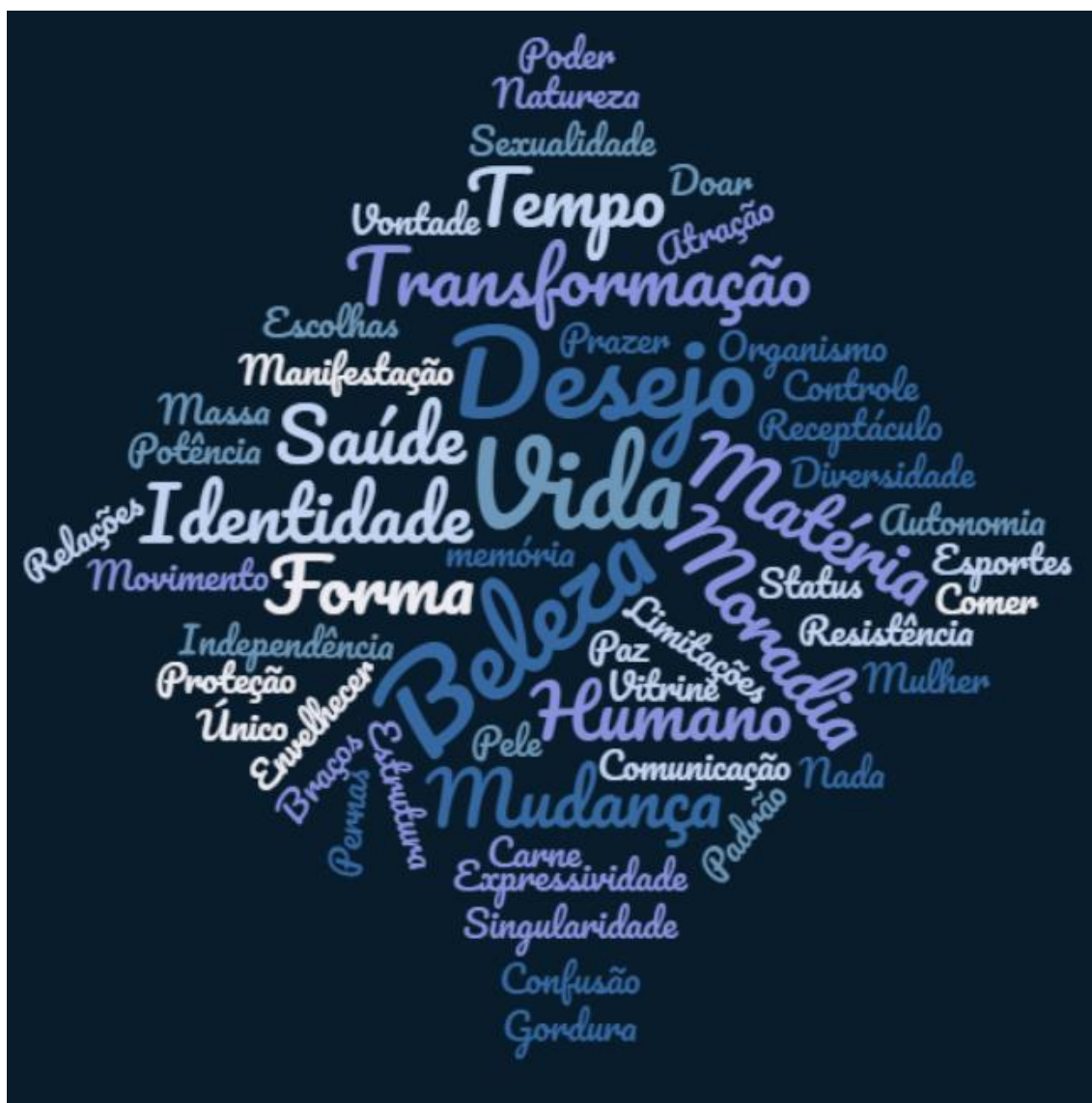
Essa discussão se torna importante sobre a instância da descentralização do sujeito psicanalítico e social, desenvolvida nas nuances do conhecimento de Le Breton, Vygotsky, Lacan e na perspectiva analítica da AD. O Outro tem um papel fundamental na formação dos estudantes enquanto sujeitos social, cultural e da educação. Sem esse Outro, tesouro significativo, não se teriam ideias gerais sobre corpo, portanto, ele nos fixa e nos dá consistência de sua aplicabilidade no mundo. Assim, também o Outro nos permitiu e permite os estudantes ascender na vida social, no seu preparo para ocupar um lugar na sociedade, uma posição na divisão social, do trabalho e da cultura. Diante disso, o corpo além de ser político, é um fenômeno de classe substanciado pelo Outro no papel da educação.

Passemos para o próximo instrumento de análise, a Associação Livre de Palavras.

5.3.2 Associação Livre de Palavras

O instrumento de associações de palavras tem o objetivo principal de produzir dados a fim de entender os sentidos e o imaginário de corpo dos estudantes investigados da Universidade Federal de Sergipe, o que vem de imediato às suas mentes sem ponderamento prévio e os leva a escrever aquilo que lhe vem na cabeça. Eis o compilado na figura 8 a seguir:

Figura 8 – Nuvem da Associação Livre de Palavras



Fonte: elaborada pelo autor a partir da Associação Livre de Palavras (2020).

A figura 8 traz um compilado da Associação Livre de Palavras, momento no qual os estudantes foram submetidos a escrever palavras que vinham às suas cabeças aleatoriamente quando ouviam o termo “corpo”. No papel havia espaço para escrever cinco palavras que posteriormente iriam fazer parte analítica desta pesquisa.

Na universidade, espaço social e ambiente formal de educação, de formação crítica e profissional, os estudantes graduandos que nela habitam são mais do que sujeitos em formação numa área de saber de determinado curso, eles são sujeitos históricos, ideológicos e de linguagem que dividem seu espaço discursivo com os seus semelhantes. Quando o estudante fala coisas ou escreve palavras sobre isso ou aquilo, uma coisa ou outra, ele faz um recorte de suas representações, de um tempo histórico e de um espaço social do qual faz parte.

Ele também é um sujeito ideológico, pois, sua fala, seu dizer, é produzido a partir de um determinado lugar e também em determinado tempo, com concepções de um sujeito histórico que se articula e se marca numa relação dinâmica espacial e temporal. Nessa análise é considerada, também, a história do sujeito, as condições de produção da linguagem, uma relação entre o sujeito que fala e as situações que produz esse dizer (ORLANDI, 2009).

Atração (Estudante de Física).
Sexualidade (Estudante de Serviço Social).

Os estudantes em voga dizem coisas e, nesses dizeres, o discurso se torna polifônico, num jogo de vozes que também são cruzadas, concorrentes, contraditórias e complementares. Os *Estudantes de Serviço Social* e o de *Física* escreveram “Sexualidade” e “Atração” os quais possivelmente não comungam do mesmo sentido da palavra, mesmo de semelhança e significados concorrentes entre eles, pois os sentidos que atribuídos são idiossincráticos e suas posições no espaço são distintas.

A sexualidade tem muito a ver com as palavras, as fantasias, imagens e rituais dos corpos, não se pode compreender a sexualidade como um componente natural (LOURO, 1997). Comunga com essa ideia Foucault em *História da Sexualidade* (1988), compreendendo-a como uma “invenção social”. Então, ela se constitui através de distintos e diversos discursos sobre sexo e, neste movimento de dizeres, eles se normalizam, regulam instaurando saberes tidos como “verdades” absolutas. Assim, a sexualidade tem a ver com a forma de viver seus desejos e prazeres corporais de vários modos com ou sem parceiros/as. O termo sexualidade é provido de carga ideológica que muito se confunde com o senso comum e torna um assunto de muitas dúvidas e inverdades. Falar sobre sexualidade entre todos e aqui, na universidade, “senso-sociabiliza” o tema, tornando-o comum e não sendo ignorado em roda de conversa no meio acadêmico e fora dele, no ambiente familiar.

Relações (Estudante de Serviço Social).

Destaca-se também a palavra “Relações” suscitada pelo *Estudante de Serviço Social*. Segundo o dicionário Miniauréli, a palavra relação tem o significado de “vinculação, ligação, contato, trato que pessoas, grupos ou países mantêm entre si, relacionamento” (FERREIRA, 2001, p. 593-594). Para o estudante, a palavra “relações” está voltada para vínculos de amizade, de amigos, de conhecidos. Está para o convívio social, para situações de afinidades de convivência de familiaridade e intimidade para com outras pessoas dos seus espaços.

Diante disso, para Le Breton (2009), o homem é um sujeito que só se vê humano pelo outro. Consoante, Lacan (1989) ressalta que eu existo porque o outro existe. Isso nos reporta à importância do outro estar no desenvolvimento do homem e sua relação com o mundo, ou seja, o homem não vive sozinho, por isso, é necessária a presença de outras pessoas para sua sobrevivência, ter vida social. Desta forma, o estudante se relaciona com outros estudantes e outras pessoas dentro e fora da universidade. Nesse processo de relação, eles se encontram, se veem, se enxergam, criam identidades, vivem em guetos e comungam de ideias semelhantes ou divergentes, onde se respeitam, toleram e se aceitam.

Transformações, Mudança e Movimento (Estudante de Relações Internacionais).
Mudança (Estudante de Ciências da Religião).
Transformação (Estudante de Matemática).

A *Estudante de Relações Internacionais* fez uso de três palavras “transformações, mudança e construção”, o de *Ciências da Religião* “mudanças” e o de *Matemática* “transformação”, estas trazem a impressão de mesmo significado, pois “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam no em nós e para nós” (ORLANDI, 2009, p. 20). Essa impressão é dada pela tonalidade como as escreveram e que elas comungam de mesmo significado para eles naquele momento. Dessa forma, eles significam o corpo como um receptáculo de modificações, de variação, de movimentação, de um objeto que se constrói e ao mesmo tempo se altera, se molda, cria silhuetas diante de situações, do tempo e da história de um sujeito e de um corpo que está sempre em movimento, em transformação, em devir.

Vida (Estudante de Teatro).
Vida (Estudante de Medicina).
Vida (Estudante de Ciências Biológicas).
Vida (Estudante de Matemática).
Vida (Estudante de Engenharia Agrônoma).

Os cinco *Estudantes de Teatro, Medicina, Ciências Biológicas, Matemática e Engenharia Agrônoma* relacionam o corpo à palavra “vida”. Na Associação Livre de Palavras e na Análise de Discurso, trabalha-se com o mecanismo imaginário dos estudantes. Será que a palavra “vida” significa a mesma coisa para os cinco estudantes de formações diferentes? Compreendemos que os estudantes comungam e falam da mesma língua, mas de alguma forma falam diferente mesmo com as mesmas palavras. “Dizemos as mesmas palavras, mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam

seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam nos discursos as formações ideológicas” (ORLANDI, 2009, 79-80). A *Estudante de Medicina* poderia dizer que o corpo humano faz parte do seu cotidiano de aprendizagem, pois é a partir do corpo como objeto anatômico e fisiológico, que ele faz parte da sua vida acadêmica; o *Estudante de Teatro* poderia mencionar, em outras palavras, que seu corpo é objeto de sua vida profissional e acadêmica; o *Estudante de Ciências Biológicas* poderia dizer que a vida é indissociável do corpo, pois o corpo é lugar onde a vida se manifesta por meio do funcionamento homeostático do organismo humano, assim, também os *Estudantes de Matemática* e *Engenharia Agrônoma* com as mesmas palavras ditas em outros lugares desta pesquisa e na Associação Livre de Palavras.

Desse modo, para Le Breton (2007; 2011), o corpo, antes de qualquer teoria humana, é o templo da vida e das manifestações que a ele são outorgadas. Já para Vygotsky (1989), as mesmas palavras ditas pelos estudantes – vida – podem ter significados parecidos coletivamente, mas possuem sentidos diferentes para cada um deles.

Humano (Estudante de Engenharia Agrônoma).
Humano (Estudante de Teatro).

A palavra “humano” é um termo que se repete entre dois estudantes, *Engenharia Agrônoma* e *Teatro*. Consoante às lógicas lacanianas e ao materialismo sócio-histórico de Vygotsky o homem só torna humano pela instituição do Outro. Somos virtualmente humanos – hominizados – e por sermos virtuais, adentramos no mundo numa condição humana uma vez determinada pela história dos que nos antecederam e nos deixou por herança, sua sedimentação (CHARLOT, 2018; 2020). O corpo é um dado histórico, humano, que se dá diante da carga histórica e social dos nossos precedentes. O corpo nada mais é que a instituição e receptáculo do Outro que nos desejou, nos fez humanos, homem, sujeitos de falta a procura da sua completude e universalidade. Enquanto corpo, somos seres humanos singulares e universais.

Autonomia (Estudante de Psicologia).
Independência (Estudante de Zootecnia).

O que significa “independência” e “autonomia”? De início podemos asseverar que o dizer é espaço de interpretação e de circulação de ideias (ORLANDI, 2009). O que levou a estudante de Psicologia escrever a palavra “autonomia” e o de Zootecnia “independência”? Os estudantes falam de um lugar e de uma posição. O lugar corresponde seu *status* social, a

área de formação dos estudantes de graduação. A posição é a forma como se pensa aquilo na cabeça do sujeito. Os dois estudantes, além do lugar de acadêmicos, podem estar em outras posições como a de causas militantes feministas, exemplo, da *Estudante de Psicologia* ou por outras causas que não são ditas, mas mobiliza a pessoa, como do *Estudante de Zootecnia*.

Com isso, podemos levar em consideração o interdiscurso dos dois estudantes, ou seja, sua história, o reconhecimento em dizer isso ou aquilo, uma palavra ou outra em sua memória do dizer. Isso significa que uma relação do discurso dos estudantes “com a linguagem não é jamais inocente, não é uma relação com as evidências e poderá se situar face à articulação do simbólico com o político” (ORLANDI, 2009, p. 95) e, de tal modo, está ligado às lutas que esses estão engajados dentro e fora do ambiente universitário. Representando, dessa forma, “a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade” de sujeitos que se reconhecem, veem e se representam em causas de seus interesses e trazem em seus discursos sentidos para aquilo que lhe movem: a liberdade e independência do corpo, de tomar decisões valendo da sua autossuficiência se desprendendo de juízo de valor moral e/ou ético. Um corpo dado como dispositivo político autônomo, independente e emancipado.

Estrutura, Massa (Estudante de Pedagogia).
Forma, Matéria (Estudante de Ciências Biológicas).
Forma (Estudante de Letras)
Matéria (Estudante de Matemática)

“Forma”, “Matéria”, “Estrutura” e “Massa”, os discursos derivam, parafraseiam e encontram diferentes formas de dizer a mesma coisa. As palavras destacadas culminam numa paráfrase geral: objeto corpo. Aqui, ele é considerado uma peça entre outras peças, um objeto com forma, textura e ocupa um lugar no espaço, com peso, massa, um arcabouço estrutural que se materializa, o corpo. Este, da forma que se descreve, é uma coisa entre outras coisas, uma estrutura que tem consciência, subjetividade, dentre outras subjetividades.

Portanto, o corpo é dado nessas palavras como objeto que ocupa um lugar no tempo e no espaço. Com uma alocação de estrutura, suporte, artefato físico, orgânico, observável e palpável que pode ser descrito, comentado e avariado.

Desejo (Estudante de Pedagogia).
Desejo (Estudante de Letras).
Desejo (Estudante de Educação Física).
Prazer (Estudante de Medicina).
Vontade (Estudante de Zootecnia).

O que diferencia desejo de vontade? O que isso significa? O desejo é a falta do objeto perdido. Dessa forma, deseja-se com o corpo uma parte do Outro, pela sua incompletude, pela falta. Para Lacan (1998), a essência do homem é vazia, estruturada por uma falta, que é dada pelo que não se tem. E o nome dado a esse vazio que se tem e governa o homem é o desejo. Um desejo que não é de si, mas um desejo do Outro. É o desejo que rege nossa relação consigo, com o outro e com o mundo. Esse desejo que os estudantes de *Educação Física*, *Pedagogia* e *Letras* associaram ao corpo pode ser dito com outro vocábulo, “vontade” dito pelo *Estudante de Zootecnia*. O inconsciente é o lar do desejo, os estudantes, neste momento de associação, fizeram deriva da palavra “vontade”, aquilo que se quer aqui e agora. Com outras palavras eles queriam falar “tenho vontades com o corpo” e não apenas especificamente o desejo.

Não obstante, isso significa que eles também têm desejo, pois são movidos por ele. E nem todo desejo culmina em “prazer” (*Estudante de Medicina*), mas também não podemos negar que não o seja. O desejo não procura o prazer, de imediato, mas o objeto perdido para tamponar a falta, desejo e prazer na lógica lacaniana não são lineares. Uma vez que se procuram objetos que não dão prazer. O desejo não obedece à mecânica do prazer, o prazer é secundário, o primário é tamponar a falta. Nesse sentido, inventa-se uma necessidade de demanda, demanda da cultura e não uma demanda biológica.

O desejo do qual comungamos neste trabalho é cultural. Não é natural. É o não-do-pai ou nome-do-pai, é a lei. A norma, isto é, a linguagem que desfaz a ligação biológica do sujeito com o mundo e o introduz no mundo da lei, da cultura, da linguagem. É na tríade sujeito, mãe e pai que se constrói o desejo, ele não tem nada de natural. Ele é uma relação com a cultura, com o Outro. O desejo nasce com o homem, somos filhos do desejo. Do desejo de alguém que de alguma forma nos desejou e permitiu o nosso nascimento, nos odiando ou amando, nos acolhendo ou abandonando (MILLER, 1989). Não somos outra coisa a não ser desejo.

Tempo, Singularidade (Estudante de Ciências da Religião).

Único (Estudante de Educação Física).

Tempo (Estudante de Relações Internacionais).

Os estudantes podem dizer eu sou “tempo” (*Estudante de Relações Internacionais*), “singularidade” (*Estudante de Ciências da Religião*) e “único” (*Estudante de Educação Física*). Verifica-se que o dito por meio deste, do corpo, o homem percebe a si, ao outro, ao mundo, no qual se orienta espacial e temporalmente. Os estudantes nos levam a perceber um corpo que vivencia e se norteia em meio ao espaço e ao tempo, que o habita e age para a

realização de tarefas. De tal modo, habitamos o mundo por meio de um corpo que é singular, subjetivo e temporal condenado ao sentido. Diante disso, os estudantes nos apontam um corpo dotado de sentido, experiência, subjetividade e único entre outras subjetividades.

Receptáculo (Estudante de Pedagogia).
Moradia (Estudante de Serviço Social).
Morada (Estudante de Filosofia).
Vitrine (Estudante de Medicina).

Falamos a mesma língua, mas dizemos de formas diferentes para falar a mesma coisa. Os discursos representam as formações ideológicas, históricas de cada sujeito fazendo com que os sentidos sejam os mesmos e também diferentes (ORLANDI, 2009). Em síntese, o corpo para os estudantes é “receptáculo” (*Estudante de Pedagogia*), “moradia” (*Estudante de Serviço Social*), “morada” (*Estudante de Filosofia*) e “vitrine” (*Estudante de Medicina*) do Outro.

É salutar, neste momento, trazer o Outro compreendido numa perspectiva sócio-histórico-cultural, para mostrar sua relevância no processo de significação do corpo para esses estudantes. No nosso pensar analítico, o Outro, ou seja, a cultura, deve ser entendida como um conjunto de produções humanas, as quais são dotadas de significação e, por definição, são portadoras de sentido. O acesso dos estudantes a esses meios de produção de corpos significados culturalmente, os implicam na manifestação das suas condições de sociabilidade próprias do ser humano. Uma condição humana de afinidades polarizadas e regidas por códigos e normas históricas, que na ótica sócio-histórica de Vygotsky é dada pela história de produção vinculada pelo homem a fim de garantir as suas condições sociais e materiais de existência e perpetuação. O homem produz formas de significar o corpo ao longo do tempo para garantir sua existência e, por fim, sua permanência. Por isso, o corpo é recipiente, morada e apresentação daquilo que é mais humano que qualquer outra coisa, o Outro.

Memória (Estudante de Letras).

A “memória” (*Estudante de Letras*) para Vygotsky (1989, p.83), “é mais do que um simples hábito mental; é um complexo e genuíno ato de pensamento”. Portanto, somos memória, mas não apenas de imagens e coisas que vêm nas nossas cabeças, mas das coisas vividas, percebidas por meio do corpo enquanto objeto velado pela imagem conservada dele nas nossas memórias afetivas e que também se encontra no inconsciente, onde não conseguimos alcançar, pois está na dimensão Real da consciência, no lugar impossível de se

dizer. Para a AD, a memória é um elemento que entra no campo do interdiscurso do estudante, enquanto sujeito histórico e ideológico.

Memória, para o estudante, representa assim a alteridade por excelência (o Outro), através da historicidade de um sujeito com memória é seletiva e escolhe falar sobre isso ou aquilo, de uma forma ou de outra, ressignificando as palavras do seu dizer a partir de sentidos dados em outras direções, de acordo com outras lembranças, recordações, deriva-se, significando outras posições do sujeito. As memórias são dadas também por palavras acompanhadas de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio. O sentido, aqui, também se dá na história, na memória, e através do seu silêncio.

Ao que se refere à memória e ao corpo, Nasio (2009, p.63) nos esclarece uma questão simpática sobre perceber o nosso corpo não como ele o é, “mas tal como o imaginamos; o percebemos como *fantasia*, isto é, mergulhado nas brumas de nossos sentimentos, reavivado na memória, submetido ao julgamento do Outro interiorizado e percebido através da imagem familiar que já temos dele”. Dessa forma, o corpo imaginário dos estudantes é dado pela memória, pelo julgamento do Outro, seu inquilino mais antigo que conhece sua casa (corpo) melhor que o seu dono (eu).

Doar (Estudante de Engenharia Agrônômica).
Resistência (Estudante de Educação Física).

Estar inserido no mundo, é ocupar um espaço, tomar posição, refletir e agir diante do mundo e das coisas que há nele. Os estudantes não são apenas corpos, peregrinando dentro do ambiente da universidade, são protagonistas de suas histórias, donos de seus corpos e estes são políticos, que reivindicam, se “doam” (*Estudante de Engenharia*) e também “resistem” (*Estudante de Educação Física*) diante de políticas públicas e educacionais que lhe causam danos e não lhe acrescentam benefícios dentro e fora da universidade. Os estudantes não são passivos aos movimentos e eventos ocorridos dentro e fora do ambiente universitário. A partir de conselhos, sindicatos, militância e ONGs universitárias lutam com seus corpos e resistem por direitos e causas que lhes são próprias. Doação, luta e resistência, derivam-se em sinônimo, termo de mesmo teor simbólico na enunciação dos dois estudantes.

É isso, em outras palavras, parafraseando-os, o que os estudantes de *Educação Física* e *Ciências Biológicas* estão a dizer. Na Análise de Discurso é “fundamental o trabalho com as paráfrases e as sinonímias, relações do dizer e não-dizer [...] tornar visível [...] o que foi dito com o que não foi dito e com o que poderia ser dito [...] fazendo as palavras significarem de maneira X ou Y” (ORLANDI, 2009, p. 78).

Controle (Estudante de Psicologia).
Poder (Estudante de Educação Física).

Entre os corpos há relações de “poder” (*Estudante de Educação Física*) na sociedade de “controle” (*Estudante de Psicologia*). Cada ser humano é único, com suas histórias de vida, suas próprias regras, crenças individuais, formas de andar, falar, se comunicar, interagir, cumprimentar, trabalhar, vestir, relacionar, sentir dor e até mesmo de se alimentar e se comportar sexualmente. Mas será que isso são ações naturais? Essa forma de comportamento é natural? Para Le Breton (2007; 2011) não há nada de natural no comportamento humano, tudo se dá a partir da cultura, da instituição do Outro por meio de unidades simbólicas que nos controlam e nos direcionam. Consoante, Lacan (1998) destaca sobre o sujeito descentrado de si, pois o Outro o controla, concordando que “existe mais do outro em mim do que eu mesmo”. A substância do eu (do corpo) é propriedade do Outro, que o comanda e o governa.

Percebe-se, dessa maneira, que o poder se exerce, não se detém, se delibera, não se acumula, não é concreto, mas simbólico, onde todos os corpos estão sujeitos ao controle e às relações de poder dentro e fora de ordem. Eles são e estão organizados de tal forma que não se sabe onde começa e nem onde termina, apenas é, assim como o Outro se constitui indissociável ao sujeito, a nós, aos estudantes.

Diversidade (Estudante de Ciências Biológicas).
Identidade (Estudante de Serviço Social).
Identidade (Estudante de Matemática).

São várias as facetas, entradas, nuances e atalhos que os estudantes trazem ao falar sobre corpo, no qual este trabalho se coloca no comprometimento de discuti-lo e analisá-lo dentro das possibilidades do aparelho analítico discursivo. Os fenômenos que o envolvem são múltiplos e nos levam, por entre suas silhuetas, das relações significantes a novos e velhos conceitos como o da “diversidade” (*Estudante de Ciências Biológicas*) e da “identidade” (*Estudante de Serviço Social e de Matemática*).

O que diferencia “diversidade” de “identidade” e onde elas coadunam? Os corpos são múltiplos, as pessoas são múltiplas, os dizeres são vários e as identidades não são fixas. O que leva uma pessoa ou um objeto ter uma identidade, não se leva em conta somente aquilo que lhe tem de aparente, o que está à amostra. Falar de identidade e de diversidade dentro de um contexto cultural acadêmico e educacional, nos obriga a reconhecer que essas (diversidade e identidade), longe de ser um bloco monolítico e homogêneo, são, de fato, complexas, múltiplas e descontínuas. Falar de identidade e diversidade é também falar de singularidade,

de corpos únicos e múltiplos dos sujeitos, mas que se associam e singularizam e também são únicos e sociais em um processo de universalização.

Para Louro (1997) e Le Breton (2007), as identidades vão se construindo, reconstruindo, ressignificando, arranjando e desarranjando dentro de suas searas sociais, diante de disposições físicas e simbólicas, configurando também nas formas de ser e de estar no mundo. Fazendo paráfrase desses estudantes, podemos discorrer interpretando-os de uma forma em que suas identidades foram sendo produzidas. Isto em vários momentos de suas vidas e sendo contestadas, questionadas, confrontadas e assumidas em suas múltiplas relações e práticas corporais cotidianas, tanto na universidade quanto fora dela ao longo dos anos de suas vidas.

A palavra “identidade” escrita a partir da Associação Livre de Palavras (continua se refazendo e se transformando) sendo constantemente um resultado em aberto, provisório. É a partir desses encontros e desencontros que os estudantes refletem sobre eles mesmos e o mundo, através de questionamentos e desafios que lhes são e foram feitos e os constituem em suas histórias, mostrando como suas identidades não são fixas, não obstante, derivam, movimentam-se (LOURO, 1997).

As diversidades se acentuam nos corpos, nas suas formas de ser, estar e se comportar, não são apenas aspectos que margeiam o campo físico, mas performático, das formas de viver experiências e reivindicações no próprio corpo. A diversidade é ampla, ele vai desde o conceito de diferença, arranjos sociais, étnicos, econômicos, familiares, culturais, comportamentais, dentre as várias pluralidades exercidas pelos sujeitos em tempo e fora de tempo (LOURO, 1997).

É a partir dos conceitos de diversidade e identidade que se tentam nas políticas públicas e educacionais, os cruzamentos de fronteiras, a promoção da solidariedade, do reconhecimento, da alteridade, das trocas de valores, afetos entre os distintos sujeitos, a tentativa da redução de conflitos e o reconhecimento entre as diferenças, tentando promover um denominador universal entre tudo e todos.

*Limitação (Estudante de Ciências Religião).
Potência (Estudante de Psicologia).*

Aqui, entendemos o corpo como radicalidade, como pontos extremos entre a “potência” e a “limitação”, ao mesmo tempo em que possui potência também tem um limite. Há formas de dizer nas quais o estudante pensa que só pode ser dito daquela forma, o segundo esquecimento para a Análise de Discurso (ORLANDI, 2009). Fazendo derivas, parafraseando

a palavra, o discurso transcrito, pode-se dizer que os estudantes de *Psicologia* e *Ciências da Religião* falam de um corpo que possui limites e ao mesmo tempo tem a capacidade de ser potente dentro de uma limitação. Quanto mais sabem que têm um limite, mais percebem sua potência enquanto pessoa que pensa e age sobre o mundo. A consciência do limite dos seus corpos não os despotencializam, mas agem como dispositivo potencializador de si, de saber quando pode avançar e recuar, agir e não agir.

Não obstante, é preciso entender o nível de consciência que conseguimos chegar, pois aquilo que sei e não sei de mim cabe ao outro me mostrar, ao ponto de Lacan nos relatar sobre quanto mais fundo tentamos nos conhecer pior nos conhecemos pela nossa “extimidade” alteridade radical (QUINET, 2012). Então, é preciso confrontar-se com o outro para saber daquilo que achamos que sabemos, ou seja, daquilo que os estudantes acham que sabem sobre si.

A partir dessa “extimidade”, Lacan inverte o eu como sede do saber, imposto por Descartes, *cogito, ergo sum* “penso, logo existo”. Então, refaz essa assertiva assegurando que esse eu que fala muitas coisas é descentrado de si, ou seja, “penso de onde não sou e sou de onde não penso”. Dessa forma, com esse desgarramento do pensamento e do ser, logo passamos a ser destituído do narcisismo egoíco, somos demitidos do centramento (QUINET, 2012).

Outrora, os estudantes parecem ter consciência daquilo que são, e isso não desmerece ao ponto de vista de Lacan. Porque cada um deles, os estudantes, neste caso, podem dizer “eu sou”, pois nas conclusões de Lacan cada ser humano pode dizer “eu” ou o que “eu penso sobre mim”, um significante, do seu ponto de vista. Portanto, sabe-se que o outro, meu oposto ou os outros estudantes podem dizer “eu”, então, cada um deles tem uma experiência de si. Assim, sabemos nesta trama que o outro existe e cada um dos estudantes tem uma forma de pertencer ao mundo e podemos supor que o outro, com quem eles se relacionam, tem também. Por outras palavras, os estudantes têm uma consciência de si, do seu corpo, mesmo que seja do outro, sabendo que é “potente” e tem “limitação”.

<i>Comunicação, Expressividade (Estudante de Teatro).</i> <i>Manifestação (Estudante de Filosofia)</i> <i>Ser (Estudante de Matemática)</i>
--

Quem está falando? De onde está falando? Por que fala o que fala? São provocações importantes quando se trata de analisar um enunciado na AD. Nesta associação, livre o *Estudante de Teatro* está falando de uma mesma posição de um ator, por isso diz o que diz,

além de ser estudante ele atua. E atuar é comunicar é se expressar pelo corpo. Existe muito do outro ator no estudante que fala, e ele fala com o corpo, com a boca, parte constituinte do corpo, cujas palavras saem e significam, e seu “discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações” (BRANDÃO, 2004, p. 43). Essas palavras e expressões ganham sentido e significado para o momento no qual ele fala, e, para esse estudante de teatro, no momento em que lhe foi provocado a escrever sobre quando ouve falar ou pensa em corpo lhe veio à representação de “comunicação” e “expressividade”. Com isso, além do participante falar do lugar de estudante de teatro, ele também fala da posição que o coloca como ator, e, por meio do corpo se comunica e se expressa afetando o outro, seus semelhantes quando atua.

Os *Estudantes de Filosofia* e *Matemática* trazem a palavras “manifestação” e “ser” respectivamente, considerando o corpo na esfera do “ser” enquanto vivido e “manifestação” da vida, ou seja, um ato ou efeito do corpo sentido e vivido – registro do Real. As duas formas de falar se encontram e dão sentido ao corpo.

Organismo (Estudante de Ciências Biológicas).
Gordura (Estudante de Zootecnia)
Pele, braços e pernas (Estudante de Filosofia).
Carne (Estudante de Pedagogia).

Os estudantes, nesta enunciação referem-se ao corpo de formas diferentes. As duas primeiras “organismo” e “gordura”, noutras palavras, referem-se a uma estrutura biológica constituída por células, tecidos e órgãos. A segunda, “pele, braços e pernas”, qualifica o corpo como uma estrutura, mas o leva ao biótipo, um tipo de corpo, seja ele brevilíneo, longilíneo e com variações anatômicas – registro do Imaginário. A terceira palavra “carne”, além de uma estrutura biológica e física, o corpo é considerado como um atributo de desejo, de sede do desejo – registro do Real.

Com a AD e os conceitos desta investigação, podemos nos valer da construção de um dispositivo da interpretação. Dessa forma, nosso dispositivo tem como característica colocar o que o estudante diz em relação ao que não diz, o que ele diz neste, através deste instrumento de análise com o que é dito em outro lugar em outras palavras, o que ele fala de uma forma com o que é dito de outra, nossa intenção é procurando ouvir e analisar, naquilo que o estudante diz, aquilo que ele não disse, mas que constitui igualmente o sentido de suas palavras com nossas palavras.

Assim sendo, os *Estudantes de Ciências Biológicas* e de *Zootecnia* referem-se ao corpo apenas como uma unidade biológica, organismo vivo; a *Estudante de Filosofia* eleva o corpo à estética, ao biótipo de um corpo que é magro, gordo, baixo, alto muito mais

relacionado ao padrão estético. Já a *Estudante de Pedagogia* associa o corpo àquilo que tem desejo, carne que deseja e é desejada, à estrutura e também receptáculo do *Eros*, do desejo humano, da sensualidade e da sexualidade.

Padrão (Estudante de Engenharia Agrônoma).
Beleza (Estudante de Teatro).
Beleza e status (Estudante de Letras).
Beleza e perfeito (Estudante de Física).

As palavras “padrão”, “status”, “perfeito” e “beleza” comungam de um sentido estético, da estética de um corpo que é belo, bonito e lindo. Não obstante, falar de padrão significa dizer sobre o feio, o não dito. E ao mencionar a palavra padrão, a *Estudante de Engenharia Agrônoma* pode estar criticando as padronizações que o corpo deve se encontrar e, por questão de demanda social, compreende-se que ela critica os modos de ver a beleza de um corpo daquele que deve ser magro e torneado. De outro modo, os *Estudantes de Teatro, Letras e Física* falam sobre a beleza com a contemplação de uma coisa que é vista por eles como bela, bonito, não por ser magro ou torneado, mas pelo fato de ser corpo. Dizemos isso por sabermos e nos permitir que em “todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antiversão do ‘imaginário’ do outro, fundar estratégias de discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 44). Em outras palavras, os estudantes fariam deste jeito, caso provocássemos sobre o porquê escreveu desta forma e não de outra. Fazendo-nos compreendê-los e interpretá-los a partir das condições de produção dos discursos dos estudantes.

Saúde e Esporte (Estudante de Física).
Saúde e Comer (Estudante de Zootecnia).

As formas de imaginários sobre o corpo são várias, os *Estudantes de Física e Zootecnia* colocam a palavra “saúde” como destaque entre eles. Não obstante, elas se relacionam com outras palavras justificando o uso do termo saúde como “esporte” e “comer”, ou seja, para ter saúde é necessário se alimentar bem e praticar esportes. Ao relacionar os dois termos subsequentes, as palavras entram em relação de sentido tanto para o *Estudante de Física* quanto para o de *Zootecnia*. Nestas relações de palavras, podemos verificar a movimentações de sentidos, por isso que o discurso é o ritual da palavra até mesmo o das não ditas, as que ficam entremeios, entre as palavras faladas, as formas de dizer que estão além do conteúdo dito, falado, explicitado, escrito (ORLANDI, 2009). Os sentidos não estão soltos,

mas também não estão às claras, eles estão sempre lá, presentes, dispostos a serem interpretados, significados.

<i>Natureza</i>	<i>(Estudante</i>	<i>de</i>	<i>Engenharia</i>
<i>Agrônômica).</i>			
<i>Envelhecer</i>	<i>(Estudante</i>	<i>de</i>	<i>Relações</i>
<i>Internacionais).</i>			

As *Estudantes de Engenharia Agrônômica* e *Relações Internacionais* trazem o substantivo “natureza” e o verbo “envelhecer”, respectivamente. O que isso quer dizer? As estudantes falam de um lugar, de experiências enquanto sujeitos históricos e sociais. A ideia de natureza tem sentido a partir do ponto que a estudante considera que faz parte dela. E ao fazer parte de uma natureza, coloca o corpo como um produto dela. Já o verbo envelhecer trazido pela *Estudante de Relações Internacionais*, significa que o corpo envelhece. Em outras palavras, o corpo se transforma, tem experiências. De certo modo, as duas palavras se encontram e se relacionam, pois, o corpo na condição de sua biologia nasce, cresce, envelhece e morre.

O homem, enquanto condição humana, nasce inacabado em um mundo complexo de significações e de linguagem, em determinado lugar, tempo, espaço social e até mesmo sexual na sociedade. É nesse espaço histórico e singular de cada um que o homem se torna diferente de outras pessoas ao seu redor (CHARLOT, 2013; 2020). Dessa forma, o Outro o interpela por todos os lados, o que pode ser chamado de processo civilizatório ou de humanização por meio de relações consigo mesmo, as pessoas e o mundo. Aprendemos a falar sobre corpo a partir dos sistemas de unidades simbólicas – que são vários e estão distribuídos em diversas instâncias da sociedade. Diante dessas unidades, apreendemos todo um sistema de ideias, organização e classificação das coisas através da linguagem, inclusive o corpo – que além de ser político ele é um fenômeno de classe. Dessa forma, os estudantes são herdeiros do Outro, enquanto relação e organização com o outro e o mundo.

Diante de uma necessidade de aprofundamento analítico sobre os discursos dos estudantes sobre corpo passemos para o último instrumento de análise desta tese, o Inventário do Saber.

5.3.3 Inventário do Saber

O inventário do saber é um instrumento utilizado em pesquisas significativas, o qual se utiliza um enunciado para a produção de um texto ou de outros enunciados sobre

determinados temas. Nesse instrumento, temos o objetivo de compreender os sentidos produzidos sobre o corpo pelos estudantes da UFS a fim de analisá-los à luz dos conceitos discutidos nesta tese e justificar o corpo enquanto território do Outro, da Educação, do discurso, do desejo, dos sentidos e significados.

Inicialmente, foi explicitado para o estudante participante qual era a intenção do instrumento. Seu envio ocorreu por e-mail, após isso, foi respondido e reenviado por eles novamente. Para a produção dos dados nesse instrumento, elaborei o seguinte enunciado: “Eu nasci, cresci, aprendi coisas na rua, em casa, na escola, na universidade e outros lugares. Diante de tudo isso, acho que meu corpo...” cujas respostas estão compiladas no quadro 9 abaixo.

Quadro 9 – Respostas ao Inventário do Saber

Estudante de Graduação	Eu nasci, cresci, aprendi coisas na rua, em casa, na escola, na universidade e outros lugares. Diante de tudo isso, acho que meu corpo...
Letras	<i>Embora tenha algumas imperfeições, o que é natural, me faz sentir confortável.</i>
Educação Física	<i>É só meu e fala muito como eu levo minha vida.</i>
Engenharia Agrônoma	<i>É a minha morada, é nele em que estou na maioria dos momentos.</i>
Filosofia	<i>----</i>
Psicologia	<i>É bonito, mas não acho que seja padrão. É meu lar. Embora eu já tenha tido muitos problemas ao longo do meu desenvolvimento com o fato de ser muito magra, hoje em dia consigo ter uma relação melhor com ele. Há dias que, realmente, não o suporto, não me acho fisicamente bonita. Muitas associações negativas foram feitas por conta de apelidos como “magrela”, por sempre me associarem a alguém muito mais novo e comentários do tipo “homem gosta é de carne”.</i>
Teatro	<i>É a ferramenta maior de expressão dos meus pensamentos. As possibilidades não verbais, quando bem trabalhadas ampliam a comunicação. Expressões corporais dizem muito mais que frases e palavras.</i>
Relações Internacionais	<i>Não tenho nenhuma dificuldade de mobilização, meu corpo faz todas suas atividades químico-biológicas sem complicações. No sentido estético, me sinto bem em relação ao meu corpo, apesar de na adolescência ter desejado ser mais alta. No momento a única coisa que eu planejo (mas que não tem funcionado na prática) é ser menos sedentária e ter organização com hábitos alimentares.</i>
Serviço Social	<i>É a caracterização das formas e extensões sobre mim. Penso que sou um ser em contínua construção e cheio de simbologias. Carrego em minha mente, que está expresso em meu corpo, a linguagem nordestina com o toque da expressividade contemporânea da liberdade de ser o que deseja ser, no momento que quiser ser. Para mim, o meu corpo é o meu santuário sagrado ao qual devo todo cuidado, ainda que ele carregue os cortes internos e externos causados por mim ou outras pessoas, sendo assim, devo a ele a competência e dever de protegê-lo.</i>
Medicina	<i>É um meio de interação social com o ambiente e outros indivíduos, como também é um instrumento de empoderamento social, pois posso defini-lo da forma que eu acho cabível no meu contexto em que vivo.</i>
Pedagogia	<i>Eu considero o meu corpo um bom lugar para se viver, é forte, saudável, e me cabe direitinho, cicatriza rápido, me leva com uma agilidade incrível para onde quero, tem uma beleza aparente que é só dele, e com o tempo me fez ver o quanto amável ele é, da forma que lhe é própria e unicamente sua.</i>
Ciências da Religião	<i>É a minha maior ferramenta de expressão do que sou, sinto e quero. Ele reflete meus gostos por meio das vestimentas, revela quando estou feliz, triste, com sono ou fome</i>

	<i>através de reações no corpo e na face. Provavelmente indica minha sexualidade por meus trejeitos, acho também que o meu corpo é um laboratório ambulante, onde toda e qualquer substância ingerida, trará alguma reação em curto, médio ou a longo prazo. O meu corpo requer cuidados e merece ser respeitado.</i>
Física	<i>Meu corpo é muito estranho, em muitas das vezes o considero velho, sem serventia. Estranho pela falta de uniformidade no quesito cor, cada parte tem uma cor e isso me fez sentir um pouco de vergonha, para se ter uma ideia isso me influenciou a andar sempre descamisado, apenas mudei minha postura quando vim morar longe do meu núcleo familiar.</i>
Zootecnia	<i>Não está como eu gostaria, mas em contra partida tenho saúde e me sinto bem.</i>
Ciências Biológicas	<i>É especial do jeito que é. Apesar de não se adequar totalmente aos padrões que a sociedade julga bonito, me sinto bem com ele e me esforço a cada dia para o seu bom funcionamento.</i>
Matemática	<i>É uma estrutura física que me permite ser quem eu sou nos aspectos social, mental, acadêmico e espiritual.</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

O corpo para os estudantes tem instâncias diversas, o designam como atributo social, espiritual, biológico, de padronização (estético), de relação/interação, empoderamento, construção, mental, simbólico, de expressão, respeito e sensações. Dessa forma, quando cada um dos estudantes explicita suas impressões diante do enunciado “eu nasci, cresci, aprendi coisas na rua, em casa, na escola, na universidade e outros lugares. Diante de tudo isso, acho que meu corpo...” significa que é por meio dele que se impõe enquanto sujeito de enunciado e da enunciação, daquilo que sabe e fala conscientemente e inconscientemente, do significado e sentido, do dito e do não dito, daquilo que significa e do que quis dizer e não disse. Como sujeitos atravessados pela linguagem, os estudantes falam de uma posição, de uma experiência de vida, das suas sensações e impressões sobre eles e o mundo, das lógicas sociais simbólicas, as quais os levam e os trazem todo momento à significação coletiva e individual.

É pensando a partir disso que a AD nos coloca em estado de reflexão, permitindo uma relação menos ingênua e mais íntima com a linguagem e especificamente com os discursos desses estudantes. Por isso, adentrar no terreno do simbólico possibilita a produção de sentidos e dos discursos sobre o corpo e as possibilidades que o Outro engendra como tesouro permanente de produção de diversos discursos permeados pelas suas centelhas de unidades simbólicas que caracterizo nesta tese a partir de suas posições sociais – curso de graduação. É nessa memória institucional social e da memória constituída pelos esquecimentos dos estudantes, que a AD se atém e torna possível minhas análises.

Os estudantes desta pesquisa são sujeitos sociais e todas as suas ações e discursos são permeados pelo Outro como também pelo desejo, pelo sentido e pela cultura. Por mais que eles tentem vislumbrar originalidade em seus discursos, qualquer uma dessas tentativas não serão capazes de desfazer o estatuto do Outro, pois as ações dos estudantes, sejam elas conscientes ou inconscientes, todas são dependentes dele. E podemos destacar diante do

método analítico adotado que nós e os estudantes somos dependentes do Outro por sermos seres históricos, sociais e de falta. E isso significa que o corpo é produzido, desconstruído, (re)significado, transformado, multifacetado e ao mesmo tempo é coletivo e também individual pelo atributo obtido de um processo de socialização e singularização próprios de sua condição humana.

Os estudantes trazem as suas contribuições sobre o corpo como exemplo do *Estudante de Letras* “embora tenha algumas imperfeições, o que é natural, me faz sentir confortável.”; de *Psicologia* “É bonito, mas não acho que seja padrão”; de *Relações Internacionais* “no sentido estético, me sinto bem em relação ao meu corpo, apesar de na adolescência ter desejado ser mais alta”; de *Física* “meu corpo é muito estranho, em muitas das vezes o considero velho, sem serventia”; de *Ciências Biológicas* “é especial do jeito que é. Apesar de não se adequar totalmente aos padrões que a sociedade julga bonito, me sinto bem com ele e me esforço a cada dia para o seu bom funcionamento”; e de *Zootecnia* “não está como eu gostaria, mas em contra partida tenho saúde e me sinto bem”. Diante de suas falas, trazem o corpo que se pode analisar a partir de uma perspectiva do desejo como uma construção social, não naturalizado, como um dispositivo social de ligação do sujeito ao mundo, no qual a sua introdução ocorre por meio de relações consigo mesmo, o outro e o mundo.

O desejo é estruturante na construção das relações sociais do ser humano, desses estudantes universitários. Isso significa reconhecê-los também em suas dimensões sociais, históricas e idiossincráticas, já que essas dimensões operam na resolução da contradição natureza e cultura, o homem e a formação do desejo que não é natural, e, sobretudo, a construção social do corpo dos quais eles falam.

Enquanto construção social, na perspectiva sócio-histórica de Le Breton e Vygotsky, o corpo, seu imaginário e representação não é fixo, ele não pode ser considerado um sistema cujas funções sejam fixas ou imutáveis, mas de plasticidade na qual suas noções vão se moldando ao longo da história coletiva e individual desses estudantes.

Diante desse pensamento sócio-histórico e do desejo, podemos defender que esses discursos dos estudantes se constroem nas relações deles com o mundo, isto é, os modos de produção de sentidos sobre o corpo se dão nessa relação estudante e mundo social. E esse processo de produção de discurso, sentidos, representações e imaginários sobre o corpo estarão sempre em constante transformação, numa constituição dinâmica e contraditória, devendo, aqui, ser considerado como um processo em transformação, sempre em desenvolvimento qualitativo, emergindo novos sentidos, novas representações e novos discursos. Esse grupo de estudantes, de uma determinada região e cultura do estado de

Sergipe e em determinada época, produzem sentidos que se operam de uma forma particular se comparados com outros grupos distintos, pois eles são construídos socialmente e ordenam do seu real.

Frente a isso, o corpo dos estudantes, na seara do desejo, é o meio pelo qual se consegue julgar, pela imagem vista e que, ao mesmo tempo, são julgados pelos outros que o julgam, de uma escala coletiva para a individual. Ao mesmo tempo em que os outros são eles também são.

Neste ínterim, ao mesmo tempo é/são o corpo (eu/nós) e o têm um corpo (meu/nosso) esquecendo-os ou lembrando-se deles, os estudantes se encontram no campo do Imaginário, do Simbólico e do Real do corpo. Falando sobre ele, ao mesmo tempo em que o imagina, amando-o, sentindo-o, odiando-o, vivendo-o, esquecendo-o, julgando-o, descrevendo-o e sendo enganados, de certa forma, pelas fantasias das lentes desfigurantes do Outro que falseia qualquer tipo de sentimento ou percepção que têm de seus corpos e de outrem.

Esse Outro está internalizado nos estudantes desde as suas atividades humanas básicas que são socialmente fundadas e historicamente se desenvolvendo como aspecto característico e único da sua constituição e de outras pessoas. Ele é base de todo e qualquer salto qualitativo da animação humana, como também da educação que interpela os estudantes.

Quando estudante de *Educação Física* explicita “é só meu e fala muito como eu levo minha vida”; de *Teatro* “é a ferramenta maior de expressão dos meus pensamentos. As possibilidades não verbais, quando bem trabalhadas ampliam a comunicação. Expressões corporais dizem muito mais que frases e palavras”; de *Serviço Social* “é a caracterização das formas e extensões sobre mim. Penso que sou um ser em contínua construção e cheio de simbologias. Carrego em minha mente, que está expresso em meu corpo, a linguagem nordestina com o toque da expressividade contemporânea da liberdade de ser o que deseja ser, no momento que quiser ser”; de *Ciências da Religião* “é a minha maior ferramenta de expressão do que sou, sinto e quero. Ele reflete meus gostos por meio das vestimentas, revela quando estou feliz, triste, com sono ou fome através de reações no corpo e na face”; e de *Matemática* “é uma estrutura física que me permite ser quem eu sou nos aspectos social, mental, acadêmico e espiritual”. Desse modo, podemos percebê-los a partir dessa instância simbólica, real e imaginário do corpo.

Passemos a considerar agora outros aspectos neste instrumento para análise do discurso desses estudantes, começando pelo atributo simbólico. Esse corpo simbólico é o que eles nomeiam e encontram significantes para designar partes ou o próprio corpo, quando recordam, falam, descrevem e trazem em discussão, assumindo o estado de significante

admitindo o registro do simbólico de um corpo ainda fantasiado pelo Outro. Assim, eles disponibilizam e conseguem formas de falar sobre quem são ou o que é o corpo, expressam-se com as palavras das quais acham relações significantes dispostas a significar nas suas explicitações. O corpo simbólico é verificado nos discursos dos quinze estudantes compilados no quadro 9.

Ainda fantasiados pelo Outro, os estudantes também assumem o corpo no registro do Real quando o sentem no momento em que fala sobre ele, no momento em que escrevem o Inventário do Saber. O Real é o corpo indefinível, das sensações físicas dos estudantes, é a voz do corpo vivido, de uma virtualidade que os estudantes não têm controle, que não pode ser tocado, mas existe, se sente, mas não se pode ver como trazem em suas explicitações os estudantes de *Matemática, Ciências da Religião, Serviço Social, Teatro e Educação Física*. O corpo real é o que se tem de mais profundo da fantasia humana. Para Nasio (2009, p. 76) “o corpo real é ao mesmo tempo corpo das sensações”. Assim, percebemos que as sensações, o desejo, a dor e o gozo são nomes dados a fim de qualificar o corpo nessa instância. Seja esse corpo das sensações internas ou externas, o corpo no espectro do desejo, de dar e receber prazer a partir dele e, de percebê-lo, enquanto tal.

O corpo real dos estudantes é puramente razão, por ser absoluto em si, ultrapassa qualquer saber dado, qualquer entender que se diga, pois é um impossível de se dizer e de simbolizar, mas é uma virtualidade que anima o corpo, cuja cinética move a si mesmo o faz nascer, crescer, ser e ter, ou seja, a vida dos estudantes se desenvolve em torno do corpo real.

O corpo imaginário dos estudantes também está presente nesses discursos. Como eles se veem no espelho, nas fotos, numa imagem espectral, suas silhuetas, o corpo visto ocularmente, uma imagem, um duplo de si. A imagem é um reflexo de alguma coisa numa superfície seja espelho, foto, vídeo, desenho ou qualquer outra coisa que reflita ou que seja palpável. É o caso dos estudantes de *Ciências Biológicas, Física, Relações Internacionais, Psicologia e Letras*.

Os estudantes também falam do corpo numa perspectiva de relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A estudante de *Engenharia Agrônoma* explicita “é a minha morada, é nele em que estou na maioria dos momentos”; de *Psicologia* “é meu lar”; de *Medicina* “é um meio de interação social com o ambiente e outros indivíduos, como também é um instrumento de empoderamento social, pois posso defini-lo da forma que eu acho cabível no meu contexto em que vivo”; de *Serviço Social* “para mim, o meu corpo é o meu santuário sagrado ao qual devo todo cuidado, ainda que ele carregue os cortes internos e externos causados por mim ou outras pessoas, sendo assim, devo a ele a competência e dever

de protegê-lo”. Nesses registros, demonstram em seus discursos o corpo como um revelador das relações sociais e também da relação com o mundo e eles mesmos.

Os estudantes trazem em seus discursos um corpo cujo atributo é de uma entidade social, cultural, de sentidos e desejos que transita, se relaciona e se empodera, cuida de si, respeita a si mesmo e o outro. Nessa abordagem, Le Breton (2011) considera que o corpo e as noções sobre ele parecem ser evidentes quando se fala, não obstante, também é a coisa que mais não se apreende, é objeto incompreensível. Ele não é um fato indiscutível, mas sempre foi, é e será efeito de uma construção histórica, social e cultural dos estudantes por se constituir de relações entre eles, o outro e o Outro.

Deste ângulo, quando os estudantes afirmam o corpo como seu lar, morada, santuário, meio de interação e empoderamento social e sagrado e sobre a necessidade de protegê-lo, estão falando de um corpo, o qual ao mesmo tempo em que é individual e coletivo, é relação social, de sentido, de desejo, de significantes e significados. Os estudantes não falam sozinhos, mas numa voz que é dada na coletividade, pois o Outro, a ideologia e a cultura falam com eles através das suas interpelações, antes, durante e após os discursos, produzindo sentidos. O corpo se constitui por meio da interação, da relação entre os estudantes de graduação, sujeitos sociais, culturais, históricos e discursivos, cuja língua é uma das suas formas de manifestação e existência no mundo.

A estudante de *Pedagogia* considera seu corpo da seguinte forma “eu considero o meu corpo um bom lugar para se viver, é forte, saudável, e me cabe direitinho, cicatriza rápido, me leva com uma agilidade incrível para onde quero, tem uma beleza aparente que é só dele, e com o tempo me fez ver o quanto amável ele é, da forma que lhe é própria e unicamente sua” e ainda contribui o estudante de *Ciências da Religião* “provavelmente indica minha sexualidade por meus trejeitos, acho também que o meu corpo é um laboratório ambulante, onde toda e qualquer substância ingerida, trará alguma reação em curto, médio ou a longo prazo. O meu corpo requer cuidados e merece ser respeitado”.

O corpo para esses estudantes é aquele que alcança a subjetividade. A forma como um deles vê o seu corpo e o de outrem é única dentro de um tecido coletivo. Assim, há uma forma única de sentir e experimentar sensações de cada estudante no qual o social lhe contribuiu, ou seja, há diferentes formas de sentir o mundo, mas que o significado social lhe permitiu sentir da forma que sente (LE BRETON, 2007; 2011). Ao mesmo tempo em que o corpo é singularidade, ele também é social. Há uma forma singular de ser social e uma forma social de ser singular que cai no bojo do sentido e do significado atribuído ao corpo por cada estudante.

Por fim, é fundamental demarcar sobre o processo de construção que o corpo se submete, por fazer parte de um processo legítimo enquanto social, cultural, histórico e de desejo nos discursos dos estudantes desta pesquisa. Esses atributos definem possibilidades, flexibilidades, transformações e variações individuais e coletivas de adaptação, significação e constituições dos corpos diante das relações com o espaço social e o tempo em que estão situados.

Nessa configuração, entendemos que o Outro está nas diversas formas de dizer dos estudantes, assim como também nos comportamentos e nas formas de se relacionar com o outro e consigo. Eles têm performances investidas em um sistema de signos incorporados com o tempo, com o ambiente, com seus modos de relacionar, com o mundo e com seu corpo. Essa interpelação do Outro é inevitável e fundante ao universo dos estudantes e esse processo é fundamental e essencialmente sócio-histórico. Esse Outro, tesouro dos significantes, é fundante para os sentidos, representações e imaginários deles sobre corpo. O sentido de corpo dos estudantes da UFS nesta pesquisa, está promovido como uma rede de relação ao discurso, o desejo e o Outro, cujo funcionamento corresponde ao alinhamento dessas dimensões.

Diante do exposto, consegui fazer um traçado – tanto analítico quanto teórico – permitindo a compreensão de como os conceitos se integram e se associam nesta pesquisa. Isso tudo de uma forma simples e inteligível culmina na comprovação da minha tese de doutorado. Esta, encontra-se na próxima subseção intitulada de Matema ou Equação do Corpo.

5.4 Matema ou Equação do Corpo

A partir do desenvolvimento teórico e analítico deste trabalho de tese, desenvolvi uma expressão que nos mostra de forma organizada e associativa como se dá o processo de falar sobre o corpo pelos estudantes da UFS a partir dos conceitos utilizados e sustentados até aqui, como bússola para análise e compreensão do que se diz sobre o corpo e seus espectros.

Não consideremos esse Matema ou Equação do Corpo como uma verdade universal e engessada, mas como uma constatação verificada e verificável no campo empírico desta pesquisa, com determinados teóricos, com uma determinada população, de um determinado lugar, de uma região, numa determinada época, com estudantes em diferentes condições de produção, posições e lugares de fala, nos quais o corpo é atravessado por discursos, sentidos, pelo Outro e desejo. Dessa forma, pretende-se trazer o matema ou equação como denominador comum para cada estudante participante desta tese.

Corpo-Outro: discurso + desejo + sentido + Outro

O Matema ou Equação do Corpo, forma-se a partir da associação dos conceitos fundamentais desenvolvidos nesta tese. Os seus componentes funcionam de maneira associativa e não aditiva, não são determinantes, porém são partes indissociáveis ao se falar de corpo. Os conceitos não funcionam em movimentos lineares, não são lineares entre si, porém se inscrevem numa relação dentro desta trama desenvolvida nesta pesquisa. Dito de outro modo, funcionam dialeticamente, pois não há como dissociá-los e funcionam em regulação um do outro, não se tem como falar de um se o outro conceito também não existir especificamente dentro desta expressão numérica do corpo. O Corpo-Outro é o X da equação, o qual tem um valor que transita, ou seja, não é fixo, porque depende de suas variáveis que o compõem.

Desta forma, tem-se o “discurso” imbricado pelas ideologias do sujeito que fala diante das suas condições de produção e dos efeitos de sentido existente para ele naquele momento que fala, que enuncia. Assim, o “sentido” faz parte e é resultado de um processo de significação de um sujeito que significa de forma particular, por meio das experiências singulares e, de alguma forma, produz um significado no momento em que fala; o “Outro”, enquanto sistema simbólico, tem unidades simbólicas que se ancoram no dizer, como a unidade simbólica família/curso/universidade/rua e que, implica sobre a cultura, a “endoculturação”⁴¹ de um sujeito sócio-histórico-cultural existente em um espaço e em um tempo. E o “desejo” como falta, causado pelo objeto *a*, causa desse desejo que tenta tamponá-la ao falar sobre corpo, ao dizer e procurar sua completude em objetos que lhe atraem através do desejo, desejo do outro, seu semelhante, não por ser desejante, mas por ser o próprio desejo encarnado procurando sua completude. É a partir do desejo, nesta expressão, que cada estudante fala de relação de significantes⁴², do seu ponto de vista.

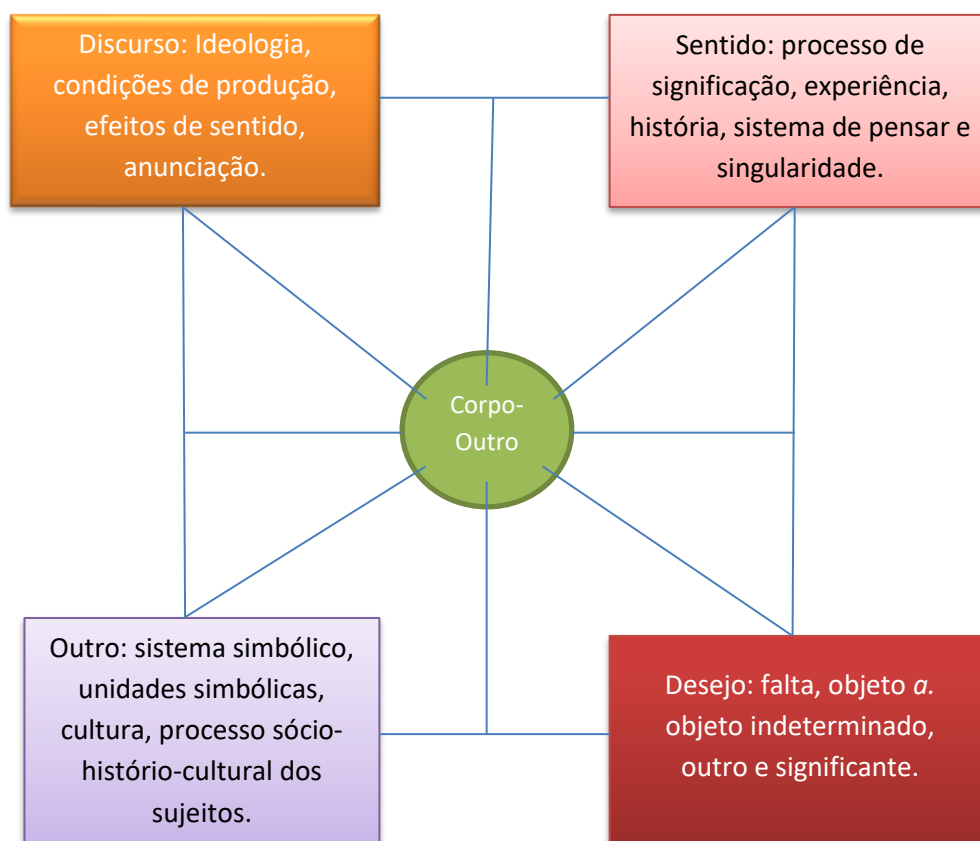
Por isso, quando se fala de Corpo-Outro engloba-se todos esses conceitos de uma forma associativa. Seria muito audacioso elaborar uma equação para mostrar como ocorre uma coisa tão complexa no que se refere ao corpo, e como se fala e o que diz sobre ele por meio de uma associação de conceitos, que, embora, conhecidos no campo da psicanálise e da

⁴¹ Utilizo esse termo para falar de um sujeito que está em movimento de formação numa trama cultural, o qual se propõe e está disposto a todo o momento em receber, transformar e ressignificar a cultura para si como componente simbólico e singular, como sujeito idiossincrático e ao mesmo tempo, com afinidades social e cultural. Vygotsky, na “Formação Social da Mente” endossa sobre a internalização da linguagem que ocorre na criança de fora para dentro. Também sendo uma forma endoculturação.

⁴² O significante não tem valor em si, todo valor está na diferença dele em relação aos outros significantes. É por causa da diferença dos outros que eles têm um valor, uma significação diferente dos outros, ou seja, um significante só é significante para outros significantes. Ele é sempre ligado a outro.

educação, nunca o disseram de uma forma equacionável – quis dizer do meu modo. Quando se fala sobre corpo, alguns desses termos/conceitos anunciados, encontram-se presentes de uma forma associativa e não linear, mas elas se cruzam, interseccionam de uma maneira que não se pode separar ou juntar dizendo especificamente onde se encontra cada conceito – onde começa e acaba – em cada parte do dizer sobre o corpo e, também, onde eles se separam. Eles são indissociáveis, são relações, são partes em um todo, é o Corpo-Outro, é um movimento dialético, permeia entre a zona do dizível e não dizível, do tocável e não tocável, do ser, ter e sentir. E continua sendo, existindo, acontecendo, falado, julgado, pesquisado, questionado e, sobretudo, vivido.

Figura 9 – Demonstração Gráfica do Matema do Corpo



Fonte: elaborada pelo autor a partir dos conceitos e dados produzidos na pesquisa (2020).

O Corpo-Outro é território da educação, do Outro, da cultura, da linguagem. Por isso, ele se concentra na perspectiva social e histórica. Ele é a interface entre o Outro, o desejo, o discurso, sentido e significados. É a simbiose desses elementos que o faz campo imanente e

permanente de pesquisa na área da Educação, do conhecimento, da cultura, procurando entender o fenômeno não-natural e humano – que se não infinito, muito difícil de se capturar, mesmo que suas noções pareçam ser evidentes – que nos faz ser social, histórico, espacial, cultural, simbólico e de desejo.

CONCLUSÃO

Foi contemplada nesta tese, a partir dos dados analisados, a questão do corpo nos discursos dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Por ser unidade de cunho polissêmico, verificou-se o corpo como objeto cultural, social, da diferença⁴³, da singularidade, como território de uma educação cultural e formal institucionalizada como unidade simbólica de significação e dispositivo político de causas sócio-educacionais. Legitimou-se o corpo não como natural, mas como uma entidade cultural, território do Outro, na condição de um sujeito confrontado com sua história, memória, ideologia, posição social e de virtualidade humana em um permanente processo de singularização e socialização em direção à universalidade.

Os estudantes falam de corpos políticos, que têm desejos, sexualidade, identidade, diversidade, que lutam e resistem dentro de uma sociedade do controle. Corpos históricos, de memórias, permeados de relações de poder. Corpos que se relacionam, transformam, se constroem. Vidas que se cruzam, corpos coletivos e individuais, únicos, que procuram sua autonomia, que são subjetivos e humanos.

Nesta ocasião, o corpo dos estudantes (vetor semântico) é lugar onde nascem, propagam-se e são produzidos sentidos continuamente. Por meio da relação com o mundo, as evidências do corpo são construídas e significadas por um processo contínuo, o qual os estudantes ativamente se inserem no interior dos espaços sociais, culturais, históricos e educacionais (universidade) como emissor e/ou receptor de sentidos.

O processo de significação dos corpos pelos estudantes se fundamenta dentro de uma seara coletiva e individual. Há formas de significar o corpo singular e coletivamente, havendo uma correlação entre elas – ainda mais – uma relação dialética dada pelo próprio corpo como objeto de confronto, harmonia, disjunções, diferenças, de substância comum no território do Outro e do saber.

O corpo discutido e apontado pelos estudantes desta tese é o eixo de relações com o mundo, com os espaços dados, com as histórias de suas vidas, com o tempo nos quais suas existências tomam formas a partir de seus discursos, possibilitando criar fisionomia própria de cada estudante, sua idiossincrasia.

É por meio deste corpo que falamos e são discutidos os referenciais desta pesquisa. Os estudantes, o pesquisador e os teóricos caminham juntos nesta trilha de investigação, nos

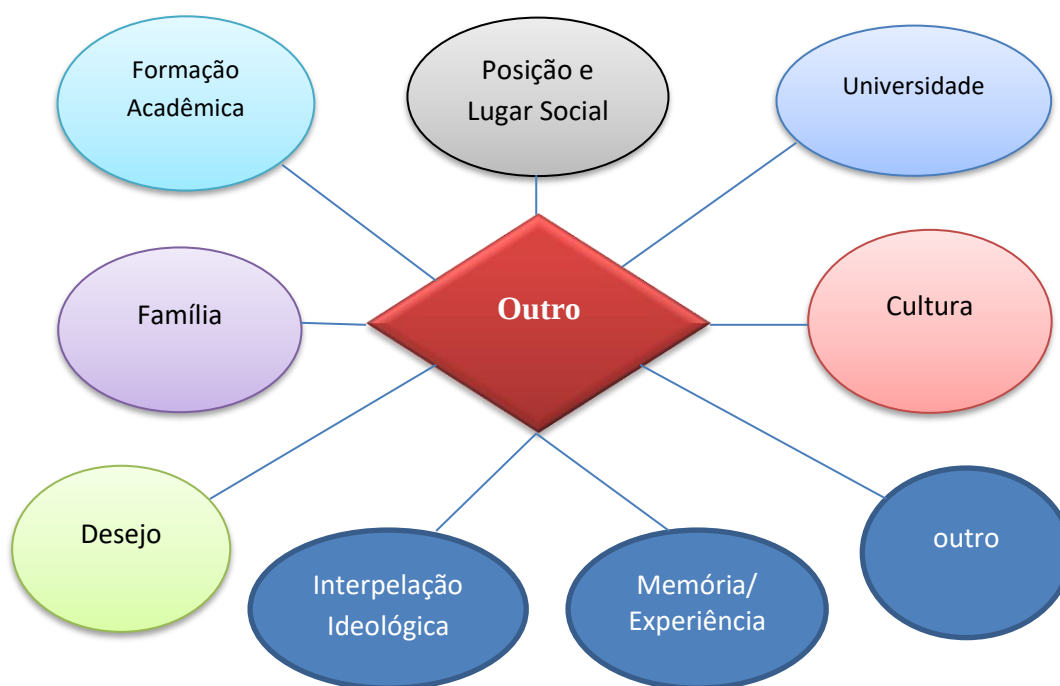
⁴³ Quando falo na diferença é de relação entre significantes, pois os significantes só têm valor nessa relação.

arriscamos a apropriarmos de uma parte da substância da vida dada pelo corpo, traduzindo-o e interpretando-o para o mundo, para os outros e para a academia científica.

Desta forma, servimo-nos dos sistemas dialéticos, sócio-históricos e psicanalíticos no campo do simbólico (linguagem) para compartilhar com todos os membros da comunidade sobre a implicação do Outro – sistema de unidade simbólica – nos discursos, nos sentidos e nas formas de ser, dizer e pensar sobre corpo dos estudantes de graduações da Universidade Federal de Sergipe.

Na figura 10, está a representação sobre as unidades constituintes do sistema simbólico do Outro que implicam os discursos e sentidos que os estudantes da UFS atribuem ao corpo.

Figura 10 – O Outro como Sistema de Unidades Simbólicas



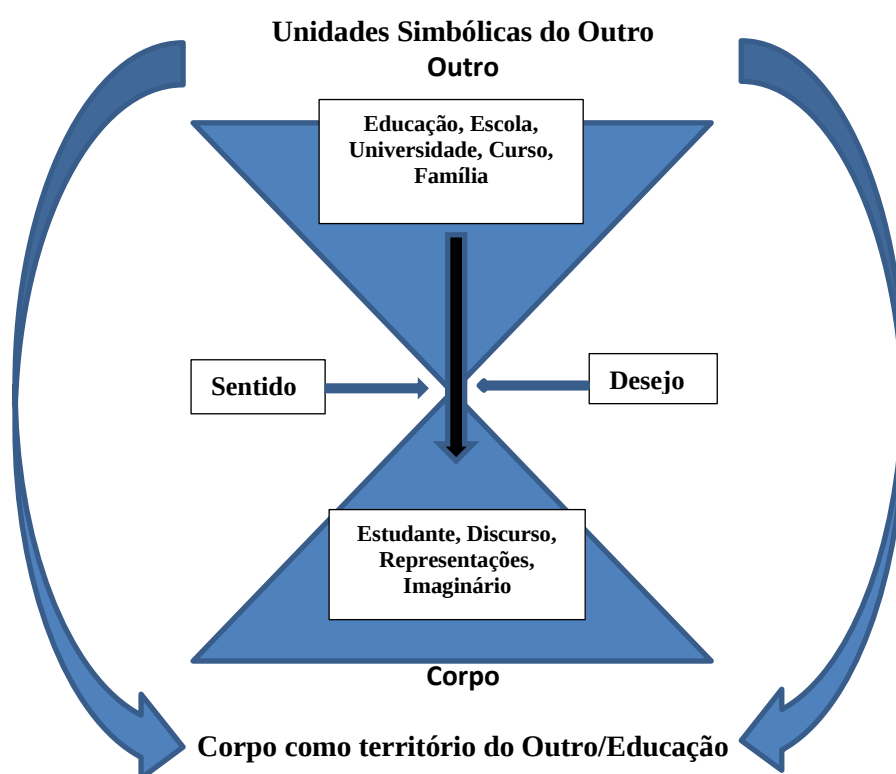
Fonte: elaborada pelo autor (2021).

O Outro é um sistema simbólico constituído por diversas e distintas unidades simbólicas (educação, escola, família, igreja, universidade, curso de graduação, amigos etc.). Ele é fundamental e básico para todos os tipos de relações humanas – de grupos ou individuais. Por isso, sua implicação tem um lugar central na constituição dos sujeitos, dos discursos, representações e na produção de sentidos atribuídos ao corpo nesta tese.

Sobre tese

A Educação, como unidade simbólica do Outro, nos humaniza. Assim, também podemos dizer: o Outro nos humaniza, o Outro nos educa. E é nesse movimento de desejo, sentido, do discurso e do sistema que o corpo se faz como território da Educação. Território pelo qual só pode ser dado pelo Outro, enquanto uma posição social que se (re)faz da objetividade para subjetividade de cada estudante.

Figura 11 – Ampulheta do Sistema de Unidades Simbólicas na Formação do Território do Corpo



Fonte: elaborada pelo autor (2021).

O funcionamento dessa ampulheta se faz pelo movimento das unidades destacadas como marcadores simbólicos na formação do imaginário, discurso, representações e sentidos atribuídos ao corpo pelos estudantes em tese. O desejo e o sentido são um crivo ponderador – um filtro – entre o sistema de unidades simbólicas e o território do corpo. Dessa forma, existe uma relação intrínseca e indissociável entre o corpo, Outro, desejo e sentido. Como uma espécie de movimento associativo, acontece de forma concomitante e produtora de corpo e corpos, únicos e múltiplos, individuais e coletivos.

Nessa lógica de movimentos e interações dos conceitos, se dá a implicação do Outro na consciência do eu/estudante/corpo. Um processo de formação individual que ocorre

também pela coletividade, pelo apelo do social de um sujeito de interação, de relação com o outro e o mundo. O corpo é um produto social, é produto do Outro.

A partir de um sujeito cuja experiência de vida é dada pelo outro, que acontece através de uma interação, é considerado também o sentido como processo individual, próprio e intransponível de cada estudante. A unidade do eu não deve ser desconsiderado, porque a dialética do eu e do outro são indissociáveis, pois é por causa do “outro” que o “eu” existe e vice-versa. Por isso, considerar o sentido, é considerar o “eu” e o “outro”.

Desta forma, o corpo é a interface de encontro entre o Outro, o desejo, o discurso, o sentido, significados e a educação. A simbiose desses elementos faz do corpo campo imanente e permanente de pesquisas na área da educação, procurando entender o fenômeno não-natural e humano, tornando-nos ser social, histórico, espacial, cultural, simbólico, faltante e de desejo.

Neste íterim psicanalítico e sócio-histórico, esta pesquisa trouxe a possibilidade de fazer a junção dos pensamentos vygotskyanos, lacanianos e bretonianos em um nó. Tentando não se preocupar apenas com um corpo biológico, sociológico, antropológico, histórico ou filosófico, mas trazer a evidência de um corpo significante. As análises e discussões foram guiadas de uma maneira que os alcançássemos e pudéssemos compreendê-los em um lugar chamado corpo.

Concordando diante do que foi discutido e analisado com os teóricos e os dados produzidos nesta pesquisa, posso concluir, de forma legítima, que o corpo é o erário do Outro contemplado nos registros do Imaginário, Simbólico, Real e seus significantes que o apoiam. Assim, o Outro implica nos discursos, sentidos, significados e imaginários dos estudantes. Por isso, o estatuto do corpo é tesouro significante do Outro. Por fim, confirma-se a tese que o “Corpo é um Outro”, em sua economia, o “Corpo-Outro”.

O Corpo-Outro, para efeitos de análise nesta tese, é percebido quando os estudantes se expressam, falam e explicitam das várias maneiras. Ele não é apenas biológico, pois é social, um lugar social que o discurso alcança no seu movimento. Está na relação do estudante consigo mesmo, o outro e o mundo de forma associativa e singular para cada um.

Respostas às perguntas específicas da tese

Esta subseção tem como objetivo dar respostas à questão central desta pesquisa e às norteadoras como forma de se sustentar diante da sua tese. Cada resposta é dada a partir de discursos que surgiram a partir dos dados desta tese, os quais foram desenvolvidos e pude

dividi-los em cinco: Discurso Conceitual, Discurso Pontual, Discurso Funcional, Discurso de Lugar/Situação de Saber e Discurso Intelectual.

Quais significados e sentidos são produzidos sobre o corpo pelos estudantes pesquisados?

Os conceitos sobre as coisas e os objetos na sociedade humana são gerados historicamente, são (re)produzidos, (re)significados e sobrepostos no espaço e no tempo de acordo com os meios de produção de um determinado local e época.

Os estudantes da UFS, sujeitos históricos e sociais, significam o corpo a partir de suas experiências individuais e coletivas dentro e fora do ambiente universitário. Para isso, considerar-se que esses estudantes também habitam em outros lugares que não a universidade. Partindo desse pressuposto, os estudantes dão sentidos e significados ao corpo a partir de vieses sociais, políticos, estéticos, epistêmicos, culturais, militantes, biológicos e econômicos. Essas experiências individuais e coletivas de cada estudante diante do que viveu, percebeu, estudou e refletiu sobre o corpo e suas possibilidades não são estanques, mas fluídas, transitórias, os sentidos e significados mudam de direção a cada momento de sua vida. Portanto, devemos considerar que esses estão determinados em um tempo e espaço, quiçá, mudam, movimentam-se a partir das variáveis que se relacionam.

Quais são os conceitos de corpo produzidos pelos estudantes?

O corpo no ensejo desta tese, desdobra-se a partir de uma abordagem histórico-social, junto aos autores que a sustentam neste viés. Diante disso, foi verificado que os estudantes o conceituavam em vertentes diversas, de várias abordagens epistemológicas, passando pela seara biológica (sistema, estrutura, físico, matéria física, máquina e matéria orgânica), político (manifestação, forma de expressão), transcendente, sagrado, holístico ou fenomenológico (morada, transcendente, sagrado) sentimento (forma de expressão, sentimento, instrumento de sensação), psicanalítico (psíquico, singular), temporal e espacial (social, sócio-histórico, experiência).

Abaixo, na figura 12 está a compilação dos principais conceitos discutidos pelos estudantes durante esta pesquisa de tese.

Figura 12 – Conceitos de corpo elaborados pelos estudantes



Fonte: elaborada pelo autor (2021).

Neste ínterim, as conceituações se desdobram pelas mais diversas áreas, as quais os estudantes em formação estão cursando e sua forma de se relacionar com o corpo e de representar em seu imaginário passa pelo crivo imperativo do Outro, cuja função significante imbrica no imaginário, representações, discursos, sentidos e significados. O Outro o faz ser, ou seja, eles são o que o Outro os fazem ser, verem e (re)significarem. Eles não são nada mais a não ser o Outro em suas singularidades, pois ao adentrarem no mundo de linguagem, cujas lógicas simbólicas, normas, leis e funções sociais já existiam, têm por disposição virtual sair da condição primordial de natureza biológica e se tornarem não-naturais, cujo estatuto da linguagem os interpela e os designa como históricos, culturais, faltantes, sociais e universalmente humanos. Assim, estão designados os estudantes dentro de um jogo simbólico com o Outro.

De que posição eles falam quando falam sobre corpo?

Quando os estudantes na situação desta pesquisa falam sobre o corpo, colocam-se em uma posição legítima reconhecida pelo Outro, enquanto unidade simbólica⁴⁴, do seu curso de graduação na UFS. Como também de uma pessoa com um lugar e posição social, pertencente a uma classe social, inserida em um grupo familiar, uma comunidade, Vinculado em uma universidade pública federal e membros de grupos que lutam por várias causas sociais, cujas experiências pessoais e relacionais, enquanto sujeitos históricos, sociais e de desejo, trazem à tona a frutificação de sentidos e significados que não são estáveis, são múltiplos, contraditórios, efêmeros, contínuos, em movimento, deslocando-se de um ponto para os outros vários do universo significativo do corpo fundamentalmente humano.

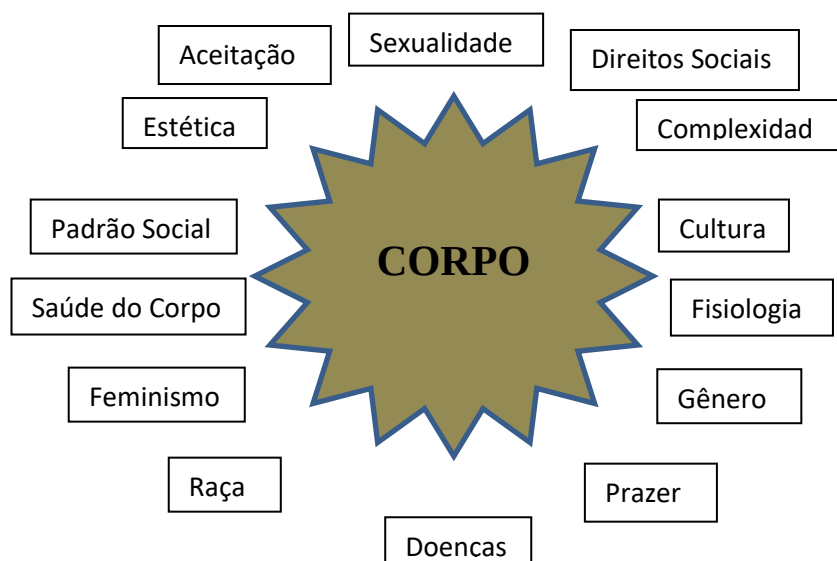
Desta forma, os estudantes, assim como todos os humanos, por serem sujeitos de relações, passam de um corpo não apenas biológico para funcionar enquanto ser histórico, social, singular e de desejo.

Por que eles falam o que falam?

Os estudantes falam sobre o corpo porque são estruturados pela falta fundante de cada sujeito. Dessa forma, tem a necessidade de discurso, significá-lo, por ser condicionalmente um sujeito de linguagem que ao dizer dá sentido ao seu corpo, aos dos outros e a causas secundárias a esse(s). Os estudantes da UFS, enquanto seres inacabados e faltantes, constituem-se de uma parcialidade⁴⁵ radical os quais sempre procuram por meio da linguagem e seus dispositivos (falar, escrever, ouvir, ver, criar, conversar sozinho ou em grupos de amigos e familiares) tamponar a falta causada pelo objeto *a*. É a partir do seu discurso, nas formas de dizer, que os estudantes se colocam também numa posição de sentimento de autoria, como ser adâmico, falseado pelo esquecimento do Outro que o interpelou. E ao mesmo tempo, coloca-se em posição de legitimidade do seu discurso, pois ao falar se torna indissociável ao seu curso de graduação, ocupando uma posição e lugar de sua formação institucional e também de vida.

⁴⁴ Os estudantes não habitam apenas em uma unidade simbólica.

⁴⁵ Condição estrutural do sujeito humano, enquanto sujeito de desejo, faltante e inacabado.

Figura 13 – Por que falam de corpo

Fonte: elaborada pelo autor (2021).

Suas disposições desejantes os fazem estudar e entrar em atividades intelectuais, pois encontram sentido e prazer naquilo que fazem na universidade. Assim, os estudantes se mobilizam por causas sociais dentro e fora dela, constatadas a partir de seus discursos os quais têm como ponto principal o estatuto do corpo. Constata-se, que falar sobre corpo é entender e promover a diversidade. Falar sobre corpo é ter autoconhecimento, autonomia, emancipar-se de amarras sociais estereotipadas e estereotipantes. É fazer se encontrar em meio a indecisões, se amar, respeitar os seus limites e potencialidades, promovendo a alteridade, começando a se reconhecer no outro e respeitá-lo, cuidar-se individual e coletivamente, questionar sobre políticas públicas para a promoção da saúde e da qualidade de vida.

O que falam?

Neste campo de discussão sobre corpo, os estudantes da área das Ciências Biológicas e da Saúde se mostram interessados sobre o cuidado e a atenção ao corpo, prevenção de doenças, fomentação do exercício físico como prevenção do sedentarismo e promoção da saúde.

Na área das Ciências Humanas e da Educação, os estudantes dão maior atenção aos discursos da autonomia do corpo, respeito e reconhecimento às diferenças e às diversidades

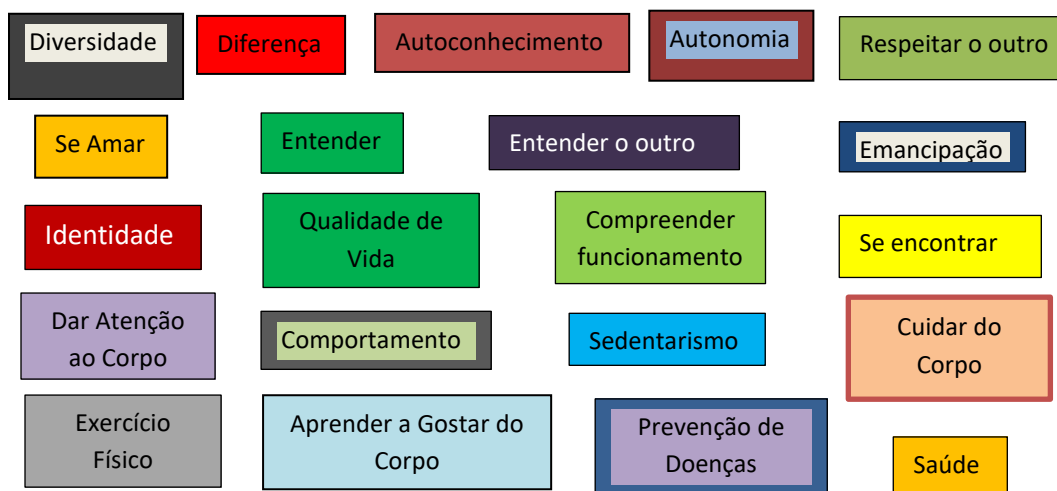
humanas, de gênero, questões raciais, classe social, prazer, sexualidade, relações de poder, dentre outras.

Os estudantes da área de Ciências Exatas e Tecnologia fazem referência a um corpo que deve ser cuidado, por ser considerado na maioria dos discursos, uma máquina, um artefato orgânico, estético e de críticas ao padrão social, falam de um corpo que deve estar sempre em manutenção, praticando exercícios físicos, evitando o sedentarismo e consequências secundárias a ele.

No centro de Ciências Sociais e Aplicadas, os discursos são voltados aos direitos sociais, discussões sobre gênero, sexualidade, relações sociais e de poder, aceitação, cultura e de causas militantes como o feminismo e causas LGBTQIA+.

No campo das Ciências Agrárias Aplicadas, os estudantes discursam sobre uma seara de fisiologia do corpo, dando atenção também aos direitos sociais, à saúde e prevenção ao sedentarismo a partir de práticas de exercícios físicos, a aceitação do corpo e sobre suas complexidades.

Figura 14 – O que falam os estudantes



Fonte: elaborada pelo autor (2021).

Lugares ou situações que aprenderam/discutiram coisas referentes ao corpo – unidades simbólicas

O Outro é um sistema simbólico constituído por unidades simbólicas formadas por relações significantes sociais, bases fundamentais para a fomentação das relações humanas de

trocas, de saberes, de compartilhamentos e (re)significação de sentidos e significados individuais e coletivos.

Nessas unidades simbólicas, constituídas de relações dialéticas com o Outro, tesouro dos significantes, os estudantes inseridos e se relacionam, transitam, habitam, convivem, aprendem, ensinam e produzem neste movimento espaço-temporal, significados. Nessa trama histórico-social, os significados são produzidos na coletividade e a partir das experiências dos estudantes nesses espaços de unidades significantes, onde sintetizam e produzem para si um sentido, que depois de assimilado e significado para o estudante, faz parte de seu modo de ver, pensar, agir e representar as coisas. Deve-se destacar que esse fenômeno ocorre dentro de uma razão lógica e num tempo próprio de cada sujeito estudante, podendo se tornar efêmero, permanente, transitório, (re)significado, apagado, acumulado e até mesmo nunca ter adentrado no seu modo de pensar e assimilar as suas informações externas.

Desta forma, os sentidos, significados e discursos que os estudantes produzem a partir das unidades simbólicas são múltiplos, distintos, iguais e até mesmo contraditórios, pois não seguem uma linearidade de ação e efeito, mas um processo mais complexo e idiossincrático para cada estudante voluntário pesquisado, o qual possui diferentes dimensões de relação com o mundo, consigo próprio e com o outro, seja ela epistêmica, social e identitária.

As relações epistêmicas se desdobram com o estudante que aprende e significa com um objeto de saber em diferentes situações e lugares, com aquilo que faz ou não sentido para ele.

As relações identitárias dos estudantes em análise, correspondem às suas formas de ver o mundo e aprender com os espaços e objetos de saber, os quais têm algum tipo de disponibilidade não determinante, mas está intrinsecamente ligado ao seu objeto de desejo, que faz sentido para eles, colaborando em projeções presentes e futuras, de curto e longo prazo, as quais passam pelo crivo de um desejo profundo e impossível de ser dito, mas, que, de alguma forma, lhes faz sentido.

As relações da dimensão social desses estudantes na seara das unidades simbólicas – espaços sociais, instituições formais e informais, situações cotidianas – significam que eles vivem, estão inseridos e habitam um lugar social. Essa dimensão social dos estudantes é indissociável às relações epistêmica e identitária, transversalizando essas duas, dando sustentação de que não se pode pensar em um ser social, se ele não for ao mesmo tempo singular. Um sujeito de saber e de desejo, ou seja, não é lógico pensar o estudante fora da triangulação epistêmica, social e identitária.

Neste íterim, as principais unidades simbólicas das quais o Outro é fundador privilegiado, verificadas nesta pesquisa, nas quais os estudantes da UFS em determinadas situações aprenderam, significaram e tiveram relações com o que se refere ao corpo foram: casa, universidade, curso, escola, internet, rua, amigos, academia e a igreja – lugares sociais, de relações.

Figura 15 – Unidades Simbólicas



Fonte: elaborada pelo autor (2021).

O nosso contexto de pesquisa mostra que não é somente a universidade, escola ou o curso de graduação fundantes para os processos de formações discursivas, de produção de sentidos, significados, representações e imaginários de corpo dos estudantes. Não obstante, o Grande Outro, com suas múltiplas unidades significantes continua onipresente, independentemente do espaço e do tempo. O Outro é o fundador adâmico dos discursos, sentidos e significados, senhor dos mais diversos fenômenos humanos e, quiçá, da Educação.

O discurso dos estudantes é um ponto de articulação, verificada e verificável, entre o corpo e o Outro como processo de formação simbólica, de significação. Como também o encontro entre o sujeito sócio-histórico na sua condição de produção. O Outro, de certa forma, escamoteia as formas de ser no mundo e de vê-lo através da sua lente. Com o atributo de dispositivo de produção de sentidos e significados sobre o corpo que se cria nas condições das relações sociais de onde o estudante vive, estuda e se relaciona.

Desta forma, se o corpo é o lugar significativo e de relações significantes, sobretudo, uma linguagem, pode-se dizer que o outro também faz parte da constituição desse corpo significantizado do qual os estudantes da Universidade Federal de Sergipe se dispõem a falar. Ao falar do corpo, fala sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, sobre relações que saem do coletivo (social) para o particular (singular) que culminam no Corpo-Outro.

O discurso disponibilizados pelos estudantes desta pesquisa nos faz considerar que as unidades simbólicas desse Outro (universidade, curso, família, igreja, educação, rua), lugares sociais, são partes integrantes das formas de dizer coletiva e individualmente, constituídas de significados e sentidos, disponibilidades e funções, direcionamentos, particularidades e trajetórias que trazem consigo um saber para a vida desses estudantes. O estreitamento de relações, a afetividade, o prazer, a militância (de várias questões sociais), a alteridade, a empatia, o cuidado de si e do semelhante, e as possibilidades outras de relações somente são possíveis por meio da Educação que passa pelo corpo, pelo outro, nos estudantes, em mim, em você, em nós, no Corpo-Outro.

Sobre o que sei...

Nós nunca entendemos uma coisa completamente. Todo nosso conhecimento do mundo é sempre parcial. Estamos constantemente no meio do caminho. Então, quando penso, escrevo e falo não quero dizer que tal coisa é o centro da verdade ou o caminho que se deve seguir. Pelo menos podemos apalpar e parece que nos leva a pequenos pontos de luz que nos faz refletir sobre as coisas, sobre o mundo e sobre nós mesmos (EANES CORREIA, 2016).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETA, J. P. F. O Complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. **Psicologia USP**, São Paulo, 2012, v. 23, 157-170.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BERTHELOT, J. M.; DRUHLE, M.; CLEMENT, S.; FORNE, J.; M'BODG, G. **Les Sociologies et le corps**. Paris: Current Sociology, 1985.

BOZELLI, F. C. **Analogias e Metáforas no Ensino de Física: O Discurso do Professor e o Discurso do Aluno**. 2005. 234f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua**, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e> . Acesso em 27 out. 2021.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

CARDIM, L. N. **Corpo**. Col. Filosofia Frente & Verso. São Paulo: Globo, 2009. 177 p.
CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHARLOT, B. **Le rapport au savoir en milieu populaire**. Une recherche dans les lycées professionnels de banlieue. Paris: Anthropos, 1999.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. de MAGNE, B. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, B. Formação de professores: a pesquisa e a política Educacional. In: PIMENTA, Selma. e GHEDIN, Evandro. (orgs.) **Professor Reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

CHARLOT, B. **A Relação com Saber nos Meios Populares**: uma Investigação nos Liceus Profissionais de Subúrbio. Trad. Catarina Matos. Porto: Legis Editora, 2009.

CHARLOT, B. Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. especial, p. 147-161, 2010.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, B. **Entrevista gravada**. Aracaju (Sergipe), 25, jul. 2018

CHARLOT, B. **Áudio da Aula de Seminário de Pesquisa II do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão (Sergipe), 28, mar. 2019.

CHARLOT, B. **Educação ou Barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020.

COUTRINE, J. J. Introdução a História do Corpo. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, J. J; VIGARELLO, G. **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORREIA, E. S. **Corpo humano e ensino de ciências**: o que faz sentido aos alunos do oitavo ano do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGEICIMA/UFS. São Cristóvão, 2017.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Movimento**. Ano 2. n. 02, Junho/1995.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLICK, W. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GÉLIS, J. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, J. J; VIGAELLO, G. **História do corpo**: da Renascença às luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zabar Editor, 2010.

KOFES, S. E sobre corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Conversando sobre o corpo**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zabar Editor, 1998.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 10: A angústia** (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 16: de Outro ao outro** (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 06: O desejo e sua interpretação** (1958-1959). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE BRETON, D. **Adeus ao Corpo: antropologia e sociologia**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MANDRESSI, R. Dissecções e anatomia. In: CORBIN, Alain; COUTRINE; J. J; VIGAELO, G. **História do corpo: da Renascença às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLER, G. **Lacan**. Tradução Luiz Forbes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

NASCIMENTO, W. R. S. **Os efeitos da prática do goalball no processo da mobilização da aprendizagem de alguns fenômenos e conceitos físicos da mecânica para alunos com deficiência visual nas aulas de física**. 2018. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência)- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2018.

NASIO, J.-D. **Meu Corpo e Suas Imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2005.

OLIVEIRA, I. O. **Corpo, Representação e Identidade no Universo da Prostituição Inscrito em A Noiva Escura, de Laura Restrepo**. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande, PB, 2014.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. 3. ed. São Paulo: editora Spicione, 1995.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

QUINET, A. Incorporação, extrusão e somação: Comentário sobre o texto “Radiofonia”. In: ALBERTI, S.; CARNEIRO, M. A. (Orgs.). **Retorno do exílio**. O corpo entre a psicanálise e a ciência. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. 172 p.

QUINET, A. **Os Outros Em Lacan**. Rio De Janeiro: Zahar, 2012.

RIBEIRO, A. F. **Experiências Transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si**. 334 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Salvador, 2018.

RYTHOWEM, M. **A questão do corpo em psicanálise: de Freud a Lacan**. 2017. 123 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia, 2017.

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, C. L. **Pesquisas Sobre o Corpo: ciências humanas e educação**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

STERNICK, M. V. C. A imagem do corpo em Lacan. **Reverso**. Ano 32. n. 59, 2010. p. 31-38. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v32n59/v32n59a04.pdf> . Acesso em: 06 agost. 2020.

VIOLA, C. G. **Sentido e ausência de sentido no ensino de Jacques Lacan**. 166 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa De Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2015.

VYGOSTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. **Les Origines du caractère chez l'enfant**: Les préludes du sentiment de personnalité. Paris, PUF: Quadrige Le psychologue, 1983.

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada **“O corpo e o Outro: discursos e sentidos atribuídos pelos estudantes de diferentes centros de graduação da Universidade Federal de Sergipe”**, por intermédio do pesquisador Eanes dos Santos Correia devidamente assistida pela sua orientadora Profa. Dra. Veleida Anahi da Silva, a se desenvolver na Universidade Federal de Sergipe, no Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

1. Este projeto tem o objetivo primário de **“compreender os discursos, sentidos e significados que são produzidos sobre corpo pelos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe”**.

2. Para a coleta de dados serão feitos os seguintes procedimentos: entrevista; associação livre; balanço do saber; e questionário.

As entrevistas serão gravadas em áudio, se houver seu consentimento. Serão também usados o balanço do saber para coleta dos dados, além do questionário e a associação livre.

Só será permitida a participação de pessoas com idade maior ou igual a 18 anos de diversos vieses da sociedade.

3. Justifica-se a realização desta pesquisa diante da necessidade de compreender o que é o corpo para diversos tipos de pessoas que ocupam uma posição social e que sentido eles atribuem a este. Tendo o apoio do referencial teórico abordado (Merleau-Ponty; Vigotsky; Lacan; Charlot; e Le Breton) numa tentativa de pensar o corpo no espectro do desejo, sentido e da construção social.

4. Existe o risco mínimo de desconforto ao participante em falar sobre as temáticas de corpo, ser entrevistado e gravado, disponibilizar seu tempo para a participação das etapas da

pesquisa. Esses riscos serão atenuados através da escolha de um ambiente privativo e confortável para os participantes no momento da entrevista, pelo sigilo e pelos benefícios diretos e indiretos da pesquisa. Não obstante terá a liberdade de responder ou não aos questionamentos, uma vez que não há julgamentos de valor na análise de suas respostas.

5. Como benefícios diretos, espera-se que os resultados dessa pesquisa contribuam para o participante compreender sobre sua corporeidade, vivências e experiências dentro e fora do ambiente educacional. Também se espera que essa pesquisa possa contribuir para a construção de novas políticas públicas educacionais universalizantes e democráticas no que se refere a idiossincrasias das pessoas, sobre que tipo de corpo/identidade a Educação está formando.

6. Vossa Senhoria terá a garantia de ser esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, sendo livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Também serão esclarecidos todos os requisitos éticos a serem inteiramente respeitados pelo pesquisador, de acordo com a Resolução Nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde e suas normas complementares.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Sergipe e outra será fornecida a você. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira.

Os (as) voluntários (as) terão direito à sua privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada, porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em eventos e publicações científicas.

7. Os (as) participantes voluntários (as) têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. O pesquisador responsável, **Eanes dos Santos Correia**, e sua orientadora, Profa. Dra. Veleida Anahi da Silva, assumem o compromisso de proporcionar informações

atualizadas obtidas durante a realização da pesquisa. Tendo o endereço profissional para contato a Rua Isaías Amâncio de Jesus, 147, Bloco G, apto 101, bairro Luzia, Aracaju/SE, CEP 49045060; e-mail: eanescorreia1@gmail.com; e Telefone: (79) 99842-7626.

Atenção: a participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe – CEP/UFS. Tendo endereço na Rua Cláudio Batista s/nº, bairro Sanatório, Aracaju-SE, CEP 49.060-110; e-mail: cephu@ufs.br ; e telefone para contato (79) 3194-7208.

Identificação do (a) participante voluntário (a)

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Estando de acordo, assinam o presente termo de consentimento em 02 (duas) vias.

Assinatura do (a) participante voluntário (a)

Eanes dos Santos Correia - Pesquisador

_____, _____ de _____ de _____.

*Este documento possui duas vias, de igual conteúdo e validade, sendo que uma delas é destinada ao sujeito participante da pesquisa, sendo a outra arquivada pelo pesquisador.

APÊNDICE II



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) estudante,

Sou doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e estou fazendo uma pesquisa intitulada “**O corpo-Outro: discursos e sentidos dos estudantes de diferentes centros de graduação da Universidade Federal de Sergipe**”. Gostaria de contar com sua participação respondendo, livremente, ao questionário abaixo. Você deverá ter idade maior ou igual a 18 anos. Fique tranquilo (a), pois sua identidade não será revelada. Desde já, nossos sinceros agradecimentos,

Eanes dos Santos Correia

E-mail: eanescorreia1@gmail.com

PERFIL GERAL

1) Seu nome: _____ ;

Curso: _____ ; Centro: _____ ;

Período: _____ ; Ano de ingresso na UFS: _____ .

2) Ingressou pelo Sistema de Cotas:

() Sim; () Não

3) Turno:

a) () Diurno; b) () Noturno; c) () Bacharelado; d) () Licenciatura

4) Gênero: a) () Feminino; b) () Masculino; c) Outro: _____

5) Qual a sua idade? _____

6) Qual seu Estado Civil atual?:

a) () solteiro(a); b) () casado(a); c) () viúvo(a); d) () Outro: _____

7) Se tem religião, indique qual é : _____

8) A renda média da sua família é: _____

9) Atualmente, como você se mantém financeiramente?

a) () Bolsista na UFS (bolsa trabalho, PIBIC, etc.); b) () Estagiário c) () trabalho formal (com carteira assinada) d) () trabalho informal (sem carteira assinada); e) () mesada da família/parentes; f) () renda (poupança); g) () Faço “bicos” h) () Outro: _____

10) Em que cidade e estado você mora?

Cidade: _____ **Estado:** _____

11) Quanto à moradia, marque as alternativas que correspondem a sua realidade:

- a) () moro na mesma cidade que os meus pais;
- b) () moro na mesma cidade que estudo;
- c) () moro com companheiro (a);
- d) () moro com meus pais;
- e) () moro em residência universitária;
- f) () moro com parentes;
- g) () moro sozinho (a);
- h) () divido casa/apartamento;
- i) () Outra (s): _____

12) Onde você cursou o Ensino Médio?

- a) () todo em escola particular; b) () todo em escola pública;
- c) () maior parte em escola pública; d) () maior parte em escola particular.

13) Quantas tentativas ou processos seletivos você fez na UFS antes de ser aprovado?

- a) () passei de primeira; b) () 01 vez; c) () 02 vezes; d) () 03 vezes ou mais.

DADOS SOBRE A FAMÍLIA

1) Qual a escolaridade de sua mãe/madrasta do gênero feminino:

- a) () nunca frequentou a escola; b) () concluiu o ensino fundamental;
- c) () não concluiu o ensino fundamental; d) () concluiu o ensino médio
- e) () não concluiu o ensino médio; f) () concluiu o curso superior;
- g) () não concluiu o curso superior; h) () concluiu pós-graduação
- i) () Não concluiu pós-graduação

2) Qual a escolaridade de seu pai/padrasto do gênero masculino:

- a) () nunca frequentou a escola; b) () concluiu o ensino fundamental;
c) () não concluiu o ensino fundamental; d) () concluiu o ensino médio;
e) () não concluiu o ensino médio; f) () concluiu o curso superior;
g) () não concluiu o curso superior; h) () concluiu pós-graduação;
i) () Não concluiu pós-graduação.

3) Qual é (ou foi) a principal ocupação de seu pai/padrasto ou responsável do gênero masculino? _____**4) Qual é (ou foi) a principal ocupação de sua mãe/madrasta ou responsável do gênero feminino?** _____**5) Se tem irmã(o)s, preencha, por gentileza, os dados solicitados abaixo. Se tiver mais de um(a) irmã(o) escolha um(a) dele(a)s e responda ao questionário:**

Gênero: _____; Idade: _____;

Escolaridade: _____;

Ocupação/Trabalho/Formação: _____.

Irmã(o)

() mais velho que você; () mais novo que você

- a) () nunca frequentou a escola; b) () concluiu o ensino fundamental;
c) () não concluiu o ensino fundamental; d) () concluiu o ensino médio;
e) () não concluiu o ensino médio; f) () concluiu o curso superior;
g) () não concluiu o curso superior; h) () pós-graduação completa;
i) () pós-graduação incompleta.

6) Dentre as alternativas abaixo, qual delas melhor caracteriza a maneira como sua família acompanhava seus estudos durante a Educação Básica?

- a) () Não acompanhava;
b) () Ninguém tinha tempo para acompanhar;
c) () Minha família não tinha paciência;
d) () Acompanhava na realização das minhas atividades;
e) () Comparecia às reuniões da escola;

f) () Outra: _____

7) Como você avalia a atuação de sua família no acompanhamento de sua vida escolar na Educação Básica?

a) () muito boa; b) () boa; c) () regular; d) () ruim.

8) Dentre as alternativas abaixo, qual delas melhor caracteriza a atuação de sua família em relação a seu ingresso na Universidade?

a) () Às vezes incentivava;

b) () Sempre incentivou e acreditou em mim;

c) () Sim, porque acreditava em mim e eu estudava em escola particular;

d) () Sim, ela acreditava que fosse possível, apesar de a UFS ser muito concorrida e eu ter estudado em escola pública;

e) () Não, nunca incentivou;

f) () Não, nunca incentivou, mas ela não acreditava que eu fosse capaz;

g) () Não, ela não acreditava que fosse possível, porque estudava em escola pública;

h) () Não, ela não acreditava que fosse possível, pois a UFS é muito concorrida;

i) () Não, ela não acreditava que fosse possível, porque estudava em escola pública e a UFS é muito concorrida;

.

09) Atualmente, sua família acompanha sua vida como estudante universitário?

a) () Sim, sempre pergunta sobre os colegas, o que estou estudando e aprendendo;

b) () Sim, e às vezes vem visitar a universidade comigo;

b) () Não, agora a responsabilidade é apenas minha.

SOBRE CORPOREIDADE

10) Já participou de algum tipo de atividade, situação ou evento que fez perceber seu corpo de uma forma que nunca havia percebido ou pensado sobre ele? Conte-nos!

11) Descreva o que significa o corpo para você. Aproveite o espaço abaixo e fale sobre o que quiser no que se refere a ele.

12) Em uma escala de 0 a 10, qual foi o lugar/meio/pessoas que você acha que mais lhe instruiu aos cuidados, percepções e impressões que você tem sobre seu corpo? Pode ser mais de um lugar/meio/pessoas. Fale e dê a sua nota.

13) Você aprendeu e/ou sabe coisas sobre corpo. Conte-nos um pouco sobre o que você sabe e/ou aprendeu.

14) Escreva algo que seja relevante para nos contar sobre o que você pensa, acha ou que deve ser discutido sobre corpo em qualquer lugar e/ou na universidade.

15) Fale-nos sobre você, sua vida e da sua posição social atual.

16) Seu curso de graduação fez você refletir ou começar a pensar sobre seu corpo e o corpo de outras pessoas? Ou até mesmo algo que se refere a ele indiretamente? Fale-nos mais sobre isso mesmo que seu curso tenha contribuído ou não!

Grato por suas significativas contribuições!

APÊNDICE III



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Inventário do Saber

Prezado (a) estudante, este inventário do saber é um dos instrumentos previstos para o desenvolvimento do projeto de pesquisa **“O Corpo-Outro: discursos e sentidos dos estudantes de diferentes centros de graduação da Universidade Federal de Sergipe”** do pesquisador **Eanes dos Santos Correia**, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Seu objetivo é ajudá-lo a conhecer um pouco mais sobre a maneira como você se relaciona com seu corpo. Responda-o de maneira sincera e de forma livre. O conteúdo deste inventário do saber é sigiloso e nenhum dos participantes terá sua identidade revelada. As informações fornecidas por você apenas serão conhecidas pelo pesquisador e utilizadas exclusivamente na pesquisa. Conto com sua colaboração para que este instrumento seja devolvido com êxito.

Nome do (a) voluntário (a) com idade maior ou igual a 18 anos:

Centro Acadêmico: _____ Curso: _____

Eu nasci, cresci, aprendi coisas na rua, em casa, na escola, na universidade e outros lugares. Diante de tudo isso, acho que o meu corpo...

APÊNDICE IV



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Associação Livre de Palavras

Prezado (a) estudante, este é um dos instrumentos previstos para o desenvolvimento do projeto de pesquisa **“O Corpo-Outro: discursos e sentidos dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe”** do pesquisador **Eanes dos Santos Correia**, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Seu objetivo é ajudá-lo a conhecer um pouco mais sobre a maneira como você se relaciona com seu corpo. Responda-o de maneira sincera e de forma livre. O conteúdo deste instrumento é sigiloso e nenhum dos participantes terá sua identidade revelada. As informações fornecidas por você apenas serão conhecidas pelo pesquisador e utilizadas exclusivamente na pesquisa. Conto com sua colaboração para que este instrumento seja devolvido com êxito.

Nome do (a) do (a) participante voluntário (a) com idade maior ou igual a 18 anos:

Centro Acadêmico ou posição social: _____

Curso ou profissão: _____



Escreva cinco palavras que vem na sua mente quando você ouve o termo...

APÊNDICE V**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****Roteiro para Entrevista**

Me fale sobre você e do que você faz no dia a dia!

Se descreva fisicamente?

Você acha que cuida do seu corpo, de si?

Como você vê as pessoas que se relacionam contigo no cotidiano?

O que você sente quando se olha no espelho?

Como você era na escola?

Como você é na Universidade?

Você lembra de alguma situação que sentiu algo diferente fisicamente? Qual idade? Lembra?

Que situação te faz perceber “poxa eu tenho um corpo”?

Se fosse para você escolher um tipo de corpo, você escolheria algum? Qual?

Você acha que conhece seu corpo?

Como se sente agora, aqui conversando?

Existe um lugar e/ou pessoa que você achou importante para entender/perceber seu corpo?

Me descreva fisicamente uma pessoa que você gosta muito?

Com suas palavras o que seria o corpo?

O que te leva a se preocupar com seu corpo?

Para mim, aprender coisas sobre o corpo me ajudou...

Onde você aprendeu coisas sobre o corpo?

Para que aprender coisas sobre o corpo?

Que assunto sobre corpo te deixa curios@ ou você tem mais afinidade?

O local que você teve mais contato com assunto sobre o corpo foi...

Geralmente o que mais você conversa quando o assunto envolve corpo? Na universidade, em casa e no curso?

O que você sabe sobre corpo e que aprendeu especificamente universidade? Teve alguma disciplina ou pessoa que te ajudou a pensar mais sobre o assunto?

Você pensa sobre seu corpo no dia a dia?

Você considera que o corpo e assuntos adjacentes a ele devem ser discutidos? O que? Onde?

Diga pelo menos uma coisa que você discorda e outra que você concorda quando falam sobre o corpo!

Complete: Com corpo somos... sem corpo somos...

Diga um motivo ou explicação sobre algo ou coisa que faz você se sentir bem ou mal?

O que você sentiu ao assistir os vídeos? Fale alguma coisa sobre ele.

O que é ser um corpo e ter um corpo. Você acha que são duas coisas iguais ou diferentes?

ANEXO I



LISTA DE DEPARTAMENTOS/NÚCLEOS DOS CENTROS/CAMPI



CENTRO	DEPARTAMENTOS / NÚCLEOS	HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO	TELEFONES		LOCALIZAÇÃO
			CHEFIA	SECRETARIA	
CCAA	ENGENHARIA AGRÍCOLA				
	CIÊNCIAS FLORESTAIS				
	ENGENHARIA AGRONÔMICA				
	ENGENHARIA DE PESCA E AQUICULTURA				
	MEDICINA VETERINÁRIA				
	ZOOTECNIA				
CCBS	BIOLOGIA - DBI	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	2105-6663	2105-6666	Bloco C, Prédio do CCBS, s/n
	ECOLOGIA - DECO	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	2105-6368	2105-6846	Bloco C, Prédio do CCBS, sala 20
	EDUCAÇÃO FÍSICA				
	ENFERMAGEM				
	FARMÁCIA				
	FISIOLOGIA				
	FISIOTERAPIA - DFT	Secretaria - 08:00 às 17:00	2105-6553		Prédio NUPEG - Prefeitura do Campus São Cristóvão
	FONOAUDIOLOGIA - DFO	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:00 às 16:00 Clínica de Fonoaudiologia - 7:00 às 11:00 / 13:00 às 17:00	2105-6805		Prédio NUPED - Prefeitura do Campus São Cristóvão
	MEDICINA				
	MORFOLOGIA - DMO	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	2105-6620	2105-6621	Departamento de Morfologia no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCET	NUTRIÇÃO - DNUT	Secretaria e laboratórios - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	2105-6662		Prédio Departamental 01 (próx. ao DFA) - secretaria e laboratórios. Prédio Departamental 02 (próx. ao RESUN) - LTD - Lab. de Téc. Dietéticas.
	ODONTOLOGIA				
	COMPUTAÇÃO				
	CIÊNCIA E ENGENHARIA DE MATERIAIS - DCEM	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 14:00 às 18:00	2105-6888		Prédio do DCEM, próximo da Vivência e do prédio do NUPEG
	ENGENHARIA AMBIENTAL - NEAM	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:00 às 18:00	2105-6605	2105-6896	Prédio do NEAM, s/n, térreo
	ENGENHARIA CIVIL - DEC	Secretaria - 14:00 às 21:00	2105-6701	2105-6700	Prédio do CCET, s/n, térreo
	ENGENHARIA DE PETRÓLEO				
	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO				
	ENGENHARIA ELÉTRICA - DEL	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 14:00 às 18:00	2105-6834	2105-7497	Prédio da Engenharia Elétrica - CCET, 1º andar
	ENGENHARIA MECÂNICA - DMEC	Secretaria - 07:00 às 18:00	2105-6311	2105-6310	Prédio Multidepartamental - Vivência, sala 18
CCSA	ENGENHARIA QUÍMICA				
	ESTATÍSTICA E CIÊNCIAS ATUARIAIS				
	FÍSICA				
	GEOLOGIA				
	MATEMÁTICA				
	TECNOLOGIA DE ALIMENTOS				
	ADMINISTRAÇÃO - DAD	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 21:00	2105-6772	2105-6771	CCSA2, Departamento de Administração, sala 25, térreo
	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - DCI	Secretaria - 14:00 às 21:00	2105-6822		Bloco Departamental I - CCSA
	CIÊNCIAS CONTÁBEIS				
	DIREITO				
CCSA	ECONOMIA - DEE	Secretaria - 13:00 às 21:00	2105-6774	2105-6773	Bloco Departamental I - CCSA, sala 29, 1º andar
	RELAÇÕES INTERNACIONAIS - DRI	Secretaria - 08:00 às 19:00	2105-6884		Bloco Departamental I - CCSA, sala 15, térreo
	SECRETARIADO EXECUTIVO - DSE	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00 / 18: às 21:45	2105-6791		Bloco Departamental I - CCSA, sala 53, 1º andar
	SERVIÇO SOCIAL - DSS	Secretaria - 14:00 às 21:00	2105-6777	2105-6778	-
	TURISMO				



LISTA DE DEPARTAMENTOS/NÚCLEOS DOS CENTROS/CAMPI



CENTRO	DEPARTAMENTOS / NÚCLEOS	HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO	TELEFONES		LOCALIZAÇÃO
			CHEFIA	SECRETARIA	
CECH	ARTES VISUAIS E DESIGN - DAVD	08:00 às 12:00 / 14:00 às 22:00	2105-7437	2105-6925	Próximo ao Prédio do DCOS, s/n, térreo
	CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - NGCR	Secretaria - 14:00 às 22:00		2105-6358	Bloco Departamental II - CECH, s/n, térreo
	CIÊNCIAS SOCIAIS - DCS	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 18:00	2105-6751	2105-6750	Bloco Departamental II - CECH, s/n, térreo
	COMUNICAÇÃO SOCIAL - DCOS	Secretaria - 07:00 às 19:00	2105-6921	2105-6919	Prédio do DCOS, s/n, térreo
	EDUCAÇÃO - DED	Secretaria - 07:00 às 22:00	2105-6758	2105-6757	Bloco Departamental III - CECH, s/n, 1º andar
	ESTUDO DOS PROBLEMAS BRASILEIROS				
	FILOSOFIA - DFL	Secretaria - 13:00 às 21:00	2105-6738	2105-6737	Bloco Departamental III - CECH, s/n, 1º andar
	GEOGRAFIA - DGE	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:00 às 22:00	2105-6745	2105-6742	Bloco Departamental II - CECH, s/n, térreo
	HISTÓRIA - DHI	Secretaria - 07:00 às 13:00 / 14:00 às 18:00 / 19:00 às 22:52		2105-6740	Bloco Departamental II - CECH, s/n, 1º andar
	LETRAS ESTRANGEIRAS - DLES	Secretaria - 07:00 às 22:00	2105-6735	2105-6734	Bloco Departamental II - CECH, sala 02, térreo
	LETRAS VERNÁCULAS - DLEV	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:30 às 22:00	2105-6731	2105-6730	Bloco Departamental II - CECH, s/n, 1º andar
	MÚSICA - DMU	Secretaria - 08:00 às 22:00		2105-6691	Didática II, sala 18
	PSICOLOGIA - DPS	Secretaria - 07:00 às 11:30 / 12:30 às 17:30 / 18:30 às 22:30	2105-6748	2105-6747	Bloco Departamental III - CECH, sala 16
	TEATRO - NTE	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 21:00	-	-	Centro de Vivência
CAMPUSITA	ADMINISTRAÇÃO - DACI	Secretaria - SEG, QUA e QUI, 08:30 às 12:30 / 18:00 às 22:00; TER e SEX, 08:30 às 12:30 / 14:00 às 18:00	34328230		Bloco D, s/n, térreo
	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS				
	CIÊNCIAS CONTÁBEIS - DCCI	Secretaria - 13:00 às 22:00	3432-8219		Bloco D, s/n, 1º andar
	EDUCAÇÃO - DEDI	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 14:00 às 18:00 / 19:00 às 22:00	3432-8217		Bloco D, s/n, térreo
	FÍSICA - DFIC	Secretaria - SEG a QUA, 13:00 às 18:00 / 19 às 22h; QUI e SEX, 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	3432-8225		Bloco D, s/n, térreo
	GEOGRAFIA - DGEI	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	3432-8218		Bloco D, s/n, térreo
	LETRAS - DLI	Secretaria - SEG e QUI: 08:00 às 13:00 / 18:00 às 22:00 TER: 11:00 às 17:00 / 18:00 às 22:00 QUA: 08:00 às 13:00; SEX: 08:00 às 15:00	3432-8220		Bloco D, s/n, térreo
	MATEMÁTICA - DMAI	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 21:00	3432-8221		Bloco D, s/n, 1º andar
	QUÍMICA - DQCI	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	3432-8216		Bloco D, s/n, térreo
	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO - DSI	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 14:00 às 18:00	3432-8213		Bloco D, s/n, 1º andar
CAMPUSLAR	ARQUEOLOGIA	Secretaria - 07:00 às 19:00	3281-2939		Praça Samuel de Oliveira, s/n
	ARQUITETURA E URBANISMO	Secretaria - 07:00 às 19:00	3281-2939		Praça Samuel de Oliveira, s/n
	DANÇA		3302-5960		Av Anísio Azevedo, 80 - Bairro 13 de Julho - Aracaju
	MUSEOLOGIA	Secretaria - 07:00 às 19:00	3281-2939		Praça Samuel de Oliveira, s/n
CAMPUSLAG	EDUCAÇÃO EM SAÚDE				
	ENFERMAGEM - DENL	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 14:00 às 18:00	-	-	Bloco C
	FARMÁCIA - DFAL	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:00 às 16:00	-	-	Bloco Departamental
	FISIOTERAPIA				
	FONOAUDIOLOGIA	Secretaria - 07:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	-	-	Rua Laudelino Freire, nº184, 2º andar - Bairro: Centro
	MEDICINA				
	NUTRIÇÃO - DNUTL	Secretaria - 08:00 às 12:00 / 13:00 às 17:00	-	-	Bloco A
CAMPUSER	ODONTOLOGIA				
	TERAPIA OCUPACIONAL				
	AGROINDÚSTRIA				
	ENGENHARIA AGRÔNOMICA				
	MEDICINA VETERINÁRIA				
	ZOOTECNIA				

ANEXO II



CARTA DE ANUÊNCIA – REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard, Pró-Reitor de Graduação da Universidade Federal de Sergipe, autorizo o doutorando Eancs dos Santos Correia, do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a orientação da Profa. Dra. Veleida Anahi da Silva, a realizar pesquisa intitulada "O corpo do outro: sentidos atribuídos pelos estudantes de diferentes centros de graduação da Universidade Federal de Sergipe". A referida pesquisa será feita nas dependências do campus Prof. José Aloísio de Campos com consultas a estudantes da graduação.


 Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
 Pró-Reitor de Graduação

Cidade Universitária "Prof. Aloísio de Campos", 13 de maio de 2019.

ANEXO III

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O corpo do Outro: sentidos atribuídos pelos estudantes de diferentes centros de graduação da Universidade Federal de Sergipe

Pesquisador Responsável: EANES DOS SANTOS CORREIA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 10257219.9.0000.5546

Submetido em: 18/05/2019

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1311230

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 2

Pendência de Parecer (PO) - Versão 2

Documentos do Projeto

Comprovante de Recepção - Submissão 3

Folha de Rosto - Submissão 3

Informações Básicas do Projeto - Submissão 3

Outros - Submissão 3

Projeto Detalhado / Brochura Investigação - Submissão 3

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa - Submissão 3

Apreciação 3 - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Projeto Completo

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
-------------------	----------	---------	----------	-------